



P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

OSCAR WILDE

*A importância de ser prudente
e outras peças*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

OSCAR WILDE

*A importância de ser prudente
e outras peças*



A IMPORTÂNCIA DE SER PRUDENTE e outras peças

Oscar Fingal o'Flahertie Wills Wilde nasceu em Dublin em 1854, filho de um eminente cirurgião oftalmologista e de uma poeta nacionalista que escrevia com o pseudônimo de Speranza. Wilde estudou no Trinity College, em Dublin, e depois no Magdalen College, em Oxford, onde começou a promover o novo Movimento Estético (ou “arte pela arte”). Embora fosse um dos melhores alunos de sua classe e tivesse recebido o Newdigate Prize for Poetry, não conseguiu uma bolsa de estudos em Oxford, sendo forçado a se sustentar com palestras e artigos para periódicos. Em 1881, publicou um livro de poemas que não alcançou muito sucesso e, no ano seguinte, iniciou uma turnê de palestras pelos Estados Unidos a fim de promover a montagem de D'Oyly Carte da ópera-cômica *Patience*, de Gilbert e Sullivan. Depois de se casar com Constance Lloyd em 1884, tentou se estabelecer como escritor, inicialmente com pouco sucesso. No entanto, seus três livros de contos, *O príncipe feliz* (1888), *O crime de lord Artur Savile* (1891) e *Uma casa de romãs* (1891), juntamente com seu único romance, *O retrato de Dorian Gray* (1891), foram aos poucos lhe rendendo uma reputação que foi confirmada e acentuada pelo sucesso fenomenal de suas comédias sobre a alta sociedade — *O leque de lady Windermere*, *Uma mulher sem importância*, *Um marido ideal* e *A importância de ser prudente*, todas encenadas em teatros do West End londrino entre 1892 e 1895.

O sucesso, porém, durou pouco. Em 1891, Wilde conheceu e se apaixonou perdidamente por lord Alfred Douglas. Em 1895, no auge de seu sucesso como dramaturgo, o escritor entrou com uma malsucedida ação por difamação contra o pai de Douglas, o marquês de Queensberry. Wilde perdeu a causa e dois julgamentos depois foi condenado a dois anos de prisão por atos de atentado ao pudor. Em consequência dessa experiência, escreveu “A balada do cárcere de Reading”. Libertado da prisão em 1897, seguiu de imediato para um exílio autoimposto no continente. Morreu em Paris, em ignomínia, em 1900.

Richard Allen Cave é professor de arte dramática na Royal Holloway College, na Universidade de Londres. Nasceu em Leicestershire e estudou no St. Catharine's College, em Cambridge. Entre suas publicações incluem-se obras sobre o teatro renascentista e o teatro moderno e sobre a relação entre dança e arte dramática. Como estudioso e diretor, seu maior interesse está no teatro anglo-irlandês. Organizou para a Penguin a coletânea *Selected plays*, de W. B. Yeats.

Sonia Moreira nasceu no Rio de Janeiro, em 1967. É bacharel em letras e mestre em literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde hoje é professora do curso de formação de tradutores. Já traduziu obras de Saul Bellow (*As aventuras de Augie March*), James Salter (*Um esporte e um passatempo*), Vladimir Nabokov (*Coisas transparentes*), Carson McCullers (*O coração é um caçador solitário*), Cynthia Ozick (*O xale*), Jonathan Lethem (*A fortaleza da solidão*) e Paula Fox (*A costa oeste*), entre outros.



Sumário

Introdução — Richard Allen Cave

Nota sobre os textos

UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA

UM MARIDO IDEAL

A IMPORTÂNCIA DE SER PRUDENTE

Notas

Outras leituras

Introdução*

Richard Allen Cave

Existem duas imagens populares de Wilde: a primeira, a do brilhante artesão da palavra, forjador de magníficas epigramas, que recheiam suas obras publicadas com a mesma sem-cerimônia com que saíam de seus lábios para entreter rodas da alta sociedade e animar jantares. A segunda, a imagem daquele homossexual abjeto, alvo do deboche de outros passageiros enquanto esperava na estação de Clapham, usando uniforme de presidiário e cercado de policiais, pelo trem que o levaria à prisão de Reading, onde estava fadado a cumprir uma pena de dois anos por ousar manter uma relação íntima com o filho de um nobre, quando era um simples plebeu irlandês. As duas imagens não se fundem facilmente para formar uma personalidade única e característica; no entanto, tomadas juntas, ajudam-nos a definir a qualidade e o teor bastante característicos de sua obra para o teatro. Wilde entendia a natureza das máscaras que permitem a uma pessoa assumir identidades diversas. Tinha consciência das pressões que tornavam o uso delas uma necessidade na sociedade do fim do período vitoriano, por ser ele próprio uma vítima e um produto dessas pressões, sendo ao mesmo tempo um irlandês colonizado e um socialite; um pai de família num lar aparentemente tradicional e um frequentador de bordéis masculinos junto com seu amante aristocrata; um dramaturgo de sucesso que cultivava como público os membros mais inteligentes da boa sociedade e um socialista que não fazia nenhum segredo do quanto considerava que o público cortejado por ele merecia críticas. Suas melhores epigramas brincam com o recurso retórico do paradoxo, enquanto seu modo de viver preferido era habitar o paradoxo, vivenciar suas contradições como uma filosofia calculada. Em sua própria vida, como em suas criações para o palco, o jogo de Wilde se centrava em máscaras, jogo ao qual se dedicava, mais uma vez, tanto com extrema seriedade quanto com deleite, divertindo-se com seus patentes absurdos. A vida e a arte de Wilde eram um constante desafio à severidade vitoriana, que expunha de maneira implacável como risivelmente pretensiosa, na melhor das hipóteses, e perversamente hipócrita, na pior. Ser irlandês de nascimento e ser (pelos códigos moral e sexual do período) transviado foram os fatores que o constituíram como dramaturgo; ele *parecia* socialmente

aceitável porque seu jeito carismático desarmava julgamentos, e era admitido na “boa” sociedade como uma espécie de bufão consentido. No entanto, a história mostra como bufões e bobos da corte eram geralmente críticos incisivos e acurados de seu público. Wilde não foi exceção e, como seus predecessores, não escapou de ser açoitado no fim por sua petulância. Mas, mesmo como aquela figura patética na estação de Clapham, ele era uma crítica viva à sociedade que achara por bem botá-lo ali. Passar de bufão a mártir pode parecer uma transição espantosa, mas a troca da máscara cômica pela máscara trágica não representou uma mudança de tema e de intenção. A necessidade de usar máscaras de qualquer tipo sempre foi o alvo de suas mais penetrantes críticas a si mesmo (como na soberba apologia da própria vida em *De Profundis*) e à sociedade (em seus ensaios e peças).

Voltemos à imagem do brilhante artesão da palavra. Para muitos, o duradouro apelo das peças é esse manancial de comentários espirituosos e mordazes que brotavam aparentemente sem esforço, levando W. H. Auden a descrever *A importância de ser prudente* como o “exemplo mais puro na literatura inglesa” de uma “ópera verbal”.¹ Incontáveis montagens se concentraram nesse elemento da mestria artística das peças em detrimento de suas outras qualidades dramáticas; e isso é prestar um desserviço a Wilde. As peças são indubitavelmente espirituosas; não há como lhes negar essa força. Mas Wilde era um dramaturgo consumado, tinha uma compreensão profunda do escopo das artes que, juntas, constituem o teatro. Esta coletânea em particular reúne algumas de suas melhores realizações no gênero, mas, desde o início, peças como *Vera, ou Os niilistas* (publicada em 1880, encenada em 1883) e *A duquesa de Pádua* (publicada em 1908, encenada em 1891) mostram que ele não se preocupava apenas com caracterização e enredo. Nelas, Wilde está claramente em busca de um conceito de teatro total, em que cor e design, as relações espaciais dos atores em cena, a música e o movimento, tudo contribui para a construção da vida temática do drama. O primeiro ato de *Vera*, por exemplo, que é ambientado em Moscou, apresenta ao público uma poderosa imagem cênica: num sótão iluminado “por lâmpadas a óleo que pendem do teto”, produzindo enormes sombras nas paredes, tensas figuras, usando capas e máscaras pretas, estão espalhadas pelo palco, em silêncio; uma, de máscara vermelha, escreve debruçada sobre uma mesa, enquanto outra, vestida de amarelo, guarda a porta como uma sentinela, de espada em punho. A elas se juntam outras figuras mascaradas e de capa, e então o grupo inteiro, formando um

semicírculo, inicia um ritual em que todos afirmam sua aliança e repetem seu juramento de fidelidade à causa da liberdade política. Isso não é um cenário meticulosamente detalhado numa tentativa de alcançar acuidade histórica, tal como era o estilo popular de cenografia na época; em vez disso, as percepções da plateia estão sendo influenciadas pelo simbolismo das cores (tons de vermelho e preto reaparecem emblematicamente ao longo de toda a ação que se segue), pela iluminação, pelo jogo de sombras e por um quadro vivo emocionalmente tenso que dá lugar a uma ação ritualizada em que os personagens buscam encontrar algum grau de autocontrole afirmando uma unidade de propósitos. Imediatamente, qualquer concepção prévia que a plateia possa ter sobre niilistas e anarquistas é desafiada por essa apresentação de um grupo social com seu próprio código ético de comportamento. Há suspense aqui, mas não do tipo factício que permeava muitos dos melodramas contemporâneos que abordavam o tema da instabilidade e da traição política, como *Fedora* (1882), de Victorien Sardou. O apelo visual e expressivo da criação de Wilde desafia o tratamento teatral convencional dessa temática, convidando a plateia a considerar a questão da instabilidade política de uma perspectiva inteiramente nova. *A duquesa de Pádua* é ambientada num mundo renascentista que adquire um quê de fantástico e onírico (são claras as influências de John Webster na concepção e no diálogo de Wilde) ao ser retratado em padrões de preto, branco e vermelho. Esses efeitos podem parecer excessivamente esquemáticos no papel, mas, presenciados no palco, os elementos cênicos simbolistas, se tratados de modo judicioso, podem transmitir à plateia a exata noção de como ela deve ler a encenação a que está assistindo. O que Wilde estava fazendo efetivamente aqui era ensinar ao público novas maneiras de interpretar suas percepções de uma encenação. Se esses esquemas baseados no simbolismo das cores parecem bastante familiares para nós hoje, isso é uma medida da imensa projeção que as inovações de Wilde tiveram: ele criou as condições que possibilitaram o surgimento de uma nova forma de prática cenográfica.

Podemos ter uma ideia dos princípios cenográficos perseguidos por Wilde a partir dos relatos das discussões que ele travou com dois amigos cenógrafos: Charles Ricketts e Graham Robertson. O objeto delas eram os planos de Wilde para a encenação da peça em um ato *Salomé*. Pouco depois de sua composição, em 1892, foram iniciados os preparativos para uma montagem com Sarah Bernhardt, antes que o lorde Chamberlain** se apresentasse e proibisse encenações públicas da peça. Robertson fora escolhido para cuidar apenas do cenário (os figurinos seriam selecionados entre os que haviam sido confeccionados para a montagem de Bernhardt da *Cléopâtre* de Sardou). No entanto,

Wilde estava claramente preocupado com a escolha precisa dos figurinos, pois (como relata Robertson) desejava que todos fossem “de alguma tonalidade de amarelo, desde o tom mais claro de amarelo-limão até o mais escuro de laranja, com apenas alguns detalhes em preto aqui e ali [...] tudo sob um enorme céu vazio do tom mais profundo de violeta”.² Mais tarde (não se sabe a data exata), Wilde também conversou com Ricketts em detalhes a respeito de um projeto de cenário para a peça, e cada um fez um esboço de suas ideias numa tentativa de esclarecer e comunicar suas intenções. Wilde fez uma planta baixa; Rickett, um esboço rápido de como o cenário concebido pelos dois ficaria do ponto de vista da plateia; ambos os desenhos ainda existem. O de Wilde mostra uma preocupação com a exata relação espacial entre a escada, a cisterna e um espaço aberto que iria, posteriormente, se transformar na pista de dança de Salomé. O de Ricketts mostra uma formulação dessas ideias como um cenário realizado, cenário esse que seria composto de um chão preto cercado por um céu de um tom pálido de azul-turquesa, enquanto do alto pendia uma espécie de “tenda aérea” formada por “tiras de lona dourada caindo perpendicularmente”. Ricketts comenta que, na conversa que tiveram, o pensamento de ambos alçou voo de tal forma que depois ele não conseguia mais lembrar ao certo quem havia feito cada sugestão específica em relação a qual deveria ser a aparência final do cenário. De todo modo, ficou decidido que deveria haver uma “divisão dos personagens em grupos de cor”, de forma que os judeus, por exemplo, iriam se vestir de amarelo, os romanos de roxo e João Batista de branco.³ O que isso iria definir com alguma clareza eram os agrupamentos políticos conflitantes que constituem o pano de fundo contra o qual o drama particular de Herodes e Salomé se desenrola. Igualmente patente a partir do cenário é a preocupação de Wilde de que o palco contivesse apenas aqueles elementos (a escada ao pé da qual será posto o trono de Herodes e a cisterna que constitui a prisão de Jokanaan) que são absolutamente essenciais ao desenvolvimento da ação dramática. Todo o resto é um espaço vazio e aparentemente sem caráter. Esse é o mundo do domínio de Herodes, que a princípio Salomé subverte ao conseguir, apesar das ordens do tetrarca, libertar Jokanaan do poço. Ela então invade esse espaço, tornando-o cada vez mais seu; e à medida que assume o completo controle dele, exercerá sua vontade a fim de levar o trono e a cisterna a uma terrível conjunção, apesar de todos os esforços de Herodes para impedi-la. O que temos aqui é um cenário minimalista primoroso e inteiramente moderno em espírito e execução, chamando atenção não para suas qualidades pitorescas (embora seja esteticamente muito agradável em sua simplicidade), mas para os jogos de poder, a batalha de vontades que determina o desenvolvimento da tragédia.

Atores estão sempre atentos às linhas de poder no interior de um dado espaço cênico, de onde podem atrair mais atenção. O que é fascinante na obra dramática de Wilde é o grau em que ele concebia a encenação de suas peças em função das relações espaciais entre os atores em determinados momentos da ação. Os lugares que os atores ocupam e a maneira como se movimentam no espaço cênico são com frequência planejados de modo a definir as mutáveis estruturas de poder que controlam as reações dos personagens. Wilde tinha uma aguçada percepção do palco como um espaço tridimensional e sabia dispor os atores dentro dele para criar subtextos que revelam o eu interior dos personagens em função de suas forças ou fraquezas em relação aos outros. Essa mestria criativa do espaço fica evidente desde a primeira de suas principais peças, *O leque de lady Windermere* (1892). O segundo ato é ambientado na sala de visitas de lady Windermere durante o baile e jantar que ela oferece para comemorar seu aniversário, e ela espera ao lado da porta para cumprimentar seus convidados à medida que eles são anunciados e adentram o salão. Há uma porta que leva a uma sala onde há música e dança e outra que leva a uma varanda iluminada, com vista para o St. James's Park. Uma atmosfera cerimoniosa e elegante domina o ambiente, e os convidados, todos membros da classe alta, passeiam por esse ambiente com relaxada desenvoltura. Lady Windermere, no entanto, está visivelmente tensa, porque (como o público sabe) ela pretende, caso a sra. Erlynne apareça, bater no rosto dela com o leque que segura com força na mão. É um momento de grande tensão para a plateia. A sra. Erlynne chega; lady Windermere hesita e não consegue encontrar a coragem e a força de vontade necessárias para provocar a cena que havia planejado. Então, a sra. Erlynne, incontida, adentra sobranceira o espaço que o decoro social definiu como o domínio de lady Windermere. Esse espaço está cercado por grupos de mulheres e homens, em sua maioria sentados, que são hostis à sra. Erlynne. Eles são como uma plateia rabugenta, atenta a cada nuance da atuação da mulher. No entanto, assumindo com tranquilidade o controle da situação, a sra. Erlynne faz uma volta completa por aquele espaço de braço dado com lorde Windermere e, ao fazê-lo, consegue conquistar a simpatia de todos por meio de algumas palavras e comentários bem escolhidos. Quando enfim se retira do palco, ela já está recebendo uma profusão de convites para reuniões sociais futuras.

A sra. Erlynne encenou um impressionante retorno à alta sociedade por meio de uma brilhante demonstração de força de vontade, espirituosidade e charme carismático. Significativamente, fez isso roubando de lady Windermere sua posição de centro das atenções no

seu próprio espaço privado; invadiu e tomou posse desse espaço propositalmente para alcançar seus próprios objetivos, num flagrante ato de desafio e coragem. O movimento dos personagens dentro do espaço cênico cria um subtexto psicológico que prepara a plateia para as maneiras como a peça irá se desenvolver ao longo do terceiro ato, quando a sra. Erlynne adverte uma lady Windermere prestes a abandonar o marido que ela não tem a força, a ousadia e o autocontrole necessários para um dia conseguir voltar à sociedade caso tome aquela atitude, que a tornaria uma proscrita. Como plateia, sabemos exatamente o que a sra. Erlynne quer dizer com isso, já que acabamos de *presenciar* sua tentativa de voltar à sociedade no ato anterior e podemos avaliar o que isso lhe custou em termos de determinação e coragem, coisas que, simultaneamente, vimos de modo muito claro faltar a lady Windermere. A movimentação dos personagens ao longo de todo o segundo ato é ao mesmo tempo naturalista e simbólica, e no nível simbólico tem uma função precisa dentro da estrutura dramática da peça. Igualmente significativa em relação às mutáveis relações de poder dentro da peça é a insistência de Wilde para que George Alexander, o primeiro diretor de *O leque de lady Windermere*, encenasse o último ato de modo que a sra. Erlynne permanecesse a maior parte do tempo sentada, enquanto lorde e lady Windermere e lorde Augustus fossem toda hora obrigados a sair do palco e voltar para atender aos pedidos dela. Embora aos olhos dos dois homens ela parecesse moralmente repreensível, a sra. Erlynne se mostra mais uma vez perfeitamente calma, uma presença imóvel que mantém um controle absoluto sobre os outros três personagens, enquanto os manipula conscientemente de modo a fazê-los alcançar o final mais feliz que as circunstâncias permitem. Em sua imobilidade, ela emerge como o centro moral do mundo da peça, assim como no segundo ato ela fora definida, com sua movimentação, como sua criação mais vital. É por meio desses recursos teatrais arquitetados com tanta sensibilidade que Wilde endossa a descrição que faz da sra. Erlynne no subtítulo como “uma boa mulher”.

Um uso análogo do espaço cênico pode ser encontrado no último ato de *Uma mulher sem importância* (1893), quando lorde Illingworth invade sem qualquer escrúpulo a privacidade da sala de estar da sra. Arbuthnot, apesar de ter sido expressamente proibido de entrar. A entrada dele é uma expressão clara dos direitos que acredita poder, de repente, passar a exercer sobre a mulher e suas decisões. Pelos padrões da etiqueta convencional, isso é uma violação grosseira das regras da boa educação. E, quando percebe que sua vontade não será satisfeita, ele está pronto para insultar a sra. Arbuthnot, já que não há ali nenhum representante da “boa” sociedade que ele costuma frequentar para ouvi-lo. Sua hipocrisia e sua questionável postura moral são

vigorosamente expostas pelo próprio fato de ele impor sua presença naquela casa, e será preciso que a sra. Arbuthnot afirme plenamente sua força de vontade para enfim conseguir expulsar aquela presença autoritária de seu espaço. E ela faz isso com um gesto (batendo no rosto de Illingworth com a luva dele) que mostra que ele não é sequer um cavalheiro, apesar de toda a sua pose de aristocrata. A persona charmosa e cortês que ele ostenta no decorrer dos atos anteriores é agora exposta como uma máscara que esconde um rematado bruto, com quem a sra. Arbuthnot tem todo o direito de não querer se casar. Mais uma vez, o movimento dos personagens no interior do espaço cênico endossa o posicionamento moral desafiador da peça.

Wilde também podia usar a ideia da invasão para efeito cômico. No terceiro ato de *Um marido ideal* (1895), todas as tentativas de lorde Goring de desfrutar da privacidade tranquila de uma noite em casa são frustradas pela chegada de pessoas do mundo da esfera pública a quem ele não deseja nem um pouco ver: seu pai (lord Caversham), seu melhor amigo (Chiltern) e a pior inimiga de seu amigo (sra. Cheveley). Como entende que essas pessoas não podem se encontrar em hipótese alguma, lorde Goring recorre à tática de escondê-las em diferentes cômodos, o que tem o efeito de aproximar a ação cada vez mais da farsa, já que cada nova pessoa que chega insiste em ser admitida ali. Apesar de todos os jogos de poder em que se envolvem e da autopiedade retórica que exibem quando fracassam, Chiltern e a sra. Cheveley acabam parecendo levemente absurdos em função das tendências farsescas do tratamento dramático. O único personagem que emerge com dignidade desse ato é lorde Goring. Por meio desse inesperado método e tom dramáticos, Wilde vai apresentando-o como alguém que possui uma astuta sensibilidade política e moral, e como o único personagem com discernimento bastante para levar os Chiltern a reavaliar sua tensa relação conjugal. Ainda mais engraçadas são as cenas em que lady Bracknell invade subitamente a privacidade alheia em prol do decoro em *A importância de ser prudente* (1895). Ela se investiu do papel de guardiã da moral pública e por duas vezes entra em cena impetuosa e inesperadamente para determinar se o comportamento de outras pessoas está comprometendo de alguma forma a reputação da filha ou dela própria. Mas, como nos episódios farsescos de *Um marido ideal*, a comédia tem uma amarga incisividade satírica: as peças de Wilde mostram reiteradamente como as próprias mulheres foram encarregadas, dentro dessa sociedade dominada pelos homens, da função de policiar a conduta das pessoas do seu sexo. O zelo de lady Bracknell leva essa preocupação de vigiar as outras pessoas a um extremo ridículo, mas a crítica social por trás da caricatura é acurada.

Um dos empregos simbólicos do espaço cênico mais sutis e cheios

de nuances ocorre no drama em um ato *Uma tragédia florentina* (1894). Ao entrar, Simone encontra sua mulher, Bianca, fazendo sala para um aristocrata, Guido, que parece estar dominando tanto o espaço quanto as atenções de Bianca. Simone não sabe se esse aparente domínio é apenas um reflexo do senso de privilégio aristocrático de Guido, ou se as atenções da mulher já chegaram ao adultério. Com paciência, ele espera o momento de agir, buscando de forma hesitante algo que comprove suas suspeitas no diálogo com Guido. Constrói continuamente suas frases de modo que beirem a acusação, para levar os outros dois a um auge de tensão e expectativa, mas depois evita a crise de formas que deixam os outros num estado de total dúvida. Com esperteza, Simone consegue vender todas as suas mercadorias para Guido, que é filho de um duque, por um preço exorbitante e depois dá a entender que é hora de o homem ir embora. Quando o aristocrata vai pegar sua espada, o mercador sugere em tom de brincadeira que travem um combate para testar suas respectivas espadas e habilidades (em toda a peça as insinuações sexuais são cuidadosamente calculadas). No duelo que se segue e que subitamente enche o palco inteiro de violenta ação, Simone encurrala, desarma e mata Guido. Na primeira metade do drama, a linguagem é repleta de imagens que falam de luxo e de preço; na segunda metade, ela remete a desejo masculino e desempenho sexual. Os homens lutam pela posse do espaço cênico (um por direito de casamento; o outro por direito de presença e domínio aristocrático). Bianca fica sempre do lado de Guido, mostrando claramente quem é o objeto de suas afeições, enquanto expressa sua repulsa ao materialismo obsessivo e contumaz de Simone. A posse do espaço se torna sinônimo da posse de Bianca, e o que a ação define como crucialmente trágico é a absoluta mercantilização dela como mulher. Como em todos os outros exemplos, o movimento no interior do espaço cênico é progressivamente investido de um potencial simbólico que nos leva ao cerne do argumento moral e social da peça. Isso é perícia dramática do mais alto grau, graças à qual as dimensões do espaço cênico durante a encenação adquirem uma poderosa dinâmica psicológica para além do que aquele espaço precisa representar no que tange a tempo e lugar social. O espaço nas peças de Wilde é, em termos de semiótica teatral, possivelmente o mais informativo dos significantes.

O mais célebre dos padrões extensos de movimento dentro de um espaço preciso é a dança de Salomé, que tem um status cultural quase mítico. No entanto, como observa Joseph Donohue,⁴ esse momento de clímax na peça de Wilde está contido numa rubrica que é nada menos que lacônica em sua brevidade: “*Salomé dança a dança dos sete véus*”.

Nenhum tipo de orientação cênica nos é oferecida; Wilde deixa a dança inteiramente a cargo da inventividade da atriz. (Fica claro pela correspondência de Wilde com atores produtores que ele via os ensaios como um trabalho cooperativo, que requer respeito pelas habilidades artísticas e pela criatividade de todos os envolvidos. Muito dessa sequência dançada irá depender do estilo pessoal, do repertório de movimentos, da destreza técnica e do vigor da atriz, bem como de sua capacidade de definir um subtexto psicológico usando o corpo como meio de expressão.) Que Wilde reconhecia o poder que o movimento tem para transmitir uma significação intensa, ainda que enigmática, dentro de uma narrativa cuidadosamente estruturada fica evidente pelo fato de pôr a dança em *Salomé* como algo emblemático da obsessão que domina cada um dos personagens centrais: a princesa, o tetrarca e o profeta. Mas a dança é também o momento em que a obsessão privada vem a público, provocando consequências sociais e políticas.

Claramente, Wilde havia refletido sobre as implicações da dança (ele nunca chegaria a ver a peça em cena) e começou a perceber o poder do movimento como um sistema de significação. É possível que isso explique por que em sua peça seguinte, *Uma mulher sem importância*, a conclusão do terceiro ato seja toda interpretada em silêncio, sendo a mímica e não a fala o que transmite uma complexidade de significados. A princípio, Wilde havia concebido o desfecho do ato (quando, para impedir que Gerald ataque lorde Illingworth, a sra. Arbuthnot revela ao filho que se trata na verdade de seu pai) como um quadro vivo melodramático tradicional. Mas o episódio passou por uma série de revisões, que começaram a introduzir o movimento e um uso mais criativo da linguagem corporal. Quatro personagens estão no palco quando a sra. Arbuthnot revela a verdade; seu rompante é testemunhado pela herdeira americana, Hester, a quem Illingworth acabara de ofender tentando beijá-la, o que provoca a tentativa de ataque de Gerald. Encerrando o ato com um quadro vivo estático, Wilde ofereceria apenas uma conclusão impactante, ainda que claramente sensacionalista. O que a análise de *O leque de lady Windermere* feita atrás mostrou foi o quanto o escritor possuía o que se poderia chamar de uma percepção arquitetônica da estrutura dramática, evidente na forma como elementos da ação cênica no segundo ato (a conquista pela sra. Erlynne de um total controle do espaço) preparam a plateia de maneiras sutis para aspectos da trama que são desenvolvidos no terceiro ato (o fato de lady Windermere não ter a força de vontade necessária para conseguir reconquistar um lugar na sociedade, caso viesse a violar seu código moral). No fim do terceiro ato de *Uma mulher sem importância*, talvez influenciado por sua experiência com a

dança em *Salomé*, Wilde abrandou o impacto da revelação da sra. Arbuthnot estendendo a ação por um tempo considerável depois que a confidência é feita. Primeiro, arquitetou uma forma de tirar três dos personagens do palco, deixando a sra. Arbuthnot sozinha com sua vergonha e seu desespero. Insatisfeito com essa solução, porém, revisou o que havia começado a crescer e se transformar numa pantomima, de modo que agora Gerald tinha de ir até sua mãe, segurar-lhe as mãos e olhar em seus olhos tão intensamente que ela desaba, prostrada, no chão. Enquanto isso, Hester “se esgueira” para fora dali, ao passo que lorde Illingworth se esforça para conter sua exasperação. Gerald ajuda a mãe a se levantar, ampara-a em seus braços e “a conduz para fora da sala”, deixando lorde Illingworth isolado no momento em que a cortina se fecha. Tal desfecho faz muito mais do que resolver a ação: sugere um potencial para crescimento, renunciando, sem definir com precisão, desenvolvimentos que o último ato irá explorar. A pantomima aqui dá corpo a uma narrativa sem prescrever uma interpretação específica de seu teor. Ao concluir um movimento da peça, Wilde faz com que a plateia concentre seu engajamento imaginativo na psicologia dos personagens. Para citar apenas um exemplo: a saída de Hester da sala de uma maneira que deve transmitir ao público a impressão de que a intenção dela é esgueirar-se. O que motiva essa linguagem corporal? Talvez expresse uma repulsa pudica e puritana à revelação da sra. Arbuthnot; talvez um constrangimento por Gerald, por ele ter de assimilar tamanha reformulação de seu senso de identidade; pode ser o tato que a impele a deixar que a “família” tenha privacidade para tentar se recuperar do vexame. Ou será que a reação dela tem uma motivação mais pessoal, abarcando uma sensação de choque ao se dar conta de como seu zelo moral acabou levando-a, ainda que inadvertidamente, a ofender a sensibilidade de outra mulher, e uma mulher com quem tentara fazer amizade por conta de uma aparente compatibilidade? Ao restringir a expressão do motivo de Hester à mímica, Wilde incita as faculdades interpretativas e críticas da plateia, fazendo-a considerar a gama de possibilidades, o que requer que o público se envolva de modo sensível nas questões morais que a peça está examinando.

O mais surpreendente emprego de um estilo de movimento que se aproxima da dança é o que encontramos em *A importância de ser prudente*, no decorrer da qual o movimento vai se transformando cada vez mais num meio de sustentar o tom farsesco. Não se sabe ao certo se Wilde foi o responsável por criar esse efeito nas discussões com Alexander, que também foi quem primeiro dirigiu essa peça, ou se a ideia partiu do próprio Alexander; mas não há dúvida de que as primeiras plateias viram a ação se tornar cada vez mais parecida com uma dança em cena. Wilde a princípio não queria que fosse Alexander

quem a encenasse, mas uma série de circunstâncias fortuitas acabou levando a isso. Ao que parece, durante um jantar informal, Wilde também disse confidencialmente tanto a Alexander, que fazia o papel de Jack Worthing, quanto a Allen Aynesworth, o primeiro Algernon, que nenhum dos dois teria sido sua opção ideal para os respectivos papéis. Alexander com certeza nunca havia representado um papel nem sequer remotamente parecido com o de Jack; e em muitos aspectos o personagem era totalmente incompatível com a persona cênica que ele vinha criando em papéis nos quais em geral podia dar vazão a uma queda pelo romantismo lírico (ele havia feito grande sucesso com *O prisioneiro de Zenda*) ou pela severidade moral (seus outros grandes sucessos na década de 1890 foram como lorde Windermere e como Aubrey Tanqueray, de *The second Mrs. Tanqueray*). O papel de Jack Worthing exigia que ele tivesse a coragem de abrir mão de sua imagem popular, já que Jack invariavelmente atinge o auge do ridículo e do absurdo justo quando está sendo romântico ou tentando se mostrar severo; e Alexander parece ter adorado fazer isso, entrando na autoparódia com um gosto e uma espirotuosidade cativantes.

Alexander obviamente se deliciou com as soberbas oportunidades oferecidas a ele pela entrada de Jack no segundo ato vestido de luto fechado, uma vez que, nessa altura, fez os atores que representavam o cônego Chasuble e a srta. Prism se deslocar lentamente até a beira do palco de modo a atrasar o momento em que eles o avistam, a fim de que a plateia tivesse tempo suficiente para se dar conta da significação daquela sua roupa e rir à vontade. Que ele gostou de ser alvo de riso fica evidente no fato de ter, como diretor, substituído o movimento convencional que estava planejado para um momento posterior do ato por uma forma de marcação que se aproxima da coreografia. Depois que as mulheres batalharam por seus heróis enquanto tomavam chá e depois que caíram as máscaras de seus homens, cujos experimentos na arte de bunburiar estão a essa altura totalmente expostos, a peça mergulha cada vez mais fundo na artificialidade à medida que os dois casais enfrentam crises idênticas. A linguagem se torna cada vez mais padronizada: as falas de um casal espelham exatamente as do outro, até chegar a um ponto em que os dois homens e as duas mulheres passam a falar em uníssono. Para conseguir fazer isso, os personagens discutem quem vai marcar o compasso para estabelecer um ritmo adequado; no entanto, os quatro atores tinham necessariamente de compartilhar um tipo interno de ritmo, se queriam executar com eficiência os padrões sincronizados e simétricos de movimento que Alexander marcou para acompanhar as falas padronizadas. Ao fazer sua entrada no terceiro ato, por exemplo, os dois homens, impassíveis, se dirigiam juntos a um sofá, sentavam-se, cruzavam as pernas num

estilo idêntico, ajeitavam o vinco das calças, depois se viravam simultaneamente em direção às duas mulheres. Isso é estilizar os movimentos cotidianos até que eles se tornem praticamente uma dança; como isso requer um timing perfeito para ser executado de maneira convincente, os atores têm de manter um ritmo interno comum o tempo todo, exatamente como dançarinos.

O que essa estilização progressiva sugeria em termos dramáticos era a extensão do domínio do maneirismo sobre todos os representantes da classe alta, da Igreja e da educação na peça, reduzindo-os a mecanismos semelhantes a marionetes. Compostura, etiqueta e “bom-tom” estão sendo ridicularizados aqui como bem ensaiados absurdos. O teatralismo expõe o vazio dos códigos sociais como nada mais do que simples pose. O movimento carrega nesses momentos um acentuado ímpeto satírico e se torna portanto um meio de efetuar uma crítica social precisa. Se Wilde influenciou o estilo de direção de Alexander (Wilde passou boa parte do período de ensaios da peça de férias em Argel) ou se Alexander estava simplesmente respondendo criativamente às sugestões do estilo de diálogo de Wilde é menos importante que o fato de que *A importância de ser prudente* estimulava em cena, na sua última metade, um desempenho físico que se aproximava de um número de dança. Até a manipulação de bandejas de muffins e de torradas na sequência final do segundo ato (enquanto os homens discutem sobre qual seria o comportamento adequado a adotar para recuperar a credibilidade perdida) requer uma precisão coreográfica para gerar e sustentar um crescendo de riso. Apenas palavras não são suficientes para fazer a comédia funcionar; o movimento parodia e subverte a postura digna e comedida considerada apropriada para os rituais da mesa de chá, e é o movimento, consequentemente, que controla a sátira social. Não é só o Wilde artesão da palavra que está em ação aqui.

Vera e *A duquesa de Pádua* não são interessantes apenas por revelar o engajamento de Wilde nas artes cênicas desde a época de seus primeiros escritos dramáticos: ambas mostram também uma técnica específica que Wilde viria a transformar numa tática crucial e típica em suas peças mais conhecidas. Melodramas sobre espionagem, insurreição política e intrigas envolvendo duplicidade eram extremamente comuns em palcos europeus na época em que Wilde concebeu *Vera*, ou *Os niilistas*. Da mesma forma, sua tragédia em verso branco, que criava um mundo renascentista imaginário, é parte de uma longa tradição de dramas trágicos oitocentistas que ambicionavam imitar as obras de Shakespeare e de seus contemporâneos. As duas peças criam de imediato uma sensação de

familiaridade contrabalançada por uma percepção de que há ali uma aguda diferença: *Vera* está menos preocupada com sensacionalismo do que em examinar o que constitui psicologicamente a sensibilidade revoltosa e seus códigos de valores específicos; e embora pareça excessivamente empenhada em ecoar *Macbeth*, *A duquesa de Pádua* também abraça uma minuciosa investigação não sobre a natureza da ambição, mas sobre o esgotamento emocional sofrido pela sensibilidade adúltera. Na verdade, é como se o familiar estivesse ali exatamente para acentuar o que é diferente da norma dos gêneros de drama que Wilde está imitando. Ao ler as resenhas feitas sobre as peças de Wilde na época de suas primeiras montagens, percebe-se que há um tema recorrente: a necessidade constante por parte dos críticos de insinuar que o autor estava se apropriando de maneira desavergonhada de elementos de peças de sucesso, atuais ou recentes. Tais resenhas tendem a concentrar-se nas semelhanças; mas, se lemos essas obras agora há muito esquecidas, o que mais nos impressiona é a natureza da habilidade de Wilde de pegar elementos convencionais, às vezes até mesmo batidos, e transformá-los em dramas desafiadores, inovadores e social ou emocionalmente subversivos. É como se Wilde quisesse seduzir seu público com o que pareciam ser a princípio situações e personagens-tipo bastante convencionais, de modo que a plateia baixasse a guarda e, assim, ficasse mais exposta à firme manipulação que ele fazia desses elementos visando apresentar um projeto moral e social inteiramente oposto ao do protótipo.

O leque de lady Windermere começa com a lady em questão sendo primeiramente abordada por um aristocrata bem falante, que a tenta com a proposta de uma relação adúltera, em seguida, por uma fofoqueira com título de nobreza que diz ser notório que o marido de lady Windermere está tendo um caso com uma mulher que tem um passado comprometedor. Há ingredientes aqui para uma trama complexa envolvendo intrigas e escândalos amorosos e para personagens que podem ser situados moralmente com facilidade pelo público, à maneira de *The idler* (1891), de Haddon Chambers. Essa peça estivera em cartaz havia pouco tempo exatamente no mesmo teatro em que a peça de Wilde estreou e quase com o mesmo elenco. Mais que depressa, os críticos começaram a traçar paralelos entre ela e *O leque de lady Windermere*, chegando mesmo a acusar Wilde de plágio. Wilde sem dúvida teria retrucado que as influências sobre sua criatividade datavam de épocas ainda mais remotas e que o clímax de seu terceiro ato era fortemente inspirado na famosa cena do biombo de *A escola do escândalo*, de Sheridan. Mas os personagens de Wilde contrariam expectativas: a mulher que tem um passado acaba se revelando o centro moral da peça por possuir não só uma inteligência astuta, como uma grande capacidade de compaixão; o marido não é

infiel, mas sim tão atado à moral convencional que sua intolerância se torna potencialmente perigosa; e a esposa, que sucumbe à tentação num acesso de rancor, acaba se dando conta de sua ingenuidade e começa a opor resistência à autoridade do marido por motivos morais e sociais, em vez de simplesmente por uma necessidade de expressar sua independência emocional. Quando a peça chega ao fim, os membros atentos da plateia foram levados a reavaliar não só o que passa na sociedade por ética convencional, como também os estereótipos dramáticos de personagem e situação através dos quais essas convenções são culturalmente sacralizadas. *O leque de lady Windermere* é uma crítica encenada à cultura da época.

A maioria das peças de Wilde persegue essa mesma estratégia daquilo que hoje seria chamado de intertextualidade. *Uma mulher sem importância* foi escrita para Beerbohm Tree, que esperava repetir com ela o sucesso que havia alcançado com *The dancing girl* (1891), de Henry Arthur Jones, na qual ainda estava atuando alguns meses antes de Wilde começar o trabalho. Contudo, enquanto na obra de Jones (como em inúmeras peças do período sobre mulheres que caíram em desgraça) a seduzida heroína quaker morre, dando à peça um desfecho moralmente adequado, e seu sedutor aristocrata, o duque de Guisebury (papel de Tree), sobrevive, em *Uma mulher sem importância* a sra. Arbuthnot censura e envergonha seu antigo sedutor. *Um marido ideal* se inspira em incontáveis melodramas sobre manobras políticas que surgiram na esteira de *Dora* (1877), de Sardou, mas Wilde insolitamente combina esse material com uma investigação ibseniana sobre como a descoberta de um antigo delito no mundo dos negócios públicos pode afetar a intimidade de uma relação conjugal no presente e num futuro provável, principalmente quando o autor do delito revela um considerável gosto por exercer poder sobre outras pessoas. *A importância de ser prudente* também tem precursores dramáticos em peças que tratavam de pais perdidos, como *The foundling* (1894) de William Lestocq e E. M. Robson, e muito de seu tom, de sua maneira de tratar as duas contrastantes heroínas e até de seu mais memorável *coup de théâtre* visual (a entrada de Jack vestido de luto) pode ter sido inspirado na mais sombria das farsas de W. S. Gilbert, *Engaged* (1877). Mas enquanto o alvo de Gilbert é uma classe média baixa dominada por instintos mercenários, os personagens de Wilde são membros da “melhor” sociedade, cujas tentativas de manter um comportamento educado e uma charmosa e sofisticada impassibilidade são constantemente frustradas por seus instintos amorosos, de modo que a farsa de Wilde nasce do conflito, nos indivíduos, entre sua natureza inata e sua cultura adquirida. Em todos esses exemplos, o texto de Wilde se vale do familiar como uma base a partir da qual se desafia modos de pensar e códigos de comportamento convencionais. Ou,

expressando a mesma ideia em outros termos: Wilde joga de maneira espirituosa e mordaz com exemplos populares da cultura contemporânea para expor as estruturas ideológicas subjacentes a eles, levando os espectadores, assim, a questionar até que ponto as peças teatrais a que assistiam não moldavam veladamente seus juízos de valor particulares. Gosto (como indicam todos os ensaios críticos de Wilde) é uma questão de princípio.

Significativamente, Wilde procurava os teatros mais elegantes e os atores produtores mais famosos para apresentar seu trabalho. Se precisava ganhar dinheiro para custear suas extravagâncias e as de Bosie e perseguia abertamente a celebridade e o sucesso, também precisava de um tipo muito específico de público com experiência teatral para que suas estratégias dramáticas surtisses o máximo efeito. E todos os teatros escolhidos por ele atraíam uma clientela definitivamente de classe alta.⁵ A peça em que Wilde procura seduzir seu público oferecendo a imagem mais lisonjeira possível de seus espectadores é *Uma mulher sem importância*, que começa com um ato inteiro em que (para satisfação de Wilde) não acontece absolutamente nada. Somos convidados a presenciar uma reunião social de fim de semana numa mansão no campo, na qual matriarcas com título de nobreza, herdeiras viajadas, intransigentes membros do Parlamento, dândis, viúvas lânguidas e rapazes sem miolos, sem dinheiro, sem posição e com um excesso fabuloso de tempo nas mãos se juntam para jogar conversa fora antes do chá diante de um magnífico jardim. É uma representação concentrada e generalizada do grupo e daquela atmosfera relaxada, íntima, espirituosa e levemente maliciosa (embora essa dose de malícia seja sempre calculada com extremo tato). Quando chega o segundo ato, uma das pessoas do grupo, a herdeira americana, começa a expressar certas críticas àquela sociedade na qual se encontra, mas é rapidamente posta em seu lugar pelo resto e zombeteiramente descartada como uma “puritana” de origem dúbia — algo ligado ao comércio de manufaturas —, que não tem condições de avaliar os costumes e a cultura de uma verdadeira elite. Ao mesmo tempo, essa elite começa a parecer bem menos esplendorosa à medida que seu esnobismo e presunção vêm à tona. Em seguida, Wilde introduz no grupo um elemento estranho, a sra. Arbuthnot, que tem plena e dolorosa consciência de seu status marginalizado e do favor que o fato de ela e seu filho estarem sendo recebidos ali representa. A maneira como o grupo reage a ela e vice-versa amplia e enriquece a crítica de Wilde aos digníssimos membros da classe alta por ele retratados, até que, nos momentos finais, o homem que parecia inicialmente ser o representante mais brilhante daquele círculo, lord Illingworth, se vê expulso do palco pela sra. Arbuthnot por ser moralmente indigno e não ser um cavalheiro. A plateia de Wilde foi

astuta e eficientemente levada a participar imaginativamente da desconstrução de sua própria cultura e sensibilidade moral. De forma semelhante, a magnífica festa diplomática encenada no primeiro ato de *Um marido ideal* acaba se revelando um baile de máscaras em que alguns poucos escolhidos cerram fileiras em torno de um membro proeminente do establishment para acobertar um episódio sombrio de seu passado.

Depois que o quase sempre discreto e impassível Lane deixa escapar que “só” se casou uma vez e que isso se deu “por conta de um mal-entendido” entre [ele] e uma jovem, na primeira cena de *A importância de ser prudente*, não demora muito para que todos os outros personagens acabem revelando levar vidas duplas. Até lady Bracknell, que se nomeou guardiã da sociedade, sempre a farejar deslizes como se fosse o único árbitro confiável da probidade e do bom gosto, se desmascara como uma parvenue, e não uma aristocrata de berço, ao também deixar escapar que, quando se casou, “não dispunha de patrimônio de espécie alguma”, mas que nunca cogitou “nem por um instante permitir que isso fosse um obstáculo” no seu caminho. A farsa despe os personagens de todas as suas pomposas afetações de bem-nascidos, e rimos desbragadamente de seus inúteis esforços para evitar admitir para si mesmos que são completos hipócritas.

As raízes irlandesas de Wilde e sua fidelidade à causa são relevantes aqui. Wilde nasceu em Dublin, em 16 de outubro de 1854. Seu pai, sir William, era um eminente cirurgião; sua mãe (mais conhecida por seu pseudônimo, “Speranza”), que foi quem exerceu a influência mais profunda sobre o jovem Wilde, era poeta e estudiosa do folclore e das lendas irlandesas, tudo no intuito de promover um fervoroso nacionalismo, que ela transmitiu ao filho. Os anos 1890 assistiriam à derrota, na Câmara dos Lordes, do segundo projeto de emancipação política da Irlanda (Home Rule Bill), na esteira da desgraça pública e da morte de Charles Stewart Parnell (significativamente, a magnífica carreira política de Parnell foi encerrada à força depois que ele foi citado numa ação de divórcio). Com o aparente fracasso dos políticos em defender a causa irlandesa, a intelligentsia de Dublin tomou para si a tarefa de questionar o poder colonial alvejando o controle sutil exercido pela Inglaterra sobre as expressões culturais. A Irish National Literary Society (1892), a Gaelic League (1893), a Irish Agricultural Organization Society (1894), o Irish Trades Union Congress (1894) e a Irish Literary Theatre Society, que depois de seis anos se transformou no Irish National Theatre (1898), foram fundados nessa época, num surto de atividade nacionalista sem precedentes. Historiadores

culturais tendem a não incluir Wilde nesse movimento para estabelecer as letras irlandesas como uma literatura com voz própria e independente da cultura inglesa. Teóricos que investigam a natureza do poder colonial em suas diversas manifestações, como Edward Said, demonstraram como a força colonizadora, depois de consolidar a posse da terra que foi invadida, investe-se do papel de autoridade cultural absoluta, exigindo a aplicação de seus próprios sistemas de valor em todos os aspectos da existência por parte do povo colonizado.⁶ Essa é uma invasão mais sutil, psicológica, que vai se infiltrando até chegar às raízes da experiência e da expressão cultural sobre as quais a identidade dos indivíduos se funda. A maioria das peças de Wilde toma como foco a classe dominante inglesa que constitui o establishment, os ilustres árbitros e legisladores do gosto, da moralidade pessoal e da conduta social. Seu primeiro impulso é satírico, como se estivesse questionando as bases sobre as quais esses pilares da sociedade fundamentam e justificam seu elitismo, sua supremacia e seu direito a governar ou a colonizar. Esses rígidos sustentáculos do império britânico quase sempre acabam se revelando pessoas a quem falta compaixão, autoconhecimento, independência intelectual, inteligência, vigor, discernimento; seus valores culturais são baseados na aquisição material; sua capacidade de organizar suas próprias vidas entra em colapso facilmente; seu senso moral é construído em prol do bom-tom; e a hipocrisia os torna perigosos ou absurdos. Com seu próprio e consciente fascínio por máscaras, superfícies e disfarces, Wilde era mestre em detectar afetações não reconhecidas em outros; elas são a base do mundo social de suas peças, um mundo cujo equilíbrio está sempre, portanto, minado por temores e inseguranças. E Wilde teve a temeridade de levar essas críticas a teatros que ficavam no coração do espaço público dessa sociedade. O valor de entretenimento das peças para suas primeiras plateias era uma máscara por trás da qual Wilde procurava mostrar a seus espectadores o quanto estavam necessitados de uma consciência social mais desenvolvida. Sua arte dramática era radical, totalmente em sintonia com a revolução cultural de inspiração nacionalista que se tentava fazer em Dublin. Mas enquanto essa batalha irlandesa era travada principalmente na periferia, as críticas de Wilde dirigiam-se à metrópole. Era um jogo perigoso e, como acontece com frequência na vida política inglesa, a desgraça na sua vida privada levou a uma rápida demolição de seu status público e de suas realizações. Enquanto seus contemporâneos irlandeses se empenhavam em encenar um renascimento dos valores culturais irlandeses, Wilde, de forma mais nociva, desconstruía o modo inglês de ser até chegar ao ponto de provar que sua postura autoritária era totalmente absurda. Wilde fez os ingleses rirem de sua própria severidade, disciplina rígida e senso

de propósito.

Os modos de encenação preferidos de Wilde eram inovadores. O questionamento empreendido por ele daquilo que estava na moda em termos de convenções dramáticas era profundamente subversivo. A forma como manipulava fronteiras tradicionais de gênero e estilo, oscilando entre comédia de costumes, melodrama e farsa para desestabilizar as expectativas do público era extremamente desconcertante para seus primeiros espectadores. O vigor natural com que explorava a teatralidade como um meio de delinear uma crítica social incisiva era a marca de um sofisticado satirista com um claro projeto político e moral. A representação que fazia dos jogos de máscaras como algo que, para seus personagens, era uma tática necessária à sobrevivência estava em sintonia com avançadas correntes de pensamento contemporâneas (Herbert Spencer, William James, Walter Pater) que vinham desafiando o conceito de identidade “fixa”. Em todos os níveis, as peças de Wilde eram revolucionárias para o teatro de seu tempo. Ao chamar essas peças agora de clássicos modernos, não podemos perder de vista esse fato crucial. Quando se remonta essas peças hoje, seja com elencos profissionais ou amadores, é preciso deixar que as ressonâncias mais soturnas que permeiam as representações wildianas do ócio endinheirado tenham plena expressão.⁷ Atores e diretores precisam encontrar formas de transmitir em cena os contextos sociais, intelectuais e políticos que influenciaram a concepção e o processo de escrita das peças e que lhes conferem suas qualidades únicas, precisas e desafiadoras. Há muito mais na prática teatral de Wilde do que um dom brilhante para as palavras.

notas

- 1 auden, W. H. *Secondary worlds*. Londres: Faber, 1968, p. 92.
- 2 robertson, Graham. *Time was*. Londres: Hamish Hamilton, 1931, pp. 126-7.
- 3 ricketts, Charles. *Pages on art*. Londres: Constable, 1913, pp. 243-4.
- 4 donohue, Joseph. “Distance, death and desire in *Salomé*”. In: raby, Peter (org.). *The Cambridge Companion to Oscar Wilde*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 131.
- 5 A atitude de Wilde em relação à aristocracia e à classe alta inglesa é complexa demais para definir com qualquer grau de precisão. Ele se apaixonou pelo filho de um marquês, mas essa proximidade constantemente inspirava nele uma veia crítica cortante, como mostram suas cartas e *De Profundis*. A visão que Bosie tinha de sua própria classe, moldada por antagonismos e birras pessoais, pode ter influenciado a de Wilde. Várias de suas peças são dedicadas a aristocratas, estadistas ou beldades da sociedade, e não há nada no texto das dedicatórias que sugira qualquer outra coisa além de amizade e admiração pelos homenageados. No entanto, a ação dramática que se segue a cada uma delas é inegavelmente um veículo para a mais incisiva sátira social. Boa parte das peças foi escrita em momentos em que a relação de Wilde com Bosie estava abalada, geralmente por causa de crises financeiras provocadas pelo estilo de vida extravagante do segundo. Não surpreende que a primeira versão de *A importância de ser prudente* seja recheada de referências (quase todas suprimidas depois) a dívidas, advogados e capangas. Desde os tempos de Oxford, amizades com pessoas com título de nobreza eram comuns na vida de Wilde, embora significativamente a maioria delas tenha acabado depois que foi preso.

Pode-se inferir, portanto, que atração (por uma série de motivos) e crítica distanciada coexistiam num estado de incômoda tensão, tal como acontecia com George Bernard Shaw.

- 6 said, Edward W. *Culture and imperialism*. Londres: Chatto and Windus, 1993. Ver principalmente o capítulo “Resistance and opposition” (pp. 230-340), em que Said comenta sobre a situação da Irlanda. [Edição brasileira: *Cultura e imperialismo*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.]
- 7 Joel Kaplan (em seu ensaio “Wilde on the stage”, no *The Cambridge Companion to Oscar Wilde*, que mapeia a história das peças em cena) observa que foi só depois da montagem de *Salomé* feita por Lindsay Kemp na década de 1970 que Wilde foi redescoberto como um dramaturgo. Desde então, como mostra Kaplan, o foco se transferiu de cenários e figurinos suntuosos, à maneira de Rex Whistler ou Cecil Beaton, para palcos quase vazios em que a atenção é direcionada exclusivamente para as sutilezas da interpretação dos atores. Consequentemente, a trama passou a ser menos importante que a motivação psicológica, embora a atuação e a enunciação amaneiradas não tenham desaparecido de todo. Kaplan também observa que *A importância de ser prudente* “ainda não foi alvo, até agora, do tipo de redescoberta generalizada que caracterizou montagens recentes de *Salomé* e dos dramas da alta sociedade. Em parte, a peça permaneceu refém do sucesso das remontagens de John Gielgud e das expectativas geradas pelo filme de Asquith, de 1952” (p. 270). Kaplan e Sheila Stowell também discutem essas questões em *Wilde on stage: A cultural and performance history* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997).

* Os leitores que ainda não conhecem as peças devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução. (n. e.)

** Título dado ao funcionário que exercia a função de ecônomo ou administrador da Casa Real britânica e que, até 1968, era também o censor oficial das peças teatrais. (n. t.)

Nota sobre os textos

Ao organizar este livro, usei como texto-base para as peças a edição da Penguin de 1954 (reimpressão, 1986) intitulada *Oscar Wilde: The importance of being earnest and other plays* (Harmondsworth). Esse volume, editado anonimamente, parece ter sido feito a partir dos textos incluídos em *The first collected edition of the works of Oscar Wilde* (1908), de Robert Ross. Fiz correções em *Uma mulher sem importância*, *Um marido ideal* e *A importância de ser prudente* cotejando-os com as peças publicadas na New Mermaids Series, as únicas com informações sobre os manuscritos e textos datilografados. As edições da New Mermaids Series são: *The importance of being earnest*, ed. Russell Jackson, Londres/Nova York, Ernest Benn/Norton and Co., 1980; e *Two society comedies: A woman of no importance and An ideal husband*, ed. Ian Small e Russell Jackson (respectivamente), Londres/Nova York, Ernest Benn/Norton and Co., 1983.

Sou grato à magnífica edição de Ruth Berggren de *The importance of being earnest* pelo material referente à versão de quatro atos da peça, publicada pela Vanguard Press de Nova York em 1987. Ao editar esta comédia em particular, apelei também à edição publicada pela Methuen em 1910, patrocinada por George Alexander como uma lembrança dos seus vinte anos como administrador do teatro St. James.

A maior parte das copiosas correções feitas aqui à edição de 1954 da Penguin como resultado do cotejo acima descrito foi objeto de comentários específicos nas notas às peças selecionadas para este volume. Frequentemente essas notas descrevem a evolução de certas passagens e efeitos, demonstrando como se chegou a leituras específicas depois de vários rascunhos.

Diferentemente da edição de 1954 da Penguin, este volume apresenta as peças na ordem de sua composição, o que fornece um sentido claro da amplitude do engenho de Wilde, especialmente durante os anos 1894-5; optei por oferecer detalhes sobre os elencos das primeiras produções nos comentários, onde parecem se encaixar mais apropriadamente nas discussões sobre a história teatral das peças, em vez de obedecer à convenção e situá-los imediatamente entre a página de rosto e o primeiro ato.

Uma mulher sem importância

Para Gladys,¹ condessa de Grey (marquesa de Ripon).

personagens

Lorde Illingworth

Sir John Pontefract

Lorde Alfred Rufford

Sr. Kelvil, *membro do parlamento*

Venerável arcediogo Daubeny, *doutor em teologia*

Gerald Arbuthnot

Farquhar, *mordomo*

Francis, *lacaio*

Lady Hunstanton

Lady Caroline Pontefract

Lady Stutfield

Sra. Allonby

Srta. Hester Worsley

Alice, *criada*

Sra. Arbuthnot

tempo

Presente

lugar

Interior

A ação da peça se passa em vinte e quatro horas

Primeiro ato

cena

Gramado em frente à varanda de Hunstanton.

Sir John, lady Caroline Pontefract e a srta. Worsley estão sentados em cadeiras ao pé de um enorme teixo.

lady caroline Suponho que esta seja a primeira casa de campo inglesa em que a senhorita se hospeda, não, senhorita Worsley?

hester Sim, lady Caroline.

lady caroline Dizem que na América vocês não têm casas de campo, é verdade?

hester Não muitas, de fato.

lady caroline Mas vocês têm campo? O que nós chamaríamos de campo?

hester (sorrindo) Temos o maior campo do mundo, lady Caroline, já que somos o maior país do mundo. Na escola costumavam nos dizer que alguns de nossos estados são tão grandes quanto a França e a Inglaterra juntas.

lady caroline Ah! Vocês devem sofrer muito com as correntes de ar, imagino. *(para sir John)* John, você deveria botar seu cachecol. De que adianta eu viver tricotando cachecóis para você, se você não os usa?

sir john Estou muito bem agasalhado, Caroline, não se preocupe.

lady caroline Não acho que esteja, John. Bem, a senhorita não poderia ter vindo para um lugar mais encantador do que este, senhorita Worsley, embora a casa seja extremamente úmida, úmida de verdade, sem desculpas, e nossa querida lady Hunstanton seja às vezes um pouco permissiva na seleção das pessoas que convida a vir aqui. *(para sir John)* Jane mistura demais. Lorde Illingworth, claro, é um homem de muito prestígio. É um privilégio conhecê-lo. E aquele membro do Parlamento, o senhor Kettle...

sir john Kelvil, meu amor, Kelvil.

lady caroline Ele deve ser muito respeitável. Ninguém nunca ouviu falar no nome dele, o que é um ótimo sinal num homem hoje em dia. Já a senhorita Allonby dificilmente poderia ser considerada uma pessoa muito distinta.

hester Não gosto da senhorita Allonby. Sinto por ela grande antipatia.

lady caroline Não sei se estrangeiros como a senhorita deveriam cultivar simpatias ou antipatias em relação às pessoas que conhecem ao serem convidadas a algum lugar, senhorita Worsley. A

senhora Allonby é muito bem-nascida. Ela é sobrinha do lorde Brancaster. Dizem que ela fugiu de casa duas vezes antes de se casar. Mas a senhorita sabe como as pessoas podem ser injustas. Eu mesma não acredito que ela tenha fugido mais que uma vez.¹

hester O senhor Arbuthnot é muito encantador.

lady caroline Ah, sim, o rapaz que é funcionário do banco. Foi muita gentileza de lady Hunstanton convidá-lo a vir aqui, e lorde Illingworth parece estar muitíssimo encantado com ele. Não sei, contudo, se Jane está certa em tirá-lo de seu lugar. No tempo em que eu era jovem, senhorita Worsley, nós nunca encontrávamos na sociedade ninguém que trabalhasse para se sustentar.² Não era considerado de bom-tom.

hester Na América, essas são as pessoas que nós mais respeitamos.

lady caroline Disso eu não tenho dúvida.

hester O senhor Arbuthnot tem uma índole admirável! Ele é tão simples, tão sincero.³ É uma das pessoas de índole mais admirável que já encontrei. Conhece-lo é um privilégio.

lady caroline Não é comum na Inglaterra, senhorita Worsley, uma moça falar com tanto entusiasmo de uma pessoa do sexo oposto. As mulheres inglesas escondem seus sentimentos até se casarem. Depois elas os mostram.

hester Vocês não permitem que exista nenhum tipo de amizade entre um rapaz e uma moça na Inglaterra?

Entra lady Hunstanton, seguida do lacaios, que vem trazendo xales e uma almofada.

lady caroline Achamos muito desaconselhável. Jane, eu estava agora mesmo comentando como é agradável o grupo que reuniu aqui. Você tem um poder de seleção maravilhoso. É um dom e tanto.

lady hunstanton Caroline, querida, que gentil da sua parte! Acho que nós todos de fato combinamos muito bem. E espero que nossa encantadora visitante americana leve consigo lembranças apazíveis da vida campestre inglesa. *(para o lacaios)* A almofada, ali, Francis. E o meu xale. O escocês. Pegue o escocês.

Sai o lacaios para buscar o xale. Entra Gerald Arbuthnot.

gerald Lady Hunstanton, tenho uma ótima notícia para lhe dar. Lorde Illingworth acaba de propor que eu seja secretário dele.

lady hunstanton Secretário dele? É realmente uma ótima notícia, Gerald. Significa que você tem um futuro brilhante à sua espera. Sua mãe vai ficar felicíssima. Eu realmente preciso tentar convencê-la a vir até aqui esta noite. Você acha que ela viria, Gerald? Sei

como é difícil persuadi-la a ir a qualquer lugar.
gerald Ah, tenho certeza de que ela viria, lady Hunstanton, se soubesse que lorde Illingworth me fez essa proposta.

Entra o lacaio com o xale.

lady hunstanton Vou escrever contando e convidando-a a vir aqui para conhecer lorde Illingworth. *(para o lacaio)* Espere um pouco, Francis.

Escreve a carta.

lady caroline É uma oportunidade maravilhosa para um homem tão jovem como o senhor.

gerald Realmente, lady Caroline. Espero poder me mostrar merecedor dela.

lady caroline Espero que sim.

gerald *(para Hester)* A *senhorita* ainda não me deu os parabéns, *senhorita* Worsley.

hester O senhor está feliz com a proposta?

gerald Claro que estou. Significa muito para mim — coisas que antes não tinha esperança de alcançar agora podem estar mais próximas.

hester Nada deveria estar fora do alcance da esperança. A vida é uma esperança.

lady hunstanton Imagino, Caroline, que o objetivo de lorde Illingworth seja a carreira diplomática. Ouvi dizer que ofereceram a ele Viena.⁴ Mas pode não ser verdade.

lady caroline Não acho que a Inglaterra deva ser representada no exterior por um homem solteiro, Jane. Isso poderia gerar complicações.⁵

lady hunstanton Você se preocupa demais, Caroline. Acredite, você se preocupa demais. Além do mais, lorde Illingworth pode se casar qualquer dia desses. Minha esperança era que ele se casasse com lady Kelso, mas acho que ele disse que a família dela era grande demais. Ou será que eram os pés dela? Esqueci qual.⁶ Fiquei tão chateada. Ela nasceu para ser esposa de embaixador.

lady caroline Ela certamente tem uma maravilhosa capacidade de lembrar os nomes das pessoas. E de esquecer seus rostos.

lady hunstanton Bem, isso é muito natural, não, Caroline? *(para o lacaio)* Diga a Henry para esperar pela resposta. Escrevi algumas linhas para sua querida mãe, Gerald, para contar as boas-novas e dizer que ela realmente deveria vir para o jantar.

Sai o lacaio.

gerald Que enorme gentileza a sua, lady Hunstanton. (*para Hester*)
Gostaria de caminhar um pouco, senhorita Worsley?
hester Com prazer.

Sai com Gerald.

lady hunstanton Estou muito contente com a boa sorte de Gerald Arbuthnot. Ele é meu grande favorito. E o que me deixa ainda mais satisfeita é que lorde Illingworth fez a proposta por conta própria, sem que eu tivesse sugerido nada. Ninguém gosta que lhe peçam favores. Lembro de uma época do ano em que Charlotte Pagden acabou se tornando muito impopular, coitada, por insistir em recomendar sua governanta francesa para todo mundo.

lady caroline Eu vi a governanta, Jane. Lady Pagden a mandou lá em casa. Foi antes de Eleanor debutar. Ela era bonita demais para trabalhar em qualquer residência de respeito. Não me admira que lady Pagden estivesse tão ansiosa para se livrar dela.

lady hunstanton Ah, isso explica tudo.

lady caroline John, a grama está úmida demais para você. É melhor ir lá dentro agora mesmo calçar suas galochas.

sir john Estou muito confortável como estou, Caroline, eu lhe asseguro.

lady caroline Você tem de admitir, John, que costume julgar isso melhor do que você. Por favor, faça o que eu disse.

Sir John se levanta e vai.

lady hunstanton Você estraga o seu marido com esses mimos, Caroline, realmente estraga!

Entram a sra. Allonby e lady Stutfield.

lady hunstanton (*para a sra. Allonby*) Então, minha querida, espero que tenha gostado do parque. As árvores de lá são muito elogiadas.

sra. allonby As árvores são maravilhosas, lady Hunstanton.

lady stutfield São muito, muito lindas.

sra. allonby Mas, por algum motivo, tenho a nítida sensação de que se passasse seis meses no campo eu me tornaria tão pouco sofisticada que ninguém iria prestar a menor atenção em mim.

lady hunstanton Eu lhe garanto, querida, que o campo não tem esse efeito de forma alguma. Aliás, foi de Melthorpe, que fica a apenas três quilômetros daqui, que lady Belton fugiu com lorde Fethersdale. Eu me lembro perfeitamente do ocorrido. E o pobre

lord Belton morreu três dias depois, de alegria ou de gota, não lembro qual. Hospedávamos um grupo grande aqui na ocasião, e ficamos todos muito interessados no caso.

sra. allonby Acho que fugir com um amante é uma atitude covarde. É fugir do perigo. E o perigo se tornou muito raro na vida moderna.

lady caroline Pelo que me consta, o único objetivo das moças de hoje parece ser o de estar sempre brincando com fogo.

sra. allonby A vantagem de brincar com fogo, lady Caroline, é que nunca se sai chamuscada. São as que não sabem brincar com fogo que se queimam.

lady stutfield Sim, entendo o que a senhora quer dizer. É muito, muito útil.

lady hunstanton Não imagino como o mundo iria conseguir sobreviver com uma teoria como essa, minha cara senhora Allonby.

lady stutfield Ah, o mundo foi feito para os homens, não para as mulheres.

sra. allonby Ah, não diga isso, lady Stutfield. Nós nos divertimos muito mais do que eles. Há muito mais coisas que são proibidas para nós do que para eles.

lady stutfield É verdade; a senhora está muito, muito certa. Eu não tinha pensado nisso.

Entram sir John e o sr. Kelvil.

lady hunstanton Então, senhor Kelvil, o senhor terminou seu trabalho?
kelvil Já escrevi o que precisava escrever hoje, lady Hunstanton. É uma tarefa árdua. O tempo de dedicação que se exige dos homens públicos hoje em dia é muito grande, muito grande mesmo. E eu não acho que eles recebam o devido reconhecimento.

lady caroline John, você calçou suas galochas?

sir john Calcei, meu amor.

lady caroline Acho melhor você vir para cá, John. É mais protegido.

sir john Estou bem por aqui, Caroline.

lady caroline Não creio, John. É melhor você se sentar ao meu lado.

Sir John se levanta e cruza o palco até ela. ⁷

lady stutfield E sobre o que o senhor escreveu esta manhã, senhor Kelvil?

kelvil Sobre o assunto de sempre, lady Stutfield. Pureza.

lady stutfield Deve ser um assunto muito, muito interessante para se escrever a respeito.

kelvil É o único assunto de importância realmente nacional hoje em dia, lady Stutfield. Pretendo abordar a questão com o meu

eleitorado antes que o Parlamento se reúna. Noto que as classes mais pobres deste país anseiam por um padrão ético mais elevado.

lady stutfield Isso é muito, muito nobre da parte deles.

lady caroline O senhor é a favor da participação das mulheres na política, senhor Kettle?

sir john Kelvil, meu amor, Kelvil.

kelvil A crescente influência das mulheres é o único fato animador na nossa vida política, lady Caroline. Elas estão sempre do lado da moralidade, tanto pública como privada.

lady stutfield É muito, muito gratificante ouvir o senhor dizer isso.

lady hunstanton Ah, sim! As qualidades morais das mulheres — isso é que é importante. Receio, Caroline, que nosso caro lorde Illingworth não dê o devido valor às qualidades morais das mulheres.

Entra lorde Illingworth.

lady stutfield O mundo diz que lorde Illingworth é muito, muito mau.

lorde illingworth Mas que mundo diz isso, lady Stutfield? Deve ser o outro mundo. Este mundo e eu nos damos muito bem.

Senta-se ao lado da sra. Allonby.

lady stutfield Todo mundo que *eu* conheço diz que o senhor é muito, muito mau.

lorde illingworth É monstruoso o modo como as pessoas hoje em dia saem por aí dizendo coisas contra nós, pelas nossas costas, que são absoluta e inteiramente verdadeiras.

lady hunstanton Nosso querido lorde Illingworth é um caso perdido, lady Stutfield. Já desisti de tentar reformá-lo. Seria preciso uma empresa pública com um quadro de diretores e um secretário contratado para fazer isso. Mas o secretário o senhor já tem, não é, lorde Illingworth? Gerald Arbuthnot comentou conosco a sorte que teve. O senhor está sendo realmente muito generoso.

lorde illingworth Ah, não diga isso, lady Hunstanton. Generoso é uma palavra horrível. Gostei imensamente do jovem Arbuthnot assim que o conheci, e ele será de considerável serventia para mim numa coisa que eu, tolo que sou, estou pensando em fazer.

lady hunstanton Ele é um rapaz admirável. E a mãe dele é uma das minhas amigas mais queridas. O senhor Arbuthnot acabou de sair para caminhar com nossa bela americana. Ela é muito bonita, não é?

lady caroline Bonita demais, eu diria. Essas meninas americanas conquistam todos os bons partidos. Por que elas não podem ficar lá no país delas? Não vivem nos dizendo que lá é o paraíso das

mulheres?

lorde illingworth E é, lady Caroline. É por isso que, como Eva, elas estão tão ansiosas para sair dele.

lady caroline Quem são os pais da senhorita Worsley?

lorde illingworth As americanas são muito hábeis em esconder os pais.

lady hunstanton Meu caro lorde Illingworth, o que o senhor está insinuando? A senhorita Worsley, Caroline, é órfã. O pai dela era um abastado milionário ou filantropo, ou ambos, creio, que recebeu meu filho com muita hospitalidade quando ele visitou Boston. Não sei como foi que fez fortuna.

kervil Imagino que produtos americanos.

lady hunstanton Que produtos americanos?

lorde illingworth Romances americanos.

lady hunstanton Que coisa mais curiosa! Bem, qualquer que seja a origem da imensa fortuna dela, tenho grande estima pela senhorita Worsley. Ela se veste extremamente bem. Todas as americanas se vestem bem. Elas compram suas roupas em Paris.

sra. allonby Dizem, lady Hunstanton, que os americanos bons, quando morrem, vão para Paris.

lady hunstanton É mesmo? E os americanos maus, para onde é que vão?

lorde illingworth Ah, eles vão para a América.

kervil Parece-me, lorde Illingworth, que o senhor não dá à América o seu devido valor. Trata-se de um país admirável, principalmente considerando que é ainda um país tão jovem.

lorde illingworth A juventude da América é sua mais antiga tradição. É assim já há trezentos anos. Pelo modo como eles falam, a impressão que se tem é de que ainda estão na primeira infância. Em termos de civilização, estão na segunda.

kervil Há sem dúvida muita corrupção na política americana. Imagino que seja a isso que o senhor esteja se referindo?

lorde illingworth Será?

lady hunstanton Dizem que os políticos estão num triste estado em toda parte. Na Inglaterra, certamente estão. Nosso caro senhor Cardew está arruinando o país. Não entendo como a senhora Cardew permite. Tenho certeza, lorde Illingworth, de que o senhor não acha que pessoas sem instrução devam ter direito de voto, acha?

lorde illingworth Eu acho que elas são as únicas pessoas que devem.

kervil O senhor então não toma partido na política moderna, lorde Illingworth?

lorde illingworth Não se deve nunca tomar partido em nada, senhor Kervil. Tomar partido é o começo da sinceridade, e com ela logo vem a seriedade, e então o ser humano se torna enfadonho. No

entanto, o mal que a Câmara dos Comuns faz é realmente muito pequeno. Não se pode tornar as pessoas boas por decreto — e isso já é alguma coisa.

kelvil O senhor não pode negar que a Câmara dos Comuns sempre se mostrou muito solidária com o sofrimento dos pobres.

lorde illingworth Esse é o principal vício dela. Aliás, é o principal vício dessa era. Devíamos nos solidarizar com a alegria, a beleza, o colorido da vida. Quanto menos se falar das chagas da vida, melhor, senhor Kelvil.

kelvil Mesmo assim, nosso subúrbio é um problema muito sério.

lorde illingworth Sem dúvida. É o problema da escravidão. E tentamos resolvê-lo divertindo os escravos.

lady hunstanton Decerto muita coisa pode ser feita mediante diversões baratas, como o senhor diz, lorde Illingworth. O doutor Daubeny, querido reitor da nossa paróquia, oferece, com o auxílio de seus curas, recreações realmente admiráveis para os pobres durante o inverno. E pode-se fazer um grande bem por meio de uma lanterna mágica, de um missionário ou de alguma distração popular desse tipo.⁸

lady caroline Eu não sou nem um pouco a favor de se oferecer diversão para os pobres, Jane. Carvão e cobertores já bastam. Já se tem amor demais ao prazer nas classes mais altas. O que queremos na vida moderna é saúde. E essa tendência não é saudável, não é saudável mesmo.

kelvil A senhora tem toda a razão, lady Caroline.

lady caroline Eu geralmente tenho, creio.

sra. allonby É uma palavra horrível, “saúde”.

lorde illingworth A mais tola da nossa língua, e todos estão bem a par da noção que o povo tem do que é saúde. Cavalheiros ingleses do campo galopando atrás de uma raposa — o indescritível perseguindo o incomível.

kelvil Eu poderia lhe perguntar, lorde Illingworth, se o senhor considera a Câmara dos Lordes uma instituição melhor do que a Câmara dos Comuns?

lorde illingworth Muito melhor, claro. Na Câmara dos Lordes jamais consideramos a opinião pública. Isso faz de nós um corpo civilizado.

kelvil O senhor está falando sério ao declarar tal opinião?

lorde illingworth Muito sério, senhor Kelvil. *(para a sra. Allonby)*

Mania vulgar essa que as pessoas têm hoje em dia de nos perguntar, quando expressamos uma ideia, se estamos falando sério ou não. Nada é sério a não ser a paixão. O intelecto não é nem nunca foi uma coisa séria. Ele é um instrumento no qual tocamos, só isso. A única forma séria de intelecto que conheço é o intelecto britânico. E no intelecto britânico os iletrados tocam tambor.

lady hunstanton O que foi que o senhor disse sobre tambor, lorde Illingworth?

lorde illingworth Eu estava apenas conversando com a senhora Allonby sobre as principais matérias dos jornais de Londres.

lady hunstanton Mas o senhor não acredita em tudo que sai nos jornais, acredita?

lorde illingworth Acredito. Hoje em dia só o ilegível acontece.

Levanta-se com a sra. Allonby.

lady hunstanton Vai sair, senhora Allonby?

sra. allonby Só vou até o jardim de inverno. Lorde Illingworth me disse esta manhã que há uma orquídea tão bonita quanto os sete pecados capitais.

lady hunstanton Espero que não haja nada semelhante, minha querida, ou certamente vou ter de falar com o jardineiro.

Saem a sra. Allonby e lorde Illingworth.

lady caroline Que tipo notável é a senhora Allonby, não?

lady hunstanton Ela às vezes se deixa levar um pouco por sua língua mordaz.

lady caroline Será que essa é a única coisa pela qual ela se deixa levar, Jane?

lady hunstanton Espero sinceramente que sim, Caroline. *(entra lorde Alfred)* Meu caro lorde Alfred, venha se juntar a nós. *(lorde Alfred9 senta-se ao lado de lady Stutfield)*

lady caroline Você não vê mal em ninguém, Jane. Esse é um grande defeito.

lady stutfield A senhora acha mesmo, lady Caroline, que se deva pensar mal de todo mundo?

lady caroline Acho que é muito mais seguro assim, lady Stutfield. Até, claro, que se descubra que as pessoas são boas. Mas isso requer muita investigação, hoje em dia.

lady stutfield Mas há tanto mexerico maldoso na vida moderna.

lady caroline Lorde Illingworth comentou comigo no jantar de ontem que a base de todo mexerico é uma certeza absolutamente imoral.

kervil Lorde Illingworth é decerto um homem brilhante, mas me parece faltar a ele aquela admirável fé na nobreza e na pureza da vida, que é tão importante neste nosso século.

lady stutfield É mesmo, é muito, muito importante, não é?

kervil Ele me passa a impressão de ser um homem que não tem muito apreço pela beleza da vida doméstica inglesa. Eu diria até que ele foi contaminado por ideias estrangeiras sobre o assunto.

lady stutfield Não há nada, nada mesmo, como a beleza da vida doméstica, não é verdade?
kelvil Ela é o esteio do nosso sistema moral na Inglaterra, lady Stutfield. Sem ela, ficaríamos como nossos vizinhos.
lady stutfield Isso seria muito, muito triste, não seria?
kelvil Receio também que lorde Illingworth veja as mulheres como meros brinquedos. Ora, eu nunca vi as mulheres como brinquedos. A mulher é a parceira intelectual do homem tanto na vida privada quanto na pública. Sem ela, esqueceríamos nossos verdadeiros ideais.

Senta-se ao lado de lady Stutfield.

lady stutfield Fico muito, muito contente em ouvir o senhor dizer isso.
lady caroline O senhor é casado, senhor Kettle?
sir john Kelvil, meu bem, Kelvil.
kelvil Sim, sou casado, lady Caroline.
lady caroline Tem filhos?
kelvil Tenho.
lady caroline Quantos?
kelvil Oito.

Lady Stutfield volta sua atenção para lorde Alfred.

lady caroline A senhora Kettle e as crianças estão no litoral, imagino.

Sir John dá de ombros.

kelvil Minha esposa está no litoral com as crianças, lady Caroline.
lady caroline O senhor, sem dúvida, vai se juntar a elas mais tarde, não?
kelvil Se os meus compromissos públicos me permitirem.
lady caroline Sua vida pública deve ser fonte de grande satisfação para a senhora Kettle.¹⁰
sir john Kelvil, meu amor, Kelvil.
lady stutfield (*para lorde Alfred*) São muito, muito elegantes esses seus cigarros de ponta dourada, lorde Alfred.
lorde alfred E caríssimos. Só me permito fumá-los quando estou endividado.
lady stutfield Deve ser muito, muito angustiante estar endividado.
lorde alfred É preciso ter alguma ocupação hoje em dia. Se não fossem minhas dívidas eu não teria nada em que pensar. Todos os meus conhecidos estão endividados.
lady stutfield Mas as pessoas a quem o senhor deve não lhe causam

muito, muito transtorno?

Entra o lacaio.

lorde alfred Não, elas escrevem; eu não.

lady stutfield Isso é muito, muito estranho.

lady hunstanton Ah, aqui está a carta, Caroline, da minha querida senhora Arbuthnot. Ela não vem jantar. Que pena! Mas vem aqui à noite. Que bom! Ela é uma das mulheres mais doces que eu conheço. E também tem uma letra linda,¹¹ muito grande, muito firme.

Passa a carta a lady Caroline.

lady caroline (*examinando a carta*) Falta um pouco de feminilidade à letra dela, Jane. A feminilidade é a qualidade que eu mais admiro nas mulheres.

lady hunstanton (*pegando a carta de volta e deixando-a em cima da mesa*) Ah, mas ela é muito feminina, Caroline, e muito bondosa também. Devia ouvir o que o arcediogo fala dela. Ele a considera seu braço direito na paróquia. (*o lacaio fala com ela*) Na sala amarela. Vamos todos entrar? Lady Stutfield, vamos entrar para tomar chá?

lady stutfield Com prazer, lady Hunstanton.

Eles se levantam e se dirigem ao interior da casa. Sir John se oferece para carregar a capa de lady Stutfield.

lady caroline John! Se você permitir que seu sobrinho se encarregue de levar a capa de lady Stutfield, poderia me ajudar com minha cesta de costura.

Entram lorde Illingworth e a sra. Allonby.

sir john Certamente, meu amor.

Saem.

sra. allonby Que coisa curiosa... As mulheres feias sempre têm ciúme do marido, mas as mulheres bonitas nunca têm!

lorde illingworth Mulheres bonitas não têm tempo para isso. Estão sempre muito ocupadas sentindo ciúme dos maridos das outras.

sra. allonby Eu imaginava que a essa altura lady Caroline já teria se cansado de sentir ansiedade conjugal! Sir John já é o quarto marido

dela!

lorde illingworth Tanto casamento certamente não cai bem. Vinte anos de romance fazem uma mulher parecer uma ruína, mas vinte de casamento fazem dela um edifício público.

sra. allonby Vinte anos de romance! Isso existe?

lorde illingworth Não nos nossos dias. As mulheres se tornaram brilhantes demais. Nada estraga mais um romance do que senso de humor na mulher.

sra. allonby Ou a falta dele no homem.¹²

lorde illingworth Tem razão. Num templo todos devem ser sérios, menos o objeto de louvor.

sra. allonby E esse objeto deve ser o homem?

lorde illingworth As mulheres se ajoelham com graça. Os homens, não.

sra. allonby O senhor está pensando em lady Stutfield!

lorde illingworth Eu lhe asseguro que não pensei em lady Stutfield nos últimos quinze minutos.

sra. allonby Ela é um mistério assim tão grande?

lorde illingworth Ela é mais que um mistério — é um estado de espírito.

sra. allonby Estados de espírito não duram.

lorde illingworth Esse é o principal encanto deles.

Entram Hester e Gerald.

gerald Lorde Illingworth, todo mundo está me dando os parabéns — lady Hunstanton, lady Caroline... todo mundo. Eu espero conseguir ser um bom secretário.

lorde illingworth Você será um secretário exemplar, Gerald.

Conversa com ele.

sra. allonby A senhorita gosta da vida no campo, senhorita Worsley?

hester Gosto, gosto muito.

sra. allonby Não se pega às vezes sentindo falta dos jantares festivos de Londres?

hester Não gosto dos jantares festivos de Londres.

sra. allonby Pois eu adoro. As pessoas inteligentes nunca ouvem e as pessoas tolas nunca falam.

hester Acho que as pessoas tolas falam muitíssimo.

sra. allonby Ah, eu nunca ouço!

lorde illingworth Meu caro rapaz, se não gostasse de você, eu não teria lhe feito a proposta que fiz. É porque gosto tanto de você que quero tê-lo comigo. (*saem Hester e Gerald*) Rapaz encantador, esse

Gerald Arbuthnot!

sra. allonby Ele é muito agradável, muito mesmo. Mas eu não suporto a mocinha americana.

lorde illingworth Por quê?

sra. allonby Imagine que ela me disse ontem, e ainda por cima em voz bem alta, que só tem dezoito anos. Foi extremamente irritante.

lorde illingworth Nunca devemos confiar numa mulher que nos diz sua verdadeira idade. Uma mulher que é capaz de nos dizer isso é capaz de nos dizer qualquer coisa.

sra. allonby E ela é puritana, além de tudo...

lorde illingworth Ah, isso é imperdoável. Não me importo quando mulheres feias são puritanas. É a única desculpa que elas têm para serem feias. Mas ela é indiscutivelmente linda. Eu a admiro imensamente.

Olha fixamente para a sra. Allonby. [13](#)

sra. allonby O senhor deve ser mesmo um homem muito mau!

lorde illingworth O que a senhora chama de homem mau?

sra. allonby O tipo de homem que admira a inocência.

lorde illingworth E uma mulher má?

sra. allonby Ah, o tipo de mulher de que um homem nunca se cansa.

lorde illingworth A senhora é severa... consigo mesma.

sra. allonby Defina-nos como sexo.

lorde illingworth Esfinges [14](#) sem segredos.

sra. allonby Isso inclui as puritanas?

lorde illingworth Sabe, não acredito na existência de mulheres puritanas! Não acho que exista uma única mulher no mundo que não se sentiria um pouco lisonjeada se alguém a cortejasse. É isso que faz as mulheres serem irresistivelmente adoráveis.

sra. allonby O senhor acha que não há uma só mulher no mundo que se oporia a ser beijada?

lorde illingworth Acho que há muito poucas.

sra. allonby A senhorita Worsley não deixaria que o senhor a beijasse.

lorde illingworth Tem certeza?

sra. allonby Tenho.

lorde illingworth O que a senhora acha que ela faria se eu a beijasse?

sra. allonby Se casaria com o senhor ou bateria no seu rosto com a luva. O que o senhor faria se ela lhe batesse no rosto com a luva?

lorde illingworth Provavelmente eu me apaixonaria por ela.

sra. allonby Que sorte, então, que o senhor não vai beijá-la!

lorde illingworth Isso é um desafio?

sra. allonby É uma flecha atirada ao ar.

lorde illingworth A senhora não sabe que sempre tenho êxito em

tudo?

sra. allonby Que pena. Nós, mulheres, adoramos fracassados. Eles se apoiam em nós.

lord e illingworth Vocês veneram os bem-sucedidos. Colam-se a eles.

sra. allonby Somos os louros que lhes escondem a calvície.

lord e illingworth E eles precisam de vocês sempre, salvo na hora do triunfo.

sra. allonby Eles perdem o encanto nessa hora.

lord e illingworth Que grande provocadora a senhora é!

Uma pausa.

sra. allonby Lord e Illingworth, há uma coisa pela qual eu sempre vou gostar do senhor.

lord e illingworth Só uma? Tenho tantas más qualidades.

sra. allonby Ah, não se vanglorie demais delas. O senhor pode perdê-las quando envelhecer.

lord e illingworth Não pretendo envelhecer nunca. A alma nasce velha, mas fica mais jovem com o tempo. Essa é a comédia da vida.

sra. allonby E o corpo nasce jovem e envelhece com o tempo. Essa é a tragédia da vida.

lord e illingworth E é a comédia também, às vezes. Mas qual é a misteriosa razão pela qual a senhora sempre vai gostar de mim?

sra. allonby É que o senhor nunca me cortejou.

lord e illingworth Nunca fiz outra coisa.

sra. allonby É mesmo? Nunca notei.

lord e illingworth Que sorte! Poderia ter sido uma tragédia para nós dois.

sra. allonby Acho que teríamos sobrevivido.

lord e illingworth Uma pessoa pode sobreviver a tudo hoje em dia, menos à morte, e se recuperar de qualquer coisa, menos de uma boa reputação.

sra. allonby O senhor já tentou ter uma boa reputação?

lord e illingworth Essa é uma das muitas amofinações às quais nunca fui submetido.

sra. allonby Mas talvez ainda venha a ser.

lord e illingworth Por que a ameaça?

sra. allonby Eu lhe direi depois que o senhor tiver beijado a puritana.

Entra o lacaio.

francis O chá está servido na sala amarela, milorde.

lord e illingworth Diga a lady Hunstanton que nós já vamos.

francis Pois não, milorde.

Sai.

lorde illingworth Vamos entrar para tomar chá?

sra. allonby O senhor apreciava esses prazeres simples?

lorde illingworth Adoro os prazeres simples. Eles são o último refúgio do complexo. Mas, se a senhora quiser, podemos ficar aqui. Sim, vamos ficar aqui. O Livro da Vida começa com um homem e uma mulher num jardim.

sra. allonby E termina com o Apocalipse.

lorde illingworth A senhora esgrime divinamente com as palavras. Mas seu florete perdeu o botão.

sra. allonby Ainda tenho a máscara.

lorde illingworth Ela deixa seus olhos mais bonitos.

sra. allonby Obrigada. Venha.

lorde illingworth (*vê a carta da sra. Arbuthnot na mesa, pega-a e examina o envelope*) Que letra curiosa! Faz lembrar a de uma mulher que conheci anos atrás.

sra. allonby Quem?

lorde illingworth Ah, ninguém. Ninguém em particular. Uma mulher sem importância.¹⁵

Joga a carta de volta na mesa e sobe os degraus da varanda com a sra. Allonby. Sorriem um para o outro.

fim do primeiro ato.

Segundo ato

cena

Sala de estar de Hunstanton, depois do jantar, lâmpadas acesas. Portas ao fundo, uma à esquerda e outra à direita.

Senhoras sentadas em sofás. ¹

sra. allonby Que alívio se livrar um pouco dos homens!

lady stutfield É mesmo. Os homens nos perseguem terrivelmente, não?

sra. allonby Perseguem? Bem que eu gostaria.

lady hunstanton Minha querida!

sra. allonby O mais irritante é que os desgraçados conseguem ficar perfeitamente felizes sem nós. É por isso que eu acho que é dever de toda mulher não deixá-los sozinhos nem por um instante, a não ser durante essa breve pausa para respirar depois do jantar; sem a qual eu acredito que nós, pobres mulheres, ficaríamos absolutamente esfalfadas.

Entram criados com café.

lady hunstanton Esfalfadas, querida?

sra. allonby Sim, lady Hunstanton. É um esforço tão grande manter os homens na linha. Eles estão sempre tentando escapar de nós.

lady stutfield A minha impressão é que somos nós que estamos sempre tentando escapar deles. Os homens são muito, muito cruéis. Eles sabem o poder que têm e o usam.

lady caroline (*recebe café do criado*) Isso que vocês estão dizendo sobre os homens é um amontoado de tolices! A coisa certa a fazer é mantê-los no seu devido lugar.

sra. allonby Mas qual é o devido lugar dos homens, lady Caroline?

lady caroline Cuidando de suas esposas, senhora Allonby.

sra. allonby (*recebe café do criado*) É mesmo? E se eles não são casados?

lady caroline Se não são casados, deveriam estar procurando uma esposa. É um verdadeiro escândalo a quantidade de homens solteiros que frequentam a sociedade atualmente. Deveria haver uma lei que obrigasse todos eles a se casarem num prazo de doze meses.

lady stutfield (*recusa o café*) Mas e se eles estiverem apaixonados por uma mulher que, digamos, esteja comprometida com outro?

lady caroline Nesse caso, lady Stutfield, eles deveriam ser casados à força, dentro de uma semana, com alguma moça feia e respeitável, para aprenderem a não se meter com propriedades alheias.

sra. allonby Acho que não devemos nunca ser descritas como

propriedades de quem quer que seja. Todos os homens casados são propriedades das esposas. Essa é a única definição do que de fato uma esposa possui. Mas nós não pertencemos a ninguém.²

lady stutfield Ah, eu fico muito, muito satisfeita em ouvir a senhora dizer isso.

lady hunstanton Mas você realmente acha, Caroline, que uma lei iria melhorar de alguma forma essa situação? Tenho ouvido dizer que hoje em dia todos os homens casados vivem como se fossem solteiros e todos os homens solteiros vivem como se fossem casados.

sra. allonby Eu certamente nunca consigo distinguir uns dos outros.

lady stutfield Ah, eu acho que sempre conseguimos perceber de imediato se um homem tem ou não responsabilidades familiares. Eu já notei uma expressão muito, muito triste nos olhos de tantos homens casados.

sra. allonby A única coisa que eu já notei é que eles são terrivelmente maçantes quando são bons maridos e abominavelmente metidos quando não o são.

lady hunstanton Bem, suponho que os tipos de marido tenham mudado inteiramente desde os meus tempos de juventude, mas devo dizer que o meu querido Hunstanton era a mais encantadora e bondosa das criaturas, um homem de ouro.

sra. allonby Já o meu marido é uma espécie de nota promissória;³ estou cansada de satisfazer suas exigências.

lady caroline Mas a senhora o troca de tempos em tempos, não?

sra. allonby Ah, não, lady Caroline. Eu só tive um marido até hoje. Imagino que para a senhora eu não passe de uma simples amadora.

lady caroline Com suas visões de mundo, é de espantar até que a senhora tenha chegado a se casar.

sra. allonby Concordo.

lady hunstanton Meu bem, acho que a senhora na verdade é muito feliz no seu casamento, mas gosta de esconder sua felicidade das outras pessoas.

sra. allonby Eu lhe asseguro que estava terrivelmente enganada em relação a Ernest.

lady hunstanton Ah, espero que não, querida. Eu conhecia muito bem a mãe dele. Ela era uma Stratton, Caroline, uma das filhas de lorde Crowland.

lady caroline Victoria Stratton? Eu me lembro dela perfeitamente. Uma loura boba e sem queixo.

sra. allonby Ah, Ernest tem queixo. Um queixo muito forte, um queixo quadrado. O queixo de Ernest é quadrado demais.

lady stutfield Mas a senhora acredita mesmo que o queixo de um homem possa ser quadrado demais? Eu acho que um homem deve parecer muito, muito forte e que o queixo dele deve ser muito,

muito quadrado.

sra. allonby Então a senhora definitivamente precisa conhecer Ernest, lady Stutfield. Mas é justo lhe avisar de antemão que ele não é bom de conversa.

lady stutfield Adoro homens calados.

sra. allonby Ah, mas Ernest não é calado. Ele fala o tempo inteiro, só que não tem assunto. Sobre o que ele fala eu não sei. Não ouço o que diz faz anos.

lady stutfield A senhora nunca o perdoou então? Isso parece tão triste! Mas todas as vidas são muito, muito tristes, não são?

sra. allonby A vida, lady Stutfield, é simplesmente um *mauvais quart d'heure*⁴ feito de momentos deliciosos.

lady stutfield Sim, há momentos, certamente. Mas foi algo de muito, muito errado que o senhor Allonby fez? Ele se exaltou com a senhora e disse alguma indelicadeza ou verdade?

sra. allonby Ah, não, não. Ernest está sempre, invariavelmente, calmo. Essa é uma das razões por que ele me dá nos nervos. Nada é mais irritante do que a calma. Há algo de absolutamente brutal no bom temperamento da maioria dos homens modernos. É um espanto para mim que nós, mulheres, suportemos isso tão bem quanto suportamos.

lady stutfield É verdade; o bom temperamento dos homens mostra que eles não são tão sensíveis quanto nós, não têm nervos tão delicados. Isso produz muitas vezes uma enorme barreira entre marido e mulher, não é verdade? Mas eu gostaria tanto de saber o que foi que o senhor Allonby fez de errado.

sra. allonby Bem, eu vou lhe contar, se a senhora me prometer solenemente que vai contar para todo mundo.

lady stutfield Obrigada, obrigada. Eu vou tomar o cuidado de espalhar.

sra. allonby Quando Ernest e eu estávamos noivos, ele me jurou de joelhos que nunca havia amado ninguém além de mim em toda a sua vida. Eu era muito jovem na época, então nem preciso lhe dizer que não acreditei nele. Infelizmente, porém, eu não investiguei o caso naquela altura e só fui fazer indagações a respeito quando já estava casada fazia quatro ou cinco meses. Foi então que descobri que o que ele me disse era a mais pura verdade. E esse tipo de coisa torna um homem absolutamente desinteressante.⁵

lady hunstanton Minha querida!

sra. allonby Os homens sempre querem ser o primeiro amor de uma mulher. Essa é a inepta vaidade deles. Nós, mulheres, temos um instinto mais sutil em relação às coisas. O que queremos é ser o último romance de um homem.

lady stutfield Entendo o que a senhora quer dizer. É muito, muito

bonito.

lady hustanton Meu bem, a senhora não está querendo me dizer que não perdoa seu marido porque ele nunca amou outra pessoa, está? Você já ouviu uma coisa dessas, Caroline? Estou muito surpresa.

lady caroline Ah, as mulheres se tornaram tão instruídas, Jane, que nada mais deveria nos surpreender hoje em dia, a não ser casamentos felizes. Ao que parece, eles estão se tornando extraordinariamente raros.

sra. allonby Ah, sim, eles estão muito fora de moda.

lady stutfield Salvo nas classes médias, ouvi dizer.

sra. allonby Isso é tão típico das classes médias!

lady stutfield É mesmo, não é? É muito, muito típico delas.

lady caroline Se o que a senhora diz sobre as classes médias é verdade, lady Stutfield, isso é um grande mérito delas. É lamentável que na nossa camada social as esposas sejam tão persistentemente fúteis, ao que parece por terem a impressão de que esse é o comportamento adequado a adotar. É a isso que eu atribuo o fato de tantos casamentos na sociedade serem infelizes, como todas nós bem sabemos.

sra. allonby Sabe, lady Caroline, eu não acho que a futilidade das esposas tenha relação alguma com isso. Mais casamentos são arruinados hoje em dia por causa do bom senso dos maridos do que por qualquer outro motivo. Como se pode esperar que uma mulher seja feliz com um homem que insiste em tratá-la como se ela fosse um ser perfeitamente racional?

lady hunstanton Minha querida!

sra. allonby O homem — o pobre, desajeitado, confiável e necessário homem — pertence a um sexo que vem sendo racional há milhões e milhões de anos. Não consegue evitar. Está na raça dele. Já a história da mulher é muito diferente. Sempre fomos pitorescos protestos contra a própria existência do bom senso. Percebemos desde o início o perigo que ele representava.

lady stutfield É verdade, o bom senso dos maridos é certamente muito, muito exasperante. Diga-me, por favor, qual é a sua concepção de marido ideal. Eu acho que seria de muita, muita utilidade.

sra. allonby O marido ideal? Não há como existir tal coisa. É uma instituição equivocada.

lady stutfield O homem ideal, então, no que tange a *nós*.

lady caroline Ele provavelmente seria extremamente realista.

sra. allonby O homem ideal! Ah, o homem ideal deve falar conosco como se fôssemos deusas e nos tratar como se fôssemos crianças. Deve recusar todos os nossos pedidos sérios e satisfazer todos os nossos caprichos. Deve nos estimular a ter veleidades e nos proibir de ter missões. Deve sempre dizer muito mais do que quer dizer e

sempre querer dizer muito mais do que diz.

lady hunstanton Mas como ele poderia fazer as duas coisas, minha querida?

sra. allonby Não deve nunca fazer pouco de outras mulheres bonitas. Isso mostraria que não tem bom gosto, ou nos faria desconfiar de que ele tenha bom gosto demais. Não; deve ser simpático com todas elas e falar bem de todas elas, mas dizer que, por alguma razão, não o atraem.

lady stutfield Sim, isso é sempre muito, muito agradável de se ouvir sobre outras mulheres.

sra. allonby Se lhe fizermos uma pergunta a respeito de alguma coisa, ele deve nos dar uma resposta inteiramente a respeito de nós mesmas. Deve invariavelmente nos elogiar por sejam quais forem as qualidades que ele sabe que não temos, mas deve ser implacável, absolutamente implacável, ao nos criticar por virtudes que jamais sonhamos que tivéssemos. Nunca deve acreditar que sabemos a utilidade de coisas úteis. Isso seria imperdoável. Mas deve nos cobrir de tudo o que não queremos.

lady caroline A meu ver, ele não precisa fazer nada a não ser pagar contas e tecer elogios.

sra. allonby Ele deve nos humilhar constantemente em público e nos tratar com total respeito quando estivermos sozinhos. E no entanto deve estar sempre pronto a fazer uma cena absolutamente vergonhosa toda vez que quisermos uma, e a ficar arrasado, inteiramente arrasado, de um minuto para o outro, e a nos massacrar apenas com acusações justas em menos de vinte minutos, e a tornar-se definitivamente violento depois de meia hora, e a deixar-nos para sempre às quinze para as oito, quando tivermos que nos aprontar para o jantar. E quando, depois disso, nós o tivermos visto realmente pela última vez e ele tiver se recusado a aceitar de volta as pequenas coisas que nos deu e prometido nunca mais se comunicar conosco novamente nem nos escrever mais nenhuma carta ridícula, ele deve ficar com o coração absolutamente partido e nos telegrafar o dia inteiro, e nos enviar bilhetinhos a cada meia hora por meio de um portador, e jantar sozinho no clube para que todos saibam como está infeliz. E depois de uma semana inteira de angústia, durante a qual fomos para praticamente todo lado com nosso marido, só para mostrar como estamos na mais absoluta solidão, podemos conceder a ele uma terceira e última despedida, à noite. E então, se a conduta dele tiver sido irrepreensível e tivermos nos comportado de uma forma realmente horrível, podemos lhe dar a chance de admitir que ele estava totalmente errado. E quando tiver admitido isso, torna-se dever da mulher perdoar, e então pode-se fazer tudo outra vez, desde o início, com variações.

lady hunstanton Estou admirada com sua inteligência, minha querida!

A senhora nunca leva a sério uma só palavra do que diz.

lady stutfield Obrigada, obrigada. Foi absolutamente fascinante.

Preciso fazer um esforço para não me esquecer de nada. Há tantos, tantos detalhes que são de extrema importância.

lady caroline Mas a senhora não nos disse ainda qual seria a recompensa do homem ideal.

sra. allonby Recompensa? Ah, a infinita expectativa. Isso é mais que suficiente para ele.

lady stutfield Mas os homens são tão, tão terrivelmente exigentes, não são?

sra. allonby Isso não importa. Não devemos ceder jamais.

lady stutfield Nem mesmo ao homem ideal?

sra. allonby Principalmente a ele. A menos, claro, que se queira cansar dele.

lady stutfield Ah!... Sim. Eu entendo. Isso é muito, muito útil. A senhora acha, senhora Allonby, que vou encontrar o homem ideal algum dia? Ou existe mais de um?

sra. allonby Existem apenas quatro em Londres, lady Stutfield.

lady hunstanton Ai, meu Deus!

sra. allonby (*indo até ela*) O que houve, lady Hunstanton? Por favor, me diga.

lady hunstanton (*em voz baixa*) Esqueci completamente que a mocinha americana estava aqui conosco esse tempo todo. Receio que essa conversa espirituosa possa tê-la chocado um pouco.

sra. allonby Ah, isso vai fazer muito bem a ela!

lady hunstanton Vamos torcer para que não tenha entendido boa parte. Acho melhor eu ir até lá conversar com ela. (*levanta-se e atravessa a sala até onde está Hester Worsley*) Então, minha querida senhorita Worsley. (*senta-se ao lado dela*) A senhorita esteve tão quietinha no seu canto esse tempo todo! Imagino que estivesse lendo um livro. Há tantos livros aqui na biblioteca.

hester Não, eu estava escutando a conversa.

lady hunstanton Sabe, meu bem, a senhorita não deve acreditar em tudo o que foi dito.

hester Eu não acreditei em nada.

lady hunstanton Fez muito bem, minha querida.

hester (continuando) Não consigo acreditar que uma mulher possa realmente ter visões de mundo como as que ouvi aqui esta noite expressas por algumas das suas convidadas.

Pausa constrangedora.

lady hunstanton Eu soube que vocês têm uma sociedade muito agradável na América. Bem parecida com a nossa em alguns lugares, segundo meu filho me escreveu.

hester Há camarilhas na América como em qualquer outro lugar, lady Hunstanton. Mas a verdadeira sociedade americana consiste simplesmente em todas as boas mulheres e todos os bons homens que temos em nosso país.⁶

lady hunstanton Parece-me muito sensato esse sistema e, ousar dizer, muito agradável também. Aqui na Inglaterra, infelizmente, temos um excesso de barreiras sociais artificiais. Não nos relacionamos tanto quanto deveríamos com as classes médias e as classes inferiores.

hester Não temos classes inferiores na América.

lady hunstanton É mesmo? Que arranjo mais estranho!

sra. allonby Do que é que aquela menina detestável está falando?

lady stutfield Ela é singela ao extremo, não?

lady caroline Pelo que ouço, há uma enorme quantidade de coisas que vocês não têm na América, senhorita Worsley. Dizem que vocês não têm ruínas, tampouco antiguidades.

sra. allonby (*para lady Stutfield*) Que bobagem! Eles têm suas mães e seus modos.

hester A aristocracia inglesa nos supre de antiguidades, lady Caroline. Todo verão nos são enviadas regularmente, pelos navios a vapor, e nos pedem em casamento um dia depois de desembarcarem. Quanto às ruínas, nós estamos tentando construir algo que dure mais que tijolos ou pedras.

Levanta-se e *pega seu leque de cima da mesa*.

lady hunstanton E o que seria isso, minha querida? Ah, sim, uma exposição de ferro, não é, naquele lugar que tem um nome curioso?

⁷

hester (*de pé ao lado da mesa*) Estamos tentando construir uma vida, lady Hunstanton, alicerçada numa base melhor, mais verdadeira e mais pura do que aquela em que a vida se apoia aqui. Isso, sem dúvida, deve parecer estranho a todas vocês. Como poderia ser de outra maneira? Vocês, pessoas ricas da Inglaterra, não sabem como estão vivendo. Como poderiam saber? Excluíram da sua sociedade o bom e o gentil. Riem do que é simples e do que é puro. Vivendo, como todos vocês vivem, à custa dos outros e graças a eles, zombam do sacrifício e da abnegação. E se atiram pão aos pobres é apenas para calar-lhes a boca por algum tempo. Com toda a sua pompa, riqueza e arte, vocês não sabem viver — nem isso sabem. Amam a beleza que podem ver, tocar e manusear, a beleza que podem destruir e que destroem, mas da beleza invisível da vida, da beleza invisível de uma vida mais elevada, não sabem nada. Perderam o segredo da vida. Ah, sua sociedade inglesa me parece oca, egoísta, tola. Ela vendou os olhos e tapou os ouvidos. Jaz feito um leproso em berço de ouro. Repousa como uma coisa morta embrulhada em

luxo. Está toda errada, toda errada.

lady stutfield Não acho que uma pessoa deva saber dessas coisas. É muito, muito desagradável, não?

lady hunstanton Minha cara senhorita Worsley, eu achava que a senhorita gostava muito da sociedade inglesa. Seu sucesso nela foi tão grande e a senhorita foi admirada pelas melhores pessoas. Acabei esquecendo o que lorde Henry Weston disse a seu respeito... mas foi extremamente elogioso, e a senhorita sabe que ele é uma grande autoridade em beleza.

hester Lorde Henry Weston! Eu me lembro dele, lady Hunstanton. Um homem com um sorriso sórdido e um passado sórdido. Ele é convidado para tudo quanto é lugar. Nenhum jantar festivo está completo sem ele.⁸ E quanto às pessoas cuja ruína se deve a ele? São proscritas. São anônimas. Se as encontrasse na rua, a senhora viraria o rosto. Não reclamo da punição delas. Todas as mulheres que pecam devem ser punidas.

Entra a sra. Arbuthnot, vindo da varanda, usando uma capa e um véu de renda sobre a cabeça. Ela ouve as últimas palavras e tem um sobressalto.

lady hunstanton Meu bem!

hester É correto que elas sejam punidas, mas que não sejam elas as únicas a sofrer. Se um homem e uma mulher pecaram, que sejam os dois mandados ao deserto para lá se amarem ou se odiarem. Que sejam os dois estigmatizados. Ponham uma marca em cada um, se quiserem, mas não punam um e deixem o outro escapar ileso.⁹ Não tenham uma lei para os homens e outra para as mulheres. Vocês são injustos com as mulheres na Inglaterra. E, até que passem a considerar uma infâmia num homem o que é uma vergonha numa mulher, serão sempre injustos, e o Certo, essa coluna de fogo, e o Errado, essa coluna de nuvem, parecerão indistintos aos seus olhos, nem sequer serão vistos, ou, se forem vistos, ninguém lhes dará importância.

lady caroline Eu poderia lhe pedir, senhorita Worsley, já que a senhorita está de pé, que me passasse meu xale de algodão que está logo atrás da senhorita? Obrigada.¹⁰

lady hunstanton Minha querida senhora Arbuthnot! Estou tão feliz que a senhora tenha vindo. Mas não ouvi seu nome ser anunciado.

sra. arbuthnot Ah, eu entrei direto pela varanda, assim mesmo como estava, lady Hunstanton. Mas a senhora não me disse que havia aqui uma festa.

lady hunstanton Não é uma festa. São só alguns convidados que estão hospedados aqui comigo e que a senhora precisa conhecer. Permita-me. *(tenta ajudá-la. Toca a campainha)* Caroline, esta é a senhora Arbuthnot, uma das minhas amigas mais queridas. Lady Caroline Pontefract, lady Stutfield, senhora Allonby e a minha jovem amiga

americana, senhorita Worsley, que estava ainda agora nos dizendo como nós todos, os ingleses, somos maus.

hester Receio que a senhora ache que fui dura demais nas minhas palavras, lady Hunstanton. Mas há certas coisas na Inglaterra...

lady hunstanton Meu bem, havia muitas verdades no que a senhorita falou e a senhorita ficou muito bonita enquanto as dizia, o que é muito mais importante, lorde Illingworth nos diria. O único ponto em que achei que foi um pouco dura foi no que disse sobre o irmão de lady Caroline, o pobre lorde Henry. Ele é muito boa companhia, na verdade. *(entra o lacaio)* Leve as coisas da senhora Arbuthnot.

Sai o lacaio com os agasalhos.

hester Lady Caroline, eu não fazia ideia de que ele era seu irmão. Lamento muito pela dor que devo ter lhe causado... eu...

lady caroline Minha cara senhorita Worsley, a única parte do seu pequeno discurso, se posso chamá-lo assim, com a qual concordei inteiramente foi a parte a respeito do meu irmão. Não há nada que a senhorita possa dizer que seja cruel demais para ele. Considero Henry infame, absolutamente infame. Mas devo dizer, como você estava comentando, Jane, que ele é de fato excelente companhia e tem também um dos melhores cozinheiros de Londres, e depois de um bom jantar somos capazes de perdoar qualquer um, até um parente.

lady hunstanton *(para a srta. Worsley)* Agora venha para cá, minha querida, e conheça a senhora Arbuthnot. Ela é uma das pessoas simples, boas e gentis que a senhorita nos acusou de jamais admitirmos na sociedade. Lamento dizer que a senhora Arbuthnot só vem à minha casa muito raramente, mas não é por culpa minha.

sra. allonby Que maçada os homens demorarem tanto a se juntar a nós depois do jantar! Imagino que estejam falando coisas horrorosas a nosso respeito.

lady stutfield A senhora acha mesmo?

sra. allonby Tenho certeza.

lady stutfield Isso é muito, muito feio da parte deles! Que tal irmos para a varanda?

sra. allonby Ah, qualquer coisa para escapar das matriarcas e das arcaicas. *(levanta-se e se dirige com lady Stutfield à porta da esquerda)* Nós vamos sair um pouco para ver as estrelas, lady Hunstanton.

lady hunstanton Ah, as senhoras vão encontrar inúmeras, querida, inúmeras. Mas cuidado para não apanhar friagem. *(para a sra. Arbuthnot)* Sentiremos tanta falta de Gerald, senhora Arbuthnot.

sra. arbuthnot Mas lorde Illingworth ofereceu mesmo a Gerald o posto de secretário?

lady hunstanton Ofereceu, sim! E foi extremamente gentil na sua proposta. Ele tem a melhor opinião possível do seu menino. A

senhora, creio, ainda não conhece lorde Illingworth, conhece?

sra. arbuthnot Não, nunca o vi.

lady hunstanton Mas o conhece de nome, sem dúvida?

sra. arbuthnot Receio que nem mesmo de nome. Vivo tão fora do mundo, vejo tão pouca gente. Lembro de ter ouvido falar, anos atrás, de um velho lorde Illingworth que morava em Yorkshire, acho.

lady hunstanton Ah, sim, esse foi o penúltimo conde. Ele era um homem muito peculiar. Queria se casar com alguém socialmente inferior a ele. Ou não queria, creio. Correram alguns boatos sobre isso na época. O lorde Illingworth atual é muito diferente. É muito ilustre. Ele faz... bem, ele não faz nada, o que temo ser algo que nossa linda visitante americana reprove, e não sei se ele se interessa muito pelos assuntos que são tão caros à senhora, minha querida senhora Arbuthnot. Você acha, Caroline, que lorde Illingworth se interessa por habitações para os pobres?

lady caroline Suponho que nem um pouco, Jane.

lady hunstanton Bem, todos temos nossos próprios gostos, não é verdade? Mas lorde Illingworth goza de uma posição muito elevada na sociedade, e não há nada que ele não poderia conseguir se resolvesse pedir. Claro que ainda é um homem relativamente jovem e só recebeu seu título faz... Quanto tempo faz mesmo, Caroline, que lorde Illingworth herdou o título?

lady caroline Cerca de quatro anos, eu acho, Jane. Sei que foi no mesmo ano em que meu irmão apareceu pela última vez nos jornais vespertinos.

lady hunstanton Ah, sim, eu me lembro. Isso foi há mais ou menos quatro anos. Claro que havia muita gente entre o atual lorde Illingworth e o título, sabe, senhora Arbuthnot. Havia o... quem havia mesmo, Caroline?

lady caroline Havia o bebê de Margaret, coitada. Você lembra como ela estava ansiosa para que o bebê fosse menino, e realmente era, mas ele morreu e o marido dela morreu logo depois, e Margaret casou-se quase imediatamente com um dos filhos de lorde Ascot, que, me disseram, bate nela.

lady hunstanton Ah, isso é de família, querida, é de família. E havia também, eu me lembrei agora, um clérigo que queria ser lunático, ou um lunático que queria ser clérigo, esqueci qual dos dois, mas sei que o tribunal de justiça investigou a questão e decidiu que ele estava em seu juízo perfeito. Eu o vi depois, na casa do pobre lorde Plumstead, com palha no cabelo ou alguma outra coisa muito estranha. Não me recordo o quê. Eu muitas vezes lamento, Caroline, que nossa querida lady Cecília não tenha vivido para ver o filho receber o título

sra. arbuthnot Lady Cecilia?

lady hunstanton A mãe de lorde Illingworth, senhora Arbuthnot, era uma das lindas filhas da duquesa de Jerningham, e ela se casou com sir Thomas Harford, que na época não era considerado um partido à altura dela, embora se comentasse que era o homem mais bonito de Londres. Eu conheci todos eles bastante intimamente, e os dois filhos também, Arthur e George.

sra. arbuthnot Obviamente foi o filho mais velho que herdou o título, não, lady Hunstanton?

lady hunstanton Não, querida, ele foi morto quando estava caçando. Ou foi quando estava pescando, Caroline? Esqueci. Mas George acabou ficando com tudo. Sempre digo a ele que jamais um filho caçula teve tanta sorte quanto ele.

sra. arbuthnot Lady Hunstanton, eu gostaria de falar com Gerald imediatamente. Posso vê-lo? Seria possível mandar chamá-lo?

lady hunstanton Certamente, minha querida. Mandarei um dos criados até a sala de jantar para buscá-lo. Não sei o que está fazendo os cavalheiros demorarem tanto. *(toca a campainha)* Quando conheci lorde Illingworth, no tempo em que ainda era George Harford, ele era apenas um rapaz brilhante e bem relacionado que não tinha dinheiro algum a não ser o que a pobre lady Cecilia lhe dava. Ela era muito dedicada a ele. Principalmente, creio, porque ele não se dava com o pai.¹¹ Ah, aí vem o nosso querido arcediago. *(para o criado)* Não é nada.

Entram sir John e o dr. Daubeny. Sir John vai para perto de lady Stutfield e o dr. Daubeny para perto de lady Hunstanton.

arcediago Lorde Illingworth estava nos dizendo coisas muito engraçadas. Nunca me diverti tanto. *(vê a sra. Arbuthnot)* Ah, senhora Arbuthnot.

lady hunstanton *(para o dr. Daubeny)* O senhor viu? Afinal consegui convencer a senhora Arbuthnot a vir à minha casa.

arcediago É uma grande honra, lady Hunstanton. A senhora Daubeny vai ficar com muito ciúme da senhora.

lady hunstanton Ah, lamento tanto que a senhora Daubeny não tenha podido vir com o senhor hoje. Enxaqueca como sempre, imagino?

arcediago Pois é, lady Hunstanton, ela é uma verdadeira mártir. Mas fica mais feliz sozinha. Fica mais feliz sozinha.

lady caroline *(para o marido)* John!

Sir John vai para perto da esposa. O dr. Daubeny conversa com lady Hunstanton e com a sra. Arbuthnot.

A sra. Arbuthnot observa lorde Illingworth o tempo todo. Ele atravessa a sala sem notá-la e se aproxima da sra. Allonby, que está parada com lady Stutfield perto da porta que abre para a varanda.

lorde illingworth Como está a mulher mais encantadora do mundo?

sra. allonby (*pegando a mão de lady Stutfield*) Nós duas estamos muito bem, obrigada, lorde Illingworth. Mas os senhores se demoraram tão pouco na sala de jantar! Parece que acabamos de sair de lá.

lorde illingworth Eu estava quase morrendo de tédio. Não abri a boca uma única vez esse tempo todo, de tão ansioso que estava para vir para perto das senhoras.

sra. allonby O senhor deveria ter vindo. A americana esteve nos fazendo uma preleção.

lorde illingworth É mesmo? Todos os americanos fazem preleções,¹² creio. Imagino que tenha algo a ver com o clima de lá. Sobre o que foi a preleção?

sra. allonby Ah, sobre puritanismo, claro.

lorde illingworth Eu vou convertê-la, não vou? Quanto tempo a senhora me dá?

sra. allonby Uma semana.

lorde illingworth Uma semana é mais que suficiente.

Entram Gerald e lorde Alfred.

gerald (*andando em direção à sra. Arbuthnot*) Mamãe, querida.

sra. arbuthnot Gerald, não estou me sentindo nada bem. Por favor, me leve para casa. Eu não deveria ter vindo.

gerald Que pena, mamãe. Claro que a levo, mas antes a senhora precisa conhecer lorde Illingworth.

Segue em direção ao outro lado da sala.

sra. arbuthnot Hoje não, Gerald.

gerald Lorde Illingworth, quero muito que o senhor conheça a minha mãe.¹³

lorde illingworth Claro, com imenso prazer. (*para a sra. Allonby*) Volto num instante. As mães das pessoas sempre me causam um tédio mortal. Todas as mulheres ficam iguais às suas mães. Essa é a tragédia delas.

sra. allonby Nenhum homem fica. Essa é a deles.¹⁴

lorde illingworth A senhora está num estado de espírito encantador hoje!

Vira-se e atravessa a sala com Gerald em direção à sra. Arbuthnot. Quando a vê, para, surpreso. Em seguida, lentamente, volta os olhos para Gerald.

gerald Mamãe, este é lorde Illingworth, que me ofereceu o cargo de seu secretário particular. (*a sra. Arbuthnot o cumprimenta friamente com um aceno de cabeça*) É uma oportunidade maravilhosa para mim, não é? Só espero que ele não se decepcione comigo. A senhora vai agradecer a lorde Illingworth, não vai, mamãe?

sra. arbuthnot Lorde Illingworth está sendo muito bondoso, tenho certeza, ao se interessar por você neste momento.

lorde illingworth (*botando a mão no ombro de Gerald*) Ah, Gerald e eu

já somos grandes amigos, senhora... Arbuthnot.

sra. arbuthnot Não pode haver nada em comum entre o senhor e meu filho, lorde Illingworth.

gerald Mamãe, como a senhora pode dizer isso? Claro que lorde Illingworth é tremendamente inteligente e mais. Não há nada que lorde Illingworth não saiba.

lorde illingworth Meu caro rapaz!

gerald Ele sabe mais sobre a vida do que qualquer outra pessoa que eu já conheci. Eu me sinto um grande parvo quando estou com o senhor, lorde Illingworth. Claro que eu tive muito poucas vantagens. Não estudei em Eton nem em Oxford¹⁵ como outros rapazes. Mas lorde Illingworth não parece se importar com isso. Ele tem sido extremamente gentil comigo, mãe.

sra. arbuthnot Lorde Illingworth pode mudar de ideia. Ele pode não querer realmente ter você como secretário dele.

gerald Mamãe!

sra. arbuthnot Você não pode esquecer que, como você mesmo disse, teve muito poucas vantagens.

sra. allonby Lorde Illingworth, quero falar com o senhor um instante. Por favor, venha até aqui.

lorde illingworth A senhora me dá licença, senhora Arbuthnot? Escute, não deixe que sua encantadora mãe crie mais dificuldades, Gerald. O assunto já está acertado, não está?

gerald Eu espero que sim.

Lorde Illingworth vai até a sra. Allonby.

sra. allonby Eu pensei que o senhor nunca mais fosse sair de perto da senhora de veludo preto.¹⁶

lorde illingworth Ela é extraordinariamente bela.

Olha para a sra. Arbuthnot.

lady hunstanton Caroline, vamos todos passar para a sala de música? A senhorita Worsley vai tocar para nós. A senhora vem também, não vem, senhora Arbuthnot? Não sabe o deleite que a aguarda. (*para o dr. Daubeny*) Eu realmente preciso levar a senhorita Worsley à casa paroquial qualquer tarde dessas. Gostaria tanto que nossa querida senhora Daubeny a ouvisse tocar violino. Ah, eu me esqueci. A audição da senhora Daubeny está um pouco comprometida, não está?

arcediogo A falta de audição é uma grande privação para ela. Agora não consegue mais ouvir nem meus sermões. Tem de lê-los em casa. Mas a senhora Daubeny tem muita força interior, muita força.

lady hunstanton Ela lê muito, suponho?

arcediogo Só textos em letra bem grande. A visão está indo embora rapidamente. Mas nunca se deixa abater pelo desânimo, nunca se deixa abater.

gerald (para *lorde Illingworth*) Por favor, lorde Illingworth, fale com minha mãe antes de ir para a sala de música. Ela parece acreditar, não sei por quê, que o senhor não estava falando sério quando me fez a proposta.

sra. allonby O senhor não vem?

lorde illingworth Vou daqui a pouco. Lady Hunstanton, se a senhora Arbuthnot me permitir, eu gostaria de ter uma palavrinha com ela. Nós nos juntaremos a vocês depois.

lady hunstanton Ah, sim, claro. O senhor deve ter muito a dizer a ela e ela deve ter muito a lhe agradecer. Não é todo filho que recebe uma proposta dessas, senhora Arbuthnot. Mas eu sei que a senhora tem consciência disso, minha querida.

lady caroline John!

lady hunstanton Mas, olhe, não ocupe a senhora Arbuthnot por muito tempo, lorde Illingworth. Não podemos dispensar a companhia dela. *Sai, seguindo os outros convidados. Ouve-se som de violino vindo da sala de música.*¹⁷

lorde illingworth Então esse é o nosso filho, Rachel?¹⁸ Bem, eu estou muito orgulhoso dele. É um Harford, da cabeça aos pés. A propósito, por que Arbuthnot, Rachel?

sra. arbuthnot Um nome é tão bom quanto qualquer outro quando não se tem direito a nenhum.

lorde illingworth Imagino que sim... Mas por que Gerald?

sra. arbuthnot Em homenagem a um homem cujo coração eu parti — em homenagem ao meu pai.

lorde illingworth Bem, Rachel, o que passou passou. Tudo o que eu tenho a dizer agora é que estou muito, muito satisfeito com nosso menino. O mundo o conhecerá apenas como meu secretário particular, mas para mim ele será alguém muito próximo e muito querido. É uma coisa curiosa, Rachel; a minha vida parecia estar completa, mas não estava. Faltava algo a ela, faltava um filho. Encontrei meu filho agora e estou muito contente por isso.

sra. arbuthnot Você não tem nenhum direito a reivindicá-lo como filho, nem a reivindicar qualquer ínfima parte dele que seja. O menino é inteiramente meu e continuará sendo meu.

lorde illingworth Minha cara Rachel, você o teve só para si durante mais de vinte anos. Por que não deixar que eu fique um pouco com ele agora? Ele é tão meu quanto seu.

sra. arbuthnot Você está se referindo à criança que abandonou? À criança que, no que dependesse de você, poderia ter morrido de fome e de necessidade?

lorde illingworth Você se esquece, Rachel, que foi você quem me deixou. Não eu.

sra. arbuthnot Eu o deixei porque você se recusou a dar um nome à

criança. Antes de o meu filho nascer, eu implorei que se casasse comigo.

lorde illingworth Eu não tinha nenhuma perspectiva financeira na época. E além do mais, Rachel, eu não era muito mais velho que você. Tinha só vinte e dois anos. Vinte e um, creio, quando a coisa toda começou no jardim do seu pai.¹⁹

sra. arbutthnot Quando um homem tem idade o bastante para fazer o que é errado, ele deve ter idade o bastante para fazer o que é certo também.

lorde illingworth Minha cara Rachel, generalidades intelectuais são sempre interessantes, mas generalidades morais não significam absolutamente nada. Quanto a dizer que o nosso filho teria morrido de fome no que dependesse de mim, isso obviamente não só não é verdade como é uma estupidez. Minha mãe ofereceu a você seiscentas libras por ano.²⁰ Mas você não quis aceitar nada. Simplesmente desapareceu e levou junto a criança.

sra. arbutthnot Eu jamais aceitaria um centavo dela. Seu pai era diferente. Ele disse a você, na minha presença, quando estávamos em Paris, que você tinha o dever de se casar comigo.²¹

lorde illingworth Ah, dever é aquilo que se espera que outros façam, não o que a própria pessoa faz. Claro que fui influenciado pela minha mãe. Todo homem é quando jovem.

sra. arbutthnot Fico feliz em ouvi-lo dizer isso. Significa que Gerald certamente não vai embora com você.

lorde illingworth Que tolice, Rachel!

sra. arbutthnot Acha que eu iria permitir que meu filho...

lorde illingworth Nosso filho.

sra. arbutthnot Que meu filho (*lorde Illingworth dá de ombros*) fosse embora com o homem que estragou a minha juventude, que arruinou a minha vida, que manchou cada instante dos meus dias? Você não faz ideia do sofrimento e da vergonha que meu passado tem sido para mim.

lorde illingworth Minha cara Rachel, sou forçado a dizer com toda a franqueza que acredito que o futuro de Gerald seja consideravelmente mais importante que o seu passado.

sra. arbutthnot Gerald não pode separar o futuro dele do meu passado.

lorde illingworth É exatamente isso que ele deve fazer. É exatamente isso que você deve ajudá-lo a fazer. Que mulher típica você é! Fala de maneira sentimental, mas age de maneira inteiramente egoísta o tempo todo. Mas não vamos fazer cena. Rachel, quero que você olhe para essa questão do ponto de vista do bom senso, do ponto de vista do que é melhor para o nosso filho, deixando nós dois fora disso. O que o nosso filho é no momento? Um funcionário mal pago de um pequeno banco provinciano numa cidadezinha inglesa de terceira

classe. Se você imagina que ele está muito satisfeito nessa posição, engana-se. Ele está profundamente descontente.

sra. arbuthnot Gerald não estava descontente antes de conhecer você. Foi você que o fez ficar assim.

lord illingworth Claro que eu o fiz ficar assim. O descontentamento é o primeiro passo para o progresso, seja de um homem ou de uma nação. Mas eu não o deixei simplesmente com uma ânsia por coisas que ele não teria como conseguir. Não, eu lhe fiz uma excelente proposta. Proposta essa que ele agarrou na mesma hora, nem preciso dizer. Qualquer rapaz agarraria. E agora, só porque se descobriu que sou o próprio pai do rapaz e ele é meu filho, você quer arruinar a carreira dele. Ou seja, se eu fosse um completo estranho, você permitiria que Gerald fosse embora comigo, mas, como ele é sangue do meu sangue, não permite. Seu raciocínio não tem absolutamente lógica nenhuma!

sra. arbuthnot Não vou permitir que ele vá.

lord illingworth Como você pode impedir que ele vá? Que justificativa pode lhe dar para fazer com que recuse uma oferta como a minha? Não vou contar a ele qual é a nossa verdadeira relação, nem preciso dizer. E você não vai ter coragem de contar. Sabe disso. Pense em como o criou.

sra. arbuthnot Eu o criei para ser um homem bom.

lord illingworth Exato. E o que isso significa? Significa que você o educou para ser o seu juiz, se algum dia descobrir a verdade. E ele será um juiz cruel e injusto para você. Não se engane, Rachel. Os filhos começam amando os pais. Depois de algum tempo, eles os julgam. Raramente eles os perdoam, se é que perdoam.

sra. arbuthnot George, não tire meu filho de mim. Vivi vinte anos de sofrimento, e só tive uma pessoa que me amasse e só uma pessoa para amar. Você teve uma vida de alegrias, de prazeres, de sucesso. Tem sido muito feliz e nunca pensou em nós. Não havia nenhuma razão, de acordo com sua visão de mundo, para que se lembrasse de nós. O fato de ter nos encontrado foi mero acidente, um terrível acidente. Esqueça isso. Não venha agora roubar de mim... tudo o que eu tenho no mundo. Deixe que eu fique com a pequena vinha da minha vida; deixe que eu fique com o jardim murado e o poço de água; o cordeirinho que Deus me enviou, por piedade ou ira, ah, deixe que eu fique com ele!²² George, não tire Gerald de mim.

lord illingworth Rachel, no presente momento você não é necessária para a carreira de Gerald; eu sou. Não há mais nada a dizer sobre o assunto.

sra. arbuthnot Não vou deixar que ele vá.

lord illingworth Gerald está vindo. Ele tem o direito de decidir por si próprio.

Entra Gerald.

gerald Então, mamãe, a senhora acertou tudo com lorde Illingworth?
sra. arbuthnot Não acertei nada, Gerald.

lorde illingworth Sua mãe parece não gostar da ideia de você ir
comigo, por alguma razão.

gerald Por quê, mãe?

sra. arbuthnot Pensei que você fosse feliz aqui comigo, Gerald. Não
sabia que estava tão ansioso para me deixar.

gerald Mamãe, como a senhora pode falar assim? Claro que sou feliz
com a senhora. Mas um homem não pode ficar com a mãe para
sempre. Nenhum rapaz faz isso. Quero conquistar uma posição para
mim, quero fazer alguma coisa. Pensei que a senhora fosse ficar
orgulhosa de me ver secretário de lorde Illingworth.

sra. arbuthnot Não acho que você seja a pessoa adequada para ser
secretário particular de lorde Illingworth. Você não tem as
qualificações necessárias.

lorde illingworth Não quero dar a impressão de estar me
intrometendo, senhora Arbuthnot, mas, no que diz respeito a essa
sua última objeção, eu certamente sou a melhor pessoa para julgar.
E eu só posso lhe dizer que seu filho tem todas as qualificações que
eu desejava encontrar. Na verdade, ele tem até mais do que aquelas
em que eu havia chegado a pensar. Muito mais. (*a sra. Arbuthnot
permanece em silêncio*) A senhora tem alguma outra razão, senhora
Arbuthnot, para não querer que seu filho aceite esse cargo? ²³

gerald Tem, mãe? Por favor, responda.

lorde illingworth Se tem, senhora Arbuthnot, eu lhe rogo que diga
qual é. Estamos sozinhos aqui. Qualquer que seja a razão, nem
preciso dizer que não vou contar a ninguém.

gerald Mãe?

lorde illingworth Se a senhora quiser ficar sozinha com seu filho, eu
posso me retirar. A senhora pode ter alguma outra razão que não
deseje que eu ouça.

sra. arbuthnot Não tenho nenhuma outra razão.

lorde illingworth Então, meu caro rapaz, podemos considerar o
assunto resolvido. Venha, vamos fumar um cigarro juntos na
varanda. E, senhora Arbuthnot, permita-me lhe dizer que eu acho
que a senhora agiu de forma muito sábia.

*Sai com Gerald. A sra. Arbuthnot fica sozinha, imóvel, com uma expressão
de inexprimível tristeza no rosto.*

fim do segundo ato.

Terceiro ato

cena

Galeria de arte de Hunstanton. Porta ao fundo levando à varanda.

Lorde Illingworth e Gerald, à direita do palco. Lorde Illingworth reclinado num sofá. Gerald sentado numa cadeira. ¹

lorde illingworth Uma mulher excepcionalmente sensata, a sua mãe, Gerald. Eu sabia que no fim ela acabaria concordando.

gerald A minha mãe é tremendamente conscienciosa, lorde Illingworth, e eu sei que ela acha que não tenho estudo bastante para ser seu secretário. No que, aliás, ela tem toda a razão. Eu era um estudante terrivelmente preguiçoso e não seria capaz de passar numa prova agora nem que minha vida dependesse disso.

lorde illingworth Meu caro Gerald, provas não servem para absolutamente nada. Se um homem é um cavalheiro, sabe o suficiente; e se não é um cavalheiro, o que quer que saiba é ruim para ele.

gerald Mas eu sou tão ignorante do mundo, lorde Illingworth.

lorde illingworth Não tenha medo, Gerald. Lembre-se de que você tem a seu favor a coisa mais maravilhosa do mundo: a juventude! Não há nada como a juventude. As pessoas de meia-idade estão hipotecadas à vida. Os velhos estão no quarto de despejo da vida. Mas os jovens são os senhores da vida. Os jovens têm um reino à espera deles. Todo mundo nasce rei, e a maioria das pessoas morre no exílio, como a maior parte dos reis. Para recuperar minha juventude, Gerald, não há nada que eu não faria — salvo praticar exercícios, levantar cedo ou ser um membro útil da comunidade.

gerald Mas o senhor não se acha velho, acha, lorde Illingworth?

lorde illingworth Eu tenho idade para ser seu pai, Gerald.

gerald Eu não me lembro do meu pai; ele morreu faz muitos anos.

lorde illingworth Foi o que me disse lady Hunstanton.

gerald É muito estranho, minha mãe nunca fala sobre meu pai comigo. Eu às vezes penso que ela deve ter se casado com alguém socialmente inferior a ela.

lorde illingworth *(estremece)* É mesmo? *(levanta-se e põe a mão no ombro de Gerald)* Você deve ter sentido muita falta de um pai, não, Gerald?

gerald Ah, não; minha mãe sempre foi muito boa para mim. Ninguém jamais teve uma mãe como a minha.

lorde illingworth Disso não tenho dúvida. Mesmo assim, tenho a impressão de que a maioria das mães não entende realmente os

filhos. Quer dizer, não se dá conta de que um filho tem ambições, tem um desejo de ver o mundo, de construir um nome para si. Afinal, Gerald, não seria razoável esperar que você passasse a vida inteira num buraco como Wrockley, seria?

gerald Ah, não! Isso seria horrível!

lorde illingworth O amor de uma mãe é muito tocante, claro, mas muitas vezes é também curiosamente egoísta. Quer dizer, há uma dose considerável de egoísmo nele.

gerald (lentamente) Suponho que sim.

lorde illingworth Sua mãe é uma boa mulher, sem dúvida. Mas boas mulheres têm visões muito limitadas da vida, o horizonte delas é muito estreito, os interesses delas são muito pequenos, não são?

gerald Elas certamente têm um interesse tremendo por coisas para as quais não ligamos muito.

lorde illingworth Imagino que sua mãe seja muito religiosa e esse tipo de coisa.

gerald Ah, sim, ela vive indo à igreja.

lorde illingworth Ah! Ela não é moderna, e a única coisa que vale a pena ser hoje em dia é moderno. Você quer ser moderno, não quer, Gerald? Quer conhecer a vida como ela realmente é. Não quer ser enganado com teorias antiquadas sobre a vida. Bem, o que você tem que fazer agora é simplesmente se preparar para a melhor sociedade. Um homem que consegue dominar uma mesa de jantar londrina consegue dominar o mundo. O futuro pertence aos dândis. São os janotas que vão dar as cartas.

gerald Gostaria enormemente de usar coisas bonitas, mas sempre me disseram que um homem não deve se preocupar demais com roupas.²

lorde illingworth As pessoas hoje em dia são tão absolutamente superficiais que não entendem a filosofia do superficial. Por falar nisso, Gerald, você precisa aprender a dar um nó de gravata melhor. Sentimento é muito bom para a flor da lapela, mas o essencial numa gravata é o estilo. Um nó de gravata bem dado é o primeiro passo sério que se dá na vida.

gerald (rindo) Posso conseguir aprender a dar um nó de gravata, lorde Illingworth, mas nunca vou conseguir falar como o senhor fala. Não sei como falar.

lorde illingworth Ah! Fale com toda mulher como se você a amasse e com todo homem como se ele o enfadasse, e ao fim da sua primeira estação você será reconhecido por ter o mais perfeito tato social.

gerald Mas é muito difícil entrar para a sociedade, não é?

lorde illingworth Para entrar para a melhor sociedade hoje em dia você tem de alimentar, divertir ou chocar as pessoas, só isso!

gerald A sociedade deve ser tão agradável!

lorde illingworth Estar nela não passa de um grande aborrecimento, mas não estar é simplesmente uma tragédia. A sociedade é uma coisa necessária. Nenhum homem alcança o verdadeiro sucesso neste mundo a menos que tenha mulheres o apoiando, e as mulheres comandam a sociedade. Se não tem mulheres do seu lado, você está totalmente perdido. Seria melhor ser advogado, corretor da Bolsa ou jornalista logo de uma vez.

gerald Mas entender as mulheres é muito difícil, não?

lorde illingworth Você jamais deve tentar entendê-las. Mulheres são pinturas. Homens são problemas. Se quiser entender o que uma mulher realmente quer dizer — o que, aliás, é sempre uma coisa perigosa de se fazer —, você tem de olhar para ela, não ouvi-la.

gerald Mas as mulheres são tremendamente inteligentes, não são?

lorde illingworth Nós devemos sempre dizer isso a elas. Mas para o filósofo, meu caro Gerald, as mulheres representam o triunfo da matéria sobre a mente, assim como os homens representam o triunfo da mente sobre a moral.

gerald Como então as mulheres podem ter tanto poder como o senhor disse que elas têm?

lorde illingworth A história das mulheres é a história da pior forma de tirania que o mundo já conheceu. A tirania dos fracos sobre os fortes. É a única tirania que perdura.

gerald Mas as mulheres não exercem uma influência depuradora?

lorde illingworth Só o intelecto depura.

gerald Mesmo assim, existem muitos tipos diferentes de mulheres, não?

lorde illingworth Na sociedade só existem dois tipos: as sem cor e as coloridas.³

gerald Mas há boas mulheres na sociedade, não há?

lorde illingworth Um excesso delas.

gerald O senhor acha que as mulheres não devem ser boas?

lorde illingworth Nunca devemos dizer isso a elas, ou todas se tornariam boas na mesma hora. O sexo feminino é fascinantemente voluntarioso. Toda mulher é uma rebelde, em geral em arrebatada revolta contra si própria.

gerald O senhor nunca foi casado, foi, lorde Illingworth?

lorde illingworth Os homens se casam porque estão cansados; as mulheres, porque estão curiosas. Ambos se decepcionam.

gerald Mas o senhor não acredita que se possa ser feliz quando se é casado?

lorde illingworth Eu acredito que se possa ser extremamente feliz. Mas a felicidade de um homem casado, meu caro Gerald, depende das pessoas com quem ele não se casou.

gerald Mas e se ele estiver apaixonado?

lorde illingworth Nós sempre devemos estar apaixonados. É por isso que nunca devemos nos casar.

gerald O amor é uma coisa maravilhosa, não é?

lorde illingworth Quando estamos apaixonados, começamos enganando nós mesmos e terminamos enganando outros. É isso que o mundo chama de romance. Mas uma grande paixão de verdade é relativamente rara hoje em dia. É privilégio das pessoas que não têm nada para fazer. Essa é a única serventia das classes ociosas para um país e a única explicação possível para nós, os Harford.

gerald Harford, lorde Illingworth?

lorde illingworth É o meu sobrenome. Você deveria estudar o nobiliário,⁴ Gerald. Ele é o único livro que um rapaz bem relacionado deve conhecer profundamente, além de ser a melhor obra de ficção que os ingleses já produziram. E agora que você vai partir para uma vida inteiramente nova comigo, Gerald, quero que você aprenda a viver. *(a sra. Arbuthnot aparece na varanda ao fundo)* Pois o mundo foi feito por tolos para que os homens sagazes vivessem nele!

Entram, pela esquerda, lady Hunstanton e o dr. Daubeny.

lady hunstanton Ah! Aí está o senhor, meu caro lorde Illingworth. Bem, imagino que estivesse explicando ao nosso jovem amigo Gerald quais serão as novas funções que ele terá de desempenhar e lhe dando muitos e bons conselhos, acompanhados de um agradável cigarro.

lorde illingworth Eu estava lhe dando os melhores conselhos possíveis, lady Hunstanton, e os melhores cigarros também.

lady hunstanton Que pena que eu não estava aqui para ouvi-los, mas suponho que já esteja velha demais para aprender. Salvo com o senhor, meu caro arcediogo, quando o senhor está no seu belo púlpito. Mas, também, sempre sei o que o senhor vai dizer, então não fico alarmada. *(vê a sra. Arbuthnot)* Ah, querida senhora Arbuthnot, venha se juntar a nós. Entre, minha querida. *(entra a sra. Arbuthnot)* Gerald estava tendo uma longa conversa com lorde Illingworth; tenho certeza de que a senhora deve estar se sentindo muito satisfeita com o modo agradável como tudo transcorreu para ele. Vamos nos sentar. *(eles se sentam)* E como vão indo os seus lindos trabalhos de bordado?

sra. arbuthnot Estou sempre trabalhando, lady Hunstanton.

lady hunstanton A senhora Daubeny também borda um pouco, não borda?

arcediogo Ela já foi muito habilidosa com a agulha, uma verdadeira Dorcas, mas a gota deixou seus dedos muito incapacitados. Ela não

pega no bastidor⁵ faz nove ou dez anos. Mas ela tem várias outras distrações. Anda muitíssimo interessada pela sua própria saúde.

lady hunstanton Ah, isso é sempre uma ótima distração, não é verdade? Mas sobre o que o senhor está falando, lorde Illingworth? Diga-nos, por favor.

lorde illingworth Eu ia comentar com o Gerald que o mundo sempre riu das próprias tragédias, sendo essa a única maneira pela qual ele conseguiu suportá-las. E que, conseqüentemente, o que quer que o mundo tenha tratado com seriedade pertence ao lado cômico das coisas.

lady hunstanton Bem, isso foi profundo demais para mim; eu perdi o chão. Aliás, quase sempre perco quando lorde Illingworth diz alguma coisa. E a Humane Society⁶ é muito descuidada. Nunca aparece ninguém para me resgatar. Fico abandonada à minha própria sorte e acabo afundando. Tenho uma vaga ideia, meu caro lorde Illingworth, de que o senhor está sempre do lado dos pecadores, e eu sei que sempre tento estar do lado dos santos, mas é só até aí que vou. E, no final das contas, até isso pode não passar de uma alucinação de quem está se afogando.

lorde illingworth A única diferença entre os santos e os pecadores é que todo santo tem um passado e todo pecador tem um futuro.

lady hunstanton Ah! Pronto, isso encerra a peleja para mim. Não tenho uma palavra a dizer. Eu e a senhora, minha querida senhora Arbuthnot, estamos atrasadas no tempo. Não temos como acompanhar lorde Illingworth. A educação que recebemos, receio, foi cuidadosa demais. Uma boa criação é uma enorme desvantagem hoje em dia. Faz com que a gente fique de fora de muita coisa.

sra. arbuthnot Eu lamentaria muito se acompanhasse lorde Illingworth em qualquer das opiniões dele.

lady hunstanton Tem toda a razão, minha querida.

*Gerald encolhe os ombros e lança um olhar irritado para a mãe.
Entra lady Caroline.*

lady caroline Jane, você viu John por aí?

lady hunstanton Não precisa ficar preocupada, minha querida. Ele está com lady Stutfield; eu os vi há pouco na sala amarela. Os dois pareciam muito contentes juntos. Você não vai lá, vai, Caroline? Por favor, sente-se.

lady caroline Acho que é melhor eu ir procurar John.

Sai lady Caroline.

lady hunstanton Não é bom dar tanta atenção aos homens. E Caroline

não tem realmente nada com que se preocupar. Lady Stutfield é muito solidária. Ela apoia tanto uma coisa como outra. É uma boa alma. (*entram sir John e a sra. Allonby*) Ah! Aí está sir John! E com a senhora Allonby! Imagino que tenha sido a senhora Allonby que vi com ele, afinal. Sir John, Caroline anda procurando o senhor por tudo quanto é lado.

sra. allonby Estávamos esperando por ela na sala de música, lady Hunstanton.

lady hunstanton Ah! Na sala de música, claro. Pensei que tivesse sido na sala amarela. A minha memória está ficando muito ruim. (*para o arcediago*) A senhora Daubeney tem uma memória maravilhosa, não tem?

arcediago Ela costumava ter uma memória realmente notável, mas desde o último ataque que sofreu tem se recordado principalmente dos acontecimentos que vivenciou na tenra infância. Mas ela encontra imenso prazer nessas lembranças, imenso prazer.

Entram lady Stutfield e o sr. Kelvil.

lady hunstanton Ah! Querida lady Stutfield, aí está a senhora! E sobre o que o senhor Kelvil estava conversando com a senhora?

lady stutfield Sobre bimetalismo,⁷ até onde me lembro.

lady hunstanton Bimetalismo! E é um assunto agradável? De qualquer forma, sei que as pessoas discutem tudo com muita liberdade hoje em dia. E sobre o que sir John estava conversando com a senhora, minha cara senhora Allonby?

sra. allonby Sobre a Patagônia.

lady hunstanton É mesmo? Que tema remoto! Mas muito instrutivo, sem dúvida.

sra. allonby Ele disse coisas muito interessantes sobre a Patagônia. Os selvagens parecem ter as mesmas opiniões que as pessoas cultas sobre quase todos os assuntos. São extraordinariamente avançados.

lady hunstanton E o que eles fazem?

sra. allonby Ao que parece, tudo.

lady hunstanton Bem, é muito gratificante descobrir que a natureza humana é sempre igual, não é, meu caro arcediago? No fim das contas, o mundo é sempre o mesmo, não é verdade?

lorde illingworth O mundo se divide simplesmente em duas classes: a daqueles que acreditam no inacreditável, como o povo, e a daqueles que fazem o improvável...

sra. allonby Como o senhor?

lorde illingworth Exato; eu vivo surpreendendo a mim mesmo. É a única coisa que faz a vida valer a pena.

lady stutfield E o que o senhor tem feito ultimamente que o

surpreenda?

lorde illingworth Venho descobrindo todo tipo de qualidades maravilhosas na minha própria natureza.

sra. allonby Ah, não se torne perfeito assim de repente. Faça isso aos poucos!

lorde illingworth Não pretendo me tornar perfeito de forma alguma. Pelo menos, espero não me tornar. Seria muito inconveniente. As mulheres nos amam por nossos defeitos. Se tivermos um número suficiente deles, elas nos perdoam por tudo, até por nosso gigantesco intelecto.

sra. allonby É prematuro pedir que perdoemos a análise. Perdoamos a adoração; isso é tudo que se pode esperar de nós.

Entra lorde Alfred. Ele se junta a lady Stutfield.

lady hunstanton Ah, nós mulheres devemos perdoar tudo, não devemos, minha querida senhora Arbuthnot? Tenho certeza de que a senhora concorda comigo nisso.

sra. arbuthnot Não, não concordo, lady Hunstanton. Acho que há muitas coisas que as mulheres não devem perdoar nunca.

lady hunstanton Que tipo de coisa?

sra. arbuthnot A destruição da vida de outra mulher.

Encaminha-se lentamente para o fundo do palco.

lady hunstanton Ah, essas coisas são muito tristes, sem dúvida, mas creio que existam casas admiráveis que amparam e reabilitam pessoas desse tipo,⁸ e acho que, de modo geral, o segredo da vida é levar as coisas de maneira muito, muito tranquila.

sra. allonby O segredo da vida é nunca ter uma emoção que não caia bem.

lady stutfield O segredo da vida é saber desfrutar o prazer de ser terrivelmente enganada.

kervil O segredo da vida é resistir às tentações, lady Stutfield.

lorde illingworth A vida não tem segredo. O objetivo da vida, se é que ela tem algum, é simplesmente estar sempre à procura de tentações. Não existe nem de longe um número suficiente delas. Eu às vezes passo um dia inteiro sem me deparar com uma única tentação. É um horror. Faz com que fiquemos muito preocupados com o futuro.

lady hunstanton *(sacode o leque na direção dele)* Não sei como, meu caro lorde Illingworth, mas tudo o que o senhor disse hoje me pareceu extremamente imoral. Está sendo muitíssimo interessante ouvir o senhor.

lorde illingworth Todo pensamento é imoral. A própria essência do

pensamento é a destruição. Se pensamos em alguma coisa, nós a destruímos. Nada sobrevive ao escrutínio do pensamento.

lady hunstanton Não entendi uma palavra, lorde Illingworth, mas não tenho dúvida de que tudo faz muito sentido. Pessoalmente, tenho muito pouco motivo para me recriminar no que diz respeito a pensar. Não acredito que mulheres devam pensar demais. As mulheres devem pensar com moderação, a mesma moderação com que devem fazer tudo mais na vida.

lorde illingworth A moderação é uma coisa fatal, lady Hunstanton. Nada faz mais sucesso que o excesso.

lady hunstanton Espero me lembrar disso. Parece ser uma máxima admirável. Infelizmente, estou começando a esquecer tudo. É uma grande lástima.

lorde illingworth É uma das suas qualidades mais fascinantes, lady Hunstanton. Nenhuma mulher deveria ter memória. A memória numa mulher é o início do desmazelo. A gente sempre percebe pelo chapéu de uma mulher se ela tem memória ou não.

lady hunstanton O senhor é mesmo um encanto, meu caro lorde Illingworth. Sempre descobre que o defeito mais flagrante de uma pessoa é na verdade sua principal virtude. As visões que tem da vida são realmente muito reconfortantes.

Entra Farquhar.

farquhar A carruagem do doutor Daubeney!

lady hunstanton Meu caro arcediogo, ainda são dez e meia!

arcediogo (levantando-se) Infelizmente, preciso mesmo ir, lady Hunstanton. A senhora Daubeney sempre passa mal nas noites de terça-feira.

lady hunstanton (levantando-se) Bem, então não vou mais manter o senhor longe dela. (vai com ele até a porta) Ordenei a Farquhar que botasse um par de perdizes na carruagem. Talvez a senhora Daubeney goste.

arcediogo É muita gentileza sua, lady Hunstanton, mas a senhora Daubeney não come mais alimentos sólidos. Ela agora sobrevive unicamente à base de alimentos pastosos. Mas está sempre muito animada, muito animada. Nunca se queixa de nada.

Sai com lady Hunstanton.

sra. allonby (vai até lorde Illingworth) A lua hoje está linda.

lorde illingworth Então vamos sair para ver. Olhar para qualquer coisa que seja inconstante é um fascínio hoje em dia.

sra. allonby O senhor tem seu espelho.

lorde illingworth Ele é cruel. Só me mostra minhas rugas.
sra. allonby O meu é mais bem-comportado. Nunca me diz a verdade.
lorde illingworth Então ele está apaixonado pela senhora.

Saem sir John, lady Stutfield, o sr. Kelvil e lorde Alfred.

gerald (para lorde Illingworth) Posso ir também?
lorde illingworth Venha, meu rapaz.

Dirige-se à porta com a sra. Allonby e Gerald.
Lady Caroline entra, olha rapidamente ao redor e sai na direção oposta à que foi tomada por sir John e lady Stutfield.

sra. arbuthnot Gerald!
gerald O que foi, mamãe?

Saem lorde Illingworth e a sra. Allonby.

sra. arbuthnot Está ficando tarde. Vamos para casa.
gerald Ah, por favor, mamãe, vamos ficar só mais um pouco. Lorde Illingworth é tão divertido. E a propósito, mamãe, tenho uma grande surpresa para lhe contar. Vamos viajar para a Índia no fim do mês.
sra. arbuthnot Por favor, vamos para casa.
gerald Se a senhora quer mesmo, claro, mamãe, mas antes eu preciso me despedir de lorde Illingworth. Volto em cinco minutos.

Sai.

sra. arbuthnot Se ele quiser me deixar, que me deixe, mas não com ele, não com ele! Eu não suportaria!

Anda de um lado para o outro.
Entra Hester.

hester Está uma noite linda, não está, senhora Arbuthnot?
sra. arbuthnot Está?

hester Senhora Arbuthnot, gostaria muito que a senhora me permitisse ser sua amiga. A senhora é tão diferente das outras mulheres daqui. Quando entrou na sala de visitas esta noite, de alguma forma trouxe consigo um senso do que é bom e puro na vida. Fui muito tola. Há coisas que são certas, mas que podem ser ditas no momento errado e para as pessoas erradas.

sra. arbuthnot Eu ouvi o que a senhorita disse. E concordo, senhorita Worsley.

hester Eu não sabia que a senhora tinha ouvido, mas sabia que a senhora concordaria comigo. Uma mulher que pecou deve ser punida, não deve?

sra. arbuthnot Deve.

hester Ela não deveria poder partilhar da sociedade de bons homens e boas mulheres, deveria?

sra. arbuthnot Não, não deveria.

hester E o homem deveria ser punido da mesma forma, não?

sra. arbuthnot Sim, da mesma forma. E os filhos, se houver filhos, também deveriam ser punidos da mesma forma?

hester Sim, é certo que os pecados dos pais sejam lançados sobre os filhos. É uma lei justa. É a lei de Deus.

sra. arbuthnot É uma das terríveis leis de Deus.⁹

Dirige-se à lareira.

hester A senhora está preocupada com a possibilidade de seu filho deixá-la, senhora Arbuthnot?

sra. arbuthnot Estou.

hester A senhora aprova que ele vá embora com lorde Illingworth?

Claro que há a vantagem da posição, sem dúvida, e do dinheiro, mas posição e dinheiro não são tudo, são?

sra. arbuthnot Não são nada; só trazem infelicidade.

hester Então por que a senhora permite que seu filho vá com ele?

sra. arbuthnot É ele próprio quem deseja ir.

hester Mas se a senhora pedisse ele ficaria, não ficaria?

sra. arbuthnot Ele está ansioso para ir.

hester Ele não recusaria um pedido da senhora. Ele a ama demais.

Peça-lhe que fique. Deixe-me chamá-lo. Ele está na varanda com lorde Illingworth. Ouvi os dois rindo quando saí da sala de música.

sra. arbuthnot Não se incomode, senhorita Worsley, posso esperar. Não tem importância.

hester Não, vou dizer a ele que a senhora quer vê-lo. Por favor, peça a ele que fique.

Sai Hester.

sra. arbuthnot Ele não virá... Sei que ele não virá.

Entra lady Caroline. Olha ao redor, aflita. Entra Gerald.

lady caroline Senhor Arbuthnot, o senhor saberia me dizer se sir John está na varanda?

gerald Não, lady Caroline, ele não está na varanda.

lady caroline É muito estranho. Está na hora de ele se recolher.

Sai lady Caroline.

gerald Mamãe, querida, sinto muito tê-la feito esperar. Esqueci completamente. Estou tão feliz hoje, mamãe; nunca estive tão feliz.

sra. arbutnot Feliz com a perspectiva de ir embora?

gerald Não interprete dessa forma, mamãe. Claro que estou triste por ter de deixá-la. Não era para menos! A senhora é a melhor mãe do mundo. Mas afinal, como diz lorde Illingworth, é impossível viver num lugar como Wrockley. A senhora não se incomoda, mas eu sou ambicioso. Quero mais da vida. Quero ter uma carreira. Quero fazer alguma coisa que a deixe orgulhosa de mim, e lorde Illingworth vai me ajudar. Ele vai fazer tudo por mim.

sra. arbutnot Gerald, não vá embora com lorde Illingworth. Eu imploro a você que não vá. Gerald, eu suplico!

gerald Como a senhora é inconstante, mamãe! A senhora parece não saber o que quer. Uma hora e meia atrás, na sala de visitas, a senhora concordou com tudo, e agora muda de ideia, faz objeções e tenta me forçar a desistir da minha única chance na vida. Sim, minha única chance. Ou a senhora acha que homens como lorde Illingworth aparecem todos os dias? É muito estranho que, no momento em que eu dou uma sorte maravilhosa dessas, a única pessoa a pôr dificuldades no meu caminho seja a minha própria mãe. Além do mais, a senhora sabe, mãe, que estou apaixonado por Hester Worsley. Quem não se apaixonaria por ela? Eu a amo mais do que jamais disse à senhora, muito mais. E se tivesse uma posição, se tivesse uma perspectiva de futuro, eu poderia... poderia pedir a ela que... A senhora entende agora, mãe, o que significa para mim ser secretário de lorde Illingworth? Começar a vida assim é encontrar uma carreira pronta para mim, diante de mim, à minha espera. Sendo secretário de lorde Illingworth, eu poderia pedir Hester em casamento. Como um mísero funcionário de banco, com um salário de cem libras por ano, seria uma petulância.

sra. arbutnot Receio que você não deva alimentar esperanças em relação à senhorita Worsley, Gerald. Conheço as posições dela frente à vida. Ela mesma as declarou a mim ainda há pouco.

Uma pausa.

gerald Então, de qualquer forma, resta a minha ambição. Isso já é alguma coisa — ainda bem que a tenho! A senhora sempre tentou sufocar minhas ambições, mãe, não é verdade? A senhora sempre me disse que o mundo é um lugar perverso, que o sucesso não vale a pena, que a sociedade é fútil e essas coisas todas. Bem, eu não

acredito em nada disso, mãe. Acho que o mundo deve ser maravilhoso. Acho que a sociedade deve ser fascinante. Acho que o sucesso é algo que vale a pena, sim. A senhora estava enganada em tudo que me ensinou, mãe, inteiramente enganada. Lorde Illingworth é um homem de sucesso. É um homem elegante e refinado. É um homem que vive no mundo e para o mundo. Pois bem, eu daria qualquer coisa para ser como lorde Illingworth.

sra. arbuthnot Preferiria ver você morto.

gerald Mãe, o que a senhora tem contra lorde Illingworth? Diga de uma vez, diga claramente. O que a senhora tem contra ele?

sra. arbuthnot Ele é um homem mau.

gerald Mas mau como? Não entendo o que a senhora quer dizer.

sra. arbuthnot Vou explicar.

gerald Imagino que a senhora o considere mau porque ele não acredita nas mesmas coisas em que a senhora acredita. Bem, os homens são diferentes das mulheres, mãe. É natural que tenham visões diferentes.

sra. arbuthnot Não é aquilo em que lorde Illingworth acredita ou aquilo em que não acredita que faz com que ele seja mau. É o que ele é.

gerald Mãe, é alguma coisa que a senhora sabe sobre ele? Que a senhora sabe de fato?

sra. arbuthnot É uma coisa que eu sei.

gerald Uma coisa da qual a senhora tem absoluta certeza?

sra. arbuthnot Tenho absoluta certeza.

gerald Há quanto tempo a senhora sabe disso?

sra. arbuthnot Há vinte anos.

gerald É justo julgar um homem, seja quem for, por algo que aconteceu há vinte anos? E o que a senhora ou eu temos a ver com o passado de lorde Illingworth? O que temos com isso?

sra. arbuthnot O que esse homem foi, ele é agora e sempre será.

gerald Mãe, conte-me o que lorde Illingworth fez. Se foi alguma coisa vergonhosa, não vou embora com ele. A senhora com certeza me conhece o suficiente para saber disso, não?

sra. arbuthnot Gerald, venha para perto de mim. Sente-se aqui bem pertinho de mim, como você costumava fazer quando era pequeno, quando era o menininho da mamãe. *(Gerald senta-se ao lado da mãe. Ela passa os dedos no cabelo dele e acaricia suas mãos)*¹⁰ Gerald, havia uma moça, ela era muito jovem, tinha acabado de completar dezoito anos, na época. George Harford — era esse o nome de lorde Illingworth então —, George Harford a conheceu. Ela não sabia nada da vida. E ele... ele sabia tudo. Ele fez essa moça se apaixonar por ele. Ele a fez amá-lo tanto que ela fugiu da casa do pai com ele certa manhã. Ela o amava muito, e ele tinha prometido que se

casaria com ela! Ele havia prometido solenemente que se casaria com ela, e ela acreditou nele. Ela era muito jovem e... e ignorante de como a vida realmente é. Mas ele adiava o casamento de uma semana para outra, de um mês para outro. E ela continuou confiando nele esse tempo todo. Ela o amava. Antes de seu filho nascer — porque ela teve um filho —, ela implorou a ele que se casasse com ela, pelo bem da criança, para que a criança tivesse um nome, para que o pecado dela não recaísse sobre o filho, que era inocente. Mas ele se recusou. Depois que a criança nasceu, ela o deixou, levando consigo o filho, e a vida dessa moça foi destruída, sua alma foi destruída, e tudo que era doce, bom e puro nela também. Ela sofreu terrivelmente — e ainda sofre agora. Sempre sofrerá. Para ela não há alegria, não há paz, não há reparação. Ela é uma mulher que arrasta uma corrente, como um condenado. Uma mulher que usa uma máscara, como um leproso. O fogo não pode purificá-la. As águas não podem extinguir sua angústia. Nada pode curá-la! Não há calmante que a faça dormir, não há papoula¹¹ que a faça esquecer! Ela está perdida! Ela é uma alma perdida! É por isso que eu digo que lorde Illingworth é um homem mau. É por isso que eu não quero o meu filho junto dele.

gerald Minha querida mãe, tudo isso é muito trágico, claro. Mas devo dizer que a moça tem tanta culpa pelo que aconteceu quanto lorde Illingworth. Afinal, será que uma boa moça de verdade, uma moça que de fato tivesse bons sentimentos, fugiria de casa com um homem com quem ela não estava casada e viveria com ele como se fosse sua esposa? Nenhuma boa moça faria isso.¹²

sra. arbutthnot (*depois de uma pausa*) Gerald, retiro todas as minhas objeções. Você está livre para ir com lorde Illingworth, quando e para onde quiser.

gerald Mamãe, querida, eu sabia que a senhora não ficaria no meu caminho. A senhora é a melhor mulher que Deus já criou. E quanto a lorde Illingworth, não acredito que ele seja capaz de nenhuma atitude infame ou vil. Não consigo acreditar nisso, não consigo.

hester (*do lado de fora*) Solte-me! Solte-me!

Entra Hester, apavorada, corre até Gerald e se atira em seus braços.

hester Ah, salve-me! Salve-me dele!

gerald De quem?

hester Ele me ofendeu! Ele me ofendeu terrivelmente! Salve-me!

gerald Quem? Quem ousou...?

Lorde Illingworth entra pelo fundo do palco. Hester se desvencilha dos braços de Gerald e aponta para ele.

gerald (transtornado *de raiva e indignação*) Lorde Illingworth, o senhor ofendeu a pessoa mais pura que existe neste mundo de Deus, uma pessoa tão pura quanto minha própria mãe. O senhor ofendeu a mulher que eu mais amo no mundo junto com minha mãe. Tão certo como há um Deus no céu, eu vou matá-lo!

sra. arbuthnot (*correndo até ele e o segurando*) Não! Não!

gerald (empurrando-a *para trás*) Não me segure, mãe. Não me segure — eu vou matá-lo!

sra. arbuthnot Gerald!

gerald Solte-me, agora!

sra. arbuthnot Pare, Gerald, pare! Ele é seu pai!

*Gerald segura as mãos da mãe e olha nos olhos dela. Envergonhada, a sra. Arbuthnot desce lentamente até o chão. Hester se esgueira em direção à porta. Lorde Illingworth franze o cenho e morde o lábio. Depois de alguns instantes, Gerald ajuda a mãe a se levantar, põe o braço em volta dela e a conduz para fora da sala.*¹³

fim do terceiro ato.

Quarto ato

cena

Sala de estar da casa da sra. Arbuthnot. Grandes portas envidraçadas ao fundo, abertas para o jardim. Uma porta à direita e outra à esquerda. ¹

Gerald Arbuthnot escreve, sentado à mesa.

Entra Alice pela direita, seguida por lady Hunstanton e a sra. Allonby.

alice Lady Hunstanton e senhora Allonby.

Sai pela esquerda.

lady hunstanton Bom dia, Gerald.

gerald (levantando-se) Bom dia, lady Hunstanton. Bom dia, senhora Allonby.

lady hunstanton (*sentando-se*) Nós viemos para saber da sua querida mãe, Gerald. Ela está melhor, espero.

gerald Minha mãe ainda não desceu, lady Hunstanton.

lady hunstanton Ah, receio que o calor tenha sido demais para ela ontem à noite. Acho que havia trovões no ar. Ou talvez tenha sido a música. A música faz a gente se sentir tão romântica — ao menos, sempre mexe com os nervos da gente.

sra. allonby É a mesma coisa hoje em dia.

lady hunstanton Que bom que não entendo o que a senhora quer dizer, querida. Receio que a senhora esteja insinuando alguma coisa imprópria. Ah, vejo que está examinando a sala da senhora Arbuthnot. Não é uma linda sala à moda antiga?

sra. allonby (*inspecionando a sala com auxílio de um lornhão*) Parece o modelo do lar inglês feliz.

lady hunstanton É exatamente isso, querida; a senhora encontrou a descrição perfeita. A gente sente a boa influência da sua mãe em tudo que a cerca, Gerald.

sra. allonby Lorde Illingworth diz que toda influência é ruim, mas que uma boa influência é a pior de todas.

lady hunstanton Quando conhecer melhor a senhora Arbuthnot, lorde Illingworth vai mudar de ideia. Eu realmente preciso trazê-lo aqui.

sra. allonby Eu gostaria muito de ver lorde Illingworth num lar inglês feliz. ²

lady hunstanton Iria fazer muito bem a ele, querida. A maioria das mulheres de Londres, hoje em dia, parece decorar suas salas apenas com orquídeas, gente estrangeira e romances franceses. Aqui, no

entanto, estamos diante da sala de uma doce santa. Flores frescas, livros que não nos chocam, quadros que podemos contemplar sem corar.

sra. allonby Mas eu gosto de corar.³

lady hunstanton Bem, corar pode ser de fato muito positivo, se a pessoa consegue fazê-lo no momento certo. Meu querido Hunstanton, coitado, costumava me dizer que eu corava muito pouco. Mas, também, ele era tão exigente! Não me deixava conhecer nenhum de seus amigos homens, a não ser os que já tinham mais de setenta anos, como o pobre lorde Ashton, que depois, aliás, foi levado ao tribunal de divórcios. Foi um caso realmente lamentável.

sra. allonby Adoro homens com mais de setenta anos. Eles sempre oferecem à gente uma vida inteira de devoção. Acho que setenta é a idade ideal num homem.

lady hunstanton Ela é incorrigível, não é, Gerald? A propósito, espero que sua mãe passe a me visitar com mais frequência agora. Você e lorde Illingworth vão partir muito em breve, não?

gerald Eu desisti da minha intenção de ser secretário de lorde Illingworth.

lady hunstanton Não! Não é possível, Gerald! Seria muito insensato da sua parte. Que razão você pode ter para isso?

gerald Acho que eu não seria adequado para o cargo.

sra. allonby Eu bem que queria que lorde Illingworth me chamasse para ser secretária dele. Mas ele diz que não sou séria o bastante.

lady hunstanton Minha querida, a senhora realmente não deveria falar esse tipo de coisa nesta casa. A senhora Arbuthnot desconhece a sociedade degenerada em que todos nós vivemos. Ela se recusa a fazer parte dela. É uma pessoa boa demais. Considero uma grande honra ela ter ido ontem à noite à minha casa. A presença dela trouxe uma atmosfera de grande respeitabilidade à nossa reunião.

sra. allonby Ah, deve ser isso o que a senhora pensou que fossem trovões no ar.

lady hunstanton Minha querida, como a senhora pode dizer uma coisa dessas? Não há semelhança alguma entre uma coisa e outra. Mas francamente, Gerald, o que você quer dizer com não ser adequado?

gerald A visão de vida de lorde Illingworth é diferente demais da minha.

lady hunstanton Mas, meu caro Gerald, na sua idade você não deveria ter visão de vida alguma. Não convém nem um pouco. Você precisa ser guiado por outras pessoas nessa questão. Lorde Illingworth lhe fez uma proposta extremamente lisonjeira, e viajando com ele você vai ver o mundo — ou, pelo menos, o tanto dele que se deve ver — sob os melhores auspícios possíveis e ainda se hospedar com todas

as pessoas certas, coisa que é muito importante nesse momento crucial da sua carreira.

gerald Não quero ver o mundo; já vi o suficiente dele.

sra. allonby Espero que o senhor não pense que já esgotou as possibilidades que a vida tem a oferecer, senhor Arbuthnot. Quando um homem diz isso, a gente sabe que foi a vida que o esgotou.

gerald Não quero deixar minha mãe.

lady hunstanton Ora, Gerald, isso é pura preguiça da sua parte. Não quer deixar sua mãe! Se eu fosse sua mãe, faria questão de que você fosse.

Entra Alice, pela esquerda.

alice A senhora Arbuthnot manda seus cumprimentos, minha senhora, mas ela está com muita dor de cabeça e não poderá receber ninguém esta manhã.

Sai, pela *direita*.

lady hunstanton (*levantando-se*) Dor de cabeça! Que pena, coitada! Talvez você possa levá-la até Hunstanton esta tarde, Gerald, se ela já estiver melhor.

gerald Receio que esta tarde não seja possível, lady Hunstanton.

lady hunstanton Bem, amanhã, então. Ah, se você tivesse pai, Gerald, ele não deixaria que você desperdiçasse sua vida aqui. Ele o faria partir com lorde Illingworth na mesma hora. Mas mães são muito fracas. Elas cedem aos filhos em tudo. Somos só coração, só coração. Venha, minha querida, precisamos passar na casa paroquial para saber da senhora Daubeney, que, infelizmente, creio não esteja nada bem. É maravilhoso como o arcediogo mantém o ânimo, realmente maravilhoso. Ele é o mais solidário dos maridos. Um verdadeiro exemplo. Até logo, Gerald. E mande minhas mais carinhosas recomendações à sua mãe.

sra. allonby Até logo, senhor Arbuthnot.

gerald Até logo.

Saem lady Hunstanton e a sra. Allonby. Gerald se senta e relê sua carta.

gerald Que nome posso assinar? Eu, que não tenho direito a nome algum.

Assina, põe a carta dentro do envelope, endereça o envelope e está prestes a selá-lo quando a porta da esquerda se abre e a sra. Arbuthnot entra. Gerald poussa o lacre. Mãe e filho olham um para o outro.

lady hunstanton (*pela porta envidraçada ao fundo*) Até logo de novo, Gerald. Estamos tomando o atalho por seu lindo jardim. Não se esqueça do meu conselho, parta imediatamente com lorde Illingworth.

sra. allonby *Au revoir*, senhor Arbuthnot. Quem sabe o senhor me traz alguma coisa bonita das suas viagens? Mas não um xale indiano, tudo menos um xale indiano.

Saem.

gerald Mãe, acabei de escrever uma carta para ele.

sra. arbuthnot Para quem?

gerald Para o meu pai. Escrevi para dizer a ele que venha até aqui às quatro horas desta tarde.

sra. arbuthnot Ele não vai vir aqui. Ele não vai entrar na minha casa.

gerald Ele tem de vir.

sra. arbuthnot Gerald, se você vai partir com lorde Illingworth, então vá de uma vez, antes que isso me mate. Mas não peça que eu me encontre com ele.

gerald Mãe, a senhora não está entendendo. Nada no mundo poderia me convencer a partir com lorde Illingworth ou a deixar a senhora. Por certo a senhora me conhece o suficiente para saber disso. Não; eu escrevi para ele para dizer...

sra. arbuthnot O que você pode ter para dizer a ele?

gerald A senhora não consegue adivinhar, mãe, o que escrevi nesta carta?

sra. arbuthnot Não.

gerald Claro que consegue, mãe. Pense, pense no que tem de ser feito, agora, imediatamente, nesses próximos dias.

sra. arbuthnot Não há nada a ser feito.

gerald Escrevi para lorde Illingworth para dizer que ele tem de se casar com a senhora.

sra. arbuthnot Casar comigo?

gerald Mãe, vou obrigá-lo a fazer isso. O mal que foi feito à senhora tem de ser corrigido. É preciso que seja feita uma reparação. A justiça pode ser lenta, mãe, mas ela acaba prevalecendo no fim. Daqui a alguns dias a senhora há de ser a legítima esposa de lorde Illingworth.

sra. arbuthnot Mas, Gerald...

gerald Vou exigir que ele se case com a senhora. Vou forçá-lo a fazer isso; ele não vai ousar se negar.

sra. arbuthnot Mas, Gerald, sou eu que me nego. Não vou me casar com lorde Illingworth.

gerald Não vai? Mamãe!

sra. arbutthnot Não vou me casar com ele.

gerald Mas a senhora não entende? É pelo seu bem que estou falando, não pelo meu. Esse casamento, esse casamento necessário, esse casamento que, por razões óbvias, tem inevitavelmente de se realizar, não irá ajudar a mim, não irá me dar um nome que seja meu por direito. Mas certamente vai representar alguma coisa para a senhora, para que a senhora, mãe, ainda que tarde, possa se tornar a esposa do homem que é meu pai. Isso já não é alguma coisa?

sra. arbutthnot Não vou me casar com ele.

gerald Mãe, a senhora precisa.

sra. arbutthnot Não vou. Você fala de reparação por um mal cometido. Que reparação pode ser feita a mim? Não há reparação possível. Eu caí em desgraça; ele não. Isso é tudo. É a história comum de um homem e uma mulher, tal como normalmente acontece, tal como sempre acontece. E o final é o final costumeiro.⁴ A mulher sofre. O homem sai ileso.

gerald Eu não sei se esse é o final costumeiro, mãe; espero que não. Mas a sua vida, de qualquer modo, não há de terminar assim. O homem deve fazer a reparação que for possível. Ela não é suficiente. Não apaga o passado, eu sei disso. Mas pelo menos torna o futuro melhor, melhor para a senhora, mãe.

sra. arbutthnot Eu me recuso a desposar lorde Illingworth.

gerald Se ele próprio viesse procurá-la e lhe pedisse que se tornasse sua esposa, a senhora lhe daria uma resposta diferente. Lembre-se, ele é meu pai.

sra. arbutthnot Se ele próprio viesse à minha procura, coisa que ele não vai fazer, minha resposta seria a mesma. Lembre-se de que sou sua mãe.

gerald Mãe, a senhora torna as coisas extremamente difíceis para mim falando desse jeito; e eu não consigo entender por que não olha para essa questão do ponto de vista certo, do único ponto de vista condizente. É para tirar a amargura da sua vida, para tirar a sombra que paira sobre o seu nome, que esse casamento precisa se realizar. Não há outra alternativa. E, depois do casamento, a senhora e eu podemos ir embora daqui juntos. Mas o casamento tem de se realizar primeiro. É algo que a senhora deve não só a si mesma, mas a todas as outras mulheres — sim, a todas as mulheres do mundo, para que ele não traia outras.

sra. arbutthnot Eu não devo nada às outras mulheres. Não há uma delas sequer que se disporia a me ajudar. Não há uma única mulher no mundo a quem eu pudesse recorrer em busca de piedade, se eu quisesse piedade, ou de solidariedade, se eu pudesse conquistá-la.

As mulheres são duras umas com as outras.⁵ Aquela menina, mesmo sendo boa como é, fugiu da sala ontem à noite como se eu fosse uma coisa infecta. Ela está certa. Sou uma coisa infecta. Mas os meus erros são meus, e eu vou carregá-los sozinha. Preciso carregá-los sozinha. O que as mulheres que não pecaram têm a ver comigo, ou eu com elas? Não nos compreendemos.

*Entra Hester ao fundo.*⁶

gerald Eu imploro à senhora, mãe, que faça o que estou pedindo.

sra. arbutthnot Que filho já pediu à mãe que fizesse um sacrifício tão horrendo? Nenhum.

gerald Que mãe já se recusou a se casar com o pai do seu próprio filho? Nenhuma.

sra. arbutthnot Deixe-me ser a primeira, então. Eu não vou fazer isso.

gerald Mãe, a senhora acredita em religião, e a senhora me criou para que eu também acreditasse. Bem, certamente sua religião, a religião que a senhora me ensinou quando eu era menino, mãe, deve lhe dizer que estou certo. A senhora sabe disso, a senhora sente isso.

sra. arbutthnot Eu não sei nada disso, não sinto nada disso, e jamais vou me postar perante o altar de Deus e pedir a Ele que abençoe um escárnio tão odioso como seria o casamento entre mim e George Harford. Não vou dizer as palavras que a Igreja nos obriga a dizer. Não vou dizê-las. Eu não ousaria. Como poderia prometer amar o homem que eu odeio, honrar aquele que desonrou você, obedecer àquele que, com sua mestria, me fez pecar? Não; o matrimônio é um sacramento para aqueles que se amam. Não é para pessoas como ele, nem para pessoas como eu. Gerald, para livrar você das zombarias e dos insultos do mundo, eu menti para o mundo. Durante vinte anos eu menti para o mundo. Não pude contar a verdade ao mundo. Quem pode? Mas não vou, pelo meu próprio bem, mentir a Deus e na presença de Deus. Não, Gerald, nenhuma cerimônia, nem celebrada pela Igreja nem realizada pelo Estado, irá jamais me unir a George Harford. Pode ser que eu já esteja unida demais a ele, que, ao roubar de mim, me deixou no entanto mais rica, pois no lamaçal da minha vida encontrei a pérola de grande valor,⁷ ou o que eu achei que seria a pérola de grande valor.

gerald Não estou entendendo o que a senhora quer dizer.

sra. arbutthnot Os homens não entendem o que é ser mãe. Não sou diferente das outras mulheres, a não ser no mal que foi feito a mim e no mal que fiz, e nas minhas pesadas punições e imensa desgraça. No entanto, para gerar você eu tive de encarar a morte. Para alimentar você eu tive de lutar contra ela. A morte lutou comigo por você. Todas as mulheres têm de lutar contra a morte para

conservar seus filhos. A morte, não tendo nenhum, quer tirar nossos filhos de nós. Gerald, quando você estava nu, eu o vesti; quando você estava com fome, eu lhe dei de comer.⁸ Noite e dia, durante todo aquele longo inverno, eu cuidei de você. Nenhum ofício é modesto demais, nenhum cuidado servil demais pelo bem daquilo que nós, mulheres, amamos. E, ah! como *eu* amava *você*. Nem Ana⁹ amou mais Samuel. E você precisava de amor, pois era frágil, e só o amor poderia tê-lo mantido vivo. Só o amor pode manter vivo a quem quer que seja. E meninos muitas vezes são descuidados e, sem pensar, causam dor, e nós sempre imaginamos que quando se tornarem homens e nos conhecerem melhor eles vão nos retribuir. Mas não é assim. O mundo os arrasta para longe de nós, e eles fazem amigos com os quais se sentem mais felizes do que conosco, e se divertem com coisas que são vedadas a nós, e têm interesses que não são nossos; e são injustos muitas vezes conosco, pois, quando acham a vida amarga, nos culpam por isso, e quando a acham doce, não provamos dessa doçura com eles... Você fez muitos amigos, passou a frequentar a casa deles e se sentia contente com eles, e eu, ciente do meu segredo, não ousei segui-lo; em vez disso, fiquei em casa e fechei a porta, barrei a luz do sol e fiquei na escuridão. O que eu iria fazer em casas honestas? Meu passado estava sempre comigo... E você achava que eu não ligava para as coisas prazerosas da vida. Pois eu lhe digo, eu ansiava por elas, mas não ousava procurá-las, por sentir que não tinha o direito. Você achava que eu me sentia mais feliz trabalhando entre os pobres. Essa era a minha missão, você imaginava. Não era, mas aonde mais eu poderia ir? Os doentes não perguntam se a mão que lhes ajeita o travesseiro é pura, nem os moribundos se importam se os lábios que lhes tocam a fronte conheceram o beijo do pecado. Era em você que eu pensava o tempo todo; eu dava a eles o amor de que você não precisava, cobria-lhes de um amor que não era deles... E você achava que eu gastava tempo demais indo à igreja e em tarefas da igreja. Mas para onde mais eu poderia correr? A casa de Deus é a única casa em que os pecadores são bem-vindos, e você estava sempre no meu coração, Gerald, nunca, nunca saía do meu coração. Pois embora me ajoelhasse na casa de Deus dia após dia, nas orações da manhã ou da tarde, nunca me arrependi do meu pecado. Como poderia me arrepender do meu pecado se você, meu amor, era fruto dele? Mesmo agora que está sendo tão duro comigo, não consigo me arrepender. Eu não me arrependo. Você é mais valioso para mim do que a inocência. Vale mais ser sua mãe — ah, muito mais! — do que ter sido sempre pura... Ah, você não vê? Não entende? É a minha desonra que faz você ser tão caro a mim. Foi a minha desgraça que atou tão estreitamente você a mim. É o preço que

paguei por você — o preço da alma e do corpo — que faz com que eu o ame como amo. Ah, não me peça para fazer essa coisa horrível. Filho da minha vergonha, continue a ser o filho da minha vergonha! gerald Mãe, eu não sabia que a senhora me amava tanto assim. Serei um filho melhor para a senhora do que tenho sido. E a senhora e eu não devemos nos separar nunca... Mas, mãe... Eu não posso evitar... A senhora precisa se tornar esposa do meu pai. A senhora tem de se casar com ele. É seu dever.

hester (correndo *sala adentro e abraçando a sra. Arbuthnot*)¹⁰ Não, não; a senhora não vai se casar com ele. Isso, sim, seria uma verdadeira desonra, a primeira que a senhora conheceria. Isso seria uma verdadeira desgraça, a primeira a atingi-la. Deixe-o e venha comigo. Existem outros países além da Inglaterra... Ah, outros países além-mar; terras melhores, mais sábias e menos injustas. O mundo é muito grande e muito amplo.

sra. arbuthnot Não, não para mim. Para mim o mundo é estreito como a palma de uma mão, e por onde quer que eu ande há espinhos.

hester Não há de ser assim. Encontraremos em algum lugar vales verdes e águas claras. E, se chorarmos, choraremos juntas. Afinal, nós duas já não o amamos?

gerald Hester!

hester (fazendo *sinhal com a mão para que ele se afaste*) Não, não se aproxime! O senhor não pode me amar, a menos que a ame também. Não pode me honrar, a menos que ela seja para o senhor a mais sagrada das criaturas. Nela, todo o sexo feminino é martirizado. Não só ela, mas todas nós somos castigadas nesta casa.

gerald Hester, Hester, o que devo fazer?

hester O senhor respeita o homem que é seu pai?

gerald Se o respeito? Eu o desprezo! Ele é infame.

hester Eu lhe agradeço por ter me salvado dele ontem à noite.

gerald Ah, aquilo não foi nada. Eu morreria para salvá-la. Mas você não me diz o que fazer agora!

hester Eu não lhe agradeço por me salvar?

gerald Mas o que eu devo fazer?

hester Pergunte ao seu coração, não ao meu. Nunca tive uma mãe para salvar, nem para envergonhar.

sra. arbuthnot Ele é duro... ele é duro. Deixe-me ir embora.

gerald (corre *até a mãe e se ajoelha diante dela*) Mãe, me perdoe. Fui injusto.

sra. arbuthnot Não beije minhas mãos; elas estão frias. Meu coração está frio; alguma coisa o gelou.

hester Ah, não diga isso. São as feridas que fazem os corações permanecerem vivos. O prazer pode transformar um coração em pedra, a riqueza pode deixá-lo insensível, mas a tristeza... ah, a

tristeza não pode gelá-lo. Além do mais, que motivo a senhora tem para sentir-se triste agora? Afinal, neste momento ele a preza mais que nunca, embora sempre a tenha prezado, e, ah, como sempre foi imensa a estima que ele lhe teve! Ah, seja piedosa com ele!

gerald A senhora é minha mãe e meu pai numa pessoa só. Eu não preciso de outro pai. Foi pelo seu bem que falei, só pelo seu bem. Ah, diga alguma coisa, mãe. Será que eu encontrei um amor só para perder o outro? Não me diga isso. Ah, mãe, a senhora é cruel.

Levanta-se e se atira num sofá, chorando.

sra. arbuthnot (*para Hester*) Mas ele encontrou de fato outro amor?

hester A senhora sabe que eu sempre o amei.

sra. arbuthnot Mas somos muito pobres.

hester Quem, sendo amado, é pobre? Ah, ninguém. Odeio a minha riqueza. Ela é um fardo. Deixe que ele partilhe dela comigo.

sra. arbuthnot Mas nós estamos em desgraça. Pertencemos à classe dos proscritos. Gerald nem tem sobrenome. Os pecados dos pais devem ser lançados sobre os filhos. É a lei de Deus.

hester Eu estava errada. A única lei de Deus é o Amor.

sra. arbuthnot (*levanta-se e, pegando Hester pela mão, vai lentamente até onde Gerald está, deitado no sofá, com o rosto enterrado nas mãos. Ela o toca e ele levanta a cabeça*) Gerald, não posso lhe dar um pai, mas lhe trouxe uma esposa.

gerald Mãe, não sou digno nem dela nem da senhora.

sra. arbuthnot Então ela vem primeiro, você é digno. E quando estiver longe, Gerald... com... ela... ah, pense em mim de vez em quando. Não se esqueça de mim. E quando você rezar, reze por mim. Quando estamos felizes é que mais devemos rezar, e você será feliz, Gerald.

hester A senhora não está pensando em nos deixar, está?

gerald Mãe, a senhora não vai nos deixar, vai?

sra. arbuthnot Eu posso trazer vergonha a vocês!

gerald Mãe!

sra. arbuthnot Por pouco tempo, então; e, se vocês me deixarem, sempre por perto.

hester (*para a sra. Arbuthnot*) Venha conosco até o jardim.

sra. arbuthnot Mais tarde, mais tarde.

Saem Hester e Gerald.

A sra. Arbuthnot anda em direção à porta da esquerda. Para diante do espelho pendurado sobre o consolo da lareira e olha para ele.

alice Um cavalheiro deseja vê-la, senhora.

sra. arbuthnot Diga que eu não estou em casa. Deixe-me ver o cartão. *(pega o cartão da bandeja e o lê)* Diga que não quero vê-lo. *(lorde Illingworth entra.¹¹ A sra. Arbuthnot o vê pelo espelho e tem um sobressalto, mas não se vira. Sai Alice)* O que o senhor pode ter a me dizer hoje, George Harford? O senhor não pode ter nada para me dizer. Quero que saia desta casa.

lorde illingworth Rachel, Gerald agora já sabe de tudo sobre você e eu. Então, precisamos fazer algum acordo que convenha a nós três. Eu lhe asseguro, ele vai encontrar em mim o mais encantador e generoso dos pais.

sra. arbuthnot Meu filho pode entrar a qualquer momento. Salvei o senhor ontem à noite, mas posso não conseguir salvá-lo de novo. Saber da minha desonra deixou meu filho muito abalado, terrivelmente abalado. Rogo ao senhor que vá embora.

lorde illingworth *(sentando-se)* O que aconteceu ontem à noite foi extremamente lamentável. Aquela puritana tola fazendo uma cena só porque eu quis beijá-la. Que mal há em um beijo?

sra. arbuthnot *(virando-se)* Um beijo pode arruinar uma vida humana, George Harford. *Eu sei disso. Sei muito bem.*

lorde illingworth Não vamos discutir esse assunto agora. O que é importante hoje, como ontem, ainda é o nosso filho. Gosto muitíssimo dele, como você sabe, e, por estranho que possa lhe parecer, a conduta dele ontem à noite me agradou imensamente. Ele saiu em defesa da formosa moralista com uma presteza maravilhosa. Ele é exatamente como eu gostaria que um filho meu fosse. Salvo pelo fato de que nenhum filho meu deveria jamais ficar do lado dos puritanos; isso é sempre um grande erro. Bem, o que eu tenho a propor é o seguinte...

sra. arbuthnot Nenhuma proposta sua me interessa, lorde Illingworth.

lorde illingworth De acordo com nossas ridículas leis inglesas, não posso legitimar Gerald. Mas posso deixar para ele minhas propriedades. Illingworth está vinculada,¹² obviamente, mas aquilo lá é uma caserna tediosa, de qualquer forma. Ele pode ficar com Ashby, que é muito mais bonita, com Harborough, que tem o melhor campo de caça do norte da Inglaterra, e com a casa da St. James's Square. O que mais um cavalheiro pode desejar neste mundo?

sra. arbuthnot Mais nada, tenho certeza.

lorde illingworth Quanto a ter um título, um título na verdade não passa de um inconveniente nestes tempos democráticos. Como George Harford, eu tinha tudo o que queria. Agora tenho apenas

tudo o que as outras pessoas querem, o que não é nem de longe tão agradável. Bem, minha proposta é essa.

sra. arbutnott Eu já lhe disse que não estou interessada e torno a rogar ao senhor que vá embora.

lord illingworth O garoto ficaria com você seis meses por ano e comigo os outros seis meses. É absolutamente justo, não é? Você pode ter a mesada que quiser e morar onde bem entender. Quanto ao seu passado, ninguém sabe de nada a não ser eu e Gerald. E a puritana também, claro, a puritana de musselina branca, mas ela não conta. Ela não poderia contar a história sem revelar que não quis ser beijada, poderia? E, se ela revelasse isso, todas as mulheres a achariam uma grande tola e todos os homens uma grande chata. E você não precisa temer que Gerald não seja meu herdeiro. Nem preciso lhe dizer que não tenho a menor intenção de me casar.

sra. arbutnott O senhor chegou tarde demais. Meu filho não precisa do senhor. O senhor não é necessário.

lord illingworth O que você quer dizer com isso, Rachel?

sra. arbutnott Que o senhor não é necessário para a carreira de Gerald. Ele não precisa do senhor.

lord illingworth Não estou entendendo.

sra. arbutnott Olhe para o jardim. (*lord illingworth se levanta e anda em direção à porta envidraçada*)¹³ É melhor não deixar que eles o vejam; o senhor traz lembranças desagradáveis. (*lord illingworth olha para fora e tem um sobressalto*) Ela o ama. Eles se amam. Estamos salvos do senhor. E vamos embora daqui.

lord illingworth Para onde?

sra. arbutnott Não vamos lhe dizer, e se o senhor nos encontrar vamos agir como se não o conhecêssemos. O senhor parece surpreso. Que tipo de acolhida poderia ter da moça cujos lábios o senhor tentou macular, do rapaz cuja vida o senhor aviltou, da mãe cuja desonra vem do senhor?

lord illingworth Você se tornou dura, Rachel.

sra. arbutnott Eu já fui fraca demais um dia. É bom para mim que eu tenha mudado.

lord illingworth Eu era muito jovem na época. Nós, homens, conhecemos a vida cedo demais.

sra. arbutnott E nós, mulheres, conhecemos a vida tarde demais. Essa é a diferença entre homens e mulheres.

Uma pausa.

lord illingworth Rachel, eu quero meu filho. Meu dinheiro pode não ter utilidade para ele agora. Eu posso não ter utilidade para ele agora, mas quero o meu filho. Junte-nos, Rachel. Você pode fazer

Vê a carta em cima da mesa.

sra. arbuthnot Não há espaço na vida do meu filho para o *senhor*. Ele não está interessado no *senhor*.

lorde illingworth Então por que escreveria para mim?

sra. arbuthnot O que o senhor quer dizer?

lorde illingworth Que carta é essa?

Pega a carta.

sra. arbuthnot Isso... não é nada. Dê-me isso.

lorde illingworth O envelope está endereçado a *mim*.

sra. arbuthnot O senhor não pode abrir essa carta. Eu o proíbo de abrir essa carta.

lorde illingworth E tem a letra de Gerald.

sra. arbuthnot Isso não ia ser enviado. Foi uma carta que escreveu para o senhor esta manhã, antes de falar comigo. Mas ele está arrependido do que escreveu, muito arrependido. O senhor não pode abri-la. Dê-me essa carta.

lorde illingworth Ela pertence a mim (*abre a carta, senta-se e a lê devagar. A sra. Arbuthnot o observa o tempo inteiro*) Você leu a carta, imagino, Rachel?

sra. arbuthnot Não.

lorde illingworth Mas você sabe o que está escrito nela?

sra. arbuthnot Sei!

lorde illingworth Não admito nem por um instante que o garoto tenha razão no que diz. Não aceito que eu tenha qualquer espécie de obrigação de me casar com você. Nego isso categoricamente. Mas para ter meu filho de volta, estou disposto a isso... Sim, estou disposto a me casar com você, Rachel. E a tratá-la sempre com a deferência e o respeito que se deve a uma esposa. Eu me casarei com você quando quiser. Dou-lhe minha palavra de honra.

sra. arbuthnot O senhor já me fez essa promessa uma vez e não a cumpriu.

lorde illingworth Mas vou cumpri-la agora. Isso lhe mostrará que amo o meu filho, ao menos tanto quanto você o ama. Pois ao me casar com você, Rachel, há certas ambições das quais estarei abrindo mão. Ambições nobres, aliás, se alguma ambição é nobre.

sra. arbuthnot Não aceito me casar com o senhor, lorde Illingworth.

lorde illingworth Você está falando sério?

sra. arbuthnot Estou.

lorde illingworth Diga-me, por gentileza, quais são suas razões para não aceitar. Elas me interessariam enormemente.

sra. arbuthnot Já expliquei minhas razões ao meu filho.

lorde illingworth Imagino que sejam razões intensamente sentimentais, não? Vocês, mulheres, vivem das suas emoções e para elas. Vocês não têm filosofia de vida.

sra. arbuthnot Tem razão. Nós, mulheres, vivemos das nossas emoções e para elas. Das nossas paixões e para elas, se preferir. Tenho duas paixões, lorde Illingworth, o amor por meu filho e meu ódio pelo senhor. E não há como matar nenhuma das duas. Elas se alimentam mutuamente.

lorde illingworth Que espécie de amor é esse que precisa do ódio como seu irmão?

sra. arbuthnot É a espécie de amor que sinto por Gerald. O senhor o acha terrível? Bem, ele é terrível. Todo amor é terrível. Todo amor é uma tragédia. Eu o amei um dia, lorde Illingworth. Ah, que tragédia é para uma mulher ter amado o senhor!

lorde illingworth Então você realmente se recusa a se casar comigo?

sra. arbuthnot Sim, eu me recuso.

lorde illingworth Porque me odeia?

sra. arbuthnot Sim, porque o odeio.

lorde illingworth E o meu filho também me odeia?

sra. arbuthnot Não.

lorde illingworth Isso me deixa contente, Rachel.

sra. arbuthnot Ele apenas o despreza.

lorde illingworth Que pena! Que pena para ele, quero dizer.

sra. arbuthnot Não se engane, George. Os filhos começam amando os pais. Depois de algum tempo, eles os julgam. Raramente eles os perdoam, se é que perdoam.¹⁵

lorde illingworth (*lê a carta novamente, bem devagar*) Eu poderia saber com que argumentos você convenceu o rapaz que escreveu esta carta, esta carta tão bonita e passionai, de que você não deveria se casar com o pai dele, com o pai do seu próprio filho?

sra. arbuthnot Não fui eu que o convenci. Foi outra pessoa.

lorde illingworth Que pessoa mais *fin de siècle*¹⁶ foi essa?

sra. arbuthnot A puritana, lorde Illingworth.

Uma pausa.

lorde illingworth (*estremece, depois se levanta lentamente e se dirige à mesa onde estão suas luvas e seu chapéu. A sra. Arbuthnot está parada perto da mesa. Ele pega uma das luvas e começa a vesti-la*) Então não há mesmo nada que eu possa fazer aqui, Rachel?

sra. arbuthnot Nada.

lorde illingworth É adeus, então?

sra. arbuthnot Desta vez para sempre, eu espero, lorde Illingworth.

lorde illingworth Que curioso! Neste momento você está exatamente como estava no dia em que me deixou, vinte anos atrás. Está exatamente com a mesma expressão na boca. Palavra de honra, Rachel, nenhuma mulher jamais me amou como você me amou. Você se entregou a mim como uma flor, para que eu fizesse o que bem entendesse. Você foi o mais belo dos brinquedos, o mais fascinante dos pequenos romances... *(tira um relógio do bolso)* Quinze para as duas! Preciso voltar a galope para Hunstanton. Não imagino que venha a encontrá-la de novo lá. Lamento muito, lamento de verdade. Foi uma experiência muito divertida nos encontrarmos entre pessoas da minha classe, sendo ambos tratados com muita seriedade, minha amante e minha...

*A sra. Arbuthnot pega a luva e bate com ela no rosto de lorde Illingworth. Lorde Illingworth tem um sobressalto. Fica aturdido com o insulto da punição que recebe. Depois se controla, vai até a porta envidraçada e fica olhando para o filho. Solta um suspiro e sai.*¹⁷

sra. arbuthnot *(desaba no sofá, chorando)* Ele teria dito. Ele teria dito.

Entram Gerald e Hester, do jardim.

gerald Bem, mamãe, a senhora não foi nos encontrar, afinal. Então, nós viemos buscá-la. Mãe, a senhora não estava chorando, estava?

Ajoelha-se perto dela.

sra. arbuthnot Meu menino! Meu menino! Meu menino!

Passando os dedos no cabelo dele.

hester *(indo para perto deles)* Mas a senhora tem dois filhos agora. A senhora me deixaria ser sua filha?

sra arbuthnot *(erguendo o olhar)* Você escolheria a mim como mãe?

hester Entre todas as mulheres que já conheci.

Elas vão andando até a porta que dá para o jardim abraçadas uma à outra. Gerald vai até a mesa à esquerda para pegar seu chapéu. Ao se virar, vê a luva de lorde Illingworth caída no chão e a pega.

gerald De quem é essa luva, mamãe? A senhora recebeu uma visita? Quem era?

sra. arbuthnot *(virando-se para trás)* Ah, ninguém. Ninguém em particular. Um homem sem importância.¹⁸

cortina.

Um marido ideal

Para Frank Harris,¹ um pequeno tributo a seu poder e excelência como artista, sua generosidade e nobreza como amigo.

personagens

Conde de Caversham, *cavaleiro da Ordem da Jarreteira*

Visconde Goring, *seu filho*

Sir Robert Chiltern, baronete, *subsecretário*

das Relações Exteriores

Vicomte de Nanjac, *adido da embaixada*

francesa em Londres

Sr. Montford

Mason, *mordomo de sir Robert Chiltern*

Phipps, *criado de lorde Goring*

James e Harold, *lacaio*

Lady Chiltern

Lady Markby

Condessa de Basildon

Sra. Marchmont

Srta. Mabel Chiltern, *irmã de sir Robert Chiltern*

Sra. Cheveley

tempo

Presente

lugar

Londres

A ação da peça se passa em vinte e quatro horas

Primeiro ato

cena

O salão octogonal da casa de sir Robert Chiltern, na Grosvenor Square.¹ Brilhantemente iluminado, o salão está cheio de convidados. No alto da escada, vemos lady Chiltern, uma mulher de reconhecida beleza grega, com cerca de vinte e sete anos de idade. Ela recebe os convidados à medida que eles vão chegando lá em cima. Pendurado sobre o poço da escada, um magnífico candelabro repleto de velas ilumina uma enorme tapeçaria francesa do século xviii — representando O triunfo de Vênus, a partir de um desenho de Boucher — estendida na parede da escada. À direita fica a entrada da sala de música. Ouve-se ao longe um quarteto de cordas. A entrada à esquerda leva a outros salões de recepção. A sra. Marchmont e lady Basildon, duas mulheres muito bonitas, estão sentadas lado a lado num sofá Luís xvi. São mulheres de compleição esplendidamente frágil. Suas maneiras afetadas têm uma graça delicada. Watteau teria adorado pintá-las.

sra. marchmont Você vai à casa dos Hartlock mais tarde, Margaret?

lady basildon Suponho que sim. Você vai?

sra. marchmont Vou. As festas deles são terrivelmente tediosas, não?

lady basildon Terrivelmente tediosas! Eu nunca sei por que vou.

Nunca sei por que vou a lugar nenhum.

sra. marchmont Eu venho aqui para me educar.

lady basildon Ah! Detesto me educar!

sra. marchmont Eu também. Isso nos põe quase no mesmo nível que as classes comerciais, não é verdade? Mas Gertrude Chiltern vive me dizendo que preciso ter um objetivo sério na vida. Então, venho aqui para tentar encontrar um.

lady basildon *(olhando ao redor com seu lornhão)* Não estou vendo ninguém aqui hoje a quem se possa chamar de um objetivo sério. Meu par durante o jantar ficou o tempo inteiro falando da esposa dele.

sra. marchmont Que coisa mais trivial!

lady basildon Terrivelmente trivial! E seu par falou sobre o quê?

sra. marchmont Sobre mim.

lady basildon *(languidamente)* E você achou interessante?

sra. marchmont *(fazendo que não com a cabeça)* Nem um pouco.

lady basildon Que mártires nós somos, Margaret, querida!

sra. marchmont *(levantando-se)* E como isso nos cai bem, Olivia!

Elas se levantam e seguem em direção à sala de música. O vicomte de

Nanjac, um jovem adido famoso por suas gravatas e sua anglomania, aproxima-se delas, faz uma reverência e entabula uma conversa.

mason (anunciando convidados do alto da escada) Senhor e lady Jane Barford. Lorde Caversham.

*Entra lorde Caversham, um cavalheiro de setenta anos, usando a faixa e a estrela da Ordem da Jarreteira. Um belo exemplo de whig. Faz lembrar um retrato pintado por Lawrence.*²

lorde caversham Boa noite, lady Chiltern! Aquele inútil do meu filho apareceu por aqui?

lady chiltern (*sorrindo*) Acho que lorde Goring ainda não chegou, lorde Caversham.

mabel chiltern (*aproximando-se de lorde Caversham*) Por que o senhor chama lorde Goring de inútil?

*Mabel Chiltern é um perfeito exemplo do tipo inglês de beleza, o tipo botão de macieira. Ela tem toda a fragrância e liberdade de uma flor. Em seus cabelos, veem-se ondas e ondas de reflexos dourados como raios de sol, e sua boca pequena, com os lábios entreabertos, parece estar em expectativa, como a boca de uma criança. Ela tem a fascinante tirania da juventude e a espantosa coragem da inocência. A pessoas equilibradas, não faz lembrar nenhuma obra de arte. Na verdade, porém, ela é como uma estatueta de Tânagra,*³ *mas ficaria um bocado aborrecida se alguém lhe dissesse isso.*

lorde caversham Porque ele vive no ócio.

mabel chiltern Como o senhor pode dizer uma coisa dessas? Ora, ele cavalga na Row⁴ às dez da manhã, vai à ópera três vezes por semana, troca de roupa pelo menos cinco vezes por dia e janta fora todas as noites durante a temporada. O senhor não chama isso de ócio, chama?

lorde caversham (*olhando para ela com um brilho gentil nos olhos*) A senhorita é uma jovem encantadora!

mabel chiltern Que gentileza a sua dizer isso, lorde Caversham! Por favor, venha nos visitar com mais frequência. O senhor sabe que nós sempre ficamos em casa às quartas-feiras, e o senhor fica tão bem com sua estrela!⁵

lorde caversham Eu agora não saio mais para lugar nenhum. Estou cansado da sociedade londrina. Não que fosse me importar de ser apresentado ao meu próprio alfaiate, que sempre vota no lado certo. Mas ficaria muito contrariado se tivesse de ladear a chapeleira da minha mulher à mesa de jantar. Nunca suportei os chapéus que lady Caversham usa.

mabel chiltern Ah, eu adoro a sociedade londrina! Acho que ela melhorou muitíssimo. Hoje em dia, compõe-se unicamente de lindos idiotas e lunáticos geniais. Exatamente como uma sociedade deve ser.

lorde caversham Hum! E qual deles Goring é? Um lindo idiota ou a outra coisa?

mabel chilter (séria) Por ora, tenho sido forçada a manter lorde Goring numa categoria à parte. Mas ele está evoluindo muito bem!

lorde caversham Evoluindo em que sentido?

mabel chiltern (com uma pequena mesura) Espero poder informar ao senhor muito em breve, lorde Caversham!

mason (anunciando convidados) Lady Markby. Senhora Cheveley.

Entram lady Markby e a sra. Cheveley. Lady Markby é uma mulher agradável, gentil e popular, com cabelo grisalho à la marquise⁶ e vestido de boa renda. A sra. Cheveley, que a acompanha, é alta e esguia. Lábios muito finos e vivamente pintados, uma linha escarlate num rosto pálido. Cabelo muito vermelho, nariz aquilino e pescoço longo. O ruge acentua a palidez natural de sua pele. Olhos verdes acinzentados que se movem de maneira inquieta. Ela está de lilás e usa diamantes.⁷ Parece um pouco com uma orquídea, e sua figura desperta a curiosidade de todos. É extremamente graciosa em todos os seus movimentos. No todo, uma obra de arte, mas que mostra a influência de um número excessivo de escolas.

lady markby Boa noite, Gertrude, querida! Você foi tão gentil deixando que eu trouxesse minha amiga, a sra. Cheveley. Duas mulheres tão encantadoras precisam se conhecer!

lady chiltern (anda em direção à sra. Cheveley com um sorriso doce. De repente, para e a cumprimenta de forma um tanto distante, inclinando a cabeça) Creio que eu e a senhora Cheveley já nos conhecemos. Não sabia que ela havia se casado pela segunda vez.

lady markby (afável) Ah, hoje em dia as pessoas se casam o máximo de vezes que podem, não é verdade? Está muito na moda. (para a duquesa de Maryborough) Duquesa, querida, como está o duque? A cabeça continua fraca, suponho? Bem, já era de esperar, não é? Com o pai dele foi a mesma coisa. Não há nada como a raça, não é mesmo?

sra. cheveley (brincando com seu leque) Mas realmente já nos conhecemos, lady Chiltern? Não estou conseguindo me lembrar de onde. Fiquei tanto tempo fora da Inglaterra.

lady chiltern Nós estudamos juntas, senhora Cheveley.

sra. cheveley (com ar de desdém) É mesmo? Não tenho lembrança nenhuma dos meus tempos de escola. Tenho apenas uma vaga impressão de que foram tempos detestáveis.

lady chiltern (*com frieza*) Não me surpreende!

sra. cheveley (*no tom mais afável de que é capaz*) Sabe, estou muito ansiosa para conhecer seu marido tão talentoso, lady Chiltern. Desde que assumiu a pasta das Relações Exteriores ele tem sido muito comentado lá em Viena.⁸ Os jornais até escrevem o nome dele corretamente. No continente, isso por si só já é fama.

lady chiltern Não creio que a senhora e meu marido tenham muito em comum, senhora Cheveley!

Afasta-se.

vicomte de nanjac Ah, *chère Madame, quelle surprise!* Não a vejo desde Berlim!

sra. cheveley É verdade, *vicomte*, desde Berlim. Cinco anos atrás!

vicomte de nanjac E a senhora está mais jovem e mais bonita do que nunca. Como consegue?

sra. cheveley Seguindo a regra de só conversar com pessoas absolutamente encantadoras como o senhor.

vicomte de nanjac Ah! A senhora está me lisonjeando. Está me chaleirando, como as pessoas dizem aqui.

sra. cheveley As pessoas dizem isso aqui? Que coisa pavorosa!

vicomte de nanjac Sim, elas têm um linguajar maravilhoso. Pena que não seja mais conhecido.

Entra sir Robert Chiltern. É um homem de quarenta anos, mas aparenta ser mais jovem. Rosto bem barbeado, de feições finas; cabelos e olhos escuros. Uma personalidade marcante. Não é popular — poucas personalidades o são —, mas é intensamente admirado por poucos e profundamente respeitado por muitos. Seu jeito transmite uma distinção absoluta, com um leve toque de orgulho. Tem-se a sensação de que ele tem consciência do sucesso que alcançou na vida. Um temperamento nervoso, com um ar cansado. A boca e o queixo bem delineados contrastam de forma notável com a expressão romântica dos olhos fundos. Tal contraste sugere uma separação quase completa entre paixão e intelecto, como se pensamento e emoção estivessem, cada qual, isolados em suas próprias esferas por meio de algum violento esforço da força de vontade. Percebe-se uma inquietação nas narinas e nas mãos pálidas, magras e longas. Seria incorreto chamá-lo de pitoresco. O pitoresco não consegue sobreviver na Câmara dos Comuns. Mas Van Dyck⁹ teria gostado de pintar um retrato dele.

sir robert chiltern Boa noite, lady Markby! A senhora trouxe sir John consigo, espero?

lady markby Ah, eu trouxe uma pessoa muito mais encantadora que sir John. Desde que resolveu levar a política a sério, sir John ficou

com um humor insuportável. Sinceramente, a Câmara dos Comuns tem feito muito mal a todos agora que está tentando se tornar útil.

sir robert chiltern Espero que não, lady Markby. De qualquer forma, nós fazemos o máximo possível para desperdiçar o tempo das pessoas, não é verdade? Mas quem é essa pessoa tão encantadora que a senhora teve a gentileza de trazer até nós?

lady markby O nome dela é senhora Cheveley. Dos Cheveley de Dorsetshire, suponho. Mas, para ser franca, não sei. As famílias hoje em dia estão muito misturadas. Na verdade, em geral, todo mundo acaba se revelando outra pessoa.

sir robert chiltern Senhora Cheveley? O nome me parece familiar.

lady markby Ela acabou de chegar de Viena.

sir robert chiltern Ah, sim! Acho que sei de quem se trata.

lady markby Ela vai a todos os lugares por lá e tem mexericos interessantíssimos para contar sobre todos os amigos dela. Eu realmente preciso ir a Viena no próximo inverno. Espero que a embaixada tenha um bom chef.

sir robert chiltern Se não tiver, o embaixador certamente terá de ser substituído. Mostre-me, por favor, quem é a senhora Cheveley. Eu gostaria muito de vê-la.

lady markby Deixe-me apresentá-la ao senhor. *(para a sra. Cheveley)* Minha querida, sir Robert Chiltern está louco para conhecê-la!

sir robert chiltern *(fazendo uma mesura)* Todo mundo está louco para conhecer a fascinante senhora Cheveley. Nossos adidos em Viena não nos escrevem sobre outra coisa.

sra. cheveley Obrigada, sir Robert. Uma relação que se inicia com um elogio por certo irá se tornar uma verdadeira amizade, pois começa da maneira certa. E eu ainda descobri que já conhecia lady Chiltern.

sir robert chiltern É mesmo?

sra. cheveley É, ela acabou de me lembrar que nós estudamos juntas. Agora me recordo perfeitamente. Ela sempre ganhava o prêmio por bom comportamento. Ficou nitidamente gravado na minha memória que lady Chiltern sempre ganhava o prêmio por bom comportamento!

sir robert chiltern *(sorrindo)* E que prêmios a senhora ganhava, senhora Cheveley?

sra. cheveley Os meus prêmios só vieram um pouco mais tarde. E tenho a impressão de que nenhum deles foi por bom comportamento. Não me lembro!

sir robert chiltern Ah, mas eu tenho certeza de que foi por algo encantador!

sra. cheveley Eu não sei se as mulheres são premiadas por serem encantadoras. Acho que em geral são punidas por isso! Certamente, mais mulheres envelhecem hoje em dia por causa da lealdade de

seus admiradores do que por qualquer outra razão! Pelo menos, essa é a única explicação que encontro para a aparência exaurida da maioria das mulheres bonitas de Londres!

sir robert chiltern Parece-me uma teoria assombrosa! Tentar classificá-la, senhora Cheveley, seria um atrevimento, mas, se me permite perguntar, a senhora no fundo é uma otimista ou uma pessimista? Essas parecem ser as duas únicas religiões de bom-tom que nos restam hoje em dia.

sra. cheveley Ah, eu não sou nem uma coisa nem outra. O otimismo começa com um largo sorriso, e o pessimismo termina com óculos azuis.¹⁰ Além do mais, ambos não passam de poses.

sir robert chiltern A senhora prefere ser natural?

sra. cheveley Às vezes. Mas essa é uma pose muito difícil de se manter.

sir robert chiltern O que será que esses autores modernos de romances psicológicos, de quem tanto ouvimos falar, diriam de uma teoria como essa?

sra. cheveley Ah, a força das mulheres advém do fato de que a psicologia não consegue nos explicar. Os homens podem ser analisados, as mulheres... apenas adoradas.

sir robert chiltern A senhora acha que a ciência não é capaz de lidar com o problema das mulheres?

sra. cheveley A ciência nunca consegue lidar com o irracional. É por isso que ela não tem futuro neste mundo.

sir robert chiltern E as mulheres representam o irracional?

sra. cheveley As mulheres que se vestem bem, sim.

sir robert chiltern (*fazendo uma mesura educada*) Receio não poder concordar com a senhora nesse ponto. Mas, por favor, sente-se. E agora me diga o que a fez trocar a sua resplandecente Viena pela nossa sombria Londres — ou será que a pergunta é indiscreta?

sra. cheveley Perguntas nunca são indiscretas. Respostas às vezes são.

sir robert chiltern Bem, de qualquer forma, eu poderia saber se o que a trouxe aqui foi o prazer ou a política?

sra. cheveley A política é o meu único prazer. Sabe, hoje em dia não é de bom-tom flertar antes dos quarenta anos, nem ser romântica antes dos quarenta e cinco, então nós, pobres mulheres que temos menos de trinta, ou dizemos ter, não dispomos de nenhuma outra opção a não ser a política ou a filantropia. E a filantropia me parece ter se transformado simplesmente no refúgio das pessoas que gostam de amofinar seus semelhantes. Eu prefiro a política. Acho que ela é mais... elegante!

sir robert chiltern A política é uma carreira nobre!

sra. cheveley Às vezes. E às vezes ela é um jogo inteligente, sir Robert. E, às vezes, uma grande dor de cabeça.

sir robert chiltern Para a senhora ela é o quê?
sra. cheveley Para mim? Uma combinação das três coisas.

Deixa o leque cair.

sir robert chiltern (*abaixando-se para pegar o leque*) Permita-me!

sra. cheveley Obrigada.

sir robert chiltern Mas a senhora ainda não me disse o que a fez honrar Londres com sua súbita presença. Nossa temporada está quase no fim.

sra. cheveley Ah, eu não dou a mínima para a temporada londrina! É matrimonial demais. As pessoas estão sempre caçando maridos ou se escondendo deles. Eu queria conhecer o senhor. É verdade. E o senhor sabe como é a curiosidade das mulheres. É quase tão grande quanto a dos homens! Queria muitíssimo conhecê-lo e também... lhe pedir um favor.

sir robert chiltern Espero que não seja um pequeno favor, senhora Cheveley. Acho tão difícil fazer pequenos favores.

sra. cheveley (*depois de um instante de reflexão*) Não, não creio que seja exatamente um pequeno favor.

sir robert chiltern Fico contente. Mas me diga, por gentileza, do que se trata.

sra. cheveley Ah, mais tarde eu lhe digo. (*levanta-se*) Agora, se me permite, gostaria muito de conhecer sua linda casa. Eu soube que o senhor é dono de uma admirável coleção de pinturas. O falecido barão Arnheim — o senhor se lembra do barão? Ele costumava comentar comigo que o senhor tinha corots maravilhosos.¹¹

sir robert chiltern (*com um sobressalto quase imperceptível*) A senhora conhecia bem o barão Arnheim?

sra. cheveley (*sorrindo*) Intimamente. E o senhor?

sir robert chiltern Também tive muito contato com ele, uma época.

sra. cheveley Ele era um homem maravilhoso, não era?

sir robert chiltern (*depois de uma pausa*) Era um homem notável, em muitos sentidos.

sra. cheveley Sinto muita pena por ele nunca ter chegado a escrever um livro de memórias. Teria sido um livro interessantíssimo.

sir robert chiltern É, ele conhecia homens e cidades muito bem, como aquele grego antigo.

sra. cheveley Sem a terrível desvantagem de ter uma Penélope¹² à sua espera em casa.

mason Lorde Goring.

Entra lorde Goring. Tem trinta e quatro anos, mas sempre diz ter menos. Rosto aristocrático e sem expressão. É inteligente, mas não gostaria que

pensassem isso dele. Um dândi impecável, ficaria muito aborrecido se fosse considerado romântico. Leva a vida na flauta e se relaciona perfeitamente bem com o mundo. Gosta de ser mal interpretado. Isso lhe dá uma margem de vantagem.

sir robert chiltern Boa noite, meu caro Arthur! Senhora Cheveley, permita-me apresentá-la a lorde Goring, o homem mais ocioso de Londres.

sra. cheveley Eu já conheço lorde Goring.

lorde goring (*inclinando a cabeça*) Não pensei que fosse se lembrar de mim, senhora Cheveley.

sra. cheveley Minha memória está admiravelmente sob controle. E o senhor continua solteiro?

lorde goring Eu... acredito que sim.

sra. cheveley Que coisa mais romântica!

lorde goring Ah, eu não sou romântico de forma alguma. Ainda não tenho idade para isso. Prefiro deixar o romantismo para os mais velhos.

sir robert chiltern Lorde Goring é fruto do Boodle's Club,¹³ senhora Cheveley.

sra. cheveley Ele mostra que a instituição tem muito mérito.

lorde goring Se me permite perguntar, a senhora vai ficar muito tempo em Londres?

sra. cheveley Isso depende de três fatores: do clima, da comida e de sir Robert.

sir robert chiltern A senhora não vai nos arrastar para uma guerra europeia, espero?

sra. cheveley Quanto a isso não há perigo, por ora!

Com expressão brejeira nos olhos, ela se despede de lorde Goring inclinando a cabeça e se afasta com sir Robert Chiltern. Lorde Goring caminha sem pressa em direção a Mabel Chiltern.

mabel chiltern O senhor está muito atrasado!

lorde goring A senhorita sentiu minha falta?

mabel chiltern Terrivelmente!

lorde goring Que pena que não me atrasei mais então. Gosto que sintam minha falta.

mabel chiltern Que atitude mais egoísta!

lorde goring Sou muito egoísta.

mabel chiltern O senhor vive me falando dos seus defeitos, lorde Goring.

lorde goring Eu só lhe falei da metade deles até agora, senhorita Mabel!

mabel chiltern Os outros são muito ruins?

lorde goring São terríveis! Quando penso neles à noite, durmo na mesma hora.

mabel chiltern Bem, eu adoro seus defeitos. Não gostaria que o senhor se livrasse de nenhum deles.

lorde goring Que gentil da sua parte! Mas, na verdade, a senhorita é sempre muito gentil. A propósito, eu queria lhe perguntar uma coisa, senhorita Mabel. Quem trouxe aqui a senhora Cheveley, aquela mulher de lilás que acabou de sair da sala com seu irmão?

mabel chiltern Ah, acho que foi lady Markby. Por que pergunta?

lorde goring Porque não a vejo há anos, só por isso.

mabel chiltern Que razão absurda!

lorde goring Todas as razões são absurdas.

mabel chiltern Que tipo de mulher ela é?

lorde goring Ah, ela é um gênio de dia e uma beldade à noite!

mabel chiltern Já não gosto dela.

lorde goring Isso mostra seu admirável bom gosto.

vicomte de nanjac (*aproximando-se*) Ah, a jovem dama inglesa é um dragão do bom gosto, não é mesmo? Um verdadeiro dragão do bom gosto.

lorde goring É o que os jornais vivem nos dizendo.

vicomte de nanjac Eu leio todos os jornais ingleses. Acho os jornais de vocês tão divertidos!

lorde goring Então, meu caro Nanjac, você certamente deve ler nas entrelinhas.

vicomte de nanjac Eu adoraria, mas meu professor não deixa. (*para Mabel Chiltern*) Eu poderia ter o prazer de acompanhá-la até a sala de música, mademoiselle?

mabel chiltern (*parecendo muito desapontada*) Eu ficaria encantada, vicomte, encantada! (*virando-se para lorde Goring*) O senhor não vai para a sala de música?

lorde goring Não se estiverem tocando alguma música, senhorita Mabel.

mabel chiltern (*em tom severo*) A música é em alemão. O senhor não iria entender.¹⁴

Sai com vicomte de Nanjac. Lorde Caversham vai para perto do filho.

lorde caversham Então, senhor! O que o senhor está fazendo aqui? Desperdiçando sua vida, como sempre! O senhor deveria estar na cama! É um absurdo trocar a noite pelo dia como o senhor faz! Eu soube que na noite passada o senhor ficou dançando na casa de lady Rufford até as quatro da manhã!

lorde goring Na verdade, foi só até quinze para as quatro, pai.

lord caversham Eu não entendo como você consegue aturar a sociedade londrina. A coisa está em franca decadência. Não passa de um bando de ninguéns insuportáveis falando sobre coisa nenhuma.

lord goring Eu adoro falar sobre coisa nenhuma, meu pai. É o único assunto sobre o qual sei alguma coisa.

lord caversham Ao que parece, o senhor está vivendo inteiramente para o prazer.

lord goring Para o que mais se há de viver, meu pai? Nada envelhece tão bem quanto a felicidade.

lord caversham O senhor é um desalmado, senhor, um desalmado!

lord goring Espero que não, meu pai. Boa noite, lady Basildon!

lady basildon (*arqueando duas lindas sobrancelhas*) O senhor por aqui? Nunca imaginei que o senhor frequentasse festas políticas!

lord goring Adoro festas políticas. Elas são o único lugar que nos restou onde as pessoas não falam de política.

lady basildon Adoro falar de política. Falo de política o dia inteiro. Mas não suporto ouvir gente falando de política. Não sei como os membros da Câmara aguentam aqueles debates intermináveis, coitados.

lord goring Eles aguentam porque nunca ouvem.

lady basildon É mesmo?

lord goring (*com a expressão mais séria do mundo*) Claro. Sabe, ouvir é uma coisa muito perigosa. Se uma pessoa ouve, ela pode acabar sendo convencida; e um homem que se deixa convencer por um argumento é uma pessoa completamente sem juízo.

lady basildon Ah, isso explica muita coisa que eu nunca entendi nos homens! E muita coisa que os maridos nunca valorizam nas mulheres!

sra. marchmont (*com um suspiro*) Nossos maridos nunca valorizam nada em nós. Temos que recorrer a outros para isso!

lady basildon (*enfaticamente*) Isso mesmo, sempre a outros, não é verdade?

lord goring (*sorrindo*) E essa é a opinião das duas senhoras que são conhecidas por terem os maridos mais admiráveis de Londres.

sra. marchmont É exatamente isso que não suportamos. Meu Reginald é irremediavelmente irrepreensível. Na verdade, ele é insuportavelmente irrepreensível, às vezes! Não há absolutamente nada de excitante em conhecê-lo.

lord goring Que horror! Realmente, eu acho que isso devia ser denunciado!

lady basildon Basildon é a mesma coisa. Ele é tão caseiro como um solteiro.

sra. marchmont (*segurando a mão de lady Basildon*) Minha pobre, pobre

Olivia! Nós nos casamos com maridos perfeitos e agora estamos sendo duramente punidas por isso.

lorde goring Engraçado, eu imaginava que os maridos fossem punidos.

sra. marchmont (*empertigando-se*) Não! Em absoluto! Eles estão na mais completa felicidade! E, quanto à questão da confiança, é trágico como eles confiam em nós.

lady basildon Absolutamente trágico!

lorde goring Ou seria cômico, lady Basildon?

lady basildon Certamente não é cômico, lorde Goring. Que indelicadeza sua sugerir tal coisa!

sra. marchmont Receio que lorde Goring esteja do lado do inimigo, como sempre. Eu o vi conversando com a tal senhora Cheveley quando chegou.

lorde goring Uma linda mulher, a senhora Cheveley!

lady basildon (*rígida*) Por favor, não elogie outras mulheres na nossa presença. O senhor deveria, antes, esperar que nós elogiássemos!

lorde goring Mas eu esperei.

sra. marchmont Bem, nós não vamos elogiar a senhora Cheveley. Eu soube que ela foi à ópera na noite de segunda-feira e disse a Tommy Rufford durante o jantar que, até onde lhe consta, a sociedade londrina se constitui unicamente de dândis e caipiras.

lorde goring No que, aliás, ela tem toda a razão. Os homens são todos caipiras e as mulheres são todas dândis, não é verdade?

sra. marchmont (*depois de uma pausa*) Ah! O senhor acha mesmo que foi isso que a senhora Cheveley quis dizer?

lorde goring Claro. E foi um comentário muito sensato da parte dela.

Entra Mabel Chiltern e se junta ao grupo.

mabel chiltern Por que vocês estão falando sobre a senhora Cheveley? Todo mundo só fala da senhora Cheveley! Lorde Goring disse... o que foi mesmo que o senhor disse, lorde Goring, sobre a senhora Cheveley? Ah, lembrei! Que ela é um gênio de dia e uma beldade à noite.

lady basildon Que combinação abominável! É tão antinatural!

sra. marchmont (*com ar sonhador*) Eu gosto de olhar para gênios e de ouvir pessoas bonitas.

lorde goring Que gosto mais mórbido, ¹⁵ senhora Marchmont!

sra. marchmont (*com o rosto iluminado por uma expressão de verdadeiro prazer*) Fico muito contente em ouvir o senhor dizer isso. Marchmont e eu estamos casados há sete anos e ele nunca, nem uma única vez, disse que eu era mórbida. Os homens são tão absurdamente desatentos!

lady basildon (*virando-se para ela*) Eu sempre disse, Margaret, querida,

que você é a pessoa mais mórbida de Londres.
sra. marchmont Ah, mas você é sempre bondosa, Olivia!
mabel chiltern É mórbido ter vontade de comer? Estou com uma enorme vontade de comer. Lorde Goring, será que o senhor poderia me levar para cear?¹⁶
lorde goring Com prazer, senhorita Mabel.

Afasta-se com ela.

mabel chiltern Estou muito zangada com o senhor! O senhor não falou comigo a noite inteira!
lorde goring Como poderia falar? A senhorita foi embora com aquele diplomata infante.
mabel chiltern O senhor poderia ter ido atrás de nós. Seguir-nos teria sido a atitude educada a tomar. Acho que não estou gostando nem um pouco do senhor hoje!
lorde goring Pois eu gosto imensamente da senhorita.
mabel chiltern Então o senhor deveria demonstrar isso de forma mais clara!

Eles descem a escada.

sra. marchmont Olivia, estou com uma curiosa sensação de absoluta fraqueza. Acho que eu gostaria muitíssimo de cear. Na verdade, tenho certeza de que gostaria de cear.
lady basildon Estou definitivamente morrendo de fome, Margaret!
sra. marchmont Os homens são tão egoístas, não? Eles nunca pensam nessas coisas.
lady basildon Os homens são uns grosseirões materialistas, é isso o que eles são!

Entra o vicomte de Nanjac com alguns outros convidados, vindos da sala de música. Depois de examinar cuidadosamente todas as pessoas presentes, ele se aproxima de lady Basildon.

vicomte de nanjac Eu poderia ter a honra de levá-la para cear, comtesse?
lady basildon (*com frieza*) Eu nunca ceio, *vicomte*, obrigada. (*o vicomte faz menção de se retirar. Vendo isso, lady Basildon se levanta na mesma hora e lhe dá o braço*) Mas terei prazer em acompanhá-lo até lá embaixo.
vicomte de nanjac Eu adoro comer! Sou muito inglês em todos os meus gostos.
lady basildon O senhor parece muito inglês, *vicomte*, muito mesmo.

Saem. O sr. Montford, um jovem dândi vestido com extremo apuro, se aproxima da sra. Marchmont.

sr. montford Gostaria de cear, senhora Marchmont?

sra. marchmont (*lânguida*) Obrigada, senhor Montford, mas jamais ceio. (*levanta-se às pressas e lhe dá o braço*) Contudo, posso me sentar ao seu lado e observá-lo.

sr. montford Não sei se gosto da ideia de ser observado enquanto estou comendo!

sra. marchmont Então, observarei outra pessoa.

sr. montford Também não sei se gosto dessa ideia.

sra. marchmont (*em tom severo*) Por favor, senhor Montford, não me faça uma cena de ciúmes em público!

Eles descem com outros convidados, passando por sir Robert Chiltern e a sra. Cheveley, que agora entram.

sir robert chiltern E a senhora pretende passar uns dias em alguma das nossas casas de campo antes de partir, senhora Cheveley?

sra. cheveley Ah, não! Não suporto esse hábito inglês de fazer reuniões sociais em casas de campo. Na Inglaterra, as pessoas tentam ser brilhantes até no café da manhã. É uma coisa tão desagradável! Só gente enfadonha é brilhante no café da manhã. E os fantasmas familiares sempre murmurando preces pelos cantos... Não. Minha estadia na Inglaterra realmente depende do senhor, sir Robert.

Senta-se no sofá.

sir robert chiltern (*sentando-se ao lado dela*) É sério?

sra. cheveley Muito sério. Quero conversar com o senhor sobre um grande projeto político e financeiro. Na verdade, sobre a construção daquele canal na Argentina.

sir robert chiltern Que assunto mais prático e tedioso a senhora foi escolher, senhora Cheveley!

sra. cheveley Gosto de assuntos práticos e tediosos. O que eu não gosto é de pessoas práticas e tediosas. Existe uma enorme diferença. Além disso, sei que o senhor se interessa por projetos de canais internacionais. O senhor era secretário de lorde Radley quando o governo comprou as ações do canal de Suez,¹⁷ não era?

sir robert chiltern Sim, era, mas o canal de Suez era um empreendimento realmente fantástico. Ele nos deu uma rota direta para a Índia. Era algo que tinha um valor inestimável para o império. Era necessário que nós tivéssemos o controle. Já esse

projeto argentino é uma falcatrúia corriqueira da Bolsa de Valores.
sra. cheveley Falcatrúia, não, sir Robert, especulação! Uma ousada e brilhante especulação.

sir robert chiltern Acredite, senhora Cheveley, é uma falcatrúia. Vamos chamar as coisas pelos seus devidos nomes. Tudo fica bem mais simples assim. Nós temos todas as informações sobre o projeto lá no ministério. Na verdade, enviei uma comissão especial até lá para averiguar reservadamente a situação e eles disseram que as obras mal começaram e que ninguém parece saber que fim levou o dinheiro já investido. A coisa toda é um segundo canal do Panamá,¹⁸ e sem um quarto das chances de sucesso que aquele lamentável empreendimento teve um dia. A senhora não investiu no projeto, espero. Não, tenho certeza de que a senhora é inteligente demais para ter feito isso.

sra. cheveley Eu investi pesadamente no projeto.

sir robert chiltern Quem teria aconselhado a senhora a fazer uma tolice dessas?

sra. cheveley Seu velho amigo. E meu também.

sir robert chiltern Que amigo?

sra. cheveley O barão Arnheim.

sir robert chiltern (*franzindo o cenho*) Ah, sim, eu me lembro de ter ouvido falar, na época em que ele faleceu, que estava envolvido no negócio.

sra. cheveley Foi o último romance dele. A bem da verdade, o penúltimo.

sir robert chiltern (*levantando-se*) Mas a senhora ainda não viu os meus corots. Eles estão na sala de música. Corots parecem combinar com música, não parecem? Posso levá-la até lá?

sra. cheveley (*fazendo que não*) Hoje não estou com disposição para crepúsculos prateados nem para alvoradas cor-de-rosa. Quero falar de negócios.

Faz sinal com o leque para que ele se sente de novo a seu lado.

sir robert chiltern Receio não ter nenhum conselho a lhe dar, senhora Cheveley, a não ser o de que a senhora procure se interessar por algo menos perigoso. O sucesso do canal depende, claro, da atitude da Inglaterra, e eu vou levar o relatório da comissão ao conhecimento da Câmara amanhã à noite.

sra. cheveley O senhor não pode fazer isso. Pelo seu próprio bem, sir Robert, para não falar no meu, o senhor não pode fazer isso.

sir robert chiltern (*olhando para ela com espanto*) Pelo meu próprio bem? Minha cara senhora Cheveley, o que a senhora quer dizer com isso?

Senta-se ao lado dela.

sra. cheveley Sir Robert, serei muito franca com o senhor. Quero que cancele a apresentação do relatório que pretendia levar ao conhecimento da Câmara sob a justificativa de que o senhor tem motivos para acreditar que os membros da comissão foram parciais, estavam mal informados ou qualquer coisa assim. Depois, quero que o senhor diga algumas palavras no sentido de que o governo vai reconsiderar a questão e de que o senhor tem razões para crer que o canal, se concluído, terá grande valor internacional. O senhor sabe, o tipo de coisa que os ministros dizem em casos assim. Alguns lugares-comuns já bastam. Na vida moderna, nada produz efeito similar ao de um bom lugar-comum. É o tipo de coisa que irmana o mundo inteiro.¹⁹ O senhor pode fazer isso por mim?

sir robert chiltern Senhora Cheveley, a senhora não pode estar falando sério ao fazer uma proposta dessas!

sra. cheveley Estou falando muito sério.

sir robert chiltern (*com frieza*) Permita-me acreditar que não.

sra. cheveley (*falando de modo muito ponderado e enfático*) Ah, mas eu estou! E, se o senhor fizer o que estou pedindo, vou... lhe pagar muito bem!

sir robert chiltern Pagar!

sra. cheveley Sim, pagar.

sir robert chiltern Lamento, mas não estou entendendo o que a senhora quer dizer.

sra. chevely (*recostando-se no sofá e olhando para ele*) Que decepção! E eu vim de Viena para que o senhor pudesse me entender perfeitamente.

sir robert chiltern Infelizmente, não é o que está acontecendo.

sra. cheveley (*no seu tom mais blasé*) Meu caro sir Robert, sendo um homem do mundo, o senhor tem, suponho, seu preço. Todo mundo tem hoje em dia. O problema é que a maioria das pessoas é absurdamente cara. Eu sei que sou. Espero que o senhor peça um valor mais razoável.

sir robert chiltern (*levanta-se indignado*) Se a senhora me permite, vou chamar sua carruagem. A senhora está morando no exterior há tanto tempo, senhora Cheveley, que parece incapaz de entender que está falando com um cavalheiro inglês.

sra. cheveley (*evita que ele se afaste tocando com o leque no braço dele e mantendo o objeto ali enquanto fala*) Entendo que estou falando com um homem que começou a construir fortuna vendendo um segredo de gabinete a um especulador da Bolsa de Valores.

sir robert chiltern (*mordendo o lábio*) O que a senhora quer dizer?

sra. cheveley (*levantando-se e encarando-o*) Quero dizer que conheço a verdadeira origem da sua riqueza e da sua carreira e, também, que tenho em meu poder sua carta.

sir robert chiltern Que carta?

sra. cheveley (*com desdém*) A carta que o senhor escreveu para o barão Arnheim, quando era secretário de lorde Radley, recomendando a ele que comprasse ações do canal de Suez — uma carta escrita três dias antes de o governo anunciar que compraria ações do canal.

sir robert chiltern (*com voz rouca*) Não é verdade.

sra. cheveley O senhor pensou que a carta tivesse sido destruída. Que ingenuidade a sua! Ela está em meu poder.²⁰

sir robert chiltern O caso a que a senhora se refere foi tão somente uma especulação. A Câmara dos Comuns ainda não havia aprovado a proposta; ela poderia ter sido rejeitada.

sra. cheveley Foi uma falcatura, sir Robert. Vamos chamar as coisas pelos seus devidos nomes. Tudo fica bem mais simples assim. Agora vou lhe vender essa carta, e o preço que estou pedindo por ela é seu apoio público ao projeto argentino. O senhor fez sua fortuna com um canal. Agora terá de ajudar a mim e aos meus amigos a fazer nossa fortuna com outro!

sir robert chiltern O que a senhora propõe é infame. Infame!

sra. cheveley Não, não é! Isso é o jogo da vida, tal como todos nós temos de jogá-lo, sir Robert, mais cedo ou mais tarde!

sir robert chiltern Não posso fazer o que a senhora está pedindo.

sra. cheveley O que o senhor não pode é não fazer o que eu estou pedindo. O senhor sabe que está na beira de um precipício. E não lhe cabe ditar as condições. Cabe ao senhor aceitá-las. Se o senhor não aceitar...

sir robert chiltern O que vai acontecer se eu não aceitar?

sra. cheveley Meu caro sir Robert, o que vai acontecer? O senhor estará arruinado, só isso! Lembre-se a que ponto vocês chegaram com seu puritanismo na Inglaterra. Antigamente, ninguém fingia ser melhor do que as outras pessoas à sua volta. Na verdade, ser melhor do que as pessoas à sua volta era considerado extremamente vulgar e classe média. Hoje em dia, com a nossa mania moderna de idolatrar a moralidade, todo mundo tem de posar como um paradigma da pureza, da incorruptibilidade e de todas as outras sete virtudes capitais. E qual é o resultado disso? Todos vocês caem feito pinos de boliche — um atrás do outro. Nem um só ano se passa na Inglaterra sem que alguém desapareça. Escândalos costumavam conferir fascínio, ou pelo menos interesse, a um homem; agora, eles o destroem. E o seu é um escândalo muito feio. O senhor não conseguiria sobreviver a ele. Se as pessoas ficassem sabendo que quando jovem, quando secretário de um importante e admirável

ministro, o senhor vendeu um segredo de gabinete por uma enorme quantia de dinheiro e que essa é a origem da sua riqueza e da sua carreira, o senhor seria escorraçado da vida pública, o senhor desapareceria por completo. E afinal, sir Robert, por que o senhor haveria de sacrificar todo o seu futuro, em vez de lidar diplomaticamente com o inimigo? Por ora, eu sou sua inimiga. Admito! E sou muito mais forte do que o senhor. Os grandes batalhões estão do meu lado. O senhor tem uma posição esplêndida, mas é a sua posição esplêndida que o torna tão vulnerável. O senhor não tem como defendê-la! E eu estou no ataque. Claro que nem falei de moralidade. O senhor tem de admitir, a bem da justiça, que o poupei disso. Anos atrás, o senhor fez uma coisa inteligente e inescrupulosa e acabou obtendo grande sucesso. O senhor deve a isso sua fortuna e a sua posição. Agora, tem de pagar por isso. Cedo ou tarde todos nós temos de pagar pelo que fazemos. O senhor terá de pagar agora. Antes que eu me despeça esta noite, o senhor terá de me prometer que vai cancelar a apresentação do relatório e que vai falar a favor do projeto na Câmara.

sir robert chiltern O que a senhora me pede é impossível.

sra. cheveley O senhor terá de tornar possível. O senhor vai tornar possível. Sir Robert, o senhor sabe como são os jornais ingleses. Suponha que, ao sair desta casa, eu vá à redação de algum jornal, revele a eles esse escândalo e, ainda por cima, lhes mostre uma prova! Pense na odiosa alegria que eles sentirão, no prazer que terão em achincalhar o senhor, na lama em que eles o farão chafurdar. Pense no jornalista hipócrita escrevendo, com um untuoso sorriso nos lábios, essa que será a matéria de destaque da edição e arquitetando a sujeira que exibirá no mural para o público.

sir robert chiltern Já chega! A senhora quer que eu cancele a apresentação do relatório e faça um breve discurso declarando que acredito que o projeto possa ser promissor, é isso?

sra. cheveley (*sentando-se no sofá*)²¹ Sim, essas são as minhas condições.

sir robert chiltern (*em voz baixa*) Eu lhe darei a quantia que a senhora quiser.

sra. cheveley Nem mesmo o senhor, sir Robert, é rico o bastante para comprar de volta o seu passado. Ninguém é.

sir robert chiltern Eu não vou fazer o que a senhora me pede. Não vou.

sra. cheveley O senhor tem de fazer. Senão...

Levanta-se do sofá.

sir robert chiltern (*desnortado e amedrontado*) Espere um pouco! O

que foi que a senhora propôs? A senhora disse que me devolveria a carta, não disse?

sra. cheveley Disse. Isso já está acertado. Estarei na Tribuna das Senhoras²² amanhã, às onze e meia da noite. Se até essa hora — e até lá o senhor terá tido oportunidade de sobra — o senhor tiver feito um pronunciamento à Câmara nos meus termos, eu lhe entregarei a carta com meus sinceros agradecimentos e os melhores elogios que me ocorrerem — ou, pelo menos, com os elogios mais condizentes que me ocorrerem. Pretendo jogar limpo com o senhor, sir Robert. Devemos sempre jogar limpo... quando temos os trunfos na mão. O barão me ensinou isso... e outras coisas também.

sir robert chiltern A senhora precisa me dar tempo para refletir sobre sua proposta.

sra. cheveley Não; o senhor tem de decidir agora!

sir robert chiltern Eu só lhe peço uma semana... três dias!

sra. cheveley Impossível! Tenho de telegrafar para Viena ainda hoje.

sir robert chiltern Meu Deus! O que a fez surgir na minha vida desse jeito?

sra. cheveley As circunstâncias.

Vai em direção à porta.

sir robert chiltern Não vá. Eu concordo. O relatório não será apresentado à Câmara. Vou providenciar para que me façam uma pergunta sobre o assunto.²³

sra. cheveley Obrigada. Eu sabia que nós acabaríamos chegando a um acordo amigável. Entendi sua índole logo de início. Eu o analisei, embora o senhor não tenha me cortejado. E agora o senhor pode chamar minha carruagem, sir Robert. Estou vendo que as pessoas já começaram a subir da sala de jantar, e, como os homens ingleses sempre ficam românticos depois das refeições, o que me aborrece terrivelmente, é melhor eu ir embora.

Sai sir Robert Chiltern.

Entram alguns convidados: lady Chiltern, lady Markby, lorde Caversham, lady Basildon, sra. Marchmont, vicomte de Nanjac, sr. Montford.

lady markby Bem, minha cara senhora Cheveley, espero que a senhora tenha se divertido. Sir Robert é uma companhia muito agradável, não?

sra. cheveley Muitíssimo agradável! Apreciei imensamente a conversa que tivemos.

lady markby Ele teve uma carreira brilhante e muito interessante. E se casou com uma mulher admirável. Lady Chiltern é uma mulher de

princípios muitíssimo elevados, folgo em dizer. Já estou um pouco velha para me preocupar em dar um bom exemplo, mas sempre admirei as pessoas que dão. E lady Chiltern tem um efeito muito enobrecedor na vida, embora os jantares que ela oferece sejam bastante enfadonhos às vezes. Mas não se pode ter tudo, não é verdade? E agora eu preciso ir, minha querida. A senhora quer que eu vá buscá-la amanhã?

sra. cheveley Quero sim, obrigada.

lady markby Nós podemos dar uma volta no parque²⁴ às cinco. Tudo parece tão viçoso no parque agora!

sra. cheveley Menos as pessoas!

lady markby Talvez as pessoas estejam um pouco esfalfadas. Eu já reparei muitas vezes que a temporada, à medida que avança, produz uma espécie de amolecimento do cérebro. No entanto, acho que qualquer coisa é melhor do que uma alta pressão intelectual. Nada prejudica mais a elegância do que a alta pressão intelectual. Ela faz o nariz das moças ficar tão grande! E arranjar casamento para um nariz grande é o que há de mais difícil neste mundo; os homens não gostam. Boa noite, querida! (*para lady Chiltern*) Boa noite, Gertrude!

Sai de braço dado com lorde Caversham.

sra. cheveley Que casa encantadora a sua, lady Chiltern! Eu tive uma noite agradabilíssima. Foi muito interessante conhecer seu marido.

lady chiltern Por que a senhora queria tanto conhecer meu marido, senhora Cheveley?

sra. cheveley Ah, vou lhe contar. Eu queria despertar o interesse dele para aquele projeto do canal argentino, do qual acredito que a senhora já tenha ouvido falar. E ele foi muito suscetível — suscetível à razão, quero dizer. O que é uma coisa rara num homem. Eu o converti em dez minutos. Ele vai fazer um discurso na Câmara amanhã à noite a favor da ideia. Nós temos de ir para a Tribuna das Senhoras para ouvir! Vai ser uma grande ocasião!

lady chiltern Deve haver algum engano. Esse projeto jamais teria o apoio do meu marido.

sra. cheveley Ah, eu lhe asseguro de que está tudo acertado. Agora já não estou mais arrependida de ter feito a cansativa viagem de Viena até aqui. Foi um grande sucesso. Mas é claro que pelas próximas vinte e quatro horas a coisa toda será um segredo absoluto.

lady chiltern (*num tom suave*) Um segredo? Entre quem?

sra. cheveley (*com um lampejo de prazer no olhar*) Entre mim e o seu marido.

sir robert chiltern (*entrando*) Sua carruagem a espera, senhora

Cheveley!

sra. cheveley Obrigada! Boa noite, lady Chiltern! Boa noite, lorde Goring! Estou no Claridge's.²⁵ O senhor não acha que poderia me deixar seu cartão?

lorde goring Se a senhora quiser, senhora Cheveley!

sra. cheveley Ah, não seja tão cerimonioso ou serei forçada a deixar meu cartão com o senhor! Na Inglaterra, imagino, isso dificilmente seria considerado *en règle*.²⁶ No exterior nós somos mais civilizados. O senhor me acompanha até a porta, sir Robert? Agora que temos os mesmos interesses, seremos bons amigos, espero!

Sai de braço dado com sir Robert Chiltern. Lady Chiltern vai para o alto da escada e fica observando os dois descerem. Tem uma expressão preocupada no rosto. Passados poucos instantes, alguns dos convidados vão para perto dela e, em seguida, ela vai com eles para outro salão.

mabel chiltern Que mulher horrível!

lorde goring A senhorita deveria ir para a cama, senhorita Mabel.

mabel chiltern Lorde Goring!

lorde goring Meu pai me mandou ir para a cama uma hora atrás. Não vejo por que não lhe dar o mesmo conselho. Sempre distribuo bons conselhos. É a única coisa que se pode fazer com eles. Nunca têm serventia alguma para nós próprios.

mabel chiltern Lorde Goring, o senhor vive mandando que eu me retire dos lugares. Eu acho isso muito corajoso da sua parte. Principalmente porque não vou para cama tão cedo. *(vai para o sofá)* O senhor pode se sentar perto de mim, se quiser, e falar sobre qualquer assunto no mundo, menos a Royal Academy, a senhora Cheveley ou romances escritos em dialeto escocês. Esses não são temas edificantes. *(vê alguma coisa no sofá, parcialmente escondida pela almofada)*²⁷ O que é isso? Alguém perdeu um broche de diamantes! É lindo, não é? *(mostra o broche para ele)* Eu queria ter um desses, mas Gertrude só me deixa usar pérolas, e eu já estou absolutamente enjoada de pérolas. Fazem a gente parecer tão sem graça, tão boazinha, tão intelectual! De quem será esse broche?

lorde goring Quem será que o perdeu?

mabel chiltern É um broche muito bonito.

lorde goring É uma linda pulseira.

mabel chiltern Não é uma pulseira. É um broche.

lorde goring Pode ser usado como pulseira.

Pega o broche da mão dela e, tirando do bolso interno do paletó um porta-cartas verde, guarda cuidadosamente a joia dentro dele, pondo em seguida a coisa toda de volta no bolso com o mais absoluto sangue-frio.

mabel chiltern O que o senhor está fazendo?

lorde goring Senhorita Mabel, eu vou lhe fazer um pedido um tanto estranho.

mabel chiltern (*ávida*) Ah, faça, faça! Eu fiquei esperando por isso a noite inteira.

lorde goring (*um pouco desconcertado, mas logo se recompõe*) Não comente com ninguém que o broche está comigo. Se alguém escrever perguntando se foi encontrado, me avise imediatamente.

mabel chiltern Isso é mesmo um pedido estranho.

lorde goring Bem, sabe, é que eu dei esse broche de presente a uma pessoa, anos atrás.

mabel chiltern Deu?

lorde goring Dei.

Lady Chiltern entra sozinha. Os outros convidados já foram embora.

mabel chiltern Então eu certamente devo lhe dar boa noite. Boa noite, Gertrude!

Sai.

lady chiltern Boa noite, meu bem! (*para lorde Goring*) O senhor viu quem lady Markby trouxe aqui hoje?

lorde goring Vi. Foi uma desagradável surpresa. Para que ela veio aqui?

lady chiltern Ao que parece, para tentar convencer Robert a apoiar um projeto fraudulento que convém aos interesses dela. O projeto do canal argentino, para ser mais exata.

lorde goring Ela escolheu a pessoa errada, não?

lady chiltern Ela é incapaz de entender uma natureza íntegra como a do meu marido!

lorde goring É, imagino que ela tenha se frustrado se tentou envolver Robert nas tramoias dela. É incrível como mulheres inteligentes cometem erros espantosos.

lady chiltern Não acho que mulheres desse tipo sejam inteligentes. Para mim, elas são burras!

lorde goring Muitas vezes é a mesma coisa. Boa noite, lady Chiltern!

lady chiltern Boa noite!

Entra sir Robert Chiltern.

sir robert chiltern Meu caro Arthur, aonde você vai? Fique mais um pouco!

lordes goring Infelizmente, não posso. Prometi que passaria na casa dos Hartlocks. Parece que eles têm lá uma banda malva húngara que toca música malva húngara. Mas nos vemos em breve. Até logo!

Sai.

sir robert chiltern Como você está linda hoje, Gertrude!

lady chiltern Robert, não é verdade, é? Você não vai dar seu apoio àquela especulação argentina, vai? Você não pode fazer isso!

sir robert chiltern (*sobressaltado*) Quem disse a você que eu pretendia fazer isso?

lady chiltern Aquela mulher que acabou de sair, a senhora Cheveley, como ela diz ser seu nome agora. Ela parecia estar caçoando de mim quando me disse isso. Robert, eu conheço essa mulher. Você não. Nós estudamos juntas. Ela era mentirosa, desonesta, uma influência maligna para todos aqueles cuja confiança ou amizade ela conseguia conquistar. Eu sentia ódio e desprezo por ela. Ela roubava coisas. Era uma ladra. Foi até expulsa da escola por roubar. Por que você está deixando que ela o influencie?

sir robert chiltern Gertrude, o que você está me dizendo pode ser verdade, mas isso aconteceu já faz muitos anos. É melhor que fique esquecido. A senhora Cheveley pode ter mudado desde aquela época. Não se pode julgar uma pessoa exclusivamente pelo seu passado.

lady chiltern (*com tristeza*) O passado de uma pessoa é o que ela é. É a única maneira pela qual se deve julgar as pessoas.

sir robert chiltern É uma afirmação muito dura, essa, Gertrude!

lady chiltern É uma afirmação verdadeira, Robert. E o que ela quis dizer quando ficou se gabando de que o tinha convencido a dar seu apoio, a emprestar seu nome a uma coisa que ouvi você descrever como o projeto mais desonesto e fraudulento que já se viu na vida política?

sir robert chiltern (*mordendo o lábio*) Eu estava equivocado na opinião que assumi. Todos nós cometemos erros.

lady chiltern Mas ontem mesmo você me disse que tinha recebido o relatório da comissão e que ele condenava inteiramente a coisa toda.

sir robert chiltern (*andando de um lado para o outro*) Agora tenho motivos para acreditar que os membros da comissão foram parciais ou, pelo menos, estavam mal informados. Além do mais, Gertrude, vida pública e vida privada são coisas diferentes. Elas têm leis diferentes e seguem caminhos diferentes.²⁸

lady chiltern Ambas devem representar o que há de mais nobre no homem. Não vejo diferença entre as duas.

sir robert chiltern (*parando*) No caso atual, numa questão prática de política, eu mudei de opinião. É só isso.

lady chiltern Só!

sir robert chiltern (*com severidade*) Sim, só!

lady chiltern Robert! Ah! É horrível que eu tenha de fazer essa pergunta... Robert, você está me contando toda a verdade?

sir robert chiltern Por que você está me fazendo essa pergunta?

lady chiltern (*depois de uma pausa*) Por que você não responde?

sir robert chiltern (*sentando-se*) Gertrude, a verdade é uma coisa muito complexa, e a política é um negócio muito complexo. Os meandros são todos muito intrincados. Uma pessoa pode se ver devendo certos favores que ela tem de pagar. Mais cedo ou mais tarde na vida política é preciso fazer concessões. Todo mundo faz.

lady chiltern Concessões? Robert, por que você hoje está falando de uma maneira tão diferente da que eu sempre ouvi você falar? Por que você mudou desse jeito?

sir robert chiltern Eu não mudei. Mas as circunstâncias alteram as coisas.

lady chiltern As circunstâncias jamais deveriam alterar os princípios!

sir robert chiltern Mas e se eu dissesse a você...

lady chiltern Dissesse o quê?

sir robert chiltern Que é necessário, vitalmente necessário?

lady chiltern Fazer o que não é honrado jamais pode ser necessário.

Ou, se é necessário, então o que era isso que eu amava? Mas não é necessário, Robert; diga-me que não é. Por que haveria de ser? O que você ganharia com isso? Dinheiro? Nós não precisamos de dinheiro! E dinheiro que vem de uma fonte suja é uma degradação. Poder? Mas o poder não é nada por si só. É o poder de fazer o que é certo que vale — é isso que vale, e só isso. O que, então? Robert, me diga por que você vai fazer essa coisa desonrosa!

sir robert chiltern Gertrude, você não tem o direito de usar essa palavra. Eu lhe disse que se trata de uma concessão que será feita por motivos racionais. Não é nada além disso.

lady chiltern Robert, isso pode ser aceitável para outros homens, para homens que tratam a vida como uma especulação sórdida; mas não para você, Robert, não para você. Você é diferente. A sua vida inteira você se destacou da multidão. Você nunca deixou que o mundo o sujasse. Para o mundo, como para mim, você sempre foi um ideal. Ah, continue sendo esse ideal. Não jogue fora essa grande herança, não destrua essa torre de marfim.²⁹ Robert, homens conseguem amar coisas que estão abaixo deles, coisas indignas, maculadas, desonradas. Nós mulheres idolatramos quando amamos e, quando perdemos nossa idolatria, perdemos tudo. Ah, não mate meu amor por você, não mate!

sir robert chiltern Gertrude!

lady chiltern Eu sei que existem homens que têm segredos horríveis em suas vidas, homens que fizeram coisas vergonhosas e que, em algum momento crítico, têm de pagar por isso praticando outro ato vergonhoso. Ah, não me diga que você é como eles! Robert, existe alguma desonra secreta na sua vida? Por favor, me diga, me diga de uma vez, para que...

sir robert chiltern Para quê?

lady chiltern (*falando bem devagar*) Para que nossas vidas possam começar a seguir caminhos diferentes.

sir robert chiltern Caminhos diferentes?

lady chiltern Caminhos separados. Seria melhor para nós dois.

sir robert chiltern Gertrude, não existe nada na minha vida passada que você não possa saber.

lady chiltern Eu tinha certeza disso, Robert, eu tinha certeza. Mas então por que você disse aquelas coisas horríveis, coisas que não combinam em nada com seu verdadeiro caráter? Não vamos mais falar sobre esse assunto, nunca mais. Você vai escrever para a senhora Cheveley dizendo que não pode apoiar esse arranjo escandaloso dela, não vai? Se fez alguma promessa a ela nesse sentido, essa promessa precisa ser desfeita, não há outro jeito!

sir robert chiltern Eu devo escrever para ela dizendo isso?

lady chiltern Claro, Robert! O que mais há a fazer?

sir robert chiltern Eu poderia falar com ela pessoalmente. Seria melhor.

lady chiltern Você nunca mais deve falar com ela, Robert. Uma mulher como ela é alguém a quem você não deve jamais dirigir a palavra. Ela não é digna de falar com um homem como você. Não; você precisa escrever para ela agora, imediatamente, e deixar bem claro na carta que sua decisão é irrevogável!

sir robert chiltern Agora?

lady chiltern Agora.

sir robert chiltern Mas já está muito tarde. É quase meia-noite.

lady chiltern Não importa. Ela precisa saber imediatamente que estava enganada a seu respeito e que você não é de forma alguma um homem que se preste a fazer coisas abjetas, escusas nem desonrosas. Escreva aqui mesmo, Robert. Escreva que você se recusa a apoiar esse projeto dela, pois o considera um arranjo desonesto. Isso mesmo — escreva a palavra desonesto. Ela sabe o que essa palavra significa. (*sir Robert Chiltern senta-se e escreve uma carta. Sua esposa pega a carta e lê*) Assim está bom. (*toca a campainha*) Agora o envelope. (*ele escreve lentamente no envelope. Entra Mason*) Mande levar esta carta imediatamente para o hotel Claridge's. Não será preciso esperar uma resposta. (*sai Mason. Lady Chiltern se ajoelha ao*

lado do marido e o abraça) Robert, o amor nos dá um instinto para as coisas. Sinto que o salvei hoje de algo que poderia ter sido um grande perigo para você, de algo que poderia ter feito os homens passarem a honrá-lo menos do que honram agora. Acho que você não se dá conta com a clareza suficiente, Robert, de como você trouxe para a vida política do nosso tempo uma atmosfera mais nobre, uma atitude melhor em relação à vida, um ar mais livre, cheio de objetivos mais puros e ideais mais elevados. Vejo isso claramente. E amo você por isso, Robert.

sir robert chiltern Ah, me ame sempre, Gertrude, me ame sempre!

lady chiltern Eu sempre vou amá-lo, porque você sempre será digno de amor. Nós temos necessariamente de amar o mais elevado quando o vemos!³⁰

Beija-o, levanta-se e sai.

Sir Robert Chiltern anda de um lado para o outro, depois senta-se e enterra o rosto nas mãos. O criado entra e começa a apagar as luzes. Sir Robert Chiltern ergue o rosto.

sir robert chiltern Apague as luzes, Mason, apague as luzes!³¹

O criado apaga as luzes. A sala fica quase totalmente escura. A única luz que resta vem do magnífico candelabro pendurado sobre o poço da escada, que ilumina a tapeçaria de O triunfo de Vênus.

fim do primeiro ato.

Segundo ato

cena

Sala de estar da casa de sir Robert Chiltern.

Lorde Goring, vestido no primor da moda, está sentado relaxadamente numa poltrona.¹ Sir Robert Chiltern está parado, de pé, em frente à lareira e encontra-se num evidente estado de agitação mental e angústia. À medida que a cena avança, ele começa a andar nervosamente de um lado para o outro da sala.

lorde goring Meu caro Robert, é uma situação muito delicada, muito delicada mesmo. Você devia ter contado a história toda para sua mulher. Guardar segredos das mulheres dos outros é um luxo necessário na vida moderna. Ou, pelo menos, é o que eu vivo ouvindo no clube da boca de gente que já está careca o bastante para saber das coisas. Mas nenhum homem deve guardar segredos de sua própria mulher. Ela invariavelmente acaba descobrindo. As mulheres têm um instinto maravilhoso para as coisas. São capazes de descobrir tudo, menos o óbvio.

sir robert chiltern Eu não podia contar para a minha mulher, Arthur. Quando poderia ter contado? Ontem à noite teria sido desastroso. Teria nos separado pelo resto da vida, e eu teria perdido o amor da única mulher no mundo que eu idolatro, da única mulher que despertou o amor dentro de mim. Não, ontem à noite teria sido totalmente impossível. Ela teria se afastado de mim com horror... com horror e com desprezo.

lorde goring Lady Chiltern é tão perfeita assim?

sir robert chiltern É. Minha mulher é perfeita assim.

lorde goring (*tirando a luva da mão esquerda*) Que pena! Peço desculpas, meu caro amigo, não era bem isso que eu queria dizer. Mas se o que me diz é verdade, gostaria de ter uma conversa séria com lady Chiltern sobre os fatos da vida.

sir robert chiltern Seria inteiramente inútil.

lorde goring Posso tentar?

sir robert chiltern Pode, mas nada a convencerá a mudar de opinião.

lorde goring Bem, na pior das hipóteses, minha tentativa seria apenas um experimento psicológico.

sir robert chiltern Esses experimentos são sempre terrivelmente perigosos.

lorde goring Tudo é perigoso, meu caro amigo. Se não fosse assim, a vida não valeria a pena... Bem, mas eu ia dizer que acho que você deveria ter contado a ela anos atrás.

sir robert chiltern Quando? Quando estávamos noivos? Você acha que ela teria se casado comigo se soubesse qual é de fato a origem da minha fortuna, qual foi de fato o alicerce da minha carreira, e se tivesse conhecimento de que eu fiz uma coisa que, suponho, a maioria dos homens chamaria de desonesta e vergonhosa?

lord e goring (*devagar*) É, realmente, a maioria dos homens chamaria o que você fez de nomes feios. Disso não há dúvida.

sir robert chiltern (*com rancor*) Homens que todos os dias fazem, eles próprios, coisas do mesmo tipo. Homens que têm, todos eles, segredos piores em suas próprias vidas.

lord e goring É por isso que eles ficam tão contentes quando descobrem os segredos de outras pessoas. Os segredos dos outros desviam a atenção pública dos segredos deles.

sir robert chiltern E, afinal, quem eu prejudiquei com o que fiz? Ninguém.

lord e goring (*olhando fixamente para ele*) A não ser você mesmo, Robert.

sir robert chiltern (*depois de uma pausa*) Claro que eu tinha uma informação sigilosa a respeito de certa transação que o governo da época estava cogitando fazer e agi com base nessa informação. Informações sigilosas são a origem de praticamente todas as grandes fortunas modernas.

lord e goring (*dando pancadinhas na própria bota com a bengala*) E escândalos públicos são invariavelmente o resultado.

sir robert chiltern (*andando de um lado para o outro*) Arthur, você acha justo que uma coisa que eu fiz há quase dezoito anos seja desenterrada e usada contra mim agora? Você acha justo que a carreira inteira de um homem seja destruída por um erro que ele cometeu quando ainda era praticamente um garoto? Eu tinha vinte e dois anos na época. E tinha a dupla infelicidade de ser bem-nascido e pobre, duas coisas imperdoáveis hoje em dia. É justo que um desatino, um pecado de juventude, se as pessoas quiserem chamar assim, arruíne uma vida como a minha, me leve ao pelourinho,² destrua tudo aquilo pelo qual trabalhei, tudo o que eu construí? É justo, Arthur?

lord e goring A vida nunca é justa, Robert. E talvez para a maioria de nós seja bom que ela não seja.

sir robert chiltern Todo homem ambicioso tem de enfrentar seu século com as armas do século. O que o atual século venera é a riqueza. O deus deste século é a riqueza.³ Para ser bem-sucedido, um homem tem de ser rico. Qualquer que seja o custo, ele tem de ser rico.

lord e goring Você se subestima, Robert. Acredite, você poderia ter sido bem-sucedido da mesma forma sem ser rico.

sir robert chiltern Depois de velho, talvez. Depois de já ter perdido

minha paixão pelo poder, ou quando já não pudesse mais usá-la. Quando já estivesse cansado, desgastado, desapontado. Eu queria ter sucesso enquanto ainda era jovem. A juventude é a época para se ter sucesso. Eu não podia esperar.

lord goring Bem, você certamente conseguiu ter sucesso ainda jovem. Ninguém no nosso tempo teve um sucesso tão brilhante. Subsecretário das Relações Exteriores aos quarenta anos — isso é sucesso para ninguém botar defeito, imagino.

sir robert chiltern E se tudo isso for tirado de mim agora? Se eu perder tudo por causa de um escândalo horrível? Se eu for escorraçado da vida pública?

lord goring Robert, como você pôde se vender por dinheiro?

sir robert chiltern (*agitado*) Eu não me vendi por dinheiro. Comprei o sucesso por um preço muito alto. Só isso.

lord goring (*gravemente*) É, você certamente pagou um preço muito alto por ele. Mas como pôde pensar em fazer uma coisa dessas?

sir robert chiltern Foi o barão Arnheim.

lord goring Que grande patife!

sir robert chiltern Não, ele era um homem do mais sutil e refinado intelecto. Um homem culto, cativante e distinto. Um dos homens mais cultos que já conheci.

lord goring Ah, prefiro um idiota galante sem nem pensar duas vezes. A estupidez é muito mais valiosa do que as pessoas imaginam. Pessoalmente, tenho uma grande admiração pela estupidez. Deve ser uma espécie de sentimento de classe, imagino. Mas como foi que ele fez isso? Conte-me a história toda.

sir robert chiltern (*atira-se na cadeira de braços em frente à escrivaninha*) Uma noite, depois de um jantar na casa de lord Radley, o barão começou a falar sobre a conquista do sucesso na vida moderna como algo que se poderia reduzir a uma ciência absolutamente exata. Com aquela voz baixa e incrivelmente fascinante que ele tinha, expôs para nós a mais terrível das filosofias, a filosofia do poder; pregou o mais maravilhoso dos evangelhos, o evangelho do ouro. Acho que ele percebeu o efeito que havia produzido em mim, pois alguns dias depois me escreveu pedindo que eu fosse à sua casa. Na época ele morava na Park Lane, na casa que hoje é de lord Woolcomb. Eu me lembro muito bem de como, com um estranho sorriso naqueles seus lábios pálidos e curvos, ele me levou para conhecer sua maravilhosa coleção de arte, me mostrou as tapeçarias que tinha, os trabalhos em esmalte, as joias, as esculturas em marfim, e me fez ficar absolutamente assombrado com o curioso encanto do luxo em que ele vivia. Depois, ele me disse que aquele luxo era apenas um pano de fundo, uma cena pintada numa peça de teatro, e que o poder, o poder

sobre outros homens, o poder sobre o mundo, era a única coisa que realmente valia a pena se ter, o único e supremo prazer que valia a pena conhecer, a única alegria da qual uma pessoa nunca se cansava, e que, no nosso século, só os ricos tinham.

lord goring (*com grande ponderação*) Um credo inteiramente superficial.⁴

sir robert chiltern (*levantando-se*) Eu não achei isso na época. E também não acho agora. A riqueza me deu um poder enorme. Ela me deu liberdade quando eu estava apenas começando minha vida, e liberdade é tudo. Você nunca foi pobre e nunca soube o que é ter ambição. Não pode entender como foi maravilhosa a chance que o barão me deu. Uma chance que poucos homens têm na vida.

lord goring Para a sorte deles, se formos julgar pelos resultados. Mas me conte como foi exatamente, como o barão enfim o convenceu a... bem, a fazer o que você fez.

sir robert chiltern Quando eu estava indo embora, ele me disse que, se algum dia eu pudesse lhe fornecer alguma informação confidencial realmente valiosa, ele faria de mim um homem muito rico. Fiquei deslumbrado com a perspectiva que ele estava me oferecendo, e minha ambição e ânsia de poder naquela época eram imensas. Seis semanas depois, certos documentos sigilosos passaram pelas minhas mãos.

lord goring (*mantendo os olhos fixos no tapete*) Documentos de Estado?

sir robert chiltern Sim.

Lord Goring suspira, passa a mão na testa e levanta o rosto.

lord goring Eu jamais imaginaria que justo você, Robert, pudesse ser fraco a ponto de ceder a uma tentação como essa que o barão Arnheim pôs na sua frente.

sir robert chiltern Fraco? Ah, eu estou cansado de ouvir essa palavra. Cansado de usá-la em relação a outras pessoas. Fraco? Você realmente acha, Arthur, que é a fraqueza que nos faz ceder a tentações? Pois eu lhe digo que existem tentações terríveis para ceder às quais é necessário ter força, força e coragem. Arriscar toda a sua vida num único momento, apostar tudo numa única jogada, não importa se por poder ou prazer... não há fraqueza nisso. Há, sim, uma horrível, uma terrível coragem. Eu tive essa coragem. Naquela mesma tarde, sentei-me e escrevi para o barão Arnheim a carta que aquela mulher agora tem em seu poder. Ele ganhou 750 mil libras com a transação.

lord goring E você?

sir robert chiltern Recebi do barão 110 mil libras.

lord goring Você vale mais que isso, Robert.

sir robert chiltern Não, aquele dinheiro me deu exatamente o que eu queria: poder sobre outras pessoas. Entrei para a Câmara logo em seguida. O barão me dava conselhos financeiros de vez em quando. Em menos de cinco anos eu já havia quase triplicado minha fortuna. Desde então, tudo aquilo em que toquei se transformou em sucesso. Em tudo o que se relaciona a dinheiro, tenho tido uma sorte tão extraordinária que às vezes quase me dá medo. Lembro de ter lido em algum lugar, em algum estranho livro,⁵ que quando os deuses querem nos punir eles atendem nossas preces.

lorde goring Mas me diga, Robert, nunca houve nenhum momento em que você tenha se arrependido do que fez?

sir robert chiltern Não. Eu achava que tinha enfrentado o século com as armas do século. E vencido.

lorde goring (*com tristeza*) Você achava que tinha vencido.

sir robert chiltern Eu achava que sim. (*depois de uma longa pausa*) Arthur, isso que lhe contei faz você sentir desprezo por mim?

lorde goring (*com profundo sentimento na voz*) Sinto muita pena de você, Robert, muita pena mesmo.

sir robert chiltern Eu não diria que senti remorso, porque a verdade é que não senti. Não no sentido comum e bastante tolo da palavra. Mas já fiz muitas doações por desengano de consciência. Eu tinha a desvairada esperança de desarmar o destino. Já doeie a quantia que o barão Arnheim me deu em dobro a instituições de caridade desde então.

lorde goring (*erguendo o rosto*) Instituições de caridade? Minha nossa, quanto mal você não deve ter feito, Robert!

sir robert chiltern Ah, não diga isso, Arthur; não fale assim!

lorde goring Não ligue para o que eu digo, Robert! Vivo dizendo o que não devo. Na verdade, eu normalmente digo o que penso, o que é um grande erro hoje em dia. Deixa a pessoa sujeita a ser mal interpretada. No que diz respeito a essa sua terrível situação, vou ajudá-lo de todas as formas que puder. Mas com certeza você já sabe disso.

sir robert chiltern Obrigado, Arthur, obrigado. Mas o que há a fazer? O que pode ser feito?

lorde goring (*recostando-se na poltrona com as mãos no bolso*) Bem, os ingleses não suportam homens que vivem dizendo estar certos, mas adoram os que admitem ter agido errado. É um dos melhores traços deles. No entanto, no seu caso, Robert, uma confissão não iria funcionar. O dinheiro, se você me permite dizer, é... constrangedor. Além do mais, se confessasse a coisa toda, você nunca mais poderia falar de moralidade. E, na Inglaterra, um homem que não pode falar de moralidade duas vezes por semana para um público amplo, popular e imoral está inteiramente acabado como político sério.

Nada mais lhe restaria em termos de profissão a não ser a botânica ou a igreja. Então, uma confissão não lhe serviria de nada. Pelo contrário, iria arruiná-lo.

sir robert chiltern Sim, iria me arruinar. Arthur, não tenho outra saída senão lutar contra essa ameaça.

lord goring (*levantando-se*) Eu estava esperando que dissesse isso, Robert. É a única coisa a fazer agora. E você precisa começar a luta contando a história toda para a sua mulher.

sir robert chiltern Isso eu não vou fazer.

lord goring Robert, acredite, você está errado.

sir robert chiltern Eu não posso fazer isso. Destruiria o amor que ela tem por mim. E quanto a essa mulher, essa tal senhora Cheveley? Como me defender contra ela? Você ao que parece já a conhecia antes, Arthur.

lord goring Sim, conhecia.

sir robert chiltern Conhecia bem?

lord goring (*ajeitando a gravata*) Tão mal que cheguei a ficar noivo dela uma vez, quando estava hospedado na casa dos Tenby. O noivado durou quase... três dias.

sir robert chiltern E por que terminou?

lord goring (*distráido*) Ah, eu não me lembro. De qualquer forma, não tem importância. A propósito, você tentou lhe oferecer dinheiro? Ela costumava ter verdadeira loucura por dinheiro.

sir robert chiltern Eu lhe ofereci quanto ela quisesse. Ela recusou.

lord goring Então o maravilhoso evangelho do ouro às vezes falha. Os ricos não podem tudo, afinal.

sir robert chiltern É, nem tudo. Suponho que você tenha razão. Arthur, eu sinto que a desgraça pública me aguarda. Tenho certeza disso. Nunca soube o que era o terror. Mas agora sei. É como se uma mão de gelo segurasse seu coração. Como se seu coração estivesse se debatendo até a morte em alguma cavidade vazia.⁶

lord goring (*batendo na mesa*) Robert, você precisa lutar contra essa mulher. Você precisa reagir.

sir robert chiltern Mas como?

lord goring Não posso lhe dizer no momento, porque não faço a menor ideia. Mas todo mundo tem algum ponto fraco. Todos nós temos falhas. (*vai até a lareira e se olha no espelho*) Segundo o meu pai, até eu tenho defeitos. Talvez tenha. Não sei.

sir robert chiltern Para me defender da senhora Cheveley, tenho o direito de usar todas as armas que encontrar, não tenho?

lord goring (*ainda olhando para espelho*) No seu lugar, eu acho que não teria o menor escrúpulo quanto a isso. Ela é perfeitamente capaz de cuidar de si própria.

sir robert chiltern (*senta-se diante da escrivaninha e pega uma caneta*)

Bem, então vou mandar um telegrama cifrado para a embaixada inglesa em Viena indagando se eles têm conhecimento de alguma coisa contra ela. Pode haver algum escândalo secreto que ela receie que venha à tona.

lord goring (*ajeitando a flor na lapela*) Ah, eu tenho a impressão de que a senhora Cheveley é uma daquelas mulheres muito modernas do nosso tempo que consideram que um escândalo novo lhes fica tão bem quanto um chapéu novo e exibem ambos no parque todas as tardes, às cinco e meia. Tenho certeza de que ela adora escândalos e de que a grande tristeza da sua vida no momento é que não consegue provocá-los numa quantidade satisfatória.

sir robert chiltern (*escrevendo*) Por que você diz isso?

lord goring (*virando-se*) Bem, ontem à noite ela estava usando ruje demais e roupas de menos. Isso é sempre um sinal de desespero numa mulher.

sir robert chiltern (*tocando a campainha*) Mas vale a pena eu telegrafar para Viena, não vale?

lord goring Sempre vale a pena perguntar, embora nem sempre valha a pena responder.

Entra Mason.

sir robert chiltern O senhor Trafford está na sala dele?

mason Está, sim, sir Robert.

sir robert chiltern (*põe num envelope a mensagem que havia escrito e o fecha cuidadosamente*) Peça-lhe que envie esta mensagem em linguagem cifrada imediatamente. Não deve haver nem um minuto de atraso.

mason Pois não, sir Robert.

sir robert chiltern Ah! Devolva-me o envelope um instante.

Escreve alguma coisa no envelope. Depois Mason sai, levando o envelope.

sir robert chiltern Ela devia ter algum estranho poder de influência sobre o barão Arnheim. O que será que lhe dava esse poder?

lord goring (*sorrindo*) O que será?

sir robert chiltern Vou lutar contra ela até o fim, desde que minha mulher não saiba de nada.

lord goring (*com veemência*) Ah, lute de qualquer modo — de qualquer modo.

sir robert chiltern (*com um gesto de desespero*) Se minha mulher descobrir, vai restar muito pouco por que lutar. Bem, assim que receber alguma resposta de Viena eu lhe aviso. É uma possibilidade, só uma possibilidade, mas eu acredito nela. E assim como enfrentei

o século com as armas dele, vou enfrentar a senhora Cheveley com as armas dela. É mais que justo. E ela parece ser uma mulher que tem um passado, não parece?

lord goring A maioria das mulheres bonitas parece. Mas existe uma moda para passados, assim como existe uma moda para vestidos. Talvez o passado da senhora Cheveley seja apenas um passado um pouco *décolleté*, e eles estão muito em voga hoje em dia. Além do mais, meu caro Robert, eu não alimentaria muitas esperanças de conseguir assustar a senhora Cheveley. Tenho a impressão de que ela não é uma mulher que se assuste com muita facilidade. Ela sobreviveu a todos os seus credores e demonstra ter uma magnífica presença de espírito.

sir robert chiltern Ah, eu agora vivo de esperanças. Agarro-me a toda e qualquer possibilidade. Sinto como se estivesse num navio que está afundando. A água já começa a cobrir-me os pés, e o ar tem o cheiro amargo da tempestade. Psiu! Eu ouvi a voz da minha mulher.

Entra lady Chiltern com roupa de passeio.

lady chiltern Boa tarde, lord Goring!

lord goring Boa tarde, lady Chiltern! Foi ao parque?

lady chiltern Não, acabo de chegar da Associação Liberal Feminina, onde, aliás, Robert, o seu nome foi recebido com uma grande salva de palmas, e agora vim para casa para tomar o meu chá. *(para lord Goring)* O senhor vai me esperar e ficar para o chá, não vai?

lord goring Eu espero um pouco, sim; obrigado.

lady chiltern Volto num instante. Só vou tirar meu chapéu.

lord goring *(no seu tom mais ardoroso)* Ah, por favor, não tire! Ele é muito bonito. É um dos chapéus mais bonitos que já vi. Espero que a Associação Liberal Feminina o tenha recebido com uma grande salva de palmas.

lady chiltern *(com um sorriso)* Temos coisas muito mais importantes a fazer do que olhar para os chapéus umas das outras, lord Goring.

lord goring É mesmo? Que tipo de coisas?

lady chiltern Ah, coisas enfadonhas, úteis e maravilhosas, como discutir os atos legislativos que tratam das condições de trabalho de mulheres e crianças nas fábricas, a questão da nomeação de mulheres como inspetoras de fábricas, o projeto de lei das oito horas de trabalho, o direito de votar para o Parlamento...⁷ Tudo, na verdade, que o senhor acharia totalmente desinteressante.

lord goring E chapéus nunca?

lady chiltern *(com fingida indignação)* Chapéus nunca, jamais!

Lady Chiltern sai pela porta que leva ao seu budoar.

sir robert chiltern (*pega a mão de lorde Goring*) Você tem sido um bom amigo para mim, Arthur, um grande amigo.

lorde goring Não creio que tenha conseguido fazer muita coisa por você até agora, Robert. Na verdade, não consegui fazer nada por você, até onde sei. Estou profundamente decepcionado comigo mesmo.

sir robert chiltern Você permitiu que eu lhe contasse a verdade. Isso já é muito. A verdade sempre me sufocou.

lorde goring Ah, a verdade é uma coisa da qual eu me livro assim que possível! O que é um péssimo hábito, aliás. Faz a gente ser muito impopular no clube... com membros mais velhos. Eles chamam isso de ser convencido. Talvez seja.

sir robert chiltern Eu queria tanto ter conseguido dizer a verdade... viver a verdade. Ah, é isso que realmente vale na vida, viver a verdade. (*suspira e segue em direção à porta*) Eu o verei de novo em breve, não verei, Arthur?

lorde goring Claro, quando você quiser. Devo ir ao Baile dos Solteiros8 hoje à noite, se não encontrar coisa melhor para fazer. Mas passo aqui amanhã de manhã. Se por alguma razão você precisar de mim hoje à noite, mande um bilhete para a rua Curzon.

sir robert chiltern Obrigado.

Quando ele chega perto da porta, lady Chiltern entra, vindo do budoar.

lady chiltern Você não vai sair, vai, Robert?

sir robert chiltern Tenho de escrever algumas cartas, querida.

lady chiltern (*indo até ele*) Você trabalha demais, Robert. Tenho a impressão de que você nunca se lembra de pensar em si mesmo, e está parecendo tão cansado.

sir robert chiltern Não é nada, querida, não é nada.

Ele a beija e sai.

lady chiltern (*para lorde Goring*) Por favor, sente-se. Estou tão contente que o senhor tenha vindo. Queria falar com o senhor sobre... bem, não é sobre chapéus nem sobre a Associação Liberal Feminina. O senhor se interessa demais pelo primeiro assunto e bem menos do que deveria pelo segundo.

lorde goring A senhora queria falar comigo sobre a senhora Cheveley?

lady chiltern Exato. O senhor adivinhou. Depois que o senhor foi embora ontem à noite, descobri que o que ela tinha me dito era verdade, afinal. Claro que eu fiz o Robert escrever uma carta para ela, retirando a promessa que havia feito.

lorde goring É, ele me contou.

lady chiltern Cumprir aquela promessa teria sido a primeira mancha numa carreira que sempre foi imaculada. Robert precisa ter uma conduta inatacável. Ele não é como os outros homens. Não pode se prestar a fazer o que os outros homens fazem. (*ela olha para lorde Goring, que permanece em silêncio*) O senhor não concorda comigo? O senhor é o melhor amigo de Robert. O senhor é o nosso melhor amigo, lorde Goring. Ninguém, além de mim, conhece Robert melhor do que o senhor. Ele não guarda segredos de mim, e creio que também não guarde do senhor.

lorde goring Ele certamente não guarda segredos de mim. Pelo menos, acho que não.

lady chiltern Então, o senhor não acha que estou certa na opinião que tenho dele? Sei que estou, mas me responda com franqueza.

lorde goring (*olhando nos olhos dela*) Com toda a franqueza?

lady chiltern Claro. O senhor não tem nada a esconder, tem?

lorde goring Não. Mas, minha cara lady Chiltern, se a senhora me permite dizer, acho que na vida prática...

lady chiltern (*sorrindo*) Da qual o senhor sabe muito pouco, lorde Goring...

lorde goring Da qual eu nada sei por experiência, embora saiba alguma coisa por observação... Eu acho que na vida prática há algo a respeito do sucesso, do verdadeiro sucesso, que é um pouco inescrupuloso, algo a respeito da ambição, que é sempre inescrupulosa. Quando um homem mete na cabeça que quer chegar a um determinado ponto, se tiver de escalar um penhasco, vai escalar um penhasco; se tiver de andar na lama...

lady chiltern Sim?

lorde goring Vai andar na lama. Claro que só estou falando do que acontece de maneira geral.

lady chiltern (*gravemente*) Espero que sim. Por que o senhor está olhando para mim desse jeito tão estranho, lorde Goring?

lorde goring Lady Chiltern, eu às vezes acho que... talvez a senhora seja um pouco rígida em algumas das suas opiniões sobre a vida. Acho que muitas vezes a senhora... não leva em conta certos fatores atenuantes. Toda índole tem elementos de fraqueza, ou de algo pior que fraqueza. Suponhamos, por exemplo, que... que um homem público, o meu pai, ou lorde Merton, ou Robert, digamos, tivesse escrito anos atrás uma carta insensata para alguém...

lady chiltern O que o senhor quer dizer com uma carta insensata?

lorde goring Uma carta que compromettesse gravemente a posição dele. Só estou aventando um caso imaginário.

lady chiltern Robert é tão incapaz de fazer uma coisa insensata quanto de fazer uma coisa errada.

lorde goring (*depois de uma longa pausa*) Ninguém é incapaz de fazer

uma coisa insensata. Ninguém é incapaz de fazer uma coisa errada.
lady chiltern O senhor é um pessimista? O que dirão os outros dândis?
Terão todos de vestir luto.

lorde goring (*levantando-se*) Não, lady Chiltern, não sou um pessimista.
Na verdade, nem sei se conheço o significado de pessimismo. Tudo
o que sei é que a vida não pode ser compreendida sem muita
compaixão, não pode ser vivida sem muita compaixão. É o amor, e
não a filosofia alemã, a verdadeira explicação para este mundo,
qualquer que seja a explicação para o outro. E se a senhora algum
dia se vir em dificuldades, lady Chiltern, tenha total confiança em
mim e eu a ajudarei de todas as formas que puder. Se a senhora um
dia precisar de mim, procure minha ajuda e a terá. Venha me ver
imediatamente.⁹

lady chiltern (*olhando para ele com espanto*) Lorde Goring, o senhor
está falando muito sério. Acho que nunca tinha ouvido o senhor
falar sério antes.

lorde goring (*rindo*) A senhora precisa me desculpar, lady Chiltern.
Isso não vai acontecer novamente, não se eu puder evitar.

lady chiltern Mas eu gosto quando o senhor fica sério.

*Entra Mabel Chiltern, com um vestido absolutamente arrebatador.*¹⁰

mabel chiltern Gertrude, querida, não diga uma coisa horrível dessas a
lorde Goring. A seriedade lhe cairia muito mal. Boa tarde, lorde
Goring! Por favor, seja o mais fútil que o senhor puder.

lorde goring Eu adoraria, senhorita Mabel, mas infelizmente acho que
estou um pouco... fora de forma esta manhã. E, além disso, agora
preciso ir.

mabel chiltern Justo quando acabei de chegar! Que modos horríveis o
senhor tem! Tenho certeza de que o senhor foi muito mal criado.

lorde goring Fui mesmo.

mabel chiltern Gostaria de tê-lo criado eu!

lorde goring Que pena que a senhorita não criou.

mabel chiltern Agora já é tarde demais, imagino.

lorde goring (*sorrindo*) Não sei dizer.

mabel chiltern O senhor vai cavalgar amanhã de manhã?

lorde goring Sim, às dez.

mabel chiltern Não esqueça.

lorde goring Claro que não vou esquecer. A propósito, lady Chiltern, a
lista dos seus convidados não saiu no *Morning Post*¹¹ de hoje.
Provavelmente teve de ceder espaço para notícias sobre o Conselho
do Condado, a Conferência de Lambeth, ou alguma outra coisa
igualmente enfadonha. Será que a senhora poderia me dar uma
cópia da lista? Eu lhe peço isso por uma razão particular.

lady chiltern Tenho certeza de que o senhor Trafford poderá lhe fornecer uma cópia.

lorde goring Muito obrigado.

mabel chiltern Tommy é a pessoa mais útil de Londres.

lorde goring (*virando-se para ela*) E quem é a mais decorativa?

mabel chiltern (*triumfante*) Eu.

lorde goring Parabéns pela perspicácia! A senhorita adivinhou. (*pega seu chapéu e sua bengala*) Até logo, lady Chiltern! A senhora vai se lembrar do que eu lhe disse, não vai?

lady chiltern Sim, mas não sei por que o senhor me disse aquilo.

lorde goring Eu mesmo mal sei. Até logo, senhorita Mabel!

mabel chiltern (*com um pequeno moue12 de decepção*) Eu preferia que o senhor não fosse. Tive quatro aventuras maravilhosas esta manhã; quatro e meia, na verdade. O senhor poderia ficar e ouvir algumas delas.

lorde goring Que egoísmo seu ter quatro aventuras e meia! Assim não vai sobrar nenhuma para mim!

mabel chiltern Eu não quero que o senhor tenha aventuras. Não lhe faria bem.

lorde goring Essa é a primeira coisa cruel que a senhorita me diz. Com que enorme graça a disse! Amanhã às dez.

mabel chiltern Em ponto.

lorde goring Sem nem um segundo de atraso. Mas não leve o senhor Trafford.

mabel chiltern (*atirando levemente a cabeça para trás*) Claro que não vou levar Tommy Trafford. Tommy Trafford caiu em desgraça.

lorde goring Folgo muitíssimo em saber.

Faz uma mesura e sai.

mabel chiltern Gertrude, eu gostaria muito que você falasse com Tommy Trafford.

lady chiltern O que foi que o senhor Trafford fez desta vez, coitado? Robert diz que o senhor Trafford é o melhor secretário que ele já teve.

mabel chiltern Bem, Tommy me pediu em casamento de novo. Na verdade, Tommy não faz outra coisa senão me pedir em casamento. Ele me pediu ontem à noite na sala de música, quando eu estava totalmente desprotegida, pois os músicos tocavam um trio muito elaborado. Não ousei dar uma resposta, nem preciso lhe dizer. Se tivesse dado, a música teria sido interrompida na mesma hora. Músicos são pouco razoáveis. Eles sempre querem que a pessoa fique absolutamente muda justo no momento em que o que ela mais quer é ficar inteiramente surda. Depois, ele me pediu de novo em

plena luz do dia esta manhã, na frente daquela medonha estátua de Aquiles. Sinceramente, as coisas que acontecem na frente daquela obra de arte são de estarrecer. A polícia deveria tomar alguma providência. Na hora do lanche, eu percebi pelo brilho nos olhos dele que ia me pedir em casamento de novo e só por pouco consegui evitar a tempo asseverando a ele que sou bimetalista.¹³ Felizmente, não sei o que significa bimetalismo. E acho até que ninguém sabe. Mas a declaração deixou Tommy arrasado por dez minutos. Ele parecia profundamente chocado. E, ainda por cima, ele tem uma maneira muito irritante de pedir uma pessoa em casamento. Se fizesse o pedido em voz bem alta, eu não me importaria tanto. A coisa poderia produzir algum efeito no público. Mas ele pede num tom confidencial abominável. Quando quer ser romântico, Tommy fala igualzinho a um médico. Eu gosto muito dele, mas os métodos que usa para fazer pedidos de casamento estão completamente fora de moda. É por isso, Gertrude, que eu queria que você falasse com ele, que você dissesse que uma vez por semana já é uma frequência mais que razoável para pedir uma pessoa em casamento e que o pedido deve sempre ser feito de forma a atrair alguma atenção.

lady chiltern Mabel, minha querida, não fale assim. Além do mais, Robert admira muito o senhor Trafford. Ele acredita que o senhor Trafford tem um futuro brilhante pela frente.

mabel chiltern Ah, eu não me casaria com um homem de futuro por nada neste mundo.

lady chiltern Mabel!

mabel chiltern Eu sei, minha querida. Você se casou com um homem de futuro, não foi? Mas Robert era então um gênio, e você tem um caráter nobre e abnegado. Consegue suportar gênios. Eu não tenho caráter algum, e Robert é o único gênio que consegui suportar na vida. Em geral, eu os acho abomináveis. Gênios falam tanto, não falam? É um hábito tão ruim! E eles só pensam em si mesmos, quando o que eu quero é que só pensem em mim. Mas agora preciso ir, tenho um ensaio na casa de lady Basildon. Você se lembra que nós estamos montando um quadro vivo,¹⁴ não lembra? O Triunfo de não sei o quê. Espero que seja de mim! É o único triunfo no qual estou realmente interessada no momento. *(beija lady Chiltern e sai; depois volta correndo)* Gertrude, sabe quem está vindo lhe fazer uma visita? Aquela horrível senhora Cheveley, com um vestido absolutamente lindo. Você a convidou?

lady chiltern *(levantando-se)* A senhora Cheveley? Vindo me visitar? Impossível!

mabel chiltern Eu lhe asseguro que é ela que está subindo a escada, em carne e osso e graça muito pouco natural.

lady chiltern Você não precisa ficar, Mabel. Lembre-se, lady Basildon está à sua espera.

mabel chiltern Ah, mas eu preciso cumprimentar lady Markby. Ela é tão encantadora. Adoro ser repreendida por ela.

Entra Mason.

mason Lady Markby. Senhora Cheveley.

Entram lady Markby e a sra. Cheveley.

lady chiltern (*indo ao encontro delas*) Minha cara lady Markby, que gentileza a sua ter vindo me visitar! (*troca um aperto de mão com ela e cumprimenta a sra. Cheveley de modo um tanto distante, inclinando a cabeça*) Não quer se sentar, senhora Cheveley?

sra. cheveley Obrigada. Aquela não é a senhorita Chiltern? Gostaria tanto de conhecê-la.

lady chiltern Mabel, a senhora Cheveley deseja conhecê-la.

Mabel Chiltern faz um leve aceno com a cabeça.

sra. cheveley (*sentando-se*) Achei seu vestido de ontem à noite muito elegante, senhorita Chiltern. Muito simples e... correto.

mabel chiltern É mesmo? Preciso contar isso à minha modista. Ela vai ficar surpresa. Até logo, lady Markby!

lady markby Já vai?

mabel chiltern Lamento muito, mas preciso ir. Já estava mesmo de saída para meu ensaio. Tenho de ficar de cabeça para baixo num quadro vivo.

lady markby De cabeça para baixo? Ah, espero que não! Creio que faça muito mal à saúde, meu bem.

Senta-se no sofá, ao lado de lady Chiltern.

mabel chiltern Mas é para uma excelente campanha de caridade em auxílio dos sem merecimento,¹⁵ as únicas pessoas pelas quais eu realmente me interesso. Sou a secretária e Tommy Trafford é o tesoureiro.

sra. cheveley E lorde Goring é o quê?

mabel chiltern Ah, lorde Goring é o presidente.

sra. cheveley Ele deve ser a pessoa perfeita para o cargo, a menos que tenha deteriorado desde a época em que o conheci.

lady markby (*refletindo*) Você é extremamente moderna, Mabel. Um pouco moderna demais, talvez. Nada é mais perigoso do que ser

moderno demais. A pessoa está sujeita a ficar antiquada de uma hora para a outra. Eu já vi isso acontecer várias vezes.

mabel chiltern Que perspectiva horrenda!

lady markby Ah, não, minha querida, você não precisa ficar nervosa com isso. Sempre será tão bonita quanto possível. Essa é a melhor moda que existe e a única que a Inglaterra consegue ditar.

mabel chiltern (*com uma reverência*) Muito obrigada, lady Markby, pela Inglaterra... e por mim.

Sai.

lady markby (*virando-se para lady Chiltern*) Gertrude, querida, só passamos aqui para saber se alguém encontrou o broche de diamantes da senhora Cheveley.

lady chiltern Aqui?

sra. cheveley É, eu dei pela falta dele quando voltei para o hotel e pensei que talvez o tivesse perdido aqui.

lady chiltern Eu não soube de nada. Mas vou chamar o mordomo e perguntar.

Toca a campainha.

sra. cheveley Ah, por favor, não se preocupe, lady Chiltern. Devo ter perdido na ópera, antes de vir para cá.

lady markby Ah, sim, imagino que tenha mesmo sido na ópera. O fato é que nos acotovelamos e engalfinhamos tanto hoje em dia que até me espanto que ainda nos reste alguma coisa no corpo ao fim de uma noite. Sei por experiência própria que ao voltar do Drawing Room¹⁶ me sinto sempre como se não tivesse nem mais um farrapo em mim, a não ser um mísero farrapo de reputação e decência, apenas o suficiente para evitar que as classes baixas façam observações desagradáveis pelas janelas da carruagem. O fato é que a nossa sociedade está terrivelmente superpovoada. Sinceramente, alguém deveria providenciar um plano decente de emigração assistida.¹⁷ Isso faria um bem enorme a todos nós.

sra. cheveley Eu concordo plenamente, lady Markby. Faz quase seis anos que eu vim a Londres pela última vez para passar a temporada, e devo dizer que de lá para cá a sociedade se tornou pavorosamente misturada. Vemos as pessoas mais estranhas em tudo quanto é lugar.

lady markby É a mais pura verdade, querida. Mas não precisamos conhecer essas pessoas. Tenho certeza de que não conheço metade dos que vão à minha casa. Na verdade, pelo que ouço dizer, não iria mesmo gostar de conhecê-los.

Entra Mason.

lady chiltern Como era o broche que a senhora perdeu, senhora Cheveley?

sra. cheveley Era um broche de diamantes em forma de cobra, com um rubi. Um rubi de bom tamanho.

lady markby Pensei que a senhora tivesse dito que havia uma safira na cabeça da cobra, querida.

sra. cheveley (*sorrindo*) Não, lady Markby. É um rubi.

lady markby (*fazendo que sim com a cabeça*) E muito elegante, tenho certeza.

lady chiltern Por acaso um broche de diamantes com um rubi foi encontrado em algum cômodo da casa esta manhã, Mason?

mason Não, senhora.

sra. cheveley Realmente não tem importância, lady Chiltern. Lamento muito se lhe causei algum inconveniente.

lady chiltern (*com frieza*) Inconveniente algum, senhora Cheveley. É só, Mason. Você pode trazer o chá.

Sai Mason.

lady markby Bem, devo dizer que acho muito irritante perder as coisas. Eu lembro que uma vez, em Bath, anos atrás, perdi no Pump Room¹⁸ uma pulseira com camafeu lindíssima que sir John tinha me dado. Acho que ele nunca mais me deu coisa alguma desde então, infelizmente. É muito triste o modo como ele degenerou. Sinceramente, essa horrenda Câmara dos Comuns estraga nossos maridos para nós. Acho que a Câmara Baixa é de longe o pior golpe que já existiu para um casamento feliz desde que inventaram aquela coisa terrível chamada educação superior de mulheres.¹⁹

lady chiltern Ah! É uma heresia dizer isso nesta casa, lady Markby. Robert é um grande defensor da educação superior das mulheres e, lamento lhe dizer, eu também.

sra. cheveley A educação superior dos homens é que eu gostaria de ver. Os homens precisam terrivelmente dela.

lady markby Precisam mesmo, minha querida. Mas receio que tal projeto seja impraticável. Não creio que o homem tenha muita capacidade para se desenvolver. Ele já chegou o mais longe que podia; e nem foi muito longe, foi? Com relação às mulheres, bem, Gertrude, querida, você pertence à geração mais jovem, e eu tenho certeza de que, se você aprova, é porque é bom. No meu tempo, claro, nós éramos ensinadas a não entender coisa alguma. Assim era o antigo sistema e, aliás, era um sistema muitíssimo interessante. Garanto-lhe que a quantidade de coisas que eu e minha pobre e

querida irmã éramos ensinadas a não entender era absolutamente extraordinária. Mas as mulheres modernas entendem tudo, pelo que ouço dizer.

sra. cheveley Menos seus maridos. Essa é a única coisa que a mulher moderna nunca entende.

lady markby E ainda bem que é assim, acho, minha querida. Muitos lares felizes poderiam ruir se elas entendessem. Não o seu, Gertrude, nem preciso dizer. Você se casou com um marido exemplar. Eu bem que gostaria de poder dizer o mesmo. Mas desde que sir John passou a frequentar os debates regularmente, coisa que ele nunca fazia nos bons e velhos tempos, o linguajar dele se tornou absolutamente impossível. Ele parece acreditar que está sempre se dirigindo à Câmara e, conseqüentemente, sempre que discute as condições do trabalhador agrícola, a Igreja de Gales²⁰ ou alguma outra coisa inteiramente imprópria desse tipo, sou obrigada a mandar todos os criados se retirarem do recinto. Não é agradável ver nosso próprio mordomo, que está conosco há vinte e três anos, corar ao pé do aparador, enquanto os lacaios fazem contorcionismos pelos cantos, feito gente de circo. Eu lhe garanto que minha vida estará inteiramente arruinada, a menos que mandem John imediatamente para a Câmara Alta. Ele não vai mais se interessar por política se for para lá, vai? A Câmara dos Lordes é tão sensata. Uma assembleia de cavalheiros. Mas no atual estado em que ele se encontra, conviver com sir John tem sido realmente uma grande provação. Imagine que esta manhã, quando ainda não estávamos nem na metade do café da manhã, ele se postou de pé sobre o tapete em frente à lareira, enterrou as mãos no bolso e fez, aos brados, um apelo ao país. Nem preciso dizer que saí da mesa assim que terminei minha segunda xícara de chá. Mas o linguajar violento dele se espalhava pela casa inteira! Imagino, Gertrude, que sir Robert não seja assim.

lady chiltern Mas eu me interesso muito por política, lady Markby. Adoro ouvir Robert falar de assuntos políticos.

lady markby Bem, espero que pelo menos ele não seja tão dedicado aos livros azuis quanto sir John. Não creio que possam ser uma leitura muito edificante para ninguém.

sra. cheveley (*lânguida*) Nunca li um livro azul. Prefiro livros... de capa amarela.²¹

lady markby (*afavelmente desatenta*) Amarelo é uma cor mais alegre, não é? Eu usava muito amarelo nos meus tempos de jovem e ainda usaria agora, não fosse sir John fazer comentários pessoais tão desagradáveis. E, quando o assunto é roupa, os homens são sempre ridículos, não são?

sra. cheveley Não, de forma alguma! Acho que os homens são as

únicas autoridades que existem em roupas.
lady markby É mesmo? Ninguém diria isso considerando os tipos de chapéu que eles usam, diria?

Entra o mordomo, seguido do lacaio. O chá é posto numa pequena mesa perto de lady Chiltern.

lady chiltern Aceita uma xícara de chá, senhora Cheveley?
sra. cheveley Aceito, sim, obrigada.

O mordomo entrega, numa bandeja, uma xícara de chá à sra. Cheveley.

lady chiltern Chá, lady Markby?

lady markby Não, obrigada, querida. *(os criados saem)* O fato é que eu prometi fazer uma visitinha de dez minutos a lady Brancaster, que está passando por sérios problemas, coitada. A filha dela, que, aliás, recebeu excelente educação, ficou noiva, imagine, de um pároco de Shropshire. É muito triste, muito triste mesmo. Eu não consigo entender essa paixão moderna pelos párocos. No meu tempo, nós, moças, víamos, claro, párocos correndo de um lado para o outro feito coelhos. Mas nunca prestávamos a mínima atenção a eles, nem preciso dizer. No entanto, pelo que me dizem, a sociedade provinciana hoje em dia está apinhada deles. Acho isso extremamente antirreligioso. E, ainda por cima, o filho mais velho brigou com o pai, e dizem que, quando eles se encontram no clube, lorde Brancaster sempre se esconde atrás da página financeira do *Times*. Creio, porém, que isso seja um acontecimento muito comum hoje em dia e que seja necessário comprar cópias extras do *Times* em todos os clubes da St. James's Street. Existem muitos filhos que não querem nem ver os pais e muitos pais que não querem falar com os filhos. De minha parte, acho que é uma grande pena.

sra. cheveley Eu também. Os pais têm tanto a aprender com os filhos hoje em dia.

lady markby É mesmo, querida? O quê?

sra. cheveley A arte de viver. A única boa arte que produzimos nos tempos modernos.

lady markby *(balançando a cabeça)* Ah! Acho que o lorde Brancaster conheceu essa arte muito bem. Muito mais que sua pobre esposa. *(virando-se para lady Chiltern)* Você conhece lady Brancaster, não conhece, querida?

lady chiltern Apenas superficialmente. Ela estava hospedada em Langton quando estivemos lá, no último outono.

lady markby Bem, como todas as mulheres robustas, ela parece o próprio retrato da felicidade, como você há de ter notado. Mas há

muitas tragédias na família dela, além dessa questão com o cura. A irmã dela, a senhora Jekyll, teve uma vida muito infeliz; e não por culpa dela, lamento dizer. Por fim, ficou tão desconsolada que resolveu entrar para um convento, ou para a carreira operística, esqueci qual deles foi. Não; eu acho que foi a arte do bordado decorativo que ela abraçou.²² O que eu sei é que ela tinha perdido por completo o prazer de viver. *(levantando-se)* E agora, Gertrude, se você me permite, vou deixar a senhora Cheveley aos seus cuidados e volto para buscá-la daqui a um quarto de hora. Ou talvez, cara senhora Cheveley, a senhora não se importe de esperar na carruagem enquanto eu estiver com lady Brancaster. Como tenho a intenção de que seja uma visita de condolências, não devo demorar muito.

sra. cheveley *(levantando-se)* Não me importo nem um pouco de esperar na carruagem, desde que haja alguém para olhar.

lady markby Bem, dizem que o pároco vive rondando a casa.

sra. cheveley Infelizmente, não gosto de amigas mulheres.

lady chiltern *(levantando-se)* Ah, espero que a senhora Cheveley decida ficar um pouco mais. Gostaria de conversar com ela alguns minutos.

sra. cheveley Que gentileza a sua, lady Chiltern! Acredite, nada me daria mais prazer.

lady markby Que bom; vocês duas devem ter mesmo muitas lembranças agradáveis dos tempos de escola para rememorar. Até logo, Gertrude, querida! Eu a verei na casa da lady Bonar hoje à noite? Ela descobriu um novo gênio maravilhoso.²³ Ele faz... ele não faz absolutamente nada, creio. Isso é um grande alívio, não é verdade?

lady chiltern Eu e Robert vamos jantar em casa a sós esta noite, lady Markby, e acho que não vou a lugar nenhum depois. Robert, obviamente, terá de ir à Câmara. Mas não há nada de interessante em pauta.

lady markby Jantar em casa a sós? Você acha isso prudente? Ah, esqueci que o seu marido é uma exceção. O meu é a regra geral, e nada envelhece mais uma mulher do que ser casada com a regra geral.

Sai lady Markby.

sra. cheveley Que mulher maravilhosa, lady Markby, não? Fala mais e diz menos do que qualquer outra pessoa que eu já tenha conhecido. Ela nasceu para fazer discursos. Muito mais que o marido dela, embora ele seja um inglês típico, sempre enfadonho e geralmente violento.

lady chiltern *(não diz nada e permanece de pé. Há uma pausa. Então, os*

olhares das duas mulheres se encontram. Lady Chiltern tem o semblante carregado e pálido. A sra. Cheveley tem um ar de quem está se divertindo) Senhora Cheveley, acho justo lhe dizer com toda a franqueza que, se soubesse quem a senhora era de fato, eu não a teria convidado a vir à minha casa ontem à noite.

sra. cheveley (*com um sorriso petulante*) É mesmo?

lady chiltern Eu não poderia tê-la convidado.

sra. cheveley Estou vendo que, depois de todos esses anos, você não mudou nem um pouco, Gertrude.

lady chiltern Eu nunca mudo.

sra. cheveley (*levantando as sobrancelhas*) Então a vida não lhe ensinou nada?

lady chiltern Ela me ensinou que uma pessoa que um dia cometeu um ato desonesto e desonroso é capaz de cometer outro e deve ser evitada.

sra. cheveley Você aplicaria essa regra a qualquer pessoa?

lady chiltern Sim, a qualquer pessoa, sem exceção.

sra. cheveley Então eu lamento por você, Gertrude, lamento muito.

lady chiltern A senhora entende agora, tenho certeza, que por diversas razões qualquer outro contato entre nós durante sua estadia em Londres é totalmente impossível, não entende?

sra. cheveley (*recostando-se na cadeira*) Sabe, Gertrude, não me importo nem um pouco que você fale de moralidade. A moralidade é apenas a atitude que adotamos com as pessoas de quem não gostamos. Você não gosta de mim. Sei disso muito bem. E sempre a detestei. No entanto, eu vim aqui para lhe ajudar.

lady chiltern (*com desdém*) Como o auxílio que a senhora queria prestar ao meu marido ontem à noite, suponho. Graças a Deus eu o salvei a tempo.

sra. cheveley (*pondo-se de pé*) Foi você que o fez escrever aquela carta insolente para mim? Foi você que o fez quebrar a promessa que me havia feito?

lady chiltern Sim, fui eu.

sra. cheveley Então você agora terá de fazer com que ele a cumpra. Eu lhe dou até amanhã de manhã. Se até lá seu marido não se comprometer solenemente a me ajudar nesse grande projeto no qual estou interessada...

lady chiltern Essa especulação fraudulenta...

sra. cheveley Chame do que quiser. Tenho seu marido na palma da minha mão e, se você for inteligente, dirá a ele que faça o que eu disse que fizesse.

lady chiltern (*levantando-se e andando em direção a ela*) É muita petulância! O que o meu marido tem a ver com você? Com uma mulher como você?

sra. cheveley (*com uma risada amarga*) Neste mundo, os iguais sempre acabam se encontrando. É porque seu marido é fraudulento e desonesto que eu e ele combinamos tão bem. Entre você e ele existem verdadeiros abismos. Ele e eu somos mais próximos que amigos. Somos inimigos presos um ao outro. O mesmo pecado nos une.

lady chiltern Como você ousa se comparar ao meu marido? Como ousa ameaçar a ele ou a mim? Saia da minha casa. Você não é digna de entrar aqui.

Sir Robert Chiltern entra, vindo do fundo. Ouve as últimas palavras da esposa, vê a quem elas se dirigem e fica lívido.

sra. cheveley Sua casa! Uma casa comprada com o preço da desonra. Uma casa cujos móveis e objetos foram, todos, pagos por uma fraude. (*vira-se e vê sir Robert Chiltern*) Pergunte a seu marido qual é a origem da fortuna dele! Faça com que ele lhe conte a história de como vendeu um segredo de gabinete a um corretor da Bolsa. Saiba dele a que você deve sua posição.

lady chiltern Não é verdade! Robert! Não é verdade!

sra. cheveley (*apontando para ele com o dedo esticado*) Olhe para ele! Ele pode negar? Ele ousa negar?

sir robert chiltern Saia! Saia agora! Você já fez o pior que podia fazer.

sra. cheveley O pior? Eu ainda não terminei com você, com nenhum de vocês dois. Dou a ambos até amanhã ao meio-dia. Se não fizerem o que mandei, o mundo inteiro vai conhecer a origem de Robert Chiltern.²⁴

Sir Robert Chiltern toca a campainha. Entra Mason.

sir robert chiltern Acompanhe a senhora Cheveley até a porta.

A sra. Cheveley estremece; depois, faz uma mesura com polidez um tanto exagerada para lady Chiltern, que não esboça nenhuma reação. Quando passa por sir Robert Chiltern, que está parado perto da porta, ela para por alguns instantes e olha bem nos olhos dele. Depois sai, seguida pelo mordomo, que fecha a porta ao sair. Marido e mulher ficam sozinhos. Lady Chiltern está parada como alguém que tem um pesadelo. Depois se vira e olha para o marido. Olha para ele com um olhar estranho, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

lady chiltern Você vendeu um segredo de gabinete por dinheiro! Você começou sua vida com uma fraude! Construiu sua carreira a partir da desonra! Ah, diga que não é verdade! Minta para mim! Minta

para mim! Diga que não é verdade!

sir robert chiltern O que aquela mulher disse é verdade. Mas, Gertrude, me escute. Você não imagina como fui tentado. Deixe-me contar a história toda.

Anda em *direção a ela*.

lady chiltern Não chegue perto de mim. Não me toque. Eu me sinto como se você tivesse me deixado suja, suja pelo resto da vida. Ah, que máscara você vinha usando todos esses anos! Uma horrenda máscara pintada! Você se vendeu por dinheiro.²⁵ Ah! Um ladrão comum seria melhor. Você se colocou à venda para quem oferecesse o lance mais alto! Você se vendeu em praça pública! Você mente para o mundo inteiro e, no entanto, se recusa a mentir para mim.

sir robert chiltern (*correndo em direção a ela*) Gertrude! Gertrude!

lady chiltern (*mantendo-o afastado com os braços estendidos*) Não, não fale! Não diga nada! Sua voz desperta lembranças terríveis, lembranças de coisas que me fizeram amá-lo, lembranças de palavras que me fizeram amá-lo, lembranças que agora são horríveis para mim. Como eu idolatrava você! Você para mim era algo apartado da vida comum, algo puro, nobre, honesto, sem máculas. O mundo me parecia melhor porque você estava nele, e a bondade me parecia mais real porque você existia. E agora... Ah, quando eu penso que fiz de um homem como você o meu ideal! O ideal da minha vida!²⁶

sir robert chiltern Esse foi seu equívoco. Esse foi seu erro. O erro que todas as mulheres cometem. Por que vocês, mulheres, não podem nos amar com nossos defeitos, falhas e tudo? Por que nos botam em pedestais monstruosos? Todos nós temos pés de barro, tanto homens quanto mulheres; mas quando nós, homens, amamos uma mulher, nós a amamos sabendo das suas fraquezas, das suas tolices, das suas imperfeições; é possível até que a amemos ainda mais por isso. Não é o perfeito, mas o imperfeito que precisa de amor. É quando somos feridos pelas nossas próprias mãos ou pelas mãos de outros que o amor deve vir para nos curar — senão para que serve o amor? Todos os pecados o amor deve perdoar, salvo os que são contra o próprio amor. Todas as vidas, salvo as vidas sem amor, o verdadeiro amor deve perdoar. O amor de um homem é assim. É maior, mais amplo, mais humano que o amor de uma mulher. As mulheres pensam que fazem ideais dos homens, mas o que elas fazem de nós são apenas falsos ídolos. Você fez de mim seu falso ídolo, e eu não tive coragem de descer do pedestal, de lhe mostrar minhas feridas, de lhe contar minhas fraquezas. Eu tinha medo de perder seu amor, como perdi agora. E, então, na noite passada você

arruinou minha vida — sim, arruinou! O que aquela mulher pediu de mim não era nada comparado ao que ela me oferecia. Ela me oferecia segurança, paz, estabilidade. Meu pecado de juventude, que eu pensava que estivesse enterrado, ressurgiu na minha frente, horrendo, terrível, com as mãos no meu pescoço. Eu poderia tê-lo matado para sempre, tê-lo empurrado de volta para o túmulo, destruído o seu registro, queimado a única prova que havia contra mim. Você me impediu.²⁷ Ninguém senão você. Você sabe disso. E agora o que me espera senão a desgraça pública, a ruína, a terrível vergonha, a zombaria do mundo, uma vida solitária e desonrada, uma morte solitária e desonrada, talvez, um dia? Queira Deus que as mulheres não transformem mais os homens em ideais! Que não os ponham em altares e nem se curvem diante deles, ou poderão arruinar outras vidas tão completamente quanto você — a quem eu amei com tanta paixão — arruinou a minha!

Ele se retira da sala. Lady Chiltern corre atrás dele, mas a porta já está fechada quando ela a alcança. Pálida de angústia, desnorteada, impotente, ela oscila como uma planta na água. Estendidas, suas mãos parecem tremer no ar como botões de flor ao vento. Então, ela se atira no chão ao lado de um sofá e enterra o rosto. Seus soluços são como os soluços de uma criança.

fim do segundo ato.

Terceiro ato

cena

A biblioteca da casa de lorde Goring. Um cômodo ao estilo de Robert Adam.¹ À direita encontra-se a porta que leva ao hall. À esquerda, a porta da sala de fumar. Ao fundo, uma porta dobrável se abre para a sala de estar. A lareira está acesa. Phipps, o mordomo, arruma alguns jornais na escrivaninha. O traço mais marcante dele é sua impassibilidade. Entusiastas já o chamaram de “o mordomo ideal”. Nem a esfinge é tão incomunicável. Ele é uma máscara com boas maneiras. De sua vida intelectual ou emocional, nada sabemos. Ele representa o domínio da forma.

Entra lorde Goring, com roupas formais e uma flor na lapela. Usa um chapéu de seda e uma capa. Tem luvas brancas nas mãos e porta uma bengala Luís xvi. Veem-se nele todos os delicados caprichos da moda. Percebe-se que tem uma relação muito próxima com a vida moderna; na verdade, ele a faz e, portanto, a domina. É o primeiro filósofo bem vestido da história do pensamento.

lorde goring Trouxe minha segunda flor, Phipps?
phipps Trouxe, senhor.

Segura o chapéu, a capa e a bengala do patrão e lhe estende uma bandeja com a nova flor.

lorde goring Uma flor na lapela dá um ar de distinção, Phipps. Sou a única pessoa de pouca importância em Londres no momento que usa uma flor na lapela.

phipps Tem razão, senhor. Já reparei nisso.

lorde goring (*tirando a flor velha da lapela*) Sabe, Phipps, moda é o que nós próprios usamos. O que está fora de moda é o que as outras pessoas usam.

phipps Sim, senhor.

lorde goring Da mesma forma, vulgaridade é apenas a conduta de outras pessoas.

phipps Sim, senhor.

lorde goring (*pondo a nova flor na lapela*) E falsidades, as verdades de outras pessoas.

phipps Sim, senhor.

lorde goring As outras pessoas são um horror. A única sociedade possível é a de si mesmo.

phipps Sim, senhor.

lorde goring Amar a si próprio é o início de um romance para a vida toda, Phipps.

phipps Sim, senhor.

lorde goring (*olhando-se no espelho*) Acho que não gosto muito desta flor, Phipps. Ela faz com que eu pareça velho demais. Faz com que eu pareça estar quase no apogeu da vida, não, Phipps?

phipps Não estou notando nenhuma mudança na aparência do senhor.

lorde goring Não está, Phipps?

phipps Não, senhor.

lorde goring Hum, não sei, Phipps. De qualquer forma, daqui para a frente, seria melhor uma flor mais frívola para as noites de quinta-feira.

phipps Vou falar com a florista, senhor. Ela teve uma perda na família recentemente; talvez isso explique a falta de frivolidade de que o senhor se queixa na flor.

lorde goring É uma coisa extraordinária na classe baixa inglesa — eles vivem perdendo parentes.

phipps Sim, senhor. Eles são extremamente afortunados nesse aspecto.

lorde goring (*vira-se e olha para ele.*² *Phipps permanece impassível*) Hum!

Chegou alguma carta, Phipps?

phipps Chegaram três, senhor.

Entrega as cartas numa bandeja.

lorde goring (*pega as cartas*) Quero um cabriolé para daqui a vinte minutos.

phipps Sim, senhor.

Vai andando em direção à porta.

lorde goring (*levanta a carta em envelope cor-de-rosa e pigarreja*) Hum! Phipps, quando foi que esta carta chegou?

phipps Ela foi entregue em mãos logo depois que o senhor saiu para ir ao clube.

lorde goring É só isso, obrigado. (*sai Phipps*) A letra de lady Chiltern no papel de carta rosa de lady Chiltern. Que coisa estranha. Pensei que Robert é que fosse escrever. O que terá lady Chiltern a me dizer? (*senta-se diante da escrivãzinha, abre a carta e lê*) “Preciso do senhor. Tenho-lhe total confiança. Estou indo vê-lo.” Então ela descobriu tudo! Coitada! Coitada! (*tira o relógio do bolso e o examina*) Mas que hora para fazer visita! Dez horas! Vou ter de desistir de ir à casa dos Berkshire. No entanto, é sempre bom ser esperado e não aparecer. Não sou esperado no Baile dos Solteiros,

então certamente vou lá. Bem, vou convencê-la a apoiar o marido. É a única coisa que tem a fazer. É a única coisa que qualquer mulher tem a fazer. É o crescimento do senso moral nas mulheres que torna o casamento uma instituição tão inviável e unilateral. Dez horas. Ela já deve estar chegando. Preciso dizer ao Phipps que não estou em casa para mais ninguém.

Vai andando em direção à campainha.

Entra Phipps.

phipps Lorde Caversham.

lorde goring Ah, por que os pais sempre aparecem na hora errada? Por algum erro extraordinário da natureza, imagino. (*entra lorde Caversham*) Que prazer vê-lo aqui, meu caro pai.

Vai ao encontro dele.

lorde caversham Tire minha capa.

lorde goring Vale a pena, pai?

lorde caversham Claro que vale a pena, senhor. Qual é a poltrona mais confortável?

lorde goring Esta aqui, meu pai. É a poltrona que eu mesmo uso, quando recebo visitas.

lorde caversham Obrigado. Não há corrente de ar nesta sala, espero.

lorde goring Não, pai.

lorde caversham (*sentando-se*) Ainda bem. Não suporto correntes de ar. Na minha casa não há nenhuma.

lorde goring Só muitas borrascas,³ meu pai.

lorde caversham Hã? Hã? Não entendo o que quer dizer. Escute, quero ter uma conversa séria com o senhor.

lorde goring Meu caro pai! A esta hora?

lorde caversham Ora, são apenas dez horas, senhor. O que tem contra as dez horas? Eu acho as dez uma hora admirável!

lorde goring Bem, a verdade, meu pai, é que hoje não é meu dia de falar sério. Sinto muitíssimo, mas não é o dia.

lorde caversham O que o senhor quer dizer com isso?

lorde goring Durante a temporada, meu pai, só falo sério na primeira terça-feira de cada mês, das quatro às sete.

lorde caversham Ora, faça de conta que é terça, senhor, faça de conta que é terça.

lorde goring Mas já passa das sete, meu pai, e o médico diz que não posso ter nenhuma conversa séria depois das sete. Ou falo dormindo.

lorde caversham Fala dormindo, senhor? E que importância tem isso?

O senhor não é casado.

lorde goring Não, pai, eu não sou casado.

lorde caversham Pois é justamente sobre isso que vim conversar. O senhor precisa se casar e tem de ser imediatamente. Quando eu tinha a sua idade, já era um viúvo inconsolável havia três meses e estava cortejando a admirável senhora sua mãe. Que diabo, o senhor tem o dever de se casar! Não pode ficar vivendo para o prazer pelo resto da vida. Todo homem de posição se casa hoje em dia. Os solteiros saíram de moda. Eles agora são tidos como encalhes. Sabe-se demais a respeito deles. O senhor precisa arranjar uma esposa. Veja onde seu amigo Robert Chiltern chegou graças à probidade, ao trabalho árduo e a um casamento sensato com uma boa mulher. Por que o senhor não o imita? Por que não o toma como modelo?

lorde goring Acho que vou tomar, meu pai.

lorde caversham Eu gostaria que o senhor tomasse mesmo. Aí eu ficaria feliz. No momento, por sua culpa, estou transformando a vida da sua mãe em um inferno. O senhor é um desalmado, senhor, um desalmado!

lorde goring Espero que não, meu pai.

lorde caversham E já está mais do que na hora de o senhor se casar. O senhor tem trinta e quatro anos, senhor, trinta e quatro anos.

lorde goring Sim, meu pai, mas só admito ter trinta e dois — trinta e um e meio, quando estou com uma boa flor na lapela. Esta flor aqui não é... frívola o bastante.

lorde caversham Pois eu lhe digo que o senhor tem trinta e quatro anos, senhor. E esta sala tem corrente de ar, sim, senhor, o que torna sua conduta ainda pior. Por que o senhor me disse que não tinha? Estou sentindo uma corrente de ar, senhor, estou sentindo claramente.

lorde goring Eu também, meu pai. Uma corrente de ar horrível. Amanhã vou à sua casa e converso com o senhor, pai. Podemos falar sobre o que o senhor quiser. Deixe-me ajudá-lo a vestir a capa.

lorde caversham Não, senhor; vim aqui esta noite com um objetivo expresso e vou cumpri-lo custe o que custar à minha saúde ou à sua. Deixe minha capa onde estava, senhor.

lorde goring Certamente, meu pai. Mas vamos para outro cômodo. *(toca a campainha)* A corrente de ar aqui está horrível. *(entra Phipps)* Phipps, o fogo da lareira da sala de fumar está bem forte?

phipps Está, senhor.

lorde goring Vamos para lá, então, pai. Seus espirros partem o coração.

lorde caversham Ora, meu senhor, imagino que tenha o direito de

espirrar quando sinto vontade, não?

lorde goring (*em tom de desculpa*) Claro que tem, meu pai, claro que tem. Eu estava apenas expressando solidariedade.

lorde caversham Ah, dane-se a solidariedade. Há solidariedade demais no mundo hoje em dia.

lorde goring Concordo plenamente com o senhor, meu pai. Se houvesse menos solidariedade no mundo, haveria menos problemas nele.

lorde caversham (*dirigindo-se à sala de fumar*) Isso é um paradoxo, senhor. Odeio paradoxos.

lorde goring Eu também, meu pai. Todo mundo que a gente conhece hoje em dia é um paradoxo. É um grande aborrecimento. Deixa a sociedade muito óbvia.

lorde caversham (*virando-se e olhando para o filho por debaixo de suas sobrancelhas hirsutas*) O senhor entende realmente as coisas que diz?

lorde goring Entendo, sim, meu pai, quando presto atenção.

lorde caversham (*indignado*) Quando presta atenção!... Almofadinha pretensioso!

Vai resmungando para a sala de fumar. Entra Phipps.

lorde goring Phipps, uma senhora vai vir aqui esta noite para tratar comigo de um assunto particular. Quando ela chegar, quero que a leve para a sala de estar, entendido?

phipps Sim, senhor.

lorde goring É um assunto da mais grave importância, Phipps.

phipps Entendo, senhor.

lorde goring Ninguém mais deve ser admitido na casa, em hipótese alguma.

phipps Entendo, senhor.

A campainha toca.

lorde goring Ah! Deve ser ela. Eu mesmo vou recebê-la então.

Justo quando lorde Goring está se dirigindo à porta, lorde Caversham entra, vindo da sala de fumar.

lorde caversham Então, senhor? Devo aguardar que possa me atender?

lorde goring (*consideravelmente atarantado*) Um instantinho só, meu pai. Por favor, me desculpe. (*lorde Caversham volta para a sala de fumar*) Bem, lembre-se das minhas instruções, Phipps; leve-a para aquela sala.

phipps Sim, senhor.

Lorde Goring vai para a sala de fumar. Harold, o laçao, entra acompanhando a sra. Cheveley. Qual uma lâmia,⁴ ela está de verde e prateado. Usa uma capa de cetim preto, forrada de seda cor de pétala de rosa morta.

harold Seu nome, senhora?

sra. cheveley (*para Phipps, que avança em direção a ela*) Lorde Goring não está? Disseram-me que ele estava em casa.

phipps Lorde Goring está ocupado no momento, senhora, conversando com lorde Caversham.

Crava um olhar frio e vítreo em Harold, que imediatamente se retira.

sra. cheveley (*consigo mesma*) Que desvelo filial!

phipps Ele mandou que eu lhe pedisse, senhora, que fizesse a gentileza de esperá-lo na sala de estar. Ele irá ter com a senhora lá.

sra. cheveley (*com uma expressão de surpresa*) Lorde Goring estava à minha espera?

phipps Sim, senhora.

sra. cheveley Tem certeza?

phipps Ele me disse que se uma senhora viesse procurá-lo eu deveria pedir a ela que esperasse na sala de estar. (*vai até a porta da sala de estar e a abre*) As instruções dele a esse respeito foram muito precisas.

sra. cheveley (*consigo mesma*) Que atencioso da parte dele! Esperar o inesperado é sinal de um intelecto extraordinariamente moderno. (*vai até a porta da sala de estar e olha lá para dentro*) Uh! Como são lúgubres as salas de estar de homens solteiros. Vou ter de mudar isso tudo.⁵ (*Phipps traz a luminária da escrivaninha*) Não, eu não gosto dessa luminária. A luz dela é forte demais. Acenda algumas velas.

phipps (*põe a luminária de volta no lugar*) Pois não, senhora.

sra. cheveley Espero que as velas tenham pantufas generosas.

phipps Nunca tivemos queixas delas, senhora, até agora.

Entra na sala de estar e começa a acender as velas.

sra. cheveley (*consigo mesma*) Que mulher será essa que ele está esperando aqui hoje? Vai ser ótimo flagrá-lo. Os homens sempre ficam parecendo bobos quando são flagrados. E eles vivem sendo flagrados. (*olha ao redor e se aproxima da escrivaninha*) Que sala interessante! Que quadro interessante! Como será a correspondência dele? (*pega as cartas*) Ah, que correspondência pouco interessante!

Contas, cartões, dívidas e cartas de senhoras! Quem será que escreveu para ele em papel de carta rosa? Que coisa mais tola escrever em papel de carta rosa! Parece o início de um romance de classe média. Romances nunca devem começar com sentimento. Eles devem começar com ciência e terminar com um acordo. *(pousa a carta, depois a pega de volta)* Conheço essa letra. É a letra da Gertrude Chiltern. Lembro-me dela perfeitamente. Os dez mandamentos em cada traço da pena e a lei moral na página inteira. O que será que Gertrude escreveu para ele? Alguma coisa horrenda a meu respeito, imagino. Como detesto aquela mulher! *(lê a carta)* “Preciso do senhor. Tenho-lhe total confiança. Estou indo vê-lo. Gertrude.” “Preciso do senhor. Tenho-lhe total confiança. Estou indo vê-lo.”

Uma expressão de triunfo surge em seu rosto. Ela está prestes a roubar a carta, quando Phipps entra.

phipps As velas da sala de estar já estão acesas, senhora, como instruíu.
sra. cheveley Obrigada.

Levanta-se apressadamente e enfia a carta debaixo de um grande bloco de mata-borrão com capa de prata que está sobre a mesa.

phipps Espero que as pantufas sejam do seu agrado, senhora. São as mais generosas que temos. São as mesmas que o próprio lorde Goring usa quando está se vestindo para jantar.
sra. cheveley *(sorrindo)* Então eu tenho certeza de que elas são perfeitamente adequadas.
phipps *(gravemente)* Obrigado, senhora.

A sra. Cheveley vai para a sala de estar. Phipps fecha a porta e se retira. Em seguida, a porta se abre lentamente e a sra. Cheveley sai de trás dela e vai andando sorratamente em direção à escrivaninha. De repente, ouvem-se vozes, vindas da sala de fumar. A sra. Cheveley empalidece e para. As vozes ficam mais altas e ela volta para a sala de estar, mordendo o lábio.

Entram lorde Goring e lorde Caversham.

lorde goring *(em tom de queixa)* Meu caro pai, se eu for me casar, por certo o senhor permitirá que eu escolha a data, o lugar e a pessoa, não? Principalmente a pessoa.
lorde caversham *(irritado)* Essa questão quem resolve sou eu. O senhor

provavelmente faria uma péssima escolha. Sou eu que devo ser consultado, não o senhor. Há propriedades em jogo. Não é uma questão de afeição. A afeição vem mais tarde na vida de casado.

lorde goring É, na vida de casado a afeição vem quando as pessoas já se detestam, não é, meu pai?

Coloca a capa de lorde Caversham nas costas dele.

lorde caversham Certamente, senhor. Quer dizer, certamente que não, senhor. O senhor hoje está falando muita bobagem. O que quero dizer é que o casamento é uma questão de bom senso.

lorde goring Mas mulheres que têm bom senso são tão curiosamente feias, não são, meu pai? Claro que estou falando apenas do que ouço dizer.

lorde caversham Nenhuma mulher, seja feia ou bonita, tem bom senso algum, senhor. O bom senso é privilégio do nosso sexo.

lorde goring É verdade. E nós, homens, somos tão abnegados que nunca o usamos, não é, meu pai?

lorde caversham Eu uso, senhor. Não uso nada senão bom senso.

lorde goring É o que minha mãe me diz.

lorde caversham É o segredo da felicidade da sua mãe. O senhor é um desalmado, senhor, um desalmado!

lorde goring Espero que não, meu pai.

Sai por um instante com lorde Caversham e depois volta, parecendo muito contrariado, em companhia de sir Robert Chiltern.

sir robert chiltern Meu caro Arthur, que sorte encontrá-lo na soleira da porta! Seu criado havia acabado de me dizer que você não estava em casa. Curioso, não?

lorde goring A verdade, Robert, é que estou terrivelmente ocupado esta noite e disse aos criados que não estava em casa para ninguém. Até meu pai teve uma recepção relativamente fria. Ficou o tempo todo se queixando de uma corrente de ar.

sir robert chiltern Ah, mas você precisa estar em casa para mim, Arthur. Você é o meu melhor amigo. E talvez amanhã passe a ser meu único amigo. Minha mulher descobriu tudo.

lorde goring Ah! Como eu imaginava.

sir robert chiltern *(olhando para ele)* É mesmo? Como?

lorde goring *(depois de certa hesitação)* Ah, só pela expressão no seu rosto quando entrou. Quem contou a ela?

sir robert chiltern A própria senhora Cheveley. E agora a mulher que eu amo sabe que comecei minha carreira com um ato baixo de desonestidade, que construí minha vida sobre a areia da vergonha,⁶

que vendi, tal qual um mascate, o segredo que me havia sido confiado como um homem de honra. Dou graças aos céus que lorde Radley tenha morrido sem saber que o trai. Quisera Deus que eu tivesse morrido antes de ser tão terrivelmente tentado, ou antes de ter caído tão baixo.

Enterrando o rosto nas mãos.

lorde goring (*depois de uma pausa*) Você ainda não recebeu nenhuma notícia de Viena, em resposta ao seu telegrama?

sir robert chiltern (*levantando o rosto*) Recebi; recebi um telegrama do primeiro-secretário hoje, às oito horas da noite.

lorde goring E então?

sir robert chiltern Não se sabe de absolutamente nada contra ela. Pelo contrário, ocupa uma posição bastante elevada na sociedade. É uma espécie de segredo público que o barão Arnheim deixou para ela a maior parte da imensa fortuna que ele tinha. Fora isso, não descobri mais nada.

lorde goring Ela não é uma espiã, então?

sir robert chiltern Ah, espões não têm mais serventia alguma hoje em dia. A profissão acabou. Os jornais agora fazem esse serviço no lugar deles.

lorde goring E o fazem escandalosamente bem.

sir robert chiltern Arthur, estou morto de sede. Posso tocar a campainha para pedir alguma coisa? Um vinho do Reno com água de Seltz?⁷

lorde goring Certamente. Deixe que eu toco.

Toca a campainha.

sir robert chiltern Obrigado! Não sei o que fazer, Arthur, não sei o que fazer, e você é meu único amigo. E que grande amigo você é, o único em que posso confiar. Posso confiar em você totalmente, não posso?

Entra Phipps.

lorde goring Meu caro Robert, é claro que pode. Ah! (*para Phipps*) Traga um vinho do Reno com água de Seltz.

phipps Pois não, senhor.

lorde goring E Phipps...

phipps Sim, senhor?

lorde goring Você me dá licença um instante, Robert? Quero dar algumas instruções ao mordomo.

sir robert chiltern Certamente.

lorde goring Quando aquela senhora chegar, diga-lhe que não devo voltar para casa esta noite. Diga-lhe que tive de sair da cidade inesperadamente. Entendeu?

phipps A senhora está naquela sala, senhor. O senhor me disse para levá-la para lá.

lorde goring Está certo, Phipps. Você agiu muito bem. (*sai Phipps*) Em que confusão eu me meti! Não; acho que há saída. Vou fazer um sermão do outro lado da porta. Embora não vá ser fácil consegui-lo.

sir robert chiltern Arthur, me diga o que devo fazer. Minha vida parece ter se esfacelado ao meu redor. Sou um navio sem leme numa noite sem estrelas.

lorde goring Robert, você ama sua mulher, não ama?

sir robert chiltern Eu a amo mais que qualquer coisa no mundo. Costumava achar que a ambição era a coisa mais importante. Não é. O amor é a coisa mais importante do mundo. Nada é mais valioso que o amor, e eu a amo. Mas estou desmoralizado aos olhos dela. Estou desonrado aos olhos dela. Há um enorme abismo entre nós agora. Ela descobriu quem eu sou de fato, Arthur, ela descobriu.

lorde goring Será que nunca na vida ela cometeu um desatino, uma imprudência, para se considerar no direito de não perdoar seu pecado?

sir robert chiltern Minha mulher? Nunca! Ela não sabe o que é fraqueza, não sabe o que é tentação. Sou de barro, como outros homens. Ela se mantém à parte, como todas as boas mulheres; implacável na sua perfeição, fria, rígida e sem compaixão. Mas eu a amo, Arthur. Nós não temos filhos, e eu não tenho ninguém mais para amar, ninguém mais que me ame. Se Deus tivesse nos dado filhos, talvez ela tivesse sido mais complacente comigo. Mas Deus nos deu uma casa solitária. E ela partiu meu coração em dois. Não vamos mais falar nisso. Fui cruel com ela hoje. Mas imagino que pecadores sempre sejam cruéis quando falam com santos. Disse a ela coisas que eram horrendamente verdadeiras, do meu ponto de vista, do ponto de vista dos homens. Mas não vamos falar sobre isso.

lorde goring Sua mulher vai perdoá-lo. Talvez ela o esteja perdoando neste exato momento. Ela ama você, Robert. Por que não iria perdoá-lo?

sir robert chiltern Deus queira! Deus queira! (*enterra o rosto nas mãos*) Mas há outra coisa que preciso lhe dizer, Arthur.

Entra Phipps com a bebida.

phipps (*entrega a bebida a sir Robert Chiltern*) Vinho do Reno com água

de Seltz, senhor.
sir robert chiltern Obrigado.
lorde goring Sua carruagem está aqui, Robert?
sir robert chiltern Não; eu vim a pé do clube para cá.
lorde goring Sir Robert tomará o cabriolé que eu pedi, Phipps.
phipps Sim, senhor.

Sai.

lorde goring Robert, você não se importa que eu o mande embora, se importa?

sir robert chiltern Arthur, você precisa me deixar ficar mais cinco minutos. Decidi o que vou fazer esta noite na Câmara. O debate sobre o canal argentino está marcado para começar às onze horas.
(*uma cadeira cai na sala de estar*) O que é isso?

lorde goring Nada.

sir robert chiltern Ouvi uma cadeira cair na sala ao lado. Alguém está ouvindo nossa conversa.

lorde goring Não, não; não tem ninguém lá.

sir robert chiltern Tem, sim. Há luz no quarto e a porta está entreaberta. Alguém estava ouvindo todos os segredos da minha vida. Arthur, o que significa isso?

lorde goring Robert, você está nervoso e assustado. Eu lhe garanto que não há ninguém naquela sala. Sente-se.

sir robert chiltern Você me dá sua palavra de que não há ninguém lá?

lorde goring Dou.

sir robert chiltern Sua palavra de honra?

Senta-se.

lorde goring Sim.

sir robert chiltern (*levanta-se*) Arthur, deixe-me ver com meus próprios olhos.

lorde goring Não, não.

sir robert chiltern Se não há ninguém lá, por que não posso ver aquela sala? Arthur, você precisa me deixar entrar naquela sala e me tranquilizar. Deixe-me ter certeza de que nenhum bisbilhoteiro ouviu o segredo da minha vida. Arthur, você não entende o que estou passando.

lorde goring Robert, já chega. Eu lhe disse que não tem ninguém naquela sala e isso basta.

sir robert chiltern (*corre para a porta da sala*) Não, não basta. Faça questão de entrar lá. Você me disse que não há ninguém naquela sala, então que razão pode ter para não me deixar entrar?

lorde goring Pelo amor de Deus, não entre! Tem alguém lá. Alguém que você não pode ver.
sir robert chiltern Foi o que eu pensei!
lorde goring Eu o proíbo de entrar naquela sala.
sir robert chiltern Saia da minha frente. Minha vida está em risco. E não me importa quem está lá. Preciso saber para quem foi que contei meu segredo e minha vergonha.

Entra na sala.

lorde goring Santo Deus! Ele vai deparar com a própria mulher!

Sir Robert Chiltern volta, com uma expressão de raiva e desprezo no rosto.
sir robert chiltern Que explicação você tem a me dar para a presença daquela mulher aqui?
lorde goring Robert, juro a você pela minha honra que aquela senhora é imaculada e não cometeu nenhuma ofensa contra você.
sir robert chiltern Ela é vil e infame!
lorde goring Não diga isso, Robert! Foi pelo seu bem que ela veio aqui. Foi para tentar salvá-lo que ela veio aqui. Ela ama você e ninguém mais.
sir robert chiltern Você está louco. O que eu tenho a ver com as aventuras dela com você? Quero mais é que continue a ser sua amante! Vocês dois se merecem. Ela, corrupta e indecorosa. Você, um amigo falso, um inimigo traiçoeiro...
lorde goring Não é verdade, Robert. Juro, não é verdade. Na presença dela e na sua vou explicar tudo.
sir robert chiltern Deixe-me passar. O senhor já mentiu o bastante dando sua palavra de honra.

Sir Robert Chiltern sai. Lorde Goring corre em direção à porta da sala de estar, ao mesmo tempo que a sra. Cheveley sai de lá, com ar radiante e uma expressão de quem está se divertindo muito.

sra. cheveley (*fazendo uma mesura zombeteira*) Boa noite, lorde Goring!
lorde goring Senhora Cheveley! Santo Deus!... Posso saber o que a senhora estava fazendo na minha sala de estar?
sra. cheveley Apenas ouvindo. Tenho verdadeira paixão por ouvir por buracos de fechadura. Sempre ouvimos coisas muito interessantes através deles.
lorde goring Isso não é tentar demais a Providência divina?
sra. cheveley Ah, por certo a Providência divina já aprendeu a resistir a tentações a essa altura.
Faz um sinal para que ele tire a capa das costas dele, e ele tira.

lord goring Foi bom a senhora ter vindo. Tenho bons conselhos para lhe dar.

sra. cheveley Ah, por favor, não dê! Nunca se deve dar a uma mulher nada que ela não possa usar à noite.

lord goring Vejo que a senhora continua tão voluntariosa quanto antes.

sra. cheveley Não! Agora sou muito mais. Melhorei muitíssimo. Adquiri mais experiência.

lord goring Ter experiência demais é uma coisa perigosa. Aceita um cigarro? Metade das mulheres bonitas de Londres fumam cigarros. Eu, pessoalmente, prefiro a outra metade.

sra. cheveley Não, obrigada. Nunca fumo. Minha modista não iria gostar, e o primeiro dever de uma mulher na vida é para com sua modista, não é verdade? Já o segundo dever, ninguém descobriu ainda qual é.

lord goring A senhora veio aqui para me vender a carta de Robert Chiltern, não foi?

sra. cheveley Para lhe oferecer a carta sob algumas condições. Como foi que adivinhou?

lord goring Baseando-me no fato de que a senhora não mencionou o assunto. A senhora trouxe a carta consigo?

sra. cheveley (*sentando-se*) Não! Um vestido bem-feito não tem bolsos.

lord goring Qual é seu preço por ela?

sra. cheveley Você é tão absurdamente inglês! Os ingleses acham que um talão de cheques pode resolver qualquer problema na vida. Pois fique sabendo, meu caro Arthur, que tenho muito mais dinheiro que você e tanto ou mais do que Robert Chiltern conseguiu ganhar. O que eu quero não é dinheiro.

lord goring O que a senhora quer então, senhora Cheveley?

sra. cheveley Por que você não me chama de Laura?⁸

lord goring Porque não gosto do nome.

sra. cheveley Você costumava adorá-lo.

lord goring Sim. É por isso mesmo.

A sra. Cheveley faz sinal para que ele se sente ao lado dela. Ele sorri e senta em seguida.

sra. cheveley Arthur, você já me amou um dia.

lord goring Já.

sra. cheveley E me pediu em casamento.

lord goring Foi a consequência natural do fato de amá-la.

sra. cheveley E depois rompeu comigo porque viu, ou disse que viu, o velho lord Mortlake, coitado, tentando violentamente flertar

comigo no jardim de inverno de Tenby.

lorde goring Tenho a impressão de que o meu advogado resolveu essa questão com a senhora por meio de um acordo cujos termos foram... ditados pela senhora.⁹

sra. cheveley Na época eu era pobre e você, rico.

lorde goring É verdade. Foi por isso que a senhora fingiu que me amava.

sra. cheveley (*dando de ombros*) O velho lorde Mortlake, coitado, que só sabia conversar sobre dois assuntos: sua gota e sua esposa! Eu nunca conseguia saber ao certo sobre qual das duas ele estava falando. Ele costumava usar um linguajar absolutamente horrível para se referir a ambas. Bem, você foi muito tolo, Arthur. Lorde Mortlake nunca foi mais do que um passatempo para mim. Um daqueles passatempos terrivelmente tediosos que encontramos em casas de campo inglesas num domingo no interior inglês. Não acho que ninguém seja nem um pouco moralmente responsável pelo que faz numa casa de campo inglesa.

lorde goring É, eu sei que muita gente pensa assim.¹⁰

sra. cheveley Eu amava você, Arthur.

lorde goring Minha cara senhora Cheveley, a senhora sempre foi inteligente demais para saber o que quer que seja sobre o amor.

sra. cheveley Eu o amava, sim. E você me amava. Você sabe que me amava; e o amor é uma coisa maravilhosa. Imagino que, quando um homem já amou uma mulher, ele faça qualquer coisa por ela, menos continuar a amá-la, não é?

Põe a mão sobre a dele.

lorde goring (*tirando a mão com calma*) Exato, menos isso.

sra. cheveley (*depois de uma pausa*) Estou cansada de morar no exterior. Quero voltar para Londres. Quero ter uma casa linda e elegante aqui. Quero promover um salão. Se alguém conseguisse ensinar os ingleses a falar e os irlandeses a ouvir, a sociedade aqui poderia ser bem civilizada. Além disso, cheguei à fase romântica. Quando o vi ontem à noite na casa dos Chiltern, percebi que você era a única pessoa de quem já gostei, Arthur, se já gostei de alguém um dia. Então, na manhã do dia em que você se casar comigo, eu lhe entregarei a carta de Robert Chiltern. Essa é a minha oferta. Eu lhe darei a carta agora, se prometer que vai se casar comigo.

lorde goring Agora?

sra. cheveley (*sorrindo*) Amanhã.

lorde goring A senhora está falando sério?

sra. cheveley Muito sério.

lorde goring Eu provavelmente seria um péssimo marido para a

senhora.

sra. cheveley Não me importo com péssimos maridos. Já tive dois.

Eles me divertiam imensamente.

lord e goring A senhora quer dizer que se divertia imensamente, não?

sra. cheveley O que você sabe sobre minha vida de casada?

lord e goring Nada; mas sei ler seus sinais como se lesse um livro.

sra. cheveley Que livro?

lord e goring (*levantando-se*) O Livro dos Números.¹¹

sra. cheveley Você acha elegante ser tão grosseiro com uma mulher na sua própria casa?

lord e goring Tratando-se de mulheres fascinantes, o sexo é um desafio, não uma defesa.

sra. cheveley Imagino que isso tenha sido dito como um elogio. Meu caro Arthur, as mulheres nunca se deixam desarmar por elogios. Os homens sempre se deixam. Essa é a diferença entre os dois sexos.

lord e goring As mulheres nunca se deixam desarmar por nada, até onde sei.

sra. cheveley (*depois de uma pausa*) Então prefere deixar que Robert Chiltern, seu melhor amigo, tenha a vida arruinada a se casar com alguém que ainda conserva consideráveis atrativos. Pensei que fosse se investir da nobre missão do autossacrifício, Arthur. Acho que deveria. Depois, você poderia passar o resto da vida contemplando sua própria perfeição.

lord e goring Ah, eu já faço isso assim como estou. E autossacrifício é uma coisa que deveria ser proibida por lei. É tão desmoralizante para as pessoas em prol das quais a gente se sacrifica. Elas sempre ficam mal.¹²

sra. cheveley Como se alguma coisa pudesse desmoralizar mais Robert Chiltern! Você parece estar esquecendo que conheço o verdadeiro caráter dele.

lord e goring O que a senhora sabe sobre Robert não representa o verdadeiro caráter dele. Aquilo foi um ato de loucura que cometeu na juventude, desonroso, admito, vergonhoso, admito, indigno dele, admito, e portanto... não representativo do seu verdadeiro caráter.

sra. cheveley Como vocês, homens, defendem uns aos outros!

lord e goring Como vocês, mulheres, lutam umas contra as outras!

sra. cheveley (*com amargura*) Só luto contra uma mulher, contra Gertrude Chiltern. Eu a odeio. Agora mais que nunca.

lord e goring Porque a senhora provocou uma verdadeira tragédia na vida dela, imagino?

sra. cheveley (*com um sorriso de escárnio*) Só existe uma verdadeira tragédia na vida de uma mulher. O fato de seu passado ser sempre seu amante e de seu futuro ser invariavelmente seu marido.

lord e goring Lady Chiltern não sabe nada sobre o tipo de vida a que a

senhora está se referindo.

sra. cheveley Uma mulher que usa luvas tamanho sete e três quartos nunca sabe muito sobre coisa alguma. Você sabia que Gertrude sempre usou luvas tamanho sete e três quartos? Essa é uma das razões pelas quais nunca houve afinidade moral alguma entre nós... Bem, Arthur, suponho que esta entrevista romântica possa ser considerada encerrada. Você admite que ela foi romântica, não admite? Pelo privilégio de ser sua esposa eu estava disposta a abrir mão de um grande prêmio, do clímax da minha carreira diplomática. Você não quer. Muito bem. Se sir Robert não apoiar meu projeto argentino, vou desmascará-lo. *Voilà tout.*¹³

lord goring A senhora não pode fazer isso. Seria vil, hediondo, infame.

sra. cheveley (*dando de ombros*) Ah, não use palavras empoladas. São tão vazias. É uma transação comercial. Só isso. E não é bom misturar sentimentos com comércio. Tentei vender determinada coisa a Robert Chiltern. Se não quiser pagar meu preço, ele terá de pagar um preço muito mais alto ao mundo. Não há mais nada a ser dito. Preciso ir. Adeus. Não quer trocar um aperto de mão?

lord goring Com a senhora? Não. Sua transação com Robert Chiltern pode passar por uma transação comercial deplorável numa era comercial deplorável; mas parece ter esquecido que a senhora, que veio aqui esta noite para falar de amor, cujos lábios profanaram a palavra amor e para quem o amor é como um livro lacrado, foi esta tarde à casa de uma das mulheres mais nobres e gentis do mundo para enxovalhar o marido dela, para tentar matar o amor que ela tem por ele, para encher seu coração de veneno e sua vida de amargura, para quebrar o ídolo que ela adorava e, quem sabe, destruir sua alma. Isso não posso perdoar. Isso foi horrível. Para isso não pode haver perdão.

sra. cheveley Arthur, você está sendo injusto comigo. Acredite, está sendo muito injusto. Não fui até lá para atormentar Gertrude de forma alguma. Não tinha nenhuma intenção de fazer nada do tipo ao chegar lá. Só fui até lá com lady Markby para perguntar se uma joia que perdi em algum lugar ontem à noite tinha sido encontrada na casa. Se não acredita em mim, pergunte a lady Markby. Ela vai lhe confirmar que é verdade. A cena que se passou aconteceu depois que lady Markby já tinha ido embora e, na verdade, foi provocada pela grosseria e pelo desdém com que Gertrude me tratou. Fui até lá... está bem, um pouco por maldade, se você quiser, mas de fato para perguntar se um broche de diamantes meu havia sido encontrado. Essa foi a origem da coisa toda.

lord goring Um broche de diamantes em forma de cobra, com um rubi?

sra. cheveley Isso mesmo. Como você sabe?
lorde goring Porque ele foi encontrado. Na verdade, fui eu mesmo que o encontrei e, estupidamente, esqueci de avisar ao mordomo quando estava indo embora. (*vai até a escrivaninha e puxa algumas gavetas*) Está nesta gaveta. Não, naquela. É este o broche, não é?

Levanta o broche.

sra. cheveley É. Eu fico tão feliz em recuperá-lo. Ele foi... um presente.

lorde goring Não quer usá-lo?

sra. cheveley Certamente, se você prendê-lo para mim. (*lorde Goring de repente afivela o broche no pulso dela*) Por que você o pôs em mim como uma pulseira? Eu nunca soube que ele podia ser usado como pulseira.

lorde goring Não?

sra. cheveley (*esticando seu lindo braço*) Não; mas fica muito bonito em mim como pulseira, não fica?

lorde goring Fica. Muito mais bonito do que quando eu o vi pela última vez.

sra. cheveley Quando foi que você o viu pela última vez?

lorde goring (*calmamente*) Dez anos atrás, no braço de lady Berkshire, de quem a senhora o roubou.

sra. cheveley (*sobressaltando-se*) O que você quer dizer?

lorde goring Quero dizer que a senhora roubou essa joia da minha prima, Mary Berkshire, a quem eu a dei como presente de casamento. As suspeitas recaíram sobre um pobre criado, que foi mandado embora em desgraça. Reconheci a joia ontem à noite e decidi não dizer nada a ninguém até encontrar o ladrão. Agora encontrei o ladrão, ou melhor, a ladra, e testemunhei sua confissão.

sra. cheveley (*jogando a cabeça para trás*) Não é verdade.

lorde goring A senhora sabe que é. A palavra “ladra” está escrita no seu rosto neste momento.

sra. cheveley Vou negar a história toda do início ao fim. Vou dizer que nunca vi esta maldita joia, que nunca estive em meu poder.

A sra. Cheveley tenta tirar a pulseira do braço, mas não consegue. Lorde Goring a observa, com ar de quem acha graça. Seus dedos finos puxam a pulseira, tentando arrancá-la, mas é inútil. Um impropério lhe escapa.

lorde goring A desvantagem de roubar uma coisa, senhora Cheveley, é que a pessoa nunca sabe o quanto é maravilhosa a coisa que roubou. Não há como tirar essa pulseira, a menos que se saiba onde fica a mola. E eu estou vendo que a senhora não sabe. É bem difícil

de achar.
sra. cheveley Seu facínora! Seu covarde!

Tenta novamente abrir a pulseira, mas não consegue.

lorde goring Ah, não use palavras empoladas. São tão vazias.

sra. cheveley *(mais uma vez tenta arrancar a pulseira, num acesso de raiva, emitindo sons inarticulados. Depois para e olha para lorde Goring)* O que você vai fazer?

lorde goring Vou tocar a campainha para chamar o mordomo. Ele é um mordomo admirável. Sempre vem assim que a gente toca a campainha. Quando ele vier, vou mandar que chame a polícia.

sra. cheveley *(tremendo)* A polícia? Para quê?

lorde goring Amanhã os Berkshire processarão a senhora. É para isso que serve a polícia.

sra. cheveley *(numa agonia de terror físico. Seu rosto está contorcido. A boca, torta. Sua máscara caiu. Ela é, neste momento, uma figura pavorosa de se ver)* Não faça isso. Faço o que você quiser. Faço qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa que você queira.

lorde goring Quero a carta de Robert Chiltern.

sra. cheveley Pare! Pare! Deixe-me pensar um pouco.

lorde goring Entregue-me a carta de Robert Chiltern.

sra. cheveley Não a trouxe comigo. Eu lhe entrego amanhã.

lorde goring A senhora sabe que está mentindo. Entregue-me a carta agora. *(a sra. Cheveley tira a carta do bolso e a entrega a ele. Ela está terrivelmente pálida)* É esta a carta?

sra. cheveley *(com voz rouca)* Sim, é.

lorde goring *(pega a carta, a examina, solta um suspiro e a queima na chama da luminária)* Para uma mulher que se veste tão bem, senhora Cheveley, a senhora tem momentos de admirável bom senso. Eu lhe dou os parabéns.

sra. cheveley *(avista a carta de lady Chiltern, da qual apenas uma ponta está aparente, por baixo do bloco de mata-borrão)* Por favor, dê-me um copo d'água.

lorde goring Certamente.

Vai até o canto da sala e enche um copo com água. Enquanto ele está de costas, a sra. Cheveley rouba a carta de lady Chiltern. Quando lorde Goring volta e lhe estende o copo, ela recusa com um gesto.

sra. cheveley Obrigada. Você me ajuda com a minha capa?

lorde goring Com prazer.

Põe a capa nas costas dela.

sra. cheveley Obrigada. Nunca mais vou tentar fazer nada contra Robert Chiltern.

lorde goring Felizmente, a senhora não tem mais essa chance, senhora Cheveley.

sra. cheveley Bem, mesmo que tivesse a chance, não faria nada contra ele. Pelo contrário, vou prestar a ele um grande favor.

lorde goring Fico encantado em saber. É uma verdadeira regeneração.

sra. cheveley É sim. Não suporto ver um homem tão íntegro, um cavalheiro inglês tão honrado, ser enganado de forma tão vergonhosa, e então...

lorde goring Então?

sra. cheveley Descobri que a confissão final da Gertrude Chiltern veio, de alguma forma, parar no meu bolso.

lorde goring O que a senhora quer dizer?

sra. cheveley (*com um tom rancoroso de triunfo na voz*) Quero dizer que vou mandar para Robert Chiltern a carta de amor que a esposa dele mandou para você esta noite.

lorde goring Carta de amor?

sra. cheveley (*rindo*) “Preciso do senhor. Tenho-lhe total confiança. Estou indo vê-lo. Gertrude.”

Lorde Goring corre até a escrivaninha, pega o envelope, vê que está vazio e vira-se.

lorde goring Mulher infeliz, será que não sabe viver sem roubar? Devolva essa carta, ou vou tirá-la de você à força. Não vai sair daqui enquanto não me devolver essa carta.

Ele corre na direção dela, mas a sra. Cheveley imediatamente toca a campainha elétrica que está em cima da mesa. A campainha soa, produzindo reverberações estridentes, e Phipps entra.

sra. cheveley (*depois de uma pausa*) Lorde Goring só tocou a campainha para que você me acompanhasse até a porta. Boa noite, lorde Goring!

Sai, seguida de Phipps. Seu rosto está iluminado por uma expressão malévola de triunfo. Há satisfação em seus olhos. Ela parece ter recuperado a juventude. Seu último olhar é como uma flecha.¹⁴ Lorde Goring morde o lábio e, depois, acende um cigarro.

fim do terceiro ato.

Quarto ato

cena

A mesma do segundo ato.

Lorde Goring está parado perto da lareira, com as mãos nos bolsos. Parece bastante entediado.

lorde goring (*saca um relógio do bolso, examina-o e toca a campainha*)
Que aborrecimento. Não consigo encontrar ninguém na casa com quem possa falar. E estou cheio de informações interessantes. Estou me sentindo como a última edição de sei lá o quê.

Entra o criado.

james Sir Robert não chegou do ministério, senhor.

lorde goring E lady Chiltern? Ainda não desceu?

james Lady Chiltern não saiu do quarto. Mas a senhorita Chiltern acaba de chegar do parque.

lorde goring (*consigo mesmo*) Ah! Já é alguma coisa.

james Lorde Caversham aguarda sir Robert na biblioteca já há algum tempo. Eu disse a ele que o senhor estava aqui.

lorde goring Obrigado. Poderia fazer a gentileza de dizer a ele que já fui embora?

james (*fazendo uma medida*) Pois não, senhor.

Sai o criado.

lorde goring Sinceramente, não quero encontrar com meu pai pelo terceiro dia seguido. É agitação demais para qualquer filho. Espero encarecidamente que ele não apareça aqui. Pais não devem ser vistos ou ouvidos. Essa é a única base viável para a vida familiar. Mães são diferentes. Mães são um doce.

Atira-se numa poltrona, pega um jornal e começa a ler.

Entra lorde Caversham.

lorde caversham Então, senhor, o que está fazendo aqui?
Desperdiçando seu tempo como sempre, imagino.

lorde goring (*larga o jornal e se levanta*) Meu caro pai, quando uma pessoa faz uma visita, é com o objetivo de desperdiçar o tempo dos outros, não o dela.

lorde caversham O senhor pensou no que lhe disse ontem à noite?

lord goring Não pensei em outra coisa.

lord caversham E já ficou noivo?

lord goring (*bem-humorado*) Ainda não; mas espero ficar antes da hora do almoço.

lord caversham (*cáustico*) O senhor tem até a hora do jantar, se isso for lhe ajudar de alguma forma.

lord goring Agradeço muitíssimo, mas acho que prefiro noivar antes do almoço.

lord caversham Hum! Nunca sei se você está falando sério ou não.

lord goring Nem eu, meu pai.

Uma pausa.

lord caversham Suponho que você tenha lido o *Times* esta manhã?

lord goring (*blasê*) O *Times*? Certamente que não. Só leio o *Morning Post*. Tudo o que uma pessoa deve saber sobre a vida moderna é onde as duquesas estão; o resto é muito desmoralizante.

lord caversham O senhor quer me dizer que não leu a matéria principal do *Times* de hoje, sobre a carreira de Robert Chiltern?

lord goring Santo Deus! Não. O que diz a matéria?

lord caversham O que ela poderia dizer? Só coisas boas, evidentemente. O discurso de Chiltern ontem à noite sobre aquele projeto do canal argentino foi uma das mais brilhantes peças de oratória já apresentadas na Câmara desde os tempos de Canning.¹

lord goring Nunca ouvi falar desse Canning. Nunca quis ouvir. E Chiltern por acaso... apoiou o projeto?

lord caversham Apoiou, senhor? Como o senhor conhece mal seu amigo! Ele não só não apoiou, como fez acusações duríssimas ao projeto e a todo o sistema de financiamento político moderno. O discurso foi um marco decisivo na carreira dele, como declarou o *Times*. O senhor deveria ler a matéria. (*abre o Times*) “Sir Robert Chiltern... o mais promissor dos nossos jovens estadistas... Orador brilhante... Carreira ilibada... Notória integridade de caráter... Representa o que existe de melhor na vida pública inglesa... Nobre contraste com a moralidade frouxa tão comum entre políticos estrangeiros.” Ninguém nunca vai dizer isso a seu respeito, senhor.

lord goring Espero sinceramente que não, meu pai. No entanto, estou maravilhado com o que o senhor está me dizendo sobre Robert, absolutamente maravilhado. Isso mostra que ele tem coragem.

lord caversham Ele tem mais que coragem, senhor, ele tem gênio.

lord goring Ah, prefiro coragem. Não é tão comum hoje em dia quanto o gênio.

lord caversham Gostaria que você entrasse para o Parlamento.

lord goring Meu caro pai, só gente que parece enfadonha entra para a

Câmara dos Comuns, e só gente que é enfadonha tem êxito lá.
lorde caversham Por que você não tenta fazer algo de útil na vida?
lorde goring Sou jovem demais.
lorde caversham (*irritado*) Odeio essa mania atual de afetar juventude.
É um horror como isso está disseminado hoje em dia.
lorde goring A juventude não é uma afetação. É uma arte.
lorde caversham Por que você não pede aquela bela moça, a senhorita Chiltern, em casamento?
lorde goring Tenho um temperamento muito nervoso, principalmente de manhã.
lorde caversham Imagino que não haja mesmo a menor chance de ela aceitar seu pedido.
lorde goring Não sei como estão as apostas hoje.
lorde caversham Se aceitasse seu pedido, ela seria a mais bela tola da Inglaterra.
lorde goring É exatamente com uma pessoa assim que eu gostaria de me casar. Uma esposa perfeitamente sensata me reduziria a uma condição de absoluta idiotia em menos de seis meses.
lorde caversham O senhor não merece uma moça como ela.
lorde goring Meu caro pai, se nós, homens, nos casássemos com as mulheres que merecemos, estaríamos em maus lençóis.

Entra Mabel Chiltern.

mabel chiltern Ah!... Como vai, lorde Caversham? Lady Caversham está bem, espero?
lorde caversham Lady Caversham está como sempre, como sempre.
lorde goring Bom dia, senhorita Mabel!
mabel chiltern (*sem dar nenhuma atenção a lorde Goring e dirigindo-se exclusivamente a lorde Caversham*) E os chapéus da lady Caversham... melhoraram?
lorde caversham Infelizmente, eles tiveram uma grave recaída.
lorde goring Bom dia, senhorita Mabel!
mabel chiltern (*para lorde Caversham*) Espero que não seja necessário operar.
lorde caversham (*sorrindo da brejeirice dela*) Se for, teremos de dar algum narcótico a lady Caversham. Caso contrário, ela jamais vai consentir que se toque numa só pena.
lorde goring (*num tom mais enfático*) Bom dia, senhorita Mabel!
mabel chiltern (*virando-se para ele com surpresa fingida*) Ah, o senhor está aí? Por certo entende que, depois que faltou a seu compromisso, nunca mais falarei com o senhor.
lorde goring Ah, por favor, não diga uma coisa dessas. A senhorita é a única pessoa em Londres que realmente gosto de ter para me ouvir.

mabel chiltern Lorde Goring, nunca acredito numa única palavra que o senhor e eu dizemos um ao outro.

lorde caversham A senhorita está certíssima, minha querida, certíssima... quer dizer, no que diz respeito a ele.

mabel chiltern O senhor acha que poderia fazer seu filho se comportar um pouco melhor de vez em quando? Só para variar.

lorde caversham Lamento dizer, senhorita Chiltern, que não tenho influência alguma sobre ele. Bem que gostaria de ter. Se tivesse, sei muito bem o que o obrigaria a fazer.

mabel chiltern Receio que ele tenha uma daquelas naturezas terrivelmente fracas que não são suscetíveis a influências.

lorde caversham Ele é um desalmado, minha querida, um desalmado!

lorde goring Parece que estou sobrando aqui.

mabel chiltern É muito bom para o senhor estar sobrando e saber o que as pessoas falam do senhor pelas suas costas.

lorde goring Não gosto nem um pouco de saber o que as pessoas falam de mim pelas minhas costas. As coisas que dizem me deixam convencido demais.

lorde caversham Depois dessa, minha querida, realmente preciso me despedir da senhorita.

mabel chiltern Ah, o senhor não vai me deixar sozinha com lorde Goring, vai? Ainda mais assim, logo cedo.

lorde caversham Infelizmente, não posso levá-lo comigo para a Downing Street. Hoje não é o dia de o primeiro-ministro receber os desempregados.²

Troca um aperto de mão com Mabel Chiltern, pega o chapéu e a bengala e se retira, lançando, ao sair, um olhar de indignação para lorde Goring.

mabel chiltern *(pega um buquê de rosas e começa a arrumá-las num jarro que está sobre a mesa)* As pessoas que faltam a seus compromissos no parque são horríveis.

lorde goring Detestáveis.

mabel chiltern Fico contente que o senhor admita. Mas gostaria que não parecesse tão satisfeito com isso.

lorde goring Não há nada que eu possa fazer. Sempre pareço satisfeito quando estou com a senhorita.

mabel chiltern *(com tristeza)* Então, suponho que seja meu dever permanecer aqui com o senhor?

lorde goring Claro que é.

mabel chiltern Bem, meu dever é uma coisa que nunca faço, por princípio. Sempre me deprime. Então, infelizmente, acho que terei de deixar o senhor.

lorde goring Por favor, não me deixe, senhorita Mabel. Tenho algo

muito particular a lhe dizer.

mabel chiltern (*extasiada*) Ah, é um pedido de casamento?

lorde goring (*um pouco desconcertado*) Bem, sim, é. Tenho de admitir que é, sim.

mabel chiltern (*soltando um suspiro de prazer*) Isso me deixa tão contente. Vai ser o segundo de hoje.

lorde goring (*indignado*) O segundo de hoje? Quem foi o imbecil convencido que teve a petulância de ousar pedir a senhorita em casamento antes de mim?

mabel chiltern Tommy Trafford, claro. Hoje é um dos dias de Tommy me pedir em casamento. Ele sempre pede às terças e quintas, durante a temporada.

lorde goring A senhorita não aceitou, espero?

mabel chiltern Tenho como princípio nunca aceitar os pedidos de Tommy. É por isso que ele continua pedindo. Claro que, como o senhor não apareceu esta manhã, eu quase disse sim. Teria sido uma excelente lição tanto para ele quanto para o senhor, se eu tivesse. Teria ensinado os dois a ter melhores modos.

lorde goring Ah, dane-se Tommy Trafford. Tommy é um asno, é isso que ele é. Eu a amo, Mabel.

mabel chiltern Eu sei. E acho que você deveria ter mencionado isso há mais tempo. Tenho certeza de que lhe dei uma porção de oportunidades.³

lorde goring Mabel, por favor, fale sério.

mabel chiltern Ah, esse é o tipo de coisa que um homem sempre diz a uma moça antes de se casar com ela. Depois, ele nunca diz.

lorde goring (*pegando a mão dela*) Mabel, eu disse que a amo. Será que não poderia me amar um pouquinho também?

mabel chiltern Arthur, seu bobo! Se você soubesse alguma coisa sobre... o que quer que seja, coisa que não sabe, saberia que eu o adoro. Todo mundo em Londres sabe, menos você. É um verdadeiro escândalo o modo como eu o adoro. Passei os últimos seis meses contando para a sociedade inteira que o adoro. É um espanto para mim que você ainda consinta em me dirigir a palavra. Não tenho mais caráter algum. Ou, pelo menos, estou tão feliz que tenho certeza de que não tenho mais caráter algum.

lorde goring (*segura-a nos braços e a beija. Depois, há uma pausa de êxtase*) Querida! Sabe que estava morrendo de medo de ser rejeitado?

mabel chiltern (*levantando o rosto para olhar para ele*) Mas você nunca foi rejeitado por ninguém, foi, Arthur? Não consigo imaginar alguém rejeitando você.

lorde goring (*depois de beijá-la de novo*) Claro que não sou nem de longe bom o bastante para você, Mabel.

mabel chiltern (*aninhando-se junto a ele*) Que bom, meu querido.
Estava com medo de que você fosse.
lorde goring (*depois de certa hesitação*) E eu... já passei um pouco dos trinta.
mabel chiltern Você parece semanas mais novo que isso, meu amor.
lorde goring (*entusiasticamente*) Que gentileza a sua dizer isso!... E é justo que eu lhe diga com toda a franqueza que sou terrivelmente extravagante.
mabel chiltern Mas eu também sou, Arthur. Então, com certeza vamos combinar muito bem. E agora preciso ir lá dentro falar com Gertrude.
lorde goring Precisa mesmo?

Beija-a.

mabel chiltern Preciso.
lorde goring Então por favor avise que quero muito conversar com ela.
Fiquei esperando aqui a manhã inteira para falar com ela ou com o Robert.
mabel chiltern Você quer dizer que não veio até aqui expressamente para me pedir em casamento?
lorde goring (*triunfante*) Não; foi um lampejo de genialidade.
mabel chiltern O seu primeiro.
lorde goring (*com determinação*) O meu último.
mabel chiltern Fico muito feliz em saber.⁴ Agora não saia daqui. Volto em cinco minutos. E não caia em nenhuma tentação enquanto eu estiver longe.
lorde goring Mabel, querida, quando você está longe, não há nenhuma tentação. Isso me torna terrivelmente dependente de você.

Entra lady Chiltern.

lady chiltern Bom dia, minha querida! Como você está bonita!
mabel chiltern Como você está pálida, Gertrude! Isso lhe cai muito bem!
lady chiltern Bom dia, lorde Goring!
lorde goring (*fazendo uma mesura*) Bom dia, lady Chiltern.
mabel chiltern (*à parte para lorde Goring*) Estarei no jardim de inverno, debaixo da segunda palmeira à esquerda.
lorde goring Segunda à esquerda?
mabel chiltern (*com ar fingido de surpresa*) Sim, a palmeira de sempre.

Joga um beijo para ele, sem que lady Chiltern veja, e sai.

lord goring Lady Chiltern, tenho uma ótima notícia para lhe dar. A senhora Cheveley me entregou a carta de Robert ontem à noite e eu a queimei. Robert está salvo.

lady chiltern (*desabando no sofá*) Salvo! Ah, isso me deixa tão aliviada! Que amigo maravilhoso o senhor é para ele, para nós!

lord goring Só há uma pessoa agora que está, pode-se dizer, em perigo.

lady chiltern Quem?

lord goring (*sentando-se ao lado dela*) A senhora.

lady chiltern Eu! Em perigo? O que o senhor quer dizer?

lord goring Perigo é uma palavra forte demais. Não deveria tê-la usado. Mas admito que tenho algo a lhe contar que pode deixá-la aflita, que me deixa terrivelmente aflito. Ontem à noite, a senhora me mandou uma carta muito bonita, muito feminina, pedindo minha ajuda. A senhora escreveu se dirigindo a mim como um dos seus amigos mais antigos, como um dos amigos mais antigos do seu marido. A senhora Cheveley roubou essa carta da minha casa.

lady chiltern Bem, que serventia essa carta pode ter para ela? Qual é o problema de ela estar com essa carta?

lord goring (*levantando-se*) Lady Chiltern, vou ser muito franco com a senhora. A senhora Cheveley deu certa interpretação àquela carta. E pretende enviá-la ao seu marido.

lady chiltern Mas que interpretação ela pode dar àquilo?... Ah! Isso não! Isso não! Se eu estando... com problemas e querendo sua ajuda, confiando no senhor, me proponho a ir à sua casa... para que o senhor pudesse me aconselhar... me ajudar... Ah, existem mesmo mulheres tão horríveis assim...? E ela pretende enviar a carta para o meu marido? Conte-me o que aconteceu. Conte-me tudo o que aconteceu.

lord goring A senhora Cheveley estava escondida numa sala adjacente à minha biblioteca, sem eu saber. Eu pensava que a pessoa que estava esperando ali para falar comigo era a senhora. Robert veio à minha casa inesperadamente. Uma cadeira ou alguma coisa caiu naquela sala. Ele forçou passagem para entrar e encontrou a senhora Cheveley lá. Discutimos; foi uma cena horrível. Eu ainda pensava que era a senhora que estava lá. Ele foi embora furioso. No fim de tudo, a senhora Cheveley se apoderou da sua carta, roubou-a. Quando e como, não sei.

lady chiltern A que horas isso aconteceu?

lord goring Às dez e meia. E agora sugiro que contemos imediatamente a coisa toda a Robert.

lady chiltern (*olhando para ele com um espanto que é quase terror*) O senhor quer que eu diga a Robert que a mulher que o senhor estava esperando não era a senhora Cheveley, mas sim eu? Que era eu a

pessoa que o senhor pensava estar escondida num cômodo da sua casa, às dez e meia da noite? É isso que o senhor quer que eu diga a ele?

lord goring Acho melhor que ele saiba toda a verdade.

lady chiltern (*levantando-se*) Ah, não posso contar isso a Robert! Não posso!

lord goring Então eu poderia contar?

lady chiltern Não.

lord goring (*gravemente*) A senhora está cometendo um erro, lady Chiltern.

lady chiltern Não. O que preciso fazer é interceptar a carta. Só isso. Mas como? Chegam cartas para Robert a todo momento do dia. Os secretários abrem e entregam a ele. E eu não tenho coragem de pedir aos empregados que tragam para mim cartas endereçadas a ele. Seria impossível. Ah, por que o senhor não me diz o que fazer?

lord goring Por favor, fique calma, lady Chiltern, e responda as perguntas que vou lhe fazer. A senhora disse que são os secretários que abrem as cartas de Robert.

lady chiltern Sim.

lord goring Quem está com ele hoje? É o senhor Trafford, não é?

lady chiltern Não. É o senhor Montford, acho.

lord goring Ele é de confiança?

lady chiltern (*com um gesto de desespero*) Ah, como posso saber?

lord goring Ele atenderia um pedido seu, não atenderia?

lady chiltern Acho que sim.

lord goring A senhora usou um papel de carta rosa. Ele poderia reconhecer a carta sem a ler, não poderia? Pela cor?

lady chiltern Suponho que sim.

lord goring Ele está no escritório agora?

lady chiltern Está.

lord goring Então eu mesmo vou até lá falar com ele. Vou dizer que certa carta, escrita em papel rosa, deve ser enviada para Robert hoje e que ela não pode de forma alguma chegar às mãos dele. (*dirige-se à porta e a abre*) Ah, não! Robert está subindo a escada com a carta na mão. Ele já a recebeu.

lady chiltern (*com um gemido de dor*) Ah! O senhor salvou a vida dele, mas o que fez com a minha?

Entra sir Robert Chiltern. Ele está com a carta na mão, lendo o que está escrito. Anda em direção à esposa, sem notar a presença de lord Goring.

sir robert chiltern “Preciso do senhor. Tenho-lhe total confiança. Estou indo vê-lo. Gertrude.” Ah, meu amor, isso é verdade? Você realmente confia em mim e precisa de mim? Se é assim, era eu

quem deveria ir até você, não você quem deveria escrever dizendo que viria me ver. Essa sua carta, Gertrude, me faz sentir que nada que o mundo possa fazer será capaz de me ferir agora. Você precisa de mim, Gertrude?

Lorde Goring, ainda sem ser visto por sir Robert Chiltern, faz um gesto súplice, apelando para que lady Chiltern aceite a situação e o erro de sir Robert.

lady chiltern Preciso.

sir robert chiltern Você confia em mim, Gertrude?

lady chiltern Confio.

sir robert chiltern Ah, por que não disse também que me amava?

lady chiltern (*pegando a mão dele*) Porque eu o amava.

Lorde Goring sai de mansinho para o jardim de inverno.

sir robert chiltern (*beija a esposa*) Gertrude, você não sabe o que estou sentindo. Quando Montford me entregou sua carta — ele a abriu por engano, imagino, sem reparar de quem era a caligrafia no envelope — e eu li o que você escreveu... ah! Não me importava mais que desgraça ou castigo estavam reservados para mim, eu só pensava que você ainda me amava.

lady chiltern Não há nenhuma desgraça reservada para você nem nenhuma vergonha pública. A senhora Cheveley entregou a lorde Goring o documento que estava em poder dela, e ele o destruiu.

sir robert chiltern Você tem certeza disso, Gertrude?

lady chiltern Tenho; lorde Goring acabou de me contar.

sir robert chiltern Então eu estou salvo! Ah! Que coisa maravilhosa é se sentir a salvo! Passei dois dias no mais absoluto pânico. Mas estou salvo agora. Como foi que Arthur destruiu minha carta? Conte-me.

lady chiltern Ele a queimou.

sir robert chiltern Gostaria muito de ter visto aquele pecado da minha juventude virar cinza. Quantos homens na vida moderna não gostariam de ver seu passado ardendo diante deles até se transformar em brancas cinzas? Arthur ainda está aqui?

lady chiltern Está, sim; no jardim de inverno.

sir robert chiltern Estou tão contente agora por ter feito aquele discurso ontem na Câmara, tão contente! Eu o fiz pensando que o resultado poderia ser minha desgraça pública. Mas não foi assim.

lady chiltern O resultado foi sua consagração pública.

sir robert chiltern Acho que sim. Quase temo que sim. Porque, embora não corra mais risco de ser exposto, embora a prova que existia

contra mim tenha sido destruída, suponho, Gertrude... suponho que deva me afastar da vida pública?

Ele olha apreensivo para a esposa.

lady chiltern (ávida) Sim, Robert! Você deve fazer isso. É seu dever.
sir robert chiltern Eu estaria abrindo mão de muita coisa com isso.
lady chiltern Não; você terá muito a ganhar com isso.

Sir Robert Chiltern anda de um lado para o outro da sala, com uma expressão angustiada no rosto. Depois, vai para perto da esposa e põe a mão no ombro dela.

sir robert chiltern E você ficaria feliz vivendo sozinha comigo em algum lugar, no exterior talvez, ou no campo, longe de Londres, longe da vida pública? Você não sentiria nenhum arrependimento?

lady chiltern Não, Robert, nenhum!

sir robert chiltern (com tristeza) E tudo aquilo que você ambicionava para mim? Você costumava ter ambições em relação a mim.

lady chiltern Ah, minhas ambições! Eu não tenho mais nenhuma agora, a não ser a de que possamos nos amar. Foi sua ambição que o levou para o mau caminho. Não vamos falar de ambição.

Lorde Goring volta do jardim de inverno, parecendo muito satisfeito consigo mesmo e exibindo na lapela uma flor nova em folha, que alguém preparou para ele.

sir robert chiltern (indo até ele) Arthur, tenho de lhe agradecer pelo que você fez por mim. Não sei como posso lhe retribuir.

Troca um aperto de mão com ele.

lorde goring Meu caro Robert, vou lhe dizer agora mesmo. Neste exato momento, debaixo da palmeira de sempre... quer dizer, no jardim de inverno...

Entra Mason.

mason Lorde Caversham.

lorde goring Esse meu admirável pai realmente parece fazer questão de aparecer nas horas erradas. É um desalmado mesmo, um desalmado!

Entra lorde Caversham. Mason sai.

lorde caversham Bom dia, lady Chiltern! Meus calorosos parabéns a você, Chiltern, por seu brilhante discurso ontem à noite. Estou vindo de uma reunião com o primeiro-ministro e ele decidiu dar a você a cadeira que está vaga no Ministério.

sir robert chiltern (*com uma expressão de euforia e triunfo*) Uma cadeira no Ministério?

lorde caversham Isso mesmo; aqui está a carta do primeiro-ministro.

Entrega a carta.

sir robert chiltern (*pega a carta e lê*) Uma cadeira no Ministério!

lorde caversham Certamente, e você merece. Você tem o que queremos hoje em dia na vida política: um caráter elevado, uma disposição moral elevada e princípios elevados. (*para lorde Goring*) Tudo o que o senhor não tem, nem nunca terá.

lorde goring Não gosto de princípios, meu pai. Prefiro preconceitos.

Sir Robert Chiltern está prestes a aceitar a oferta do primeiro-ministro quando vê sua esposa olhando para ele com um olhar franco e direto. Percebe então que isso é impossível.

sir robert chiltern Não posso aceitar a oferta, lorde Caversham. Já tomei minha decisão e vou recusá-la.

lorde caversham Recusar, senhor?

sir robert chiltern Pretendo me afastar imediatamente da vida pública.

lorde caversham (*zangado*) Recusar uma cadeira no Ministério e se afastar da vida pública? Diabo, nunca ouvi tamanho disparate em toda a minha vida! Peço desculpas, lady Chiltern. Chiltern, peço desculpas. (*para lorde Goring*) Engula esse sorriso, senhor.

lorde goring Sim, meu pai.

lorde caversham Lady Chiltern, a senhora é uma mulher sensata, a mulher mais sensata de Londres, a mulher mais sensata que conheço. Poderia por gentileza impedir seu marido de fazer um... de falar um... A senhora poderia por gentileza fazer isso, lady Chiltern?

lady chiltern Acho que meu marido tomou a decisão certa, lorde Caversham. Eu a aprovo.

lorde caversham A senhora aprova? Santo Deus!

lady chiltern (*pegando a mão do marido*) Na verdade, essa decisão dele me faz admirá-lo muito, me faz admirá-lo imensamente. Nunca o admirei tanto. Ele é ainda mais nobre do que eu mesma pensava. (*para sir Robert Chiltern*) Você vai agora lá dentro escrever sua carta para o primeiro-ministro, não vai? Não hesite, Robert.

sir robert chiltern (*com uma ponta de amargura*) Imagino que seja melhor escrever logo de uma vez. Ofertas assim não se repetem. Peço que o senhor me dê licença por um momento, lorde Caversham.

lady chiltern Posso ir com você, não posso, Robert?

sir robert chiltern Pode, Gertrude.

Lady Chiltern sai junto com ele.

lorde caversham Qual é o problema dessa família? Há algo de errado com eles, não? (*dando tapinhas na testa*) Idiotice? É hereditário, suponho. E os dois, ainda por cima. Tanto o marido quanto a esposa. Muito triste. Muito triste mesmo! E eles nem são de uma família antiga. Não dá para entender.

lorde goring Não é idiotice, meu pai, eu lhe asseguro.

lorde caversham O que é então, senhor?

lorde goring (*depois de certa hesitação*) Bem, é o que se chama hoje em dia de disposição moral elevada, meu pai. Só isso.

lorde caversham Detesto esses nomes novos que ficam inventando.

Deve ser exatamente a mesma coisa que costumávamos chamar de idiotice cinquenta anos atrás. Bem, não posso mais ficar nesta casa.

lorde goring (*segurando o braço do pai*) Ah, antes, vá só até ali um instante, meu pai. Segunda palmeira à esquerda, a palmeira de sempre.

lorde caversham Como, senhor?

lorde goring Perdão, meu pai, esqueci. Quis dizer o jardim de inverno, pai, o jardim de inverno. Há uma pessoa lá com quem eu gostaria que o senhor conversasse.

lorde caversham Sobre o que, senhor?

lorde goring Sobre mim, meu pai.

lorde caversham (*mal-humorado*) Não é um assunto sobre o qual seja possível usar de muita eloquência.

lorde goring Tem razão, meu pai, mas a moça que está lá é como eu. Não gosta muito de eloquência nas outras pessoas. Ela a acha um pouco barulhenta.

Lorde Caversham vai para o jardim de inverno. Lady Chiltern entra.

lorde goring Lady Chiltern, por que a senhora está fazendo o jogo da senhora Cheveley?

lady chiltern (*espantada*) Não estou entendendo o que o senhor quer dizer.

lorde goring A senhora Cheveley fez uma tentativa de arruinar seu marido, querendo tirá-lo da vida pública ou forçá-lo a adotar uma

posição desonrosa. Da segunda tragédia a senhora o salvou. Agora, no entanto, a senhora o está empurrando para a primeira. Por que haveria de fazer a ele o mal que a senhora Cheveley tentou fazer e não conseguiu?

lady chiltern Lorde Goring?

lorde goring (*preparando-se para fazer um grande esforço e mostrando o filósofo que há por trás do dândi*) Lady Chiltern, permita-me. A senhora me escreveu uma carta ontem à noite na qual dizia que confiava em mim e queria minha ajuda. Agora é o momento em que a senhora realmente precisa da minha ajuda, agora é a hora em que tem de confiar em mim, confiar na minha opinião e no meu julgamento. A senhora ama Robert. A senhora quer matar o amor que ele lhe tem? Que tipo de existência ele terá se a senhora lhe roubar os frutos de sua ambição, se o tirar do esplendor de uma grande carreira política, se lhe fechar as portas da vida pública, se o condenar a um fracasso estéril, ele que nasceu para o triunfo e o sucesso? As mulheres não foram feitas para nos julgar, mas para nos perdoar quando precisamos de perdão. O perdão é a missão das mulheres, não a punição. Por que a senhora haveria de açoitá-lo seu marido por um pecado que cometeu na juventude, antes de conhecê-la, antes de conhecer a si próprio? A vida de um homem tem mais valor do que a vida de uma mulher. Tem questões maiores, tem um escopo mais amplo, tem ambições mais profundas. A vida de uma mulher se revolve em curvas de emoção. Já a de um homem avança em linhas de pensamento. Não cometa nenhum erro terrível, lady Chiltern. Uma mulher que consegue conservar o amor de um homem, e amá-lo em troca, já está fazendo tudo o que o mundo quer das mulheres, ou deve querer delas.⁶

lady chiltern (*angustiada e hesitante*) Mas é meu próprio marido quem quer se afastar da vida pública. Ele sente que tem o dever de fazer isso. Foi ele próprio quem disse isso primeiro.

lorde goring Para não perder o amor da senhora, Robert faria qualquer coisa, até arruinar toda a sua carreira, como está prestes a fazer agora. Ele está fazendo pela senhora um sacrifício terrível. Escute meu conselho, lady Chiltern, e não aceite tamanho sacrifício. Se aceitar, a senhora vai se arrepender amargamente pelo resto da vida. Nós, homens e mulheres, não fomos feitos para aceitar sacrifícios dessa magnitude uns dos outros. Não somos dignos deles. Além do mais, Robert já foi punido o suficiente.

lady chiltern Nós dois fomos punidos. Criei expectativas altas demais em relação a ele.

lorde goring (*com profundo sentimento na voz*) Não crie agora, por causa disso, expectativas baixas demais em relação a ele. Se caiu do altar, não o empurre para a lama. O fracasso para Robert seria o

próprio lodo da vergonha. O poder é sua paixão. Ele perderia tudo, até sua capacidade de sentir amor. A vida do seu marido, lady Chiltern, está nas suas mãos neste momento, o amor de seu marido está nas suas mãos. Não arruíne os dois para ele.

Entra sir Robert Chiltern.

sir robert chiltern Gertrude, aqui está o rascunho da minha carta. Quer que eu leia para você?
lady chiltern Deixe-me ver.

Sir Robert Chiltern entrega a carta à esposa. Ela a lê e, em seguida, com um gesto passional, rasga-a.

sir robert chiltern O que você está fazendo?

lady chiltern A vida de um homem tem mais valor do que a vida de uma mulher. Tem questões maiores, um escopo mais amplo, ambições mais profundas. A vida de uma mulher se revolve em curvas de emoção. Já a de um homem avança em linhas de pensamento. Acabo de aprender isso e muito mais com lorde Goring. E não vou estragar a sua vida, nem deixar que você a estrague como um sacrifício a mim, um sacrifício inútil!⁷

sir robert chiltern Gertrude! Gertrude!

lady chiltern Você pode esquecer. Os homens esquecem com facilidade. E eu posso perdoar. É assim que as mulheres ajudam o mundo. Vejo isso agora.

sir robert chiltern *(tomado de profunda emoção, abraça-a)* Minha esposa! Minha esposa! *(para lorde Goring)* Arthur, parece que estou fadado a estar sempre em dívida com você.

lorde goring Não, de forma alguma, Robert. Sua dívida é com lady Chiltern, não comigo!

sir robert chiltern Eu lhe devo muito. E agora me diga o que ia me pedir ainda há pouco, quando lorde Caversham chegou.

lorde goring Robert, você é o tutor de sua irmã, e quero pedir seu consentimento para me casar com ela. Só isso.

lady chiltern Ah, fico muito contente! Muito contente!

Aperta a mão de lorde Goring.

lorde goring Obrigado, lady Chiltern.

sir robert chiltern *(com uma expressão preocupada)* Casar-se com minha irmã?

lorde goring Sim.

sir robert chiltern *(falando com muita firmeza)* Arthur, sinto muito, mas

isso está fora de cogitação. Tenho de pensar na felicidade de Mabel. E não acho que a felicidade dela estaria segura nas suas mãos. Não posso permitir que ela seja sacrificada!

lorde gorning Sacrificada?

sir robert chiltern Sim, terrivelmente sacrificada. Casamentos sem amor são horríveis. Mas existe uma coisa pior do que um casamento absolutamente sem amor. É um casamento em que existe amor, mas só de um lado; confiança, mas só de um lado; devoção, mas só de um lado, e no qual, de dois corações, um certamente será partido.

lorde gorning Mas eu amo Mabel. Não existe nenhuma outra mulher na minha vida.

lady chiltern Robert, se os dois se amam, por que não podem se casar?

sir robert chiltern Arthur não pode dar a Mabel o amor que ela merece.

lorde gorning Que razão você tem para dizer isso?

sir robert chiltern (*depois de uma pausa*) Você realmente precisa que eu lhe diga?

lorde gorning Claro que preciso.

sir robert chiltern Como preferir. Quando fui procurá-lo ontem à noite, encontrei a senhora Cheveley escondida num dos cômodos de sua casa. Eram entre dez e onze da noite. Não pretendo dizer mais nada. Não tenho, como lhe disse ontem à noite, absolutamente nenhuma parte em suas relações com a senhora Cheveley. Sei que foi noivo dela anos atrás. O fascínio que exercia sobre você naquela época parece ter voltado. Ontem você a descreveu para mim como uma mulher pura e imaculada, uma mulher a quem respeitava e honrava. Pode ser verdade. Mas não vou entregar nas suas mãos a vida da minha irmã. Seria errado da minha parte. Seria injusto, terrivelmente injusto com ela.

lorde gorning Não tenho mais nada a dizer.

lady chiltern Robert, não era a senhora Cheveley que lorde Goring esperava ontem à noite.

sir robert chiltern Não era a senhora Cheveley! Quem era então?

lorde gorning Lady Chiltern!

lady chiltern Era sua própria esposa, Robert. Ontem à tarde, lorde Goring me disse que, se algum dia eu me visse em dificuldades, poderia procurá-lo e ele me ajudaria, já que é nosso amigo mais antigo, nosso melhor amigo. Mais tarde, depois daquela cena terrível que houve nesta sala, escrevi para ele dizendo que confiava nele, que precisava dele e que estava indo vê-lo, para que me ajudasse e me aconselhasse. (*sir Robert Chiltern tira a carta do bolso*) Sim, esta carta. Acabei não indo à casa de lorde Goring afinal, porque achei que só nós mesmos podemos nos ajudar. O orgulho me fez pensar assim. Mas a senhora Cheveley foi até lá. Ela roubou

minha carta e a mandou anonimamente para você esta manhã, para que pensasse... Ah, Robert, não tenho coragem de lhe dizer o que ela queria que você pensasse...

sir robert chiltern Como? Será que caí tão baixo aos seus olhos para você pensar que seria capaz de duvidar, por um instante que fosse, da sua virtude? Gertrude, Gertrude, você para mim é a imagem imaculada de tudo que existe de bom, e o pecado jamais poderá tocá-la. Arthur, pode ir para junto de Mabel, vocês têm os meus mais sinceros votos de felicidade! Ah, espere um instante. Não há nome algum no início da carta. A brilhante senhora Cheveley parece não ter reparado nisso. Deveria haver um nome.

lady chiltern Deixe-me escrever o seu. É em você que confio e de você que preciso. Só de você e de mais ninguém.

lorde goring Ora, francamente, lady Chiltern, acho que eu deveria poder ficar com minha própria carta.

lady chiltern (*sorrindo*) Não; o senhor pode ficar com Mabel. (*pega a carta e escreve nela o nome do marido*)

lorde goring Bem, espero que ela não tenha mudado de ideia. Já faz quase vinte minutos que não a vejo.

Entram Mabel Chiltern e lorde Caversham.

mabel chiltern Lorde Goring, acho a conversa de seu pai muito mais edificante do que a sua. Daqui para a frente, só vou conversar com lorde Caversham, e sempre debaixo da mesma palmeira.

lorde goring Querida!

Beija-a.

lorde caversham (*consideravelmente espantado*) O que significa isso, senhor? O senhor não quer dizer que essa inteligente e encantadora senhorita cometeu a tolice de aceitar seu pedido de casamento?

lorde goring Certamente, meu pai. E Chiltern tomou a sábia decisão de aceitar a cadeira no Ministério.

lorde caversham Fico muito feliz em saber, Chiltern... Eu lhe dou os parabéns, senhor. Se o país não cair em decadência ou nas mãos dos radicais, um dia ainda o teremos como primeiro-ministro.

Entra Mason.

mason O almoço está na mesa, senhora.

Mason sai.

mabel chiltern O senhor vai ficar para o almoço, não vai, lorde Caversham?

lorde caversham Com prazer, e depois vou levá-lo para a Downing Street comigo, Chiltern. Você tem um grande futuro pela frente, um grande futuro. *(para lorde Goring)* Gostaria de poder dizer o mesmo para o senhor, mas, infelizmente, sua carreira terá de ser inteiramente doméstica.

lorde goring Sim, meu pai, prefiro a carreira doméstica.

lorde caversham E, se o senhor não for um marido ideal para esta jovem, eu o deserdar.

mabel chiltern Um marido ideal! Ah, não acho que iria gostar disso. Parece uma coisa do outro mundo.

lorde caversham O que você quer que ele seja então, minha querida?

mabel chiltern Ele pode ser o que quiser. Tudo o que eu quero é ser... é ser... ah, uma esposa de verdade para ele.

lorde caversham Verdade seja dita, lady Chiltern, há muito bom senso nisso.

Todos saem, salvo sir Robert Chiltern, que afunda numa poltrona, pensativo. Pouco depois, lady Chiltern volta, à procura dele.

lady chiltern *(debruçando-se sobre o encosto da poltrona)* Você não vem, Robert?

sir robert chiltern *(segurando a mão dela)* Gertrude, é amor mesmo que você sente por mim ou é pena simplesmente?

lady chiltern *(beija-o)* É amor, Robert. Amor e só amor. Para nós dois, uma nova vida está começando.

cortina.

A importância de ser prudente*

uma comédia frívola
para pessoas sérias

* No original, *The importance of being earnest*. O adjetivo “*earnest*”, que tem a mesma sonoridade do prenome Ernest (traduzido aqui como Prudente), abarca tanto as noções de seriedade, sinceridade e zelo, como as de afincio, firmeza de propósito, determinação e persistência. (n. t.)

Para Robert Baldwin Ross,¹ com gratidão e afeto.

personagens

John (Jack) Worthing, *juiz de paz*

Algernon Moncrieff

Reverendo cônego Chasuble, *doutor em teologia*

Merriman, *mordomo*

Lane, *criado*

Lady Bracknell

Hon. * Gwendolen Fairfax

Cecily Cardew

Srta. Prism, *preceptora*

* O título *honourable* [honorável] era aplicado a certos membros da nobreza, como filhos de nobres abaixo da posição de marquês. (n. t.)

Primeiro ato

cena

Sala de estar do apartamento de Algernon, na Half-Moon Street. 1 A sala é decorada com luxo e bom gosto. Ouve-se o som de um piano vindo do cômodo adjacente.

Lane está pondo a mesa para o chá da tarde. Depois que a música para, Algernon entra.

algernon Você ouviu o que eu estava tocando, Lane?

lane Achei que não seria educado ouvir, senhor.

algernon Que pena para você. Não toco com precisão — qualquer um pode tocar com precisão —, mas toco com uma expressividade maravilhosa. No que se refere ao piano, meu forte é o sentimento. Deixo a ciência para a vida.

lane Claro, senhor.

algernon E por falar em ciência da vida, você mandou preparar os sanduíches de pepino para lady Bracknell?

lane Mande, sim, senhor. *(estende uma bandeja com os sanduíches)*

algernon *(examina os sanduíches, pega dois e senta-se no sofá)* Ah!... A propósito, Lane, vi no seu caderno que na quinta-feira à noite, quando lord Shoreman e o senhor Worthing vieram jantar comigo, foram consumidas, segundo você registrou, oito garrafas de champanhe.

lane Foram, sim, senhor; oito garrafas e meia.

algernon Por que é que em casas de homens solteiros os empregados invariavelmente tomam champanhe? Pergunto apenas por curiosidade.

lane Atribuo isso, senhor, à qualidade superior do champanhe. Já reparei muitas vezes que, em residências de pessoas casadas, o champanhe raramente é de primeira qualidade.

algernon Santo Deus! O casamento é mesmo tão degradante assim? 2

lane Acredito que seja um estado muito agradável, senhor, embora minha experiência no assunto até o momento seja muito pequena. Só me casei uma vez. O que, aliás, aconteceu por conta de um mal-entendido entre mim e uma jovem.

algernon *(languidamente)* Não sei se estou muito interessado na sua vida familiar, Lane.

lane É provável que não, senhor; não é um assunto muito interessante. Eu mesmo nunca penso nela.

algernon O que é muito natural, tenho certeza. Por enquanto é só,

Lane, obrigado.³
lane Obrigado, senhor.

Lane sai.

algernon Parece um pouco leviana a maneira como Lane encara o casamento. Francamente, se os menos favorecidos não nos dão o exemplo, para que raios eles servem então? Pelo visto, como classe, não têm o menor senso de responsabilidade moral.

Entra Lane.

lane Senhor Prudente Worthing.

Entra Jack. Lane sai.

algernon Como vai, meu caro Prudente? O que o traz à cidade?

jack Ah, o prazer, o prazer! O que mais deve trazer alguém a seja que lugar for? Vejo que está comendo, como sempre, Algy!

algernon (*empertigado*) Ao que me consta, é praxe na boa sociedade fazer uma leve refeição às cinco da tarde.⁴ Onde você esteve desde quinta-feira passada?

jack (*sentando-se no sofá*) No campo.

algernon E que raios você faz lá?

jack (*tirando as luvas*) Quando uma pessoa está na cidade, ela se diverte. Quando está no campo, ela diverte outras pessoas. É um grande aborrecimento.

algernon E quem são as pessoas que você diverte?

jack (*blasê*) Ah, vizinhos, vizinhos.

algernon Você tem bons vizinhos lá na sua área de Shropshire?

jack Não, são todos insuportáveis! Nunca falo com nenhum deles.

algernon Você deve mesmo divertir muitíssimo os vizinhos! (*vai até a mesa e pega um sanduíche*) Aliás, seu condado é Shropshire?

jack Hã? Shropshire? Sim, claro. Nossa! Por que tantas xícaras? Por que esses sanduíches de pepino? Por que tamanha extravagância em alguém tão jovem? Quem vem para o chá?

algernon Ah, só tia Augusta e Gwendolen.

jack Que esplêndida notícia!

algernon É, magnífica, mas acho que tia Augusta não vai ficar muito contente em ver você aqui.

jack Posso saber por quê?

algernon Meu caro amigo, a maneira como flerta com Gwendolen é absolutamente vergonhosa. É quase tão lastimável quanto a maneira como ela flerta com você.

jack Pois fique sabendo que estou apaixonado por Gwendolen. Vim à

cidade com o objetivo expresso de pedi-la em casamento.

algernon Pensei que você tivesse vindo à cidade por prazer... Para mim, isso é tratar de negócios.⁵

jack Que falta de romantismo absurda a sua!

algernon Sinceramente não vejo nada de romântico em pedir alguém em casamento. É muito romântico estar apaixonado, mas não há romantismo algum num pedido claro de casamento. Afinal, ele pode ser aceito. Em geral é, creio. E, então, acabou-se todo o frisson. A incerteza é a própria essência do romantismo. Se vier a me casar um dia, certamente vou tentar esquecer o fato.

jack Disso eu não tenho dúvida, meu caro Algy. O Tribunal de Divórcios foi inventado especialmente para pessoas cuja memória é constituída dessa forma tão curiosa.

algernon Ah, é inútil especular sobre esse assunto. Divórcio e mortalha no céu se talha... (*Jack estende a mão para pegar um sanduíche. Algernon imediatamente intervém*) Por favor, não coma os sanduíches de pepino. Eles foram feitos especialmente para tia Augusta. (*pega um sanduíche e come*)

jack Mas você está comendo um atrás do outro.

algernon É completamente diferente. Ela é minha tia. (*tira o prato da mesa*) Coma um pouco de pão com manteiga. O pão com manteiga é para Gwendolen. Ela adora pão com manteiga.

jack (*INDO até a mesa e se servindo*) E é um excelente pão com manteiga, aliás.

algernon Calma, meu caro, não precisa comer como se fosse devorar tudo. Você se comporta como se já estivesse casado com Gwendolen. Mas ainda não se casou com ela e duvido que algum dia vá se casar.

jack Ora essa, por que diz isso?

algernon Bem, em primeiro lugar, as moças nunca se casam com homens com quem flertam. Elas não acham certo.

jack Isso é um disparate!

algernon Não, não é. É uma grande verdade. E explica a extraordinária quantidade de homens solteiros que se vê por toda parte. Em segundo lugar, não dou meu consentimento.

jack Seu consentimento?

algernon Meu caro, Gwendolen é minha prima-irmã. E antes que eu permita que você se case com ela, terá de explicar muito bem explicado quem é essa tal de Cecily. (*toca campainha*)

jack Cecily! Que raios é isso? O que você quer dizer, Algy, com Cecily? Não conheço ninguém com esse nome.

Entra Lane.

algernon Lane, me traga aquela cigarreira que o senhor Worthing deixou na sala de fumar na última vez em que jantou aqui.
lane Pois não, senhor.

Lane sai.

jack Quer dizer que minha cigarreira estava com você esse tempo todo? Por que não me avisou? Tenho escrito cartas frenéticas à Scotland Yard⁶ por causa disso. Já estava quase a ponto de oferecer uma gorda recompensa por ela.

algernon Eu bem que gostaria que você oferecesse. Minha situação financeira está particularmente crítica no momento.

jack Não faz nenhum sentido oferecer uma gorda recompensa agora que a coisa já foi encontrada.

Entra Lane, trazendo a cigarreira numa bandeja. Algernon a pega na mesma hora. Lane sai.

algernon Devo dizer que acho isso muito mesquinho de sua parte, Prudente. *(abre a cigarreira e a examina)* No entanto, não faz diferença, pois agora que estou vendo a inscrição dentro dela, percebo que não é sua afinal.

jack Claro que é minha. *(andando até ele)* Você já me viu com ela uma centena de vezes e não tem o direito de ler o que está escrito aí dentro. É muita falta de educação ler a cigarreira de outra pessoa.

algernon Ah, é absurdo querer ter um critério rígido e inflexível a respeito do que se deve ou não se deve ler. Mais da metade da cultura moderna está calcada em coisas que não se deve ler.⁷

jack Tenho plena consciência desse fato e não estou de forma alguma me propondo a debater a cultura moderna. Não é o tipo de coisa sobre a qual se deva conversar na intimidade. Só quero minha cigarreira de volta.

algernon Sim, mas esta não é sua cigarreira. Esta cigarreira foi um presente dado por alguém com o nome de Cecily, e você acabou de dizer que não conhece ninguém com esse nome.

jack Bem, se você quer mesmo saber, Cecily é minha tia.

algernon Sua tia!

jack Sim, minha tia. Uma senhora encantadora, aliás. Mora em Tunbridge Wells.⁸ Você quer fazer o favor de devolver a cigarreira, Algy?

algernon *(INDO para trás do sofá)* Mas por que ela se refere a si mesma como pequena Cecily, se é sua tia e mora em Tunbridge Wells? *(lendo)* “Da pequena Cecily com muito amor e carinho.”

jack *(ANDANDO até o sofá e se ajoelhando em cima dele)* Meu caro, o

que há de mais nisso? Algumas tias são altas, outras não são. Essa é uma questão que uma tia decerto tem o direito de resolver como bem entender. Você parece acreditar que toda tia deve ser exatamente igual à sua! Isso é absurdo. Pelo amor de Deus, devolva a cigarreira. (*persegue Algernon pela sala*)

algernon Sim, mas por que sua tia chama você de tio? “Da pequena Cecily, com muito amor e carinho, para o querido tio Jack.” Não há nenhuma objeção, admito, ao fato de uma tia ser pequena, mas não consigo conceber por que uma tia, seja ela de que tamanho for, chamaria o próprio sobrinho de tio. Além do mais, seu nome não é Jack, mas Prudente.

jack Não, não é Prudente; é Jack.

algernon Mas você sempre me disse que era Prudente. Apresentei você a todo mundo como Prudente. Você responde ao nome de Prudente. Tem todo o jeito de quem se chama Prudente. É a pessoa com mais cara de prudente que já vi na minha vida. É um completo absurdo dizer que o seu nome não é Prudente. Está escrito nos seus cartões. Eis aqui um deles. (*tirando o cartão da cigarreira*) “Senhor Prudente Worthing, The Albany,⁹ b4.” Vou ficar com este cartão como prova de que seu nome é Prudente, caso algum dia você tente negar o fato para mim, Gwendolen ou qualquer outra pessoa. (*enfia o cartão no bolso*)

jack Bem, meu nome é Prudente na cidade e Jack no campo, e a cigarreira me foi dada no campo.

algernon Sim, mas isso não explica por que sua pequena tia Cecily, que mora em Tunbridge Wells, chama você de querido tio. Ande, meu caro, é muito melhor abrir a boca de uma vez.

jack Meu caro Algy, você mais parece um dentista falando desse jeito. É muito vulgar falar como um dentista quando não se é um. Gera uma falsa impressão.

algernon E não é exatamente isso que os dentistas sempre fazem? Agora, ande! Conte-me tudo. Devo dizer que sempre desconfiei que você fosse um bunburista inveterado às escondidas, mas agora tenho absoluta certeza disso.

jack Bunburista? Que raios você quer dizer com bunburista?

algernon Revelarei a você o significado dessa expressão incomparável assim que tiver a gentileza de me informar por que você é Prudente na cidade e Jack no campo.

jack Só se antes você me der a cigarreira.

algernon Aqui está. (*entrega a cigarreira*) Agora me dê uma explicação, e, por favor, que seja uma explicação insólita. (*senta-se no sofá*)

jack Meu caro Algy, não há absolutamente nada de insólito na minha explicação. Na verdade, ela é perfeitamente banal. O velho senhor Thomas Cardew, que me adotou quando eu era pequeno, deixou ao

falecer um testamento me nomeando tutor da neta dele, a senhorita Cecily Cardew. Cecily, que me chama de tio por uma questão de respeito que você seria incapaz de entender, mora na minha casa no campo sob os cuidados de uma admirável preceptora, a senhorita Prism.

algernon Onde fica esse lugar no campo, aliás?

jack Isso, meu caro, não lhe diz respeito. Você não será convidado...

Mas posso lhe dizer com toda a franqueza que não é em Shropshire.

algernon Disso eu já desconfiava, meu caro! Bunburiei pelo condado de Shropshire inteiro em duas ocasiões diferentes. Agora, continue. Por que é Prudente na cidade e Jack no campo?

jack Meu caro Algy, não sei se você será capaz de entender minhas verdadeiras razões. Falta-lhe seriedade para isso. Quando uma pessoa se encontra na posição de tutor, ela tem de adotar um tom moral muito elevado em relação a todos os assuntos. É dever dela fazer isso. E como um tom moral elevado está longe de poder ser considerado algo que contribua muito quer para a saúde, quer para a felicidade de uma pessoa, a fim de poder vir à cidade eu sempre fingi ter um irmão mais novo chamado Prudente, que mora em Albany e vive se metendo nas mais terríveis enrascadas. E essa, meu caro Algy, é a pura e simples verdade.

algernon A verdade raramente é pura e jamais é simples.¹⁰ A vida moderna seria muito tediosa se fosse uma coisa ou outra, e a literatura moderna, então, seria uma completa impossibilidade!

jack O que, aliás, não seria nada mau.

algernon Crítica literária não é o seu forte, meu caro. É melhor nem tentar. Deixe isso para aqueles que não cursaram uma universidade. Eles fazem isso muito bem nos jornais diários. O que você é mesmo é um bunburista. Eu estava coberto de razão quando disse que você era. É um dos bunburistas mais rematados que conheço.

jack Que raios você quer dizer com isso?

algernon Você inventou um utilíssimo irmão mais novo chamado Prudente, a fim de poder vir à cidade sempre que quisesse. Já eu inventei um valiosíssimo inválido chamado Bunbury, a fim de poder viajar para o campo toda vez que me der na telha. Bunbury é absolutamente inestimável. Não fosse pela saúde muito frágil dele, eu não poderia, por exemplo, jantar com você hoje no Willis's,¹¹ pois na verdade já me comprometi há mais de uma semana a jantar esta noite com tia Augusta.

jack Não convidei você para jantar comigo em lugar nenhum hoje à noite.

algernon Eu sei. Você é de um desleixo absurdo quando se trata de enviar convites. É muita inépcia da sua parte. Nada deixa as pessoas mais indignadas do que não receber convites.

jack Pois você faria muito melhor jantando com tia Augusta.

algernon Não tenho a menor intenção de fazer semelhante coisa. Para começar, jantei lá na segunda-feira, e jantar com parentes uma vez por semana já é mais que suficiente. Em segundo lugar, sempre que janto lá, sou tratado como um membro da família e obrigado a me dirigir à sala de jantar com uma mulher em cada braço ou sem mulher alguma.¹² Em terceiro lugar, sei muito bem ao lado de quem titia irá me fazer sentar hoje à noite. Ela vai me fazer sentar ao lado de Mary Farquhar, que sempre flerta com o próprio marido do outro lado da mesa de jantar, o que não é nem um pouco agradável. Aliás, não é nem sequer decente. E esse tipo de comportamento está se alastrando assustadoramente. A quantidade de mulheres que flertam com o próprio marido em Londres é um verdadeiro escândalo. Terrível. É o mesmo que lavar a roupa limpa em público. Além do mais, agora que sei que você é um bunburista inveterado, naturalmente quero conversar com você sobre a prática da bunburiação. Quero lhe informar as regras.

jack Não sou bunburista coisíssima nenhuma. Se Gwendolen aceitar meu pedido, vou matar meu irmão.¹³ Aliás, acho que vou matá-lo de qualquer maneira. Cecily anda interessada demais nele. É um grande aborrecimento. Então, está decidido, vou me livrar de Prudente. E aconselho você a fazer o mesmo com o senhor... com seu amigo inválido que tem aquele nome absurdo.

algernon Nada irá me convencer a abrir mão de Bunbury, e se algum dia você se casar, o que me parece extremamente improvável, vai ficar muito contente em conhecer Bunbury. Um homem que se casa sem conhecer Bunbury leva uma vida muito tediosa.

jack Isso é um disparate! Se eu me casar com uma moça encantadora como Gwendolen, e ela é a única moça que já conheci na vida com a qual me casaria, certamente não vou querer conhecer Bunbury.

algernon Então sua esposa vai. Você parece não se dar conta de que, na vida de casado, dois é pouco e três é bom.

jack (TAXATIVO) Essa, meu jovem amigo, é a teoria que o devasso teatro francês¹⁴ vem propondo ao longo dos últimos cinquenta anos.

algernon Sim, e que o feliz lar inglês comprovou em metade desse tempo.

jack Pelo amor de Deus, Algy, não seja cínico. É muito fácil ser cínico.

algernon Meu caro amigo, não é fácil ser nada hoje em dia. A concorrência é muito acirrada em toda parte. (*ouve-se o toque de uma campainha elétrica*) Ah! Deve ser tia Augusta. Só parentes e credores tocam a campainha nesse estilo wagneriano.¹⁵ Escute, se eu tirar titia do caminho por dez minutos, para que você tenha a oportunidade de fazer seu pedido à Gwendolen, podemos jantar no

Willis's?

jack Suponho que sim, se você quiser.

algernon Sim, quero, mas você tem de levar o compromisso a sério.

Detesto gente que não leva as refeições a sério. É uma coisa muito leviana.

Entra Lane.

lane Lady Bracknell e senhorita Fairfax.

Algernon vai para perto da porta para recebê-las. Entram lady Bracknell e Gwendolen.

lady bracknell Boa tarde, meu caro Algernon. Espero que você esteja se comportando muito bem.

algernon Estou me sentindo muito bem, tia Augusta.

lady bracknell Não é exatamente a mesma coisa. Na verdade, as duas coisas raramente andam juntas. (*vê Jack e o cumprimenta, inclinando a cabeça, com frieza glacial*)¹⁶

algernon (*para Gwendolen*) Minha nossa, como você está elegante!

gwendolen Sempre estou elegante! Não estou, senhor Worthing?

jack A senhorita é absolutamente perfeita, senhorita Fairfax.

gwendolen Ah! Espero não ser. Assim não haveria espaço para desenvolvimento, e eu pretendo me desenvolver em muitas direções.

Gwendolen e Jack sentam-se juntos num canto da sala.

lady bracknell Peço desculpas se estamos um pouco atrasadas, Algernon, mas fui obrigada a fazer uma visita à minha querida lady Harbury.¹⁷ Eu ainda não havia estado lá desde a morte do marido dela, pobre homem. Confesso que nunca vi uma mulher tão alterada; ela parece uns vinte anos mais moça. E agora aceito uma xícara de chá e um daqueles deliciosos sanduíches de pepino que você me prometeu.

algernon Certamente, tia Augusta. (*vai até a mesa de chá*)

lady bracknell Você não quer se sentar aqui perto de mim, Gwendolen?

gwendolen Obrigada, mamãe, mas estou confortável aqui mesmo onde estou.

algernon (*pegando o prato vazio, horrorizado*) Santo Deus! Lane! Por que não há sanduíches de pepino aqui? Pedi expressamente que fossem preparados.

lane (*gravemente*) Não havia pepino no mercado hoje, senhor. Fui até

lá duas vezes.

algernon Não havia pepino!

lane Não, não havia, senhor. Nem mesmo pagando à vista.

algernon É só, Lane, obrigado.

lane Obrigado, senhor. (*sai*)

algernon Estou deveras consternado, tia Augusta, por não haver pepino no mercado, nem mesmo pagando à vista.

lady bracknell Não tem importância, Algernon. Comi alguns brioches na casa da lady Harbury, que me parece estar vivendo inteiramente para o prazer agora.

algernon Ouvi dizer que o cabelo dela ficou todo louro com o sofrimento.

lady bracknell O cabelo dela por certo mudou de cor. Por que razão, evidentemente não sei dizer. (*Algernon vai até ela e lhe oferece uma xícara de chá*) Obrigada. Vou lhe fazer um mimo e tanto esta noite, Algernon. Deixarei que acompanhe Mary Farquhar à sala de jantar. Ela é uma mulher muito agradável. E muito atenciosa com o marido. É um prazer observar os dois.

algernon Infelizmente, tia Augusta, creio que serei forçado a abrir mão do prazer de jantar com a senhora hoje à noite, afinal.

lady bracknell (*franzindo o cenho*) Espero que não, Algernon. Isso arruinaria por completo a mesa.¹⁸ Seu tio teria de jantar no andar de cima. Por sorte, ele já está acostumado.

algernon É uma grande amolação e, nem preciso dizer, uma decepção terrível para mim, mas o fato é que acabo de receber um telegrama com a notícia de que meu pobre amigo Bunbury está novamente muito doente. (*troca olhares com Jack*) Ao que parece, eles acham que seria importante eu estar com ele.

lady bracknell É muito curioso. Esse senhor Bunbury parece padecer de uma saúde estranhamente frágil.

algernon Tem razão, titia; o pobre Bunbury é um verdadeiro inválido.

lady bracknell Bem, devo dizer, Algernon, que acho que já está mais que na hora de o senhor Bunbury resolver de uma vez por todas se vai viver ou morrer. Essa indecisão diante da questão é simplesmente absurda. Outra coisa que eu não aprovo de forma alguma é a compaixão moderna para com os inválidos. Considero isso uma coisa mórbida. A doença, seja de que tipo for, está longe de ser algo que se deva incentivar nos outros. A saúde é nosso primeiro dever na vida. Vivo dizendo isso a seu pobre tio, mas ele nunca parece dar muita atenção... pelo menos, nunca mostrou melhora alguma na enfermidade dele. Ficaria muito grata se você pedisse ao senhor Bunbury, por mim, que fizesse a gentileza de não ter uma recaída no sábado, pois estou contando com você para cuidar da música da minha festa. É a última recepção que vou

oferecer, e quero algo que estimule a conversa, principalmente agora, no fim da temporada, quando todos já disseram praticamente tudo o que tinham a dizer, o que na maioria dos casos provavelmente não era muita coisa.

algernon Vou falar com Bunbury, tia Augusta, se ele ainda estiver consciente, e acho que posso lhe prometer que já estará bem até sábado. Claro que a música é uma grande dificuldade. Sabe, quando se toca música de boa qualidade, as pessoas não ouvem, e quando se toca música de má qualidade, as pessoas não falam. Mas posso lhe mostrar o programa que esbocei, se a senhora tiver a bondade de vir comigo um instante até a sala ao lado.

lady bracknell Obrigada, Algernon. É muito atencioso da sua parte. *(levantando-se e acompanhando Algernon)* Tenho certeza de que o programa ficará ótimo, depois de alguns expurgos. Canções francesas por certo não posso permitir. As pessoas sempre parecem crer que são impróprias e ficam chocadas, o que é vulgar, ou riem, o que é pior. Mas o alemão parece ser uma língua inteiramente respeitável, e creio, de fato, que seja. Gwendolen, faça o favor de me acompanhar.

gwendolen Certamente, mamãe.

Lady Bracknell e Algernon dirigem-se à sala de música; Gwendolen permanece onde está.

jack Que tempo agradável fez hoje, não, senhorita Fairfax?

gwendolen Por favor, não fale comigo sobre o tempo, senhor Worthing. Sempre que as pessoas falam comigo sobre o tempo, tenho a nítida sensação de que elas querem dizer outra coisa, e isso me deixa muito nervosa.

jack Eu de fato quero dizer outra coisa.

gwendolen Foi o que pensei. Na verdade, nunca me engano.

jack E, se a senhorita me permite, gostaria de tirar proveito da ausência temporária de lady Bracknell...

gwendolen Certamente aconselharia o senhor a fazer isso. Mamãe tem o hábito de voltar repentinamente para os lugares, um hábito a respeito do qual já tive de conversar com ela diversas vezes.¹⁹

jack *(nervoso)* Senhorita Fairfax, desde que a conheci, eu a tenho admirado como nunca admirei nenhuma outra moça que... conheci desde que... conheci a senhorita.

gwendolen Sim, tenho plena consciência desse fato, embora tenha desejado muitas vezes que em público, pelo menos, o senhor demonstrasse mais seus sentimentos. Em mim, o senhor sempre exerceu um fascínio irresistível. Mesmo antes de conhecê-lo, estava longe de ser indiferente ao senhor. *(Jack olha para ela com espanto)* Nós vivemos, como espero que o senhor saiba, senhor Worthing,

numa era de ideais. Esse fato é constantemente mencionado nas revistas mensais mais caras e, segundo me disseram, já chegou aos púlpitos provinciais. E o meu ideal sempre foi amar alguém chamado Prudente. Há algo nesse nome que inspira uma confiança absoluta. No instante em que Algernon comentou comigo que tinha um amigo chamado Prudente, soube que estava destinada a amá-lo.

jack Você realmente me ama, Gwendolen?²⁰

gwendolen Com paixão!

jack Minha querida! Você não sabe o quanto isso me deixa feliz!

gwendolen Meu Prudente!

jack Mas você não está querendo dizer que não poderia me amar se meu nome não fosse Prudente, está?

gwendolen Mas seu nome é Prudente.

jack Sim, eu sei que é. Mas suponhamos que fosse outro. Você quer dizer que não poderia me amar então?

gwendolen (*com desenvoltura*) Ah, isso é claramente uma especulação metafísica! E, como a maioria das especulações metafísicas, tem muito pouca relação com os fatos concretos da vida real, tal como os conhecemos.

jack Para falar com toda a franqueza, minha querida, nem gosto muito do nome Prudente... Não acho que seja um nome que combine realmente comigo.

gwendolen Ah, combina, sim, combina perfeitamente. É um nome maravilhoso. Um nome que tem música própria, que produz vibrações.

jack Ora, Gwendolen, sinceramente, acho que existem vários outros nomes muito mais bonitos. Acho Jack, por exemplo, um nome lindo.

gwendolen Jack?... Não, há muito pouca música no nome Jack, se é que há alguma. Não arrebatava, não produz absolutamente vibração nenhuma... Já conheci diversos Jacks e todos eles, sem exceção, eram de uma sem-gracice fora do comum. Além do mais, todo mundo sabe que Jack é apelido de John, e eu tenho pena de qualquer mulher que seja casada com um homem chamado John. Ela provavelmente nunca terá a chance de conhecer o extasiante prazer de um único momento de solidão. Não, o único nome realmente seguro é Prudente.

jack Gwendolen, tenho de ser batizado imediatamente... quer dizer, temos de nos casar imediatamente. Não há tempo a perder.

gwendolen Casar, senhor Worthing?

jack (*atônito*) Ora... certamente, senhorita Fairfax. A senhorita sabe que eu a amo, e suas palavras me levaram a crer que não é inteiramente indiferente a mim.

gwendolen Eu o adoro. Mas o senhor ainda não pediu minha mão.

Nada foi dito a respeito de casamento. O assunto não foi sequer mencionado.

jack Bem... eu poderia fazer o pedido agora?

gwendolen Acho que seria uma excelente oportunidade. E para poupá-lo de qualquer possível decepção, senhor Worthing, creio ser justo lhe dizer de antemão com toda a franqueza que estou inteiramente decidida a aceitá-lo.

jack Gwendolen!

gwendolen Sim, senhor Worthing, o que o senhor tem a me dizer?

jack Você sabe o que tenho a lhe dizer.

gwendolen Sim, mas o senhor não disse.

jack Gwendolen, quer se casar comigo? (*fica de joelhos*)

gwendolen Claro que quero, meu querido. Como demorou a pedir!

Receio que tenha pouca experiência em fazer pedidos de casamento.

jack Meu amor, nunca amei ninguém no mundo a não ser você.

gwendolen Sim, mas os homens costumam pedir a mão das moças em casamento para ganhar prática. Sei que meu irmão Gerard faz isso. Todas as minhas amigas me dizem. Que olhos maravilhosamente azuis você tem, Prudente! Eles são muito, muito azuis. Espero que você sempre olhe para mim exatamente desse jeito, principalmente quando outras pessoas estiverem presentes.

Entra lady Bracknell.

lady bracknell Senhor Worthing! Erga-se, caro senhor, dessa postura de semiprostração. Ela é indecorosa ao extremo.

gwendolen Mamãe! (*ele tenta se levantar; ela o impede*)²¹ Preciso rogar à senhora que se retire. Aqui não é lugar para a senhora. Além disso, o senhor Worthing ainda não terminou.

lady bracknell Terminou o que, posso saber?

gwendolen Estou noiva do senhor Worthing, mamãe. (*os dois se levantam juntos*)

lady bracknell Queira perdoar, mas você não está noiva de ninguém. Quando acontecer de você ficar noiva de alguém, eu ou seu pai, se a saúde dele permitir, informaremos você do fato. Um noivado deve sobrevir a uma jovem como uma surpresa, agradável ou desagradável conforme o caso. Não se trata em absoluto de uma questão que se possa permitir que ela decida por conta própria... E agora tenho algumas perguntas a lhe fazer, senhor Worthing. Enquanto eu estiver fazendo essas indagações, você, Gwendolen, esperará por mim lá embaixo, na carruagem.

gwendolen (*contrariada*) Mamãe!

lady bracknell Na carruagem, Gwendolen! (*Gwendolen se dirige à porta. Ela e Jack mandam beijos no ar um para o outro pelas costas de lady Bracknell, que olha vagamente ao redor, como se não entendesse que*

barulho era aquele. Por fim, vira-se para trás) Gwendolen, na carruagem!
gwendolen Sim, mamãe.

Sai olhando para trás, na direção de Jack.

lady bracknell (*sentando-se*) Pode se sentar, senhor Worthing.

Remexe em sua bolsa e pega lápis e bloco.

jack Obrigado, lady Bracknell, mas prefiro ficar de pé.

lady bracknell (*de lápis e bloco na mão*) Sinto-me na obrigação de lhe informar que o senhor não se encontra na minha lista de bons partidos, embora tenha a mesma lista que a minha querida amiga, a duquesa de Bolton. Nós trabalhamos juntas, na verdade. No entanto, estou disposta a incluir seu nome, caso as suas respostas correspondam às exigências de uma mãe realmente afetuosa. O senhor fuma?

jack Bem, sim, tenho de admitir que fumo, sim.

lady bracknell Folgo em saber. Um homem sempre deve ter algum tipo de ocupação. Já existem homens ociosos demais em Londres, na verdade. Quantos anos o senhor tem?

jack Vinte e nove.

lady bracknell Uma idade muito boa para se casar. Sempre fui da opinião de que um homem que deseja se casar deve saber tudo ou não saber nada. O que o senhor sabe?

jack (*depois de certa hesitação*) Eu não sei nada, lady Bracknell.

lady bracknell Fico contente em saber. Desaprovo tudo aquilo que altere a ignorância natural. A ignorância é como uma fruta exótica e delicada; basta tocá-la e ela perde o frescor. Toda a teoria da educação moderna está inteiramente equivocada. Felizmente, na Inglaterra, pelo menos, a educação não produz absolutamente efeito algum. Se produzisse, representaria um grande perigo para as classes dominantes e provavelmente levaria a atos de violência na Grosvenor Square.²² Qual é a sua renda?

jack Entre sete e oito mil libras por ano.²³

lady bracknell (*toma nota no bloco*) Em terras ou investimentos?

jack Em investimentos, principalmente.

lady bracknell Melhor assim. Com os impostos que se espera que uma pessoa pague ao longo da vida e os impostos que lhe são extorquidos depois de sua morte, as terras deixaram de oferecer não só lucro como também prazer. Elas dão posição a uma pessoa, mas a impedem de mantê-la. E isso é tudo o que se pode dizer sobre terras.

jack Tenho uma casa no campo que inclui, obviamente, uma extensão de terra, cerca de mil e quinhentos acres, creio; mas não é dela que provém minha renda. Na verdade, até onde sei, quem tira algum proveito dela são os invasores que entram para caçar ou pescar.

lady bracknell Uma casa no campo! De quantos quartos? Bem, esse detalhe pode ser esclarecido mais tarde. O senhor tem uma casa na cidade, espero. Seria absurdo esperar que uma moça de natureza simples e frugal, como Gwendolen, residisse no campo.

Jack Bem, tenho uma casa na Belgrave Square, mas está alugada para lady Bloxham. Claro que posso pedi-la de volta quando quiser, com seis meses de antecedência.

lady bracknell Lady Bloxham? Não conheço.

jack Ah, ela quase não sai. É uma senhora de idade consideravelmente avançada.

lady bracknell Hoje em dia, isso não é garantia de respeitabilidade. Que número na Belgrave Square?

jack 149.

lady bracknell (*balançando a cabeça*) O lado fora de moda. Achei mesmo que havia algo errado. Contudo, isso pode ser mudado facilmente.

jack A senhora quer dizer a moda ou o lado?

lady bracknell (*rude*) Ambos, se necessário, presumo. Quais são suas convicções políticas?

jack Bem, acho que não tenho nenhuma na verdade. Sou liberal unionista.²⁴

lady bracknell Ah, liberais unionistas contam como tóris. Eles jantam conosco. Ou vêm nos visitar à noite, pelo menos. Agora passemos a questões menores. Seus pais estão vivos?

jack Não, perdi ambos.

lady bracknell Ambos? Perder um progenitor pode ser considerado um infortúnio; perder *ambos* parece descuido.²⁵ Quem foi seu pai? Ele evidentemente era um homem de posses. Nasceu no que os jornais radicais chamam de elite do comércio ou era oriundo das castas aristocráticas?

jack Infelizmente, eu mesmo não sei. O fato, lady Bracknell, é que, embora tenha dito que perdi meus pais, seria mais próximo da verdade dizer que eles me perderam... Realmente não sei quem sou por nascimento. Eu fui... bem, fui encontrado.

lady bracknell Encontrado!

jack O falecido senhor Thomas Cardew, um velho cavalheiro de índole muito gentil e caridosa, me encontrou e me deu o nome de Worthing porque, por acaso, tinha no bolso na ocasião um bilhete de primeira classe para Worthing. Worthing é um lugar em Sussex, uma estância à beira-mar.

lady bracknell E onde foi que o caridoso cavalheiro que tinha um bilhete de primeira classe para essa estância à beira-mar encontrou o senhor?

jack (*gravemente*) Numa maleta.

lady bracknell Uma maleta?

jack (*com muita seriedade*) Sim, lady Bracknell. Eu estava dentro de uma maleta. Uma maleta de tamanho razoável, de couro preto, com alças para carregar — uma maleta comum, na verdade.

lady bracknell E em que local esse senhor James, ou Thomas, Cardew encontrou essa maleta comum?

jack No guarda-volumes da estação Victoria. Fui entregue ao senhor Cardew por engano, no lugar da mala dele.

lady bracknell O guarda-volumes da estação Victoria?

jack Exato. Na linha Brighton.

lady bracknell A linha é irrelevante. Senhor Worthing, confesso que me sinto um tanto aturdida com o que o senhor acaba de me dizer. Ter nascido, ou ao menos ter sido gerado, numa maleta, quer ela tenha alças ou não, parece a meu ver demonstrar um desprezo pelas tradições básicas da vida familiar que faz lembrar os piores excessos da Revolução Francesa. E presumo que o senhor saiba a que levou esse lamentável movimento? Quanto ao local específico em que a maleta foi encontrada, um guarda-volumes numa estação ferroviária pode servir para ocultar um mau passo — provavelmente já foi, de fato, utilizado para tal fim antes —, mas dificilmente poderia ser considerado uma base sólida para uma posição reconhecida na boa sociedade.

jack Eu poderia lhe perguntar, então, o que a senhora me aconselha a fazer? Creio que nem preciso dizer que faria qualquer coisa no mundo para garantir a felicidade da Gwendolen.

lady bracknell Eu o aconselharia com veemência, senhor Worthing, a tentar adquirir o quanto antes alguns parentes e a fazer um firme esforço para apresentar à sociedade ao menos um progenitor, de qualquer que seja o sexo, antes que a temporada termine.

jack Bem, não vejo como poderia fazer isso. Posso apresentar a maleta quando a senhora quiser. Está no meu quarto de vestir lá em casa. Eu realmente acho que isso deveria satisfazê-la, lady Bracknell.

lady bracknell Satisfazer a mim, senhor! O que tem isso a ver comigo? O senhor não pode estar imaginando que eu e lorde Bracknell cogitaríamos em permitir que nossa única filha — uma menina criada com o mais extremo cuidado — entrasse para a família de um guarda-volumes e se unisse em matrimônio com uma maleta. Bom dia, senhor Worthing!

Lady Bracknell se retira com majestosa indignação.

jack Bom dia! *(na sala adjacente, Algernon começa a tocar a Marcha Nupcial.*²⁶ *Jack fica absolutamente furioso e vai até a porta)* Pelo amor de Deus, não toque essa música medonha, Algy! Como você é idiota!

A música para e Algernon entra alegremente.

algernon As coisas não correram bem, meu caro? Não me diga que Gwendolen rejeitou você! É uma mania que ela tem. Vive rejeitando as pessoas. Acho extremamente antipático da parte dela.

jack Ah, Gwendolen é um doce. No que diz respeito a ela, estamos noivos. A mãe dela é que é absolutamente insuportável. Nunca conheci uma górgona²⁷ como aquela... Não sei bem como é uma górgona, mas tenho certeza absoluta de que lady Bracknell é uma delas. De qualquer forma, ela é um monstro, sem ser um mito, o que é muito injusto... Peço desculpas, Algy. Imagino que não devesse falar da sua própria tia desse jeito na sua frente.

algernon Meu caro, adoro ouvir insultos contra meus parentes. É a única coisa que me faz aguentá-los. Parentes não passam de um bando tedioso de pessoas que não sabem como viver nem quando morrer.

jack Ah, isso é um disparate!

algernon Não, não é!

jack Bem, não vou discutir isso. Você vive querendo discutir tudo.

algernon Foi exatamente para isso que as coisas foram feitas originalmente.

jack Se pensasse assim, palavra de honra, eu me daria um tiro... *(pausa)* Você não acha que existe alguma chance de Gwendolen ficar igual à mãe dela daqui a uns cento e cinquenta anos, acha, Algy?

algernon Todas as mulheres ficam iguais às suas mães. Essa é a tragédia delas. Nenhum homem fica. Essa é a deles.

jack Isso por acaso é um comentário sagaz?

algernon É uma formulação perfeitamente bem construída e tão verdadeira quanto qualquer observação na vida civilizada deve ser.

jack Estou cansado de comentários sagazes. Todo mundo é sagaz hoje. Você não consegue ir a lugar nenhum sem deparar com pessoas sagazes. A coisa se tornou um verdadeiro transtorno público. Gostaria imensamente que ainda tivessem sobrado alguns imbecis.

algernon Mas sobraram.

jack Adoraria conhecê-los. Sobre o que eles conversam?

algernon Os imbecis? Ah, sobre as pessoas sagazes, claro.

jack Que imbecis!

algnon A propósito, você contou a Gwendolen a verdade, que você é Prudente na cidade e Jack no campo?

jack (*num tom extremamente condescendente*) Meu caro, a verdade não é o tipo de coisa que se diga a uma moça gentil, doce e refinada. Que ideias estapafúrdias você tem sobre o modo de se comportar com uma mulher!

algnon O único modo de se comportar com uma mulher é flertar com ela, se ela é bonita, ou com outra, se ela é feia.

jack Isso é um disparate.

algnon E quanto a seu irmão? E quanto ao inconsequente Prudente?

jack Ah, antes do fim da semana já vou ter me livrado dele. Vou dizer que morreu de apoplexia em Paris. Muita gente morre de apoplexia subitamente, não morre?

algnon Sim, morre, mas é um mal hereditário, meu caro. É uma espécie de mal de família. É melhor dizer que foi uma gripe forte.

jack Tem certeza de que uma gripe forte não é uma doença hereditária ou coisa parecida?

algnon Claro que não é hereditária!

jack Muito bem, então. Meu pobre irmão Prudente falecerá subitamente em Paris, vítima de uma gripe forte. Isso vai dar cabo dele.

algnon Mas você não disse que a... senhorita Cardew andava interessada demais por seu pobre irmão Prudente? Será que ela não vai ficar muito abalada com a perda dele?

jack Não, não. Cecily não é nenhuma tola romântica, felizmente. Ela tem um apetite formidável, faz longas caminhadas e não presta a mínima atenção às suas lições.

algnon Gostaria muito de conhecê-la.

jack Vou providenciar para que você nunca a conheça. Ela é bonita demais e só completou dezoito anos há pouco.²⁸

algnon Você já contou a Gwendolen que tem uma pupila bonita demais que só completou dezoito anos há pouco?

jack Ah, isso não são coisas que se saia contando sem mais nem menos para as pessoas. Cecily e Gwendolen vão ser com toda a certeza excelentes amigas. Aposto o que você quiser que, meia hora depois de se conhecerem, as duas já vão estar chamando uma à outra de irmã.

algnon As mulheres só fazem isso depois de terem chamado uma à outra de várias outras coisas.²⁹ Agora, meu caro, se quisermos pegar uma boa mesa no Willis's, realmente temos de ir nos arrumar. Você sabia que já são quase sete?

jack (*irritado*) Ah, sempre são quase sete.

algnon Bem, estou com fome.

jack Nunca o vi sem...

algernon O que nós vamos fazer depois do jantar? Ir ao teatro?

jack Ah, não! Detesto ouvir.

algernon Bem, vamos ao clube então?

jack Ah, não! Odeio falar.

algernon Bem, poderíamos dar uma volta até o Empire³⁰ às dez, que tal?

jack Ah, não! Não suporto ver as coisas. É tão idiota.

algernon Bem, então o que vamos fazer?

jack Nada!

algernon Fazer nada dá muito trabalho. Contudo, não me importo de ter muito trabalho quando o trabalho é feito sem objetivo algum.

Entra Lane.

lane Senhorita Fairfax.

Entra Gwendolen. Lane sai.

algernon Gwendolen, que surpresa!

gwendolen Algy, por favor, vire as costas. Tenho algo muito particular a dizer ao senhor Worthing.

algernon Sinceramente, Gwendolen, não acho que possa permitir isso de forma alguma.

gwendolen Algy, você sempre adota uma atitude rigorosamente imoral em relação à vida. E ainda não tem idade bastante para isso.
(*Algernon vai para perto da lareira*)

jack Meu amor!

gwendolen Prudente, é possível que nunca nos casemos. Pela expressão no rosto de mamãe, temo que nunca possamos. Poucos pais hoje em dia dão atenção ao que os filhos dizem. O antigo respeito que se tinha pelos mais jovens está desaparecendo rapidamente. Qualquer que fosse a influência que tinha sobre mamãe, eu a perdi aos três anos de idade. Mas embora ela possa impedir que nos tornemos marido e mulher e eu me case com outra pessoa, e me case várias vezes, nada do que ela possa vir a fazer será capaz de alterar minha eterna devoção a você.

jack Minha querida Gwendolen!

gwendolen A romântica história da sua origem, que me foi relatada por mamãe intercalada por comentários desagradáveis, naturalmente mexeu com as fibras mais profundas da minha natureza. Seu nome de batismo exerce um fascínio irresistível. A simplicidade do seu caráter o torna extraordinariamente incompreensível para mim. Seu endereço na cidade eu já tenho. Qual é seu endereço no campo?

jack Mansão senhorial, Woolton, Hertfordshire.

Algernon, que estava ouvindo atentamente, sorri consigo e toma nota do endereço no punho da camisa. Depois, pega o guia das linhas de trem.

gwendolen Há um bom serviço de correio lá, suponho. Pode ser necessário tomar uma medida desesperada. Isso obviamente vai exigir séria reflexão. Eu me comunicarei com você diariamente.

jack Minha adorada!

gwendolen Até quando você fica na cidade?

jack Até segunda-feira.

gwendolen Ótimo! Algy, você pode se virar agora.

algernon Obrigado, já me virei.

gwendolen Você pode também tocar o sino.

jack Você me permite acompanhá-la até a carruagem, minha querida?

gwendolen Certamente.

jack *(para Lane, que acaba de entrar)* Vou acompanhar a senhorita Fairfax até lá fora.

lane Sim, senhor.

Jack e Gwendolen saem.

Lane entrega numa bandeja algumas cartas a Algernon. Infere-se que sejam contas, pois Algernon, tão logo examina os envelopes, rasga-as.

algernon Uma taça de xerez, Lane.

lane Pois não, senhor.

algernon Amanhã, Lane, vou bunburiar.

lane Sim, senhor.

algernon Provavelmente só volto na segunda-feira. Pode separar minhas roupas formais, meu paletó de fumar³¹ e todos os ternos de bunburiar...

lane Sim, senhor. *(entregando o xerez)*

algernon Espero que amanhã seja um belo dia. Acha que vai ser, Lane?

lane Nunca é, senhor.

algernon Lane, você é um perfeito pessimista.

lane Faço o que posso para agradar, senhor.

Entra Jack. Lane sai.

jack Isso, sim, é uma moça sensata e inteligente! A única de quem já gostei na minha vida. *(Algernon está rindo desbragadamente)* Do que é que está achando tanta graça?

algernon Ah, estou um pouco ansioso por causa do pobre Bunbury, só isso.

jack Se não tomar cuidado, um dia seu amigo Bunbury ainda vai fazer
você se meter numa séria enrascada.
algernon Adoro enrascadas. São as únicas coisas no mundo que nunca
são sérias.
jack Isso é um disparate, Algy. Você só diz bobagem.
algernon Todo mundo só diz bobagem.

*Jack olha indignado para ele e sai da sala. Algernon acende um cigarro, lê
o que escreveu no punho da camisa e sorri.*³²

fim do primeiro ato.

Segundo ato

cena

Jardim da casa senhorial. Uma escada de pedra cinza conduz à porta de entrada da casa. O jardim, de estilo antigo, é cheio de roseiras. Época do ano: julho. Cadeiras de vime e uma mesa coberta de livros estão dispostas ao pé de um grande teixo.

A srta. Prism encontra-se sentada à mesa. Cecily está atrás, regando plantas.

srta. prism (*chamando*) Cecily, Cecily! Decerto uma tarefa tão utilitária quanto regar as plantas é dever de Moulton e não seu, não acha? Principalmente quando tem à sua espera prazeres intelectuais. Sua gramática alemã está em cima da mesa. Faça o favor de abrir na página quinze. Vamos repetir a lição de ontem.

cecily (*aproximando-se bem devagar*) Mas não gosto de alemão. É uma língua que não fica nada bem. Tenho certeza de que fico horrorosa depois das lições de alemão.

srta. prism Meu bem, você sabe o quanto seu tutor anseia que você se aperfeiçoe de todas as maneiras possíveis. E ele enfatizou especificamente o alemão quando estava de partida para a cidade ontem. Aliás, ele sempre enfatiza o alemão quando está de partida para a cidade.¹

cecily Tio Jack é sempre muito sério! Às vezes ele é tão sério que chego a pensar que não pode estar muito bem de saúde.

srta. prism (*empertigando-se*) Seu tutor goza de excelente saúde, e a gravidade da conduta dele é particularmente louvável em alguém relativamente tão jovem. Não conheço ninguém que tenha um senso de dever e de responsabilidade mais elevado do que ele.

cecily Suponho que seja por isso que ele muitas vezes parece um pouco entediado quando nós três estamos juntos.

srta. prism Cecily! Estou surpresa com você. O senhor Worthing tem muitas preocupações na vida. Gracejos e frivolidades não combinam com alguém como ele. Você precisa se lembrar da angústia constante que ele sente por causa daquele lastimável rapaz, o irmão dele.

cecily Gostaria muito que tio Jack permitisse que aquele lastimável rapaz, o irmão dele, viesse aqui de vez em quando. Poderíamos exercer uma boa influência sobre ele, senhorita Prism. A senhorita, pelo menos, tenho certeza de que exerceria. Sabe alemão e geologia, e coisas desse tipo influenciam muito um homem. (*Cecily começa a escrever em seu diário*)

srta. prism (*balançando a cabeça*) Creio que nem eu poderia produzir qualquer efeito sobre um rapaz que, segundo o próprio irmão admitiu, tem um caráter irremediavelmente fraco e vacilante. Na verdade, nem sei se gostaria de regenerá-lo. Não sou a favor dessa mania moderna de transformar pessoas ruins em boas de uma hora para a outra. O que o homem semear, isso colherá.² Você precisa guardar esse diário, Cecily. Aliás, não consigo entender por que escreve um diário.

cecily Escrevo um diário para registrar os maravilhosos segredos da minha vida. Se não os registrasse, provavelmente os esqueceria por completo.

srta. prism A memória, minha querida Cecily, é o diário que todos carregamos conosco.

cecily Sim, mas ela em geral narra coisas que nunca aconteceram e jamais poderiam ter acontecido. Acredito que a memória seja responsável por quase todos os romances em três volumes que a Mudie³ nos envia.

srta. prism Não menospreze os romances em três volumes, Cecily. Eu mesma escrevi um na minha juventude.

cecily É mesmo, senhorita Prism? Nossa, a senhorita é tão inteligente! Espero que seu romance não tenha um final feliz. Não gosto de romances com finais felizes. Eles me deixam muito deprimida.

srta. prism Os bons acabavam bem e os maus acabavam mal. É este o sentido da ficção.

cecily Suponho que sim. Mas parece muito injusto. E o romance foi publicado?

srta. prism Infelizmente, não. O manuscrito foi abandonado. (*Cecily se sobressalta*) Eu usei a palavra no sentido de perdido, extraviado. Agora vamos às lições, minha querida, divagações não nos levam a nada.

cecily (*sorrindo*) Mas estou vendo o doutor Chasuble vindo ali pelo jardim.

srta. prism (*levantando-se e avançando*) Doutor Chasuble! Que grande prazer!

Entra o cônego Chasuble.

chasuble E como estamos esta manhã? Senhorita Prism, a senhorita vai bem, não vai?

cecily A senhorita Prism estava agora mesmo se queixando de uma leve dor de cabeça. Acho que faria muito bem a ela caminhar um pouco com o senhor pelo parque, doutor Chasuble.

srta. prism Cecily, não me queixei de dor de cabeça nenhuma.

cecily Sei que não, senhorita Prism, mas senti instintivamente que a

senhorita estava com dor de cabeça. Na verdade, estava pensando justamente sobre isso, e não sobre minha lição de alemão, quando o reverendo chegou.

chasuble Você não é uma aluna desatenta, eu espero, Cecily.

cecily Ah, infelizmente acho que sou.

chasuble Isso é estranho. Se tivesse a sorte de ser aluno da senhorita Prism, eu sorveria todo o néctar que lhe sai dos lábios. (*a srta. Prism arregala os olhos*) Falo no sentido metafórico... Minha metáfora foi inspirada nas abelhas. Hu-hum! (*pigarreia*) O senhor Worthing ainda não voltou da cidade, suponho.

srta. prism Não, ele só deve voltar na segunda-feira à tarde.

chasuble Ah, sim, claro, ele gosta de passar os domingos em Londres. Não é um daqueles jovens cujo único objetivo na vida é a diversão, como, ao que tudo indica, parece ser aquele lastimável rapaz, o irmão dele. Mas não quero mais interromper o trabalho de Egéria e sua pupila.

srta. prism Egéria? Meu nome é Laetitia,⁴ doutor.

chasuble (*inclinando a cabeça*) Foi apenas uma alusão clássica, inspirada nos autores pagãos. Imagino que tornarei a ver as duas na missa da tarde, não?

srta. prism Eu acho, meu caro doutor, que vou caminhar um pouco com o senhor. Sinto que estou com um pouco de dor de cabeça, afinal, e andar poderá me fazer bem.

chasuble Com prazer, senhorita Prism, com prazer. Podemos ir até a escola e voltar.

srta. prism Seria maravilhoso, doutor. Cecily, durante minha ausência, quero que você leia sua lição de economia política. Pode pular o capítulo sobre a queda da rupia. É sensacionalista demais.⁵ Até mesmo esses problemas monetários têm seu lado melodramático.

Sai caminhando pelo jardim com o dr. Chasuble.

cecily (*pega os livros e os joga de volta na mesa*) Odeio economia política! Odeio geografia! Odeio, odeio e odeio alemão!

Entra Merriman com um cartão de visita numa bandeja.

merriman O senhor Prudente Worthing acaba de chegar num coche, vindo da estação.⁶ E veio trazendo bagagem.

cecily (*pega o cartão e lê*) “Senhor Prudente Worthing, The Albany, b4.” O irmão de tio Jack! Você disse a ele que o senhor Worthing está na cidade?

merriman Disse, sim, senhorita. Ele pareceu ficar muito decepcionado. Quando mencionei que a senhorita e a senhorita Prism estavam no

jardim, ele disse que gostaria muito de falar com a senhorita em particular por alguns instantes.

cecily Peça ao senhor Prudente Worthing que venha até aqui. Imagino que seja melhor pedir à arrumadeira que prepare um quarto para ele.

merriman Pois não, senhorita.

Merriman sai.

cecily Nunca conheci ninguém realmente mau antes. Estou um pouco nervosa. Tenho muito medo de que ele seja exatamente igual a todo mundo.

Entra Algernon, muito sorridente e afável.

cecily E ele é!⁷

algernon (*levantando o chapéu*) A senhorita é minha pequena prima Cecily, tenho certeza.

cecily O senhor é vítima de um estranho engano. Não sou pequena. Na verdade, acho que sou mais alta que o normal para a minha idade. (*Algernon fica desconcertado*) Mas sou sua prima Cecily. E o senhor, pelo que vi no cartão, é o irmão de tio Jack, meu primo Prudente, meu terrível primo Prudente.

algernon Ora! Não sou terrível de forma alguma, prima Cecily. A senhorita não deve pensar isso de mim.

cecily Se não é, então tem enganado todos nós de uma maneira absolutamente imperdoável. Espero que o senhor não venha levando uma vida dupla, fingindo ser mau, quando, na verdade, era bom o tempo todo. Seria hipocrisia.

algernon (*olha para ela com espanto*) Bem, claro que tenho sido bastante inconsequente.

cecily Fico feliz em saber.

algernon Na verdade, agora que a senhorita tocou no assunto, reconheço que tenho sido muito mau à minha modesta maneira.

cecily Não acho que o senhor deva ter tanto orgulho disso, embora tenha certeza de que deve ter sido muito agradável.

algernon É muito mais agradável estar aqui com a senhorita.

cecily Não consigo nem sequer entender por que o senhor está aqui. Tio Jack só vai voltar na segunda-feira à tarde.

algernon Isso é uma grande decepção. Terei de ir embora na segunda-feira logo no primeiro trem da manhã. Tenho um compromisso de negócios ao qual estou ansioso para... faltar!

cecily E o senhor não pode faltar a esse compromisso em nenhum outro lugar a não ser em Londres?

algernon Não. O compromisso é em Londres.

cecily Bem, eu sei, claro, como é importante não comparecer a um compromisso de negócios quando se quer conservar algum senso da beleza da vida, mas continuo achando que seria melhor o senhor esperar tio Jack voltar. Sei que ele quer conversar com o senhor sobre a sua emigração.⁸

algernon Minha o quê?

cecily Sua emigração. Ele foi à cidade comprar roupas para o senhor levar na viagem.

algernon Eu jamais deixaria que Jack comprasse roupas para mim. Ele não tem o menor gosto para escolher gravatas.

cecily Não creio que o senhor vá precisar de gravatas. Tio Jack vai mandá-lo para a Austrália.

algernon Austrália! Antes a morte.

cecily Bem, quando estávamos jantando na quarta-feira, ele disse que o senhor teria de escolher entre este mundo, o além e a Austrália.

algernon Pois sim! As coisas que ouço dizer a respeito da Austrália e do além não são particularmente animadoras. Este mundo é bom o bastante para mim, prima Cecily.

cecily Sim, mas será que o senhor é bom o bastante para ele?

algernon Na verdade, receio que não. É por isso que preciso que a senhorita me regenere. A senhorita pode fazer disso sua missão se quiser, prima Cecily.

cecily Infelizmente, estou sem tempo esta tarde.

algernon Bem, nesse caso, a senhorita se importaria se eu mesmo me regenerasse esta tarde?

cecily É um projeto um pouco quixotesco da sua parte. Mas creio que deva tentar.

algernon Tentarei. Já estou até me sentindo melhor.

cecily O senhor parece um pouco pior.

algernon É porque estou com fome.

cecily Ah, que cabeça a minha. Devia ter lembrado que uma pessoa precisa fazer refeições regulares e saudáveis quando vai começar uma vida nova. O senhor não quer entrar?

algernon Obrigado. Antes, porém, será que a senhorita me daria uma flor para pôr na lapela? Nunca tenho apetite a menos que ponha uma flor na lapela primeiro.

cecily Uma maréchal niel?⁹ *(pega uma tesoura)*

algernon Não, prefiro uma rosa cor-de-rosa.

cecily Por quê? *(corta uma flor)*

algernon Porque a senhorita é como uma rosa cor-de-rosa, prima Cecily.

cecily Não creio que seja certo o senhor falar assim comigo. A senhorita Prism nunca diz coisas desse tipo para mim.

algernon Então a senhorita Prism só pode ser uma velhinha míope.
(*Cecily põe a rosa na lapela dele*) A senhorita é a moça mais bonita
que já vi.
cecily A senhorita Prism diz que a beleza é uma armadilha.
algernon Uma armadilha na qual todo homem sensato gostaria de ser
apanhado.
cecily Ah, não acho que eu iria gostar de apanhar um homem sensato.
Não saberia o que dizer para ele.

Entram na casa. A srta. Prism e o dr. Chasuble retornam.

srta. prism O senhor é muito solitário, meu caro doutor Chasuble.
Deveria se casar. Um misantropo eu posso entender; um
mulhertropo, nunca!
chasuble (*com um estremecimento de erudito escandalizado*) Acredite,
não mereço tal neologismo. O preceito e a prática da Igreja
primitiva eram claramente contrários ao matrimônio.
srta. prism (*taxativa*) O que é obviamente a razão pela qual a Igreja
primitiva não sobreviveu até os nossos dias. E o senhor parece não
se dar conta, meu caro doutor, de que insistindo em permanecer
solteiro um homem se transforma numa permanente tentação
pública. Os homens deviam ser mais cuidadosos; é exatamente esse
celibato que faz com que almas mais fracas se desencaminhem.
chasuble Mas um homem não é igualmente atraente quando casado?
srta. prism Nenhum homem casado é atraente a não ser para a própria
esposa.
chasuble E muitas vezes nem mesmo para ela, já me disseram.
srta. prism Isso depende das afinidades intelectuais da mulher. A
maturidade é sempre digna de confiança. As mulheres maduras são
confiáveis. As jovens são verdes. (*o dr. Chasuble tem um sobressalto*)
Falei no sentido horticultural. Minha metáfora foi inspirada nas
frutas. Mas onde estará Cecily?
chasuble Talvez tenha ido à nossa procura.

*Entra Jack, lentamente, vindo do fundo do jardim. Está de luto fechado,
com fita preta no chapéu e luvas negras.*¹⁰

srta. prism Senhor Worthing!
chasuble Senhor Worthing?
srta. prism Que surpresa. Pensávamos que só o teríamos de volta na
segunda-feira à tarde.
jack (*aperta a mão da srta. Prism de maneira trágica*) Voltei mais cedo
do que esperava. Doutor Chasuble, o senhor está bem, espero.
chasuble Meu caro senhor Worthing, espero que esse triste traje não

seja sinal de nenhuma terrível desgraça?
jack Meu irmão.
srta. prism Mais extravagâncias e dívidas vergonhosas?
chasuble Ainda levando uma vida de prazeres?
jack (*balançando a cabeça*) Morto!
chasuble Seu irmão Prudente, morto?
jack Completamente morto.
srta. prism Que lição para ele, não? Espero que aprenda com ela.
chasuble Senhor Worthing, eu lhe ofereço meus sinceros pêsames.
Pelo menos o senhor tem o consolo de saber que foi sempre o mais generoso e compassivo dos irmãos.
jack Pobre Prudente! Ele tinha muitos defeitos, mas é um triste, triste revés.¹¹
chasuble Muito triste de fato. O senhor estava com ele quando aconteceu?
jack Não, ele morreu no exterior; em Paris, na verdade. Recebi ontem à noite um telegrama do gerente do Grand Hotel.
chasuble Mencionava a causa da morte?
jack Uma gripe forte, parece.
srta. prism O que o homem semear, isso colherá.
chasuble (*erguendo a mão*) Caridade, senhorita Prism, caridade! Nenhum de nós é perfeito. Eu mesmo tenho uma estranha suscetibilidade a resfriados. O sepultamento será realizado aqui?
jack Não. Parece que expressou o desejo de ser enterrado em Paris.
chasuble Em Paris! (*balança a cabeça*) Receio que seja sinal de que nem em seus últimos momentos ele teve uma postura séria. O senhor sem dúvida deseja que eu faça uma leve alusão a esse trágico revés familiar no próximo domingo, não? (*Jack aperta a mão dele descontroladamente*) Meu sermão acerca do significado do maná no deserto¹² pode ser adaptado a quase todo tipo de ocasião, seja alegre ou triste, como no presente caso. (*todos suspiram*) Já preguei esse sermão em festas da colheita, batizados, crismas, em dias de contrição e dias de celebração. A última vez em que o preguei foi na catedral, numa cerimônia beneficente em prol da Sociedade pela Prevenção da Insatisfação entre as Classes Dominantes. O bispo, que estava presente, ficou muito impressionado com algumas das analogias que tracei.
jack Ah! Isso me faz lembrar... o senhor mencionou batizados, não mencionou, doutor Chasuble? Suponho, então, que saiba batizar direitinho? (*o dr. Chasuble fica atônito*) Quer dizer, é claro que o senhor celebra batizados a toda hora, não é?
srta. prism Celebrar batizados, lamento dizer, é uma das tarefas mais constantes do reverendo nesta paróquia. Já falei inúmeras vezes sobre esse assunto com as classes mais pobres, mas eles parecem

não saber o que é parcimônia.
chasuble Mas o senhor está interessado em algum bebê em particular, senhor Worthing? Seu irmão, creio, era solteiro, não era?
jack Ah, sim, era.
srta. prism (*com amargura*) Os que vivem inteiramente para o prazer em geral são.
jack Mas não é para uma criança, meu caro doutor. Gosto muito de crianças. Não! A verdade é que sou eu mesmo que gostaria de ser batizado, esta tarde, se o senhor não tiver nada melhor a fazer.
chasuble Mas o senhor com certeza já foi batizado, não, senhor Worthing?
jack Se fui, não me lembro de nada.
chasuble Mas o senhor tem alguma dúvida séria a esse respeito?
jack Certamente pretendo ter. Claro que não sei se isso incomodaria o senhor de alguma forma, ou se acha que já estou velho demais.
chasuble Não, não, de forma alguma. A aspersão, ou até mesmo a imersão, de pessoas adultas é uma prática perfeitamente canônica.
jack Imersão!
chasuble O senhor não precisa se preocupar. Aspergir já é o bastante e, aliás, é também, creio, o mais recomendável. Nosso clima é tão instável. A que horas o senhor gostaria que a cerimônia se realizasse?
jack Ah, eu poderia passar por lá por volta das cinco, se o horário estiver bom para o senhor.
chasuble Está ótimo, ótimo! Na verdade, tenho duas cerimônias semelhantes para celebrar nesse horário. Um caso de gêmeos que ocorreu recentemente aqui mesmo, nas suas terras, numa das cabanas mais afastadas. O pai é Jenkins, o carroceiro, coitado. Um homem muito trabalhador.
jack Ah, não vejo muita graça em ser batizado junto com outros bebês. Seria infantil. Cinco e meia estaria bom para o senhor?
chasuble Excelente, excelente! (*tira o relógio do bolso*) E agora, meu caro senhor Worthing, não vou mais impor minha presença numa casa que está de luto. Só gostaria de rogar ao senhor que não se deixe abater demais pela tristeza. O que nos parecem amargas provações muitas vezes são bênçãos disfarçadas.
srta. prism Essa me parece uma bênção de extrema obviedade.

Entra Cecily, vindo de dentro da casa.

cecily Tio Jack! Que bom que o senhor voltou! Mas que roupas horrorosas está usando. Entre e vá trocá-las agora mesmo.
srta. prism Cecily!
chasuble Minha filha! Minha filha.

Cecily vai até Jack; ele beija sua testa de maneira melancólica.

cecily O que há com o senhor, tio Jack? Alegre-se, por favor. Parece que está com dor de dente, e eu tenho uma grande surpresa para o senhor. Adivinhe quem está na sala de jantar? Seu irmão!

jack Quem?

cecily Seu irmão Prudente. Ele chegou há cerca de meia hora.

jack Isso é absurdo! Não tenho irmão.

cecily Ah, não diga isso. Por pior que possa ter sido o comportamento dele com o senhor no passado, ele ainda é seu irmão. O senhor não pode ser tão desalmado a ponto de renegá-lo. Vou dizer a ele para vir até aqui. E o senhor vai apertar a mão dele, não vai, tio Jack?
(corre de volta para a casa)

chasuble Que ótima notícia!

srta. prism Depois que todos nós já estávamos resignados com sua perda, o retorno súbito desse rapaz me parece estranhamente perturbador.

jack Meu irmão está na sala de jantar? Não sei o que isso significa. Acho tudo isso inteiramente absurdo.

*Entram Algernon e Cecily de mãos dadas. Caminham lentamente até Jack.*¹³

jack Santo Deus! *(faz sinal para que Algernon se afaste)*

algernon John, meu irmão, vim da cidade para lhe dizer que lamento muito todos os problemas que lhe causei e que pretendo levar uma vida melhor daqui para a frente. *(Jack crava nele um olhar furioso e não aceita a mão que ele lhe estende)*

cecily Tio Jack, o senhor não vai se recusar a apertar a mão do seu próprio irmão, vai?

jack Nada poderá me induzir a apertar a mão dele. Acho deplorável que tenha vindo até aqui. Ele sabe muito bem por quê.

cecily Tio Jack, não seja malvado. Todo mundo tem um lado bom. Prudente estava agora mesmo me contando que faz visitas frequentes a um amigo inválido, o pobre senhor Bunbury. E alguém que é gentil com um inválido e que deixa os prazeres de Londres para sentar-se ao pé da cama de uma pessoa que sofre com certeza tem muita bondade no coração.

jack Ah, ele estava falando sobre Bunbury, é?

cecily Estava, sim. Ele me contou tudo sobre o pobre senhor Bunbury e o estado de saúde lastimável em que se encontra.

jack Bunbury! Pois bem, não permito que ele fale com você sobre Bunbury nem sobre nenhum outro assunto. Isso é mais que

suficiente para fazer qualquer um perder a cabeça.
algeron Eu admito, claro, que as falhas foram todas da minha parte, mas devo dizer que acho a frieza de meu irmão para comigo dolorosa ao extremo. Esperava uma recepção mais calorosa, principalmente considerando que é a primeira vez que venho aqui.
cecily Tio Jack, se o senhor não apertar a mão de Prudente, não vou perdoá-lo nunca.

jack Não vai me perdoar nunca?

cecily Nunca, nunca, nunca!

jack Bem, essa vai ser a última vez que faço isso. (*aperta a mão de Algeron e encara-o com olhar feroz*)

chasuble Que prazer é testemunhar uma reconciliação tão perfeita, não é mesmo? Acho que podemos deixar os dois irmãos a sós agora.

srt. prism Cecily, você vem conosco.

cecily Certamente, senhorita Prism. Minha pequena tarefa de reconciliação está terminada.

chasuble Você está de parabéns, minha querida, pela boa ação que praticou hoje.

srt. prism Não devemos ser precipitados nos nossos julgamentos.

cecily Eu me sinto muito feliz.

Saem todos, menos Jack e Algeron.

jack Algy, seu bandido, você tem de ir embora daqui o mais rápido possível. Não admito bunburismos de espécie alguma nesta casa.

Entra Merriman.

merriman Coloquei os pertences do senhor Prudente no quarto ao lado do seu, senhor. Posso confiar que está bem assim?

jack O quê?

merriman A bagagem do senhor Prudente, senhor. Desfiz as malas e guardei os pertences dele no quarto ao lado do seu.

jack A bagagem dele?

merriman Sim, senhor. Três malas, uma nécessaire, duas caixas de chapéu e um cesto grande de piquenique.

algeron Infelizmente, só poderei ficar aqui uma semana desta vez.

jack Merriman, mande vir o cabriolé agora. O senhor Prudente foi chamado subitamente de volta à cidade.

merriman Pois não, senhor. (*volta para dentro da casa*)

algeron Você é um grandessíssimo mentiroso, Jack. Não fui chamado de volta à cidade coisa nenhuma.

jack Foi, sim, senhor.

algeron Não ouvi ninguém me chamar.

jack Seu dever como cavalheiro o chama.

algernon Meu dever como cavalheiro nunca atrapalhou nem um pouco meus prazeres.

jack Isso eu posso imaginar.

algernon Bem, Cecily é um encanto.

jack Não admito que você fale da senhorita Cardew dessa forma. Não gosto disso.

algernon E eu não gosto dessa sua roupa. Você está absolutamente ridículo vestido desse jeito. Por que não vai lá dentro se trocar? É muito infantil ficar de luto fechado por um homem que na verdade vai passar uma semana inteira na sua casa como hóspede. Isso para mim é grotesco.

jack Você certamente não vai passar uma semana inteira na minha casa nem como hóspede nem como coisa nenhuma. Você tem de ir embora... no trem das quatro e cinco.

algernon Certamente não vou embora enquanto você estiver de luto. Um amigo não faria isso. Se eu estivesse de luto, você ficaria ao meu lado, imagino. Eu acharia muita falta de consideração sua se não ficasse.

jack Bem, você vai embora se eu trocar de roupa?

algernon Vou, se você não demorar demais. Nunca vi ninguém demorar tanto a se vestir e, ainda por cima, com tão pouco resultado.

jack Antes isso do que estar sempre embonecado que nem você.

algernon Se me emboneco um pouco às vezes, compenso isso sendo sempre extremamente sofisticado.

jack Sua vaidade é ridícula, sua conduta é ultrajante e sua presença no meu jardim é inteiramente absurda. Contudo, você vai ter de pegar o trem das quatro e cinco, e eu espero que faça muito boa viagem de volta à cidade. Desta vez sua bunburiação, como você diz, não foi bem-sucedida.

Entra na casa.

algernon Pois eu acho que foi bem-sucedida. Estou apaixonado por Cecily e isso é tudo.

Entra Cecily no fundo do jardim. Pega o regador e começa a molhar as plantas.

algernon Mas eu preciso vê-la antes de partir e preparar o terreno para outra bunburiação. Ah, lá está ela.

cecily Ah, só voltei para regar as roseiras. Pensei que o senhor estivesse com tio Jack.

algernon Ele foi chamar o cabriolé para mim.

cecily Ah, ele vai levar você para dar um passeio?

algernon Ele vai me mandar embora.

cecily Então temos de nos despedir?

algernon Receio que sim. É uma despedida muito dolorosa.

cecily É sempre doloroso se despedir de alguém que conhecemos há muito pouco tempo. Conseguimos tolerar com serenidade a ausência de velhos amigos. Mas uma separação mesmo que passageira de alguém a quem acabamos de ser apresentados é quase insuportável.

algernon Obrigado.

Entra Merriman.

merriman O cabriolé está na porta, senhor.

Algernon olha para Cecily com ar súplice.

cecily Diga a ele para esperar, Merriman... uns... cinco minutos.

merriman Sim, senhorita.

Sai Merriman.

algernon Espero não ofendê-la, Cecily, se declarar muito franca e abertamente que você, para mim, parece ser sob todos os aspectos a mais clara personificação da perfeição absoluta.

cecily Acho sua franqueza muito louvável, Prudente. Se me permitir, vou copiar suas observações no meu diário. *(vai até a mesa e começa a escrever no diário)*

algernon Você escreve mesmo um diário? Eu daria qualquer coisa para ver o que há nele. Posso?

cecily Ah, não. *(põe a mão em cima do diário)* Sabe, nele há apenas pensamentos e impressões de uma moça muito jovem registrados por ela própria e, conseqüentemente, destinados à publicação. Quando sair em forma de livro, espero que encomende um exemplar. Mas continue, por favor, Prudente. Adoro que ditem para mim. Já cheguei a “perfeição absoluta”. Pode continuar. Estou pronta para a próxima frase.

algernon *(um pouco desconcertado)* Hu-hum! Hu-hum!

cecily Ah, não tussa, Prudente. Quando uma pessoa está ditando deve falar de forma clara e sem tossir. Além do mais, não sei soletrar uma tosse. *(escreve enquanto Algernon fala)*

algernon *(falando com muita rapidez)* Cecily, desde que me vi diante de sua sublime e incomparável beleza, eu me atrevi a amar você com paixão, loucura, devoção e desespero.

cecily Não acho que você deva dizer que me ama com paixão, loucura, devoção e desespero. Desespero não parece fazer muito sentido, parece?
algeron Cecily.

Entra Merriman.

merriman O cabriolé está esperando, senhor.
algeron Diga a ele para voltar na semana que vem, à mesma hora.
merriman *(olha para Cecily, que não faz sinal algum)* Sim, senhor.

Merriman se retira.

cecily Tio Jack ficaria muito zangado se soubesse que você pretende ficar aqui até a semana que vem, nesse horário.

algeron Ah, não me importo com Jack. Não me importo com ninguém no mundo a não ser com você. Eu amo você, Cecily. Vai se casar comigo, não vai?

cecily Seu bobinho! Claro que vou. Afinal, já estamos noivos há três meses.

algeron Três meses?

cecily Sim, vai completar três meses exatos na quinta-feira.

algeron Mas como foi que ficamos noivos?

cecily Bem, desde que tio Jack nos confessou que tinha um irmão mais novo muito mau e terrível, você obviamente se tornou o principal assunto das conversas entre mim e a senhorita Prism. E claro que um homem que é muito falado é sempre muito atraente. Achamos que tem de haver alguma coisa nele, afinal. Admito que foi tolice minha, mas me apaixonei por você, Prudente.

algeron Minha querida! E quando o noivado foi de fato firmado?

cecily No dia 14 de fevereiro último. Desconsolada com o fato de você ignorar por completo minha existência, decidi pôr fim à questão de uma forma ou de outra, e, depois de uma longa luta comigo mesma, aceitei o seu pedido debaixo desta velha árvore de que gosto tanto. No dia seguinte, comprei em seu nome este anelzinho. E esta aqui é a pulseirinha com o nó do verdadeiro amor que prometi a você que usaria sempre.

algeron Eu lhe dei isso? É muito bonito, não é?

cecily Sim, você tem muito bom gosto, Prudente. É a desculpa que sempre dei para o fato de você levar uma vida tão condenável. E esta é a caixa em que guardo todas as suas cartas. *(ajoelha-se diante da mesa, abre a caixa e tira de dentro dela um maço de cartas amarrado com fita azul)*

algeron Minhas cartas! Mas, minha doce Cecily, nunca lhe escrevi

carta alguma.

cecily Você não precisa me lembrar disso, Prudente. Eu me lembro perfeitamente que fui forçada a escrever suas cartas por você.

Escrevia três vezes por semana, às vezes mais.

algernon Ah, você me deixaria ler essas cartas, Cecily?

cecily Ah, não, nem pensar. Elas fariam você ficar convencido demais.

(*guarda a caixa*) As três cartas que você me escreveu depois que rompi nosso noivado são tão lindas, e estão tão cheias de erros de ortografia, que até hoje não consigo relê-las sem chorar um pouquinho.

algernon Mas nosso noivado foi rompido?

cecily Claro que foi. No dia 22 de março último. Você pode ver o registro se quiser. (*mostra o diário*) “Hoje rompi meu noivado com Prudente. Achei que era melhor assim. Continua fazendo um tempo lindo.”

algernon Mas por que você rompeu nosso noivado? O que foi que eu fiz? Não fiz nada! Cecily, estou muito magoado em saber que você rompeu nosso noivado. Principalmente quando estava fazendo um tempo tão lindo.

cecily Não seria um noivado realmente sério se não tivesse sido rompido pelo menos uma vez. Mas perdoei você antes do final da semana.

algernon (*indo até ela e se ajoelhando*) Você é um verdadeiro anjo, Cecily.

cecily Seu bobinho romântico. (*ele a beija; ela passa os dedos nos cabelos dele*) Espero que seu cabelo cacheie naturalmente.

algernon Cacheia, sim, minha querida, com um pouquinho de ajuda.

cecily Que bom.

algernon Você nunca mais vai romper nosso noivado, vai, Cecily?

cecily Acho que não conseguiria agora que de fato conheci você. Além do mais, há a questão do seu nome, claro.

algernon Sim, claro. (*nervoso*)

cecily Não ria de mim, meu querido, mas desde menina tenho o sonho de amar alguém chamado Prudente. (*Algernon se levanta, Cecily também*) Há alguma coisa nesse nome que parece inspirar uma confiança absoluta. Tenho pena de toda mulher casada cujo marido não se chama Prudente.

algernon Mas, meu anjo, você não quer dizer que não poderia me amar se eu tivesse outro nome, quer?

cecily Mas que nome?

algernon Ah, qualquer nome... Algernon, por exemplo...

cecily Mas não gosto do nome Algernon.

algernon Ora, minha querida, meu anjo, meu docinho, realmente não consigo entender que razão você poderia ter para se opor ao nome

Algernon. Não é um nome ruim de modo algum. Na verdade, é um nome até bastante aristocrático. Metade dos sujeitos que vão parar no Tribunal de Falências se chamam Algernon. Mas, falando sério, Cecily... (*indo até ela*) se meu nome fosse Algy, você não poderia me amar?

cecily (*levantando-se*) Eu poderia respeitar você, Prudente, e poderia admirar seu caráter, mas receio que não conseguiria lhe dedicar toda a minha atenção.

algernon Hu-hum! Cecily! (*pegando o chapéu*) O reverendo aqui da paróquia de vocês sabe celebrar direitinho, imagino, todos os ritos e cerimônias da Igreja, não sabe?

cecily Ah, sim. O doutor Chasuble é um homem extremamente culto. Ele nunca escreveu nem um livro sequer, então você pode imaginar quanta coisa ele sabe.

algernon Tenho de falar com ele agora mesmo a respeito de um batizado de extrema importância... quer dizer, de um assunto de extrema importância.

cecily Tem?

algernon Não devo demorar mais que meia hora.

cecily Considerando que estamos noivos desde o dia 14 de fevereiro e que só hoje eu o vi pela primeira vez, acho bastante cruel que tenha de me deixar por um período tão longo quanto meia hora. Você não poderia demorar só vinte minutos?

algernon Volto num instante. (*beija-a e sai às pressas jardim afora*)

cecily Que rapaz mais impetuoso! Gosto tanto do cabelo dele. Preciso tomar nota do pedido no meu diário.

Entra Merriman.

merriman Uma certa senhorita Fairfax acaba de chegar e deseja falar com o senhor Worthing. É a respeito de um assunto muito importante, segundo ela.

cecily O senhor Worthing não está na biblioteca?

merriman O senhor Worthing saiu alguns minutos atrás em direção à paróquia.

cecily Peça então a essa senhorita que venha aqui ao jardim. O senhor Worthing com certeza não vai demorar. E pode trazer o chá.

merriman Sim, senhorita.

Sai.

cecily Senhorita Fairfax! Imagino que seja uma das muitas boas anciãs que colaboram com tio Jack em algum dos trabalhos filantrópicos que ele faz em Londres. Não gosto muito de mulheres que se

interessam por trabalhos filantrópicos. Acho muito atrevimento delas.

Entra Merriman.

merriman Senhorita Fairfax.

Entra Gwendolen. Sai Merriman.

cecily (*indo ao encontro dela*) Permita que me apresente. Meu nome é Cecily Cardew.

gwendolen Cecily Cardew? (*andando até ela e apertando-lhe a mão*) Que nome gracioso! Algo me diz que vamos ser grandes amigas. Já gosto imensamente de você. A primeira impressão que tenho das pessoas não falha nunca.

cecily Que amável da sua parte gostar tanto de mim quando nos conhecemos há relativamente tão pouco tempo. Por favor, sente-se.

gwendolen (*ainda de pé*) Posso chamá-la de Cecily, não posso?

cecily Com prazer!

gwendolen E você vai sempre me chamar de Gwendolen, não vai?

cecily Se for o seu desejo.

gwendolen Então está tudo resolvido, não está?

cecily Espero que sim. (*uma pausa. As duas se sentam lado a lado*)

gwendolen Talvez esta seja uma boa oportunidade para que eu mencione quem sou. Meu pai é lorde Bracknell. Você nunca ouviu falar de papai, imagino.

cecily Creio que não.

gwendolen Fora do círculo familiar, folgo em dizer, papai é inteiramente desconhecido. De minha parte, acho que é assim mesmo que deve ser. O lar me parece ser a esfera apropriada para o homem. É claro que, quando começa a descuidar de seus deveres domésticos, um homem se torna lamentavelmente efeminado, não é verdade? E eu não gosto disso. Faz os homens ficarem muito atraentes.¹⁴ Cecily, mamãe, que tem posições extremamente severas sobre educação, me criou para que eu fosse muitíssimo míope; faz parte do sistema dela; então, você se importaria se eu olhasse para você com o auxílio dos meus óculos?

cecily Não, de forma alguma, Gwendolen. Gosto muito de que olhem para mim.

gwendolen (*depois de examinar Cecily cuidadosamente com o auxílio de um lornhão*) Você está aqui para uma breve visita, suponho.

cecily Não! Eu moro aqui.

gwendolen (*séria*) É mesmo? Sua mãe, sem dúvida, ou alguma parente de idade avançada, também reside aqui?

cecily Não, não! Não tenho mãe nem parente algum, na verdade.

gwendolen Não diga!

cecily Meu querido tutor, com o auxílio da senhorita Prism, é quem tem a árdua tarefa de tomar conta de mim.

gwendolen Seu tutor?

cecily Sim, sou pupila¹⁵ do senhor Worthing.

gwendolen Ah, é? Estranho ele nunca ter comentado comigo que tinha uma pupila. Não sabia que ele guardava segredos. Ele fica mais interessante a cada hora que passa. Contudo, não tenho bem certeza se a notícia inspira em mim sentimentos puramente de alegria. *(levantando-se e indo até ela)* Eu a estimo muito, Cecily; gostei de você desde que a conheci! Mas devo dizer que, agora que sei que é pupila do senhor Worthing, não posso deixar de expressar um desejo de que você fosse... bem, só um pouco mais velha do que parece ser e também... que tivesse uma aparência um pouco menos deslumbrante. Na verdade, se posso falar com franqueza...

cecily Por favor, fale! Acho que, quando temos alguma coisa desagradável a dizer, devemos sempre ser muito francos.

gwendolen Bem, para falar com absoluta franqueza, Cecily, gostaria que você tivesse quarenta e dois anos completos e fosse particularmente feia para a sua idade. Prudente tem um caráter forte e íntegro. Ele é a própria encarnação da verdade e da honra. E seria tão incapaz de cometer uma deslealdade quanto de praticar uma impostura. Mas mesmo os homens que têm os princípios morais mais nobres possíveis são muito suscetíveis à influência dos encantos físicos de outras pessoas. A história moderna, assim como a antiga, nos oferece inúmeros exemplos extremamente lamentáveis disso a que estou me referindo. Aliás, se não fosse assim, ninguém aguentaria ler textos de história.

cecily Desculpe, Gwendolen, você disse Prudente?

gwendolen Sim, disse.

cecily Ah, mas não é o senhor Prudente Worthing que é meu tutor. É o irmão dele — o irmão mais velho dele.

gwendolen *(sentando-se de novo)* Prudente nunca comentou comigo que tinha um irmão.

cecily Infelizmente, as relações entre eles andam estremecidas faz muito tempo.

gwendolen Ah, isso explica tudo. Mas, pensando bem agora, acho que nunca ouvi homem algum mencionar que tinha um irmão. O assunto parece repugnar a maioria deles. Cecily, você tirou um peso da minha consciência. Já estava quase ficando angustiada. Teria sido terrível se uma nuvem viesse atrapalhar uma amizade como a nossa, não é verdade? Mas evidentemente você tem certeza absoluta de que seu tutor não é o senhor Prudente Worthing, não tem?

cecily Tenho, sim, certeza absoluta. *(uma pausa)* Na verdade, serei

dele.

gwendolen (*intrigada*) Como?

cecily (*um pouco encabulada e em tom confidencial*) Minha querida Gwendolen, não há nenhuma razão para esconder isso de você. Nosso jornalzinho do condado por certo vai noticiar o fato na semana que vem. O senhor Prudente Worthing e eu estamos noivos.

gwendolen (*educadamente, levantando-se*) Minha cara Cecily, acho que deve haver algum engano. O senhor Prudente Worthing está noivo de mim. O anúncio sairá no *Morning Post*¹⁶ no máximo até sábado.

cecily (*muito educadamente, levantando-se*) Receio que você seja vítima de algum mal-entendido. Prudente me pediu em casamento exatos dez minutos atrás. (*mostra o diário*)

gwendolen (*examina o diário cuidadosamente com seu lornhão*) É muito curioso, pois ele pediu minha mão ontem, às cinco e meia da tarde. Você pode verificar o ocorrido, se quiser. (*mostra seu próprio diário*) Nunca viajo sem meu diário. É sempre bom ter algo sensacionalista para ler no trem. Sinto muitíssimo, querida Cecily, se é uma decepção para você, mas creio que a precedência seja minha.

cecily Ficaria extremamente penalizada, querida Gwendolen, se isso lhe causasse algum sofrimento físico ou mental, mas me sinto na obrigação de observar que, desde que pediu a sua mão, Prudente claramente mudou de ideia.

gwendolen (*meditativa*) Se o pobrezinho foi levado a cair na armadilha de fazer alguma promessa insensata, considerarei meu dever resgatá-lo imediatamente, e com mão firme.

cecily (*triste e pensativa*) Qualquer que tenha sido a infeliz cilada em que meu benzinho possa ter se metido, jamais o recriminarei por isso depois que estivermos casados.

gwendolen A senhorita se refere a mim, senhorita Cardew, como uma cilada? É muita audácia sua. Numa ocasião como esta, dizer o que se pensa é mais que um dever moral. É um prazer.

cecily A senhorita sugere, senhorita Fairfax, que Prudente teria caído numa armadilha ao ficar noivo de mim? Como se atreve? Não é hora de usar a máscara frívola das boas maneiras. Não sou de rodeios. Dou nome aos bois.

gwendolen (*sarcástica*) Folgo em dizer que nunca dei nome a boi algum. Está claro que nossas esferas sociais são muitíssimo diferentes.

Entra Merriman, seguido do lacaio. Vem carregando uma bandeja, uma toalha de mesa e um suporte para prato. Cecily está prestes a retrucar. A presença dos criados exerce um efeito inibidor, sob o qual as duas moças se exasperam.

merriman Posso servir o chá como de costume, senhorita?

cecily (*carrancuda, mas com voz calma*) Sim, como de costume.

(*Merriman esvazia a mesa e estende a toalha. Uma longa pausa. Cecily e Gwendolen olham uma para outra com fúria*)

gwendolen Há muitos lugares interessantes para se fazer caminhadas na vizinhança, senhorita Cardew?

cecily Ah, sim, muitos! Do alto de uma das colinas aqui perto podem-se avistar cinco condados.

gwendolen Cinco condados! Tenho a impressão de que não iria gostar; detesto aglomerações.

cecily (*num tom doce*) Suponho que seja por isso que a senhorita mora na cidade, não é? (*Gwendolen morde o lábio e bate nervosamente com sua sombrinha no pé*)

gwendolen (*olhando ao redor*) Que jardim bem cuidado vocês têm aqui, senhorita Cardew.

cecily Que bom que a senhorita gostou, senhorita Fairfax.

gwendolen Não tinha ideia de que havia flores no campo.

cecily Ah, flores são tão comuns aqui, senhorita Fairfax, quanto pessoas são em Londres.

gwendolen Pessoalmente, não entendo como alguém consegue existir no campo, se é que alguém que é alguém consegue. O campo sempre me causa um tédio mortal.

cecily Ah! Isso é o que os jornais chamam de depressão agrícola,¹⁷ não é? Parece-me que a aristocracia anda sofrendo muito desse mal ultimamente. É quase uma epidemia entre os membros da classe, me disseram. Posso lhe oferecer um chá, senhorita Fairfax?

gwendolen (*com elaborada polidez*) Sim, obrigada. (*num aparte*) Garota detestável! Mas preciso de chá!

cecily (*doce*) Açúcar?

gwendolen (*pedante*) Não, obrigada. Açúcar saiu de moda. (*Cecily olha para ela com raiva, pega a pinça e bota quatro torrões de açúcar dentro da xícara*)

cecily (*séria*) Bolo ou pão com manteiga?

gwendolen (*com fastio*) Pão com manteiga, por favor. Hoje em dia, raramente se serve bolo nas melhores residências.

cecily (*corta uma fatia bem grande de bolo, põe num prato e bota o prato na bandeja*) Entregue para a senhorita Fairfax.

Merriman cumpre a ordem e sai junto com o lacaio. Gwendolen toma um gole de chá e faz uma careta. Pousa a xícara na mesma hora, estica a mão para pegar o pão com manteiga, olha para o prato e descobre que é bolo. Levanta-se indignada.

gwendolen A senhorita encheu o meu chá de açúcar e, embora eu

tenha pedido com muita clareza pão com manteiga, me deu bolo. Sou conhecida por minha gentileza no trato com as pessoas e pela extraordinária doçura de meu temperamento, mas aviso, senhorita Cardew, que pode estar passando do limite.

cecily (*levantando-se*) Para salvar meu pobre menino, tão inocente e ingênuo, das maquinações de qualquer outra moça, não há limite que eu não ultrapassaria.

gwendolen Assim que a vi, percebi que não podia confiar na senhorita.

Senti de imediato que era falsa e dissimulada. Nunca me engano. A primeira impressão que tenho das pessoas é invariavelmente certa.

cecily Tenho a impressão, senhorita Fairfax, de que estou tomando demais seu valioso tempo. Sem dúvida a senhorita tem muitas outras visitas de natureza semelhante para fazer na vizinhança.

Entra Jack.

gwendolen (*avistando-o*) Prudente! Meu querido Prudente!

jack Gwendolen! Meu amor! (*faz menção de beijá-la*)

gwendolen (*chegando para trás*) Um momento! Você poderia me dizer, por favor, se está noivo dessa moça? (*aponta para Cecily*)

jack (*rindo*) Da pequena Cecily? Claro que não! O que pode ter posto essa ideia na sua linda cabecinha?

gwendolen Obrigada. Pode me beijar agora. (*oferece a bochecha*)

cecily (*muito docemente*) Eu sabia que devia haver algum mal-entendido, senhorita Fairfax. O cavalheiro cujo braço está agora enlaçando a sua cintura é meu tutor, o senhor John Worthing.

gwendolen Como?

cecily Esse é o tio Jack.¹⁸

gwendolen (*recuando*) Jack! Oh!

Entra Algernon.

cecily Esse é Prudente.

algernon (*andando direto em direção a Cecily, sem ver mais ninguém*) Meu amor! (*faz menção de beijá-la*)

cecily (*chegando para trás*) Um momento, Prudente! Você poderia me dizer, por favor, se está noivo dessa moça?

algernon (*olhando ao redor*) Que moça? Santo Deus! Gwendolen!

cecily É, da Santo Deus, Gwendolen. Quer dizer, da Gwendolen.

algernon (*rindo*) Claro que não! O que poderia ter posto essa ideia na sua linda cabecinha?

cecily Obrigada. (*oferecendo a bochecha*) Pode me beijar agora. (*Algernon a beija*)

gwendolen Pressenti que havia algum engano, senhorita Cardew. O cavalheiro que a está abraçando neste momento é meu primo, o

senhor Algernon Moncrieff.

cecily (*desvencilhando-se de Algernon*) Algernon Moncrieff! Oh!

As duas moças andam na direção uma da outra e se abraçam pela cintura, como que para se sentirem protegidas.

cecily Você se chama Algernon?

algernon Não posso negar.

gwendolen Seu nome é mesmo John?

jack (*com certo orgulho*) Poderia negar se quisesse. Poderia negar qualquer coisa se quisesse. Mas meu nome certamente é John. É John há anos.

cecily (*a Gwendolen*) Uma impostura torpe foi praticada contra nós duas.

gwendolen Minha pobre e ferida Cecily!

cecily Minha doce e traída Gwendolen!

gwendolen (*lenta e gravemente*) Você vai me chamar de irmã, não vai?
19 (*elas se abraçam. Jack e Algernon gemem e andam de um lado para o outro*)

cecily (*com certa animação*) Gostaria de fazer uma única pergunta ao meu tutor.

gwendolen Excelente ideia! Senhor Worthing, gostaria de ter permissão de dirigir uma única pergunta ao senhor. Onde está seu irmão Prudente? Nós duas estamos noivas dele, então é uma questão de certa importância para nós saber onde se encontra no momento.

jack (*lenta e hesitantemente*) Gwendolen... Cecily... é muito doloroso para mim ser forçado a dizer a verdade. É a primeira vez na minha vida em que me vejo reduzido a uma posição dolorosa como esta, e realmente não tenho experiência alguma em semelhante coisa. No entanto, devo dizer a vocês com muita franqueza que não tenho nenhum irmão Prudente. Não tenho irmão nenhum, na verdade. Nunca tive irmão nenhum na minha vida e certamente não tenho a menor intenção de ter um no futuro.

cecily (*surpresa*) Não tem irmão nenhum?

jack (*alegre*) Nenhum!

gwendolen (*séria*) O senhor nunca teve irmão de espécie alguma?

jack (*com satisfação*) Nunca. Nem mesmo de espécie alguma.

gwendolen Receio que esteja bem claro, Cecily, que nenhuma de nós está noiva de ninguém.

cecily Não é muito agradável para uma moça se ver de repente nessa situação, não é?

gwendolen Vamos lá para dentro. Eles certamente não vão ter coragem de ir atrás de nós.

cecily Também acho. Os homens são muito covardes, não são?

Elas se dirigem para o interior da casa com expressões de desdém. 20

jack Essa situação deplorável é o que você chama de bunburiação, imagino?

algernon Exato. E, aliás, é uma bunburiação absolutamente fantástica.

A mais maravilhosa que já fiz na vida.

jack Pois fique sabendo que você não tem o direito de bunburiar aqui.

algernon Isso é absurdo. Uma pessoa tem o direito de bunburiar onde bem entender. Qualquer bunburista sério sabe disso.

jack Bunburista sério? Santo Deus!

algernon Bem, alguma coisa a gente tem que levar a sério, se quer se divertir na vida. Eu, por exemplo, levo a sério o bunburismo. Já o que você leva a sério não faço a menor ideia. Tudo, imagino. Você tem uma índole tão frívola.

jack Bom, a única satisfação que tive com esse negócio horroroso foi que seu amigo Bunbury foi pelos ares. Não vai mais poder fugir para o campo com a mesma frequência com que costumava, caro Algy. E isso é muito bom.

algernon Seu irmão está um pouco desfalecido, não está, caro Jack? Você não vai mais poder se mandar para Londres com a mesma constância desavergonhada de antes. E isso não é nada mau também.

jack Quanto à sua conduta com relação à senhorita Cardew, tenho de dizer que o fato de enganar uma menina doce, simples e inocente dessa forma é absolutamente imperdoável. Sem falar que ela é minha pupila.

algernon Não vejo desculpa possível para o fato de você ter ludibriado uma jovem brilhante, inteligente e muitíssimo experiente como a senhorita Fairfax. Sem falar que ela é minha prima.

jack Queria ficar noivo de Gwendolen, só isso. Eu a amo.

algernon Bem, queria apenas ficar noivo da Cecily. Eu a adoro.

jack Certamente não há a menor possibilidade de você se casar com a senhorita Cardew.

algernon Não acho que exista muita chance, Jack, de você e a senhorita Fairfax virem a se unir.

jack Bem, isso não é da sua alçada.

algernon Se fosse da minha alçada, não falaria disso. (*começa a comer muffins*) É muito vulgar uma pessoa falar da sua alçada. Só juízes de direito fazem isso e, mesmo assim, só em festas.

jack Como você pode ficar aí sentado, comendo muffins calmamente, quando estamos nessa enrascada horrível, sinceramente não consigo entender. Isso para mim é prova de que você é inteiramente insensível.

algernon Bem, não posso comer muffins de maneira agitada. Acabaria sujando meus punhos de manteiga. Sempre devemos comer muffins com muita calma. É a única maneira adequada de fazê-lo.

jack Eu quis dizer que o próprio fato de estar comendo muffins, nas circunstâncias em que nos encontramos, é demonstração de total insensibilidade.

algernon Quando estou numa enrascada, comer é a única coisa que me consola. Na verdade, quando estou numa enrascada realmente muito grande, como qualquer um que me conhece intimamente poderá lhe dizer, recuso tudo, menos comida e bebida. Estou comendo muffins agora porque estou infeliz. Além do mais, gosto muito de muffins. (*levanta-se*)

jack (*levantando-se*) Mas isso não é razão para você comer todos os muffins dessa maneira esganada. (*tira o prato de muffins de Algernon*)

algernon (*oferecendo torradas*) Preferia que você comesse torrada. Não gosto de torrada.

jack Santo Deus! Será possível que um homem não pode comer seus próprios muffins no seu próprio jardim?

algernon Mas você acabou de dizer que era uma demonstração de total insensibilidade comer muffins.

jack Eu disse que o fato de você estar comendo muffins, nas circunstâncias em que estamos, era uma demonstração de total insensibilidade. É muito diferente.

algernon Talvez seja, mas os muffins são os mesmos. (*tira o prato de muffins das mãos de Jack*)

jack Algy, gostaria enormemente que você fosse embora.

algernon Você não pode querer que eu vá embora antes de jantar. É absurdo. Nunca vou embora antes de jantar. Ninguém vai, a não ser vegetarianos e pessoas desse tipo. Além do mais, acabei de marcar meu batizado com o doutor Chasuble. Ele vai me batizar com o nome de Prudente às quinze para as seis.

jack Meu caro, quanto mais cedo você desistir dessa tolice, melhor vai ser para você. Eu marquei esta manhã meu batizado com o doutor Chasuble. Ele vai me batizar às cinco e meia, e, naturalmente, vou escolher o nome Prudente. Gwendolen gosta muito desse nome. E não podemos ser os dois batizados Prudente. Seria absurdo. Além do mais, tenho todo o direito de ser batizado se quiser. Não há absolutamente nenhum indício de que eu já tenha sido batizado por alguém um dia. Acho mesmo extremamente provável que nunca tenha sido, e o doutor Chasuble também acha. Já seu caso é completamente diferente. Você já foi batizado.

algernon Sim, mas faz anos que não sou batizado.

jack Sim, mas você já foi batizado, e é isso que importa.

algernon Exato, já fui batizado. Portanto, sei que meu organismo

resiste a isso. Se você não sabe ao certo se já foi batizado algum dia, devo dizer que acho bastante perigoso se arriscar a isso agora. Pode fazer muito mal à sua saúde. E você não pode esquecer que um parente muito próximo seu por muito pouco não faleceu esta semana em Paris, vítima de uma gripe forte.

jack Sim, mas você mesmo disse que uma gripe forte não é um mal hereditário.

algernon Não costumava ser, eu sei, mas acho bem provável que agora seja. A ciência vive fazendo melhorias incríveis nas coisas.

jack (*pegando o prato de muffins da mesa*) Isso é um disparate; você vive dizendo bobagem.

algernon Jack, você está atacando os muffins de novo! Preferia que não fizesse isso; só restam dois. (*pega os dois muffins*) Eu disse a você que gosto muito de muffins.

jack Mas eu detesto torrada.

algernon Então por que raios permite que sirvam torradas para os convidados? Que ideia você faz de hospitalidade!

jack Algernon! Já disse para você ir embora. Não quero você aqui. Por que é que não vai?

algernon Eu ainda não terminei meu chá! E resta um muffin. (*Jack geme e desaba numa cadeira. Algernon continua a comer*)²¹

fim do segundo ato.

Terceiro ato

cena

Sala de estar da casa senhorial.

Gwendolen e Cecily estão à janela, olhando para o jardim.

gwendolen O fato de não terem vindo imediatamente atrás de nós, como qualquer outra pessoa faria, me parece indicar que ainda lhes resta algum senso de decência.

cecily Eles estavam comendo muffins. Parece um sinal de arrependimento.

gwendolen *(depois de uma pausa)* Não parecem estar sequer nos vendo. Você não poderia tossir?

cecily Mas não estou com tosse.

gwendolen Eles estão olhando para nós. Que deslante!

cecily Estão vindo para cá. É muita audácia deles.

gwendolen Vamos manter um silêncio digno.

cecily Certamente. É a única coisa a fazer agora.

*Entra Jack seguido por Algernon. Os dois estão assobiando alguma medonha ária popular de uma ópera inglesa.*²

gwendolen Esse silêncio digno parece produzir um efeito bem desagradável.

cecily Um efeito absolutamente abominável.

gwendolen Mas não seremos as primeiras a falar.

cecily Certamente que não.

gwendolen Senhor Worthing, tenho algo muito importante a lhe perguntar. Muita coisa depende da sua resposta.

cecily Gwendolen, seu bom senso é inestimável. Senhor Moncrieff, tenha a gentileza de responder a seguinte pergunta: por que o senhor fingiu ser irmão do meu tutor?

algernon A fim de ter a oportunidade de conhecer a senhorita.

cecily *(para Gwendolen)* Essa realmente parece ser uma explicação satisfatória, não parece?

gwendolen Sim, parece, minha querida, se você consegue acreditar nele.

cecily Acreditar, não acredito. Mas isso não afeta a maravilhosa beleza da resposta que deu.

gwendolen É verdade. Em assuntos de grande importância, o estilo é vital, não a sinceridade. Senhor Worthing, que explicação pode me oferecer para o fato de haver fingido que tinha um irmão? Teria

sido a fim de ter a oportunidade de viajar para a cidade para me ver com a maior frequência possível?

jack A senhorita tem alguma dúvida a esse respeito, senhorita Fairfax?

3

gwendolen Tenho sérias dúvidas a respeito do assunto, mas pretendo soterrá-las. Não é o momento para ceticismo alemão.⁴(*indo para perto de Cecily*) As explicações dos dois parecem bastante satisfatórias, especialmente a do senhor Worthing, que me dá a impressão de ter o selo da autenticidade estampado nela.

cecily Estou mais que contente com o que o senhor Moncrieff disse. Só a voz dele já inspira confiança absoluta.

gwendolen Então você acha que devemos perdoá-los?

cecily Acho. Quer dizer, não, não acho.

gwendolen Tem razão! Tinha esquecido. Estão em jogo princípios dos quais não se pode abrir mão. Qual de nós duas irá informá-los? A tarefa não é agradável.

cecily Não poderíamos falar as duas ao mesmo tempo?

gwendolen Excelente ideia! Vivo falando ao mesmo tempo em que outras pessoas. Você segue meu compasso?

cecily Certamente. (*Gwendolen marca compasso com o dedo levantado*)

gwendolen e cecily (*falando juntas*) O nome de batismo de vocês ainda é um obstáculo intransponível. Isso é tudo!

jack e algernon (*falando juntos*) Nosso nome de batismo? Isso é tudo? Vamos ser batizados esta tarde.

gwendolen (*para Jack*) Por minha causa você está disposto a fazer essa coisa terrível?

jack Estou.

cecily (*para Algernon*) Para me agradar você enfrentará essa provação aterradora?

algernon Sim!

gwendolen Como é absurdo falar de igualdade entre os sexos! No que diz respeito a se sacrificar pelos outros, os homens são infinitamente mais avançados que nós.

jack Somos. (*aperta a mão de Algernon*)

cecily Eles têm momentos de uma coragem física que nós, mulheres, simplesmente não conhecemos.

gwendolen (*para Jack*) Meu querido!

algernon (*para Cecily*) Minha querida! (*os dois casais se abraçam*)

Entra Merriman. Vendo a situação, ele tosse alto.

merriman Hu-hum! Hu-hum! Lady Bracknell.

jack Santo Deus!

Entra lady Bracknell. Os casais se separam, alarmados. Sai Merriman.

lady bracknell Gwendolen! O que significa isto?

gwendolen Significa apenas que estou noiva do senhor Worthing, mamãe.

lady bracknell Venha aqui. Sente-se. Sente-se imediatamente. A hesitação, seja de que tipo for, é um sinal de decadência mental nos jovens e de fraqueza física nos velhos. (*vira-se para Jack*) Senhor, informada da súbita fuga de minha filha por sua fiel camareira, cuja confiança comprei com uma pequena moeda, imediatamente vim atrás dela num trem de carga. Seu pobre pai, folgo em dizer, encontra-se sob a impressão de que ela está assistindo, pelo programa de extensão universitária,^{5a} uma palestra excepcionalmente longa acerca da influência de uma renda permanente sobre o pensamento. Não pretendo fazê-lo perder tal ilusão. Na verdade, nunca o fiz perder ilusão alguma. Parece-me que seria errado. Mas, obviamente, o senhor compreenderá que é preciso que cesse de imediato todo tipo de comunicação entre o senhor e a minha filha de agora em diante. Em relação a esse ponto, como de fato em relação a todos os pontos, sou firme.

jack Estou noivo de Gwendolen, lady Bracknell!

lady bracknell Não está de forma alguma, senhor. E, agora, no que diz respeito a Algernon... Algernon!

algernon Sim, tia Augusta.

lady bracknell Por acaso esta é a casa em que reside seu amigo inválido, o senhor Bunbury?

algernon (*gaguejando*) Ah... Não... Bunbury não mora aqui, não. Ele está em outro lugar no momento. Na verdade, Bunbury morreu.

lady bracknell Morreu? Quando foi que o senhor Bunbury morreu? A morte dele deve ter sido extremamente repentina, não?

algernon (*aéreo*) Ah, matei Bunbury esta tarde. Quer dizer, Bunbury morreu esta tarde, coitado.

lady bracknell E do que foi que ele morreu?

algernon Bunbury? Ah, foi pelos ares.

lady bracknell Pelos ares? Por acaso foi vítima de algum atentado revolucionário?⁶Eu não sabia que o senhor Bunbury se interessava por legislação social. Se tinha tal interesse mórbido, o castigo foi merecido.

algernon Minha cara tia Augusta, eu quis dizer que ele foi descoberto! Ou melhor, os médicos descobriram que Bunbury não tinha condição de sobreviver, foi o que eu quis dizer. E então Bunbury morreu.

lady bracknell Ele parece ter enorme confiança na opinião de seus médicos. Folgo em saber, contudo, que ele tenha finalmente decidido tomar uma medida definitiva e que tenha agido com o

devido aconselhamento médico. E agora que nós enfim nos livramos desse senhor Bunbury, posso saber, senhor Worthing, quem é essa jovem pessoa cuja mão meu sobrinho Algernon está segurando de uma forma que me parece curiosamente desnecessária?

jack Essa jovem dama, lady Bracknell, é a senhorita Cecily Cardew, minha pupila.

Lady Bracknell cumprimenta Cecily friamente, inclinando a cabeça.

algernon Estou noivo de Cecily, tia Augusta.

lady bracknell Como?

cecily O senhor Moncrieff e eu estamos noivos, lady Bracknell.

lady bracknell (*estremecendo, vai até o sofá e se senta*) Não sei se há algo de estranhamente estimulante no ar desta área específica de Hertfordshire, mas o número de noivados que aqui são contraídos me parece estar consideravelmente acima da média adequada que as estatísticas estabeleceram para nos guiar. Creio que algumas perguntas preliminares de minha parte não seriam inapropriadas. Senhor Worthing, a senhorita Cardew tem por acaso algum tipo de ligação com alguma das grandes estações ferroviárias de Londres? Pergunto apenas por curiosidade. Até ontem não fazia ideia de que existiam famílias ou pessoas cuja origem era um terminal.

Jack fica absolutamente furioso, mas se contém.

jack (*com voz clara e fria*) A senhorita Cardew é neta do falecido senhor Thomas Cardew, que residia no número 149 da Belgrave Square, no lado sudoeste; no Gervase Park, em Dorking, Surrey; e no Sporrán, em Fifeshire, no norte da Grã-Bretanha.⁷

lady bracknell Parece-me satisfatório. Três endereços sempre inspiram confiança, até mesmo em comerciantes. Mas que prova tenho eu da autenticidade deles?

jack Tive o cuidado de preservar todos os guias da corte da época. Estão à disposição para sua inspeção, lady Bracknell.

lady bracknell (*carrancuda*) Já notei estranhos erros nessa publicação.

jack Os advogados de família da senhorita Cardew são os senhores Markby, Markby e Markby.

lady bracknell Markby, Markby e Markby? Uma firma da mais elevada posição na profissão. De fato, disseram-me até que um dos senhores Markby pode ser visto ocasionalmente em festas da sociedade. Até aqui, estou satisfeita.

jack (*muito irritado*) Que imensa gentileza a sua, lady Bracknell! Também tenho em minha posse, a senhora ficará contente em saber, todas as certidões e certificados da senhorita Cardew, de

nascimento, batismo, coqueluche, registro, vacinação, crisma e sarampo, tanto da variedade inglesa quanto da variedade alemã.

lady bracknell Ah! Uma vida recheada de incidentes, estou vendo; embora talvez um pouco excitante demais para uma moça tão jovem. Pessoalmente, não sou a favor de experiências prematuras.⁸*(levanta-se e vê as horas em seu relógio)* Gwendolen! É chegada a hora da nossa partida. Não temos um minuto a perder. Por uma questão de formalidade, senhor Worthing, creio que deva lhe perguntar: a senhorita Cardew dispõe de algum patrimônio?

jack Ah, ela dispõe de cerca de cento e trinta mil libras nos Fundos.⁹Só isso. Adeus, lady Bracknell. Foi um prazer revê-la.

lady bracknell *(sentando-se novamente)* Um momento, senhor Worthing. Cento e trinta mil libras! E nos Fundos! A senhorita Cardew me parece ser uma jovem dama extremamente atraente, agora que estou olhando para ela. Poucas moças de hoje possuem qualidades realmente sólidas, aquelas qualidades que duram e melhoram com o tempo. Vivemos, lamento dizer, numa época superficial. *(para Cecily)* Venha cá, minha querida. *(Cecily vai até ela)* Que menina bonita! Seu vestido é lastimavelmente simples e seu cabelo parece estar quase como a natureza o deixou, mas podemos mudar tudo isso em pouco tempo. Uma criada francesa experiente produz um resultado absolutamente fantástico num espaço bem curto de tempo. Lembro que recomendei uma à jovem lady Lancing e, passados três meses, nem o próprio marido a reconhecia.

jack E, passados seis meses, ninguém a conhecia mais.

lady bracknell *(olha furiosa para Jack durante alguns instantes. Depois se volta, com um sorriso treinado, para Cecily)* Por gentileza, dê uma voltinha, meu bem. *(Cecily dá uma volta completa)* Não, o que eu quero é a visão lateral. *(Cecily vira-se de lado para ela)* Exatamente como eu esperava. Há claras possibilidades sociais no seu perfil. Os dois pontos fracos do nosso tempo são a falta de princípios e a falta de perfil. Levante um pouco mais o queixo, querida. O estilo de uma pessoa depende em grande parte da maneira como ela posiciona o queixo. A moda atual é levantá-lo bem alto. Algernon!

algernon Sim, tia Augusta?

lady bracknell Há claras possibilidades sociais no perfil da senhorita Cardew.

algernon Cecily é a menina mais doce, mais adorável, mais linda que existe no mundo. E pouco me importo com possibilidades sociais.

lady bracknell Nunca fale da sociedade com desrespeito, Algernon. Só pessoas que não conseguem entrar para a sociedade fazem isso. *(para Cecily)* Meu bem, você com certeza sabe que Algernon não tem nada com que contar a não ser suas dívidas. Mas não aprovo

casamentos mercenários. Quando me casei com lorde Bracknell, não dispunha de patrimônio de espécie alguma. Mas nunca cogitei nem por um instante permitir que isso fosse um obstáculo no meu caminho.¹⁰Bem, suponho que tenha de dar meu consentimento.

algernon Obrigado, tia Augusta.

lady bracknell Cecily, você pode me dar um beijo!

cecily (*dá um beijo nela*) Obrigada, lady Bracknell.

lady bracknell Você também pode me chamar de tia Augusta daqui para a frente.

cecily Obrigada, tia Augusta.

lady bracknell É melhor, penso, que o casamento se realize muito em breve.

algernon Obrigado, tia Augusta.

cecily Obrigada, tia Augusta.

lady bracknell Para falar com franqueza, não sou a favor de noivados longos. Eles dão aos noivos a oportunidade de descobrir o caráter um do outro antes do casamento, o que acho que nunca é aconselhável.

jack Peço desculpas por interrompê-la, lady Bracknell, mas esse noivado está fora de cogitação. Sou tutor da senhorita Cardew, e ela não pode se casar sem meu consentimento até que atinja a maioridade. E eu me recuso terminantemente a consentir tal coisa.

lady bracknell E qual é a razão da sua recusa, posso saber? Algernon é claramente, eu diria até ostentadamente, um bom partido. Ele não tem nada, mas aparenta tudo. O que mais pode alguém desejar?

jack Lamento muitíssimo ter de ser franco com a senhora com relação a seu sobrinho, mas o fato é que não aprovo nem um pouco a conduta moral de Algernon. Desconfio que ele seja um farsante. (*Algernon e Cecily olham para ele com espanto e indignação*)

lady bracknell Um farsante! Meu sobrinho Algernon? Impossível! Ele é um oxfordiano.¹¹

jack Receio que não possa haver qualquer dúvida a esse respeito. Esta tarde, durante minha estadia temporária em Londres para tratar de uma importante questão romântica, ele obteve permissão para entrar na minha casa por meio da falsa alegação de que era meu irmão. Usando um nome fictício, tomou, acabo de ser informado pelo meu mordomo, uma garrafa de meio litro inteira do meu Perrier-Jouet *brut* 89, vinho que eu estava reservando especialmente para mim. Levando adiante essa deplorável impostura, ele conseguiu, no decorrer da tarde, arrebatado a afeição da minha única pupila. Em seguida, ficou para o chá e devorou absolutamente todos os muffins. E o que torna a conduta dele ainda mais perversa é que sabia perfeitamente desde o início que não tenho irmão, nunca tive irmão e não pretendo ter irmão, nem mesmo de espécie alguma. Eu

mesmo disse isso a ele com toda a clareza ontem à tarde.

lady bracknell Hu-hum! Senhor Worthing, depois de uma cuidadosa ponderação, decidi relevar por completo a conduta do meu sobrinho para com o senhor.

jack É muita bondade sua, lady Bracknell. Minha decisão, no entanto, é inalterável. Eu me recuso a dar o consentimento.

lady bracknell (*para Cecily*) Venha cá, meu bem. (*Cecily vai até ela*) Quantos anos você tem, querida?

cecily Bem, na verdade tenho só dezoito anos, mas sempre digo que tenho vinte quando vou a festas.

lady bracknell Você está certíssima em fazer uma pequena alteração. Na verdade, nenhuma mulher deve jamais ser muito exata em relação à idade que tem. Parece tão calculista... (*pensativa*) Dezoito, mas diz ter vinte em festas. Bem, não vai demorar muito para que você atinja a maioridade e fique livre do cerceamento da tutela. Então, acho que o consentimento de seu tutor não tem, afinal, importância alguma.

jack Queira me desculpar, lady Bracknell, por interrompê-la novamente, mas creio ser justo informar-lhe de que, de acordo com as cláusulas do testamento do pai dela, a senhorita Cardew só se tornará legalmente maior quando completar trinta e cinco anos.

lady bracknell Isso não me parece ser um grave impedimento. Trinta e cinco anos é uma idade muito atraente. A sociedade londrina está cheia de mulheres da mais nobre estirpe que, por sua livre escolha, têm trinta e cinco anos há anos. Lady Dumbleton, por exemplo. Que eu saiba, ela tem trinta e cinco anos desde que chegou aos quarenta, o que aconteceu já faz muitos anos. Não vejo nenhuma razão para que nossa querida Cecily não possa estar ainda mais atraente na idade que o senhor mencionou do que já é agora. Haverá um grande acúmulo de patrimônio.

cecily Algy, você conseguiria me esperar até que eu completasse trinta e cinco anos?

algeron Claro que conseguiria, Cecily. Você sabe que conseguiria.

cecily Claro, senti instintivamente que sim, mas não conseguiria esperar esse tempo todo. Detesto esperar pelas pessoas, mesmo que seja só por cinco minutos. Sempre fico muito irritada com isso. Não sou pontual, eu sei, mas gosto de pontualidade nos outros. E esperar, ainda que seja para me casar, está fora de cogitação.

algeron Então como vai ser, Cecily?

cecily Não sei, senhor Moncrieff.¹²

lady bracknell Meu caro senhor Worthing, como a senhorita Cardew afirma categoricamente que não conseguiria esperar até completar trinta e cinco anos — um comentário que me parece indicar, devo dizer, um temperamento um tanto impaciente —, peço ao senhor

que reconsiderar sua decisão.

Jack Mas, minha cara lady Bracknell, a questão está inteiramente nas suas mãos. Assim que a senhora consentir meu casamento com Gwendolen, darei com todo o prazer minha permissão para que seu sobrinho se una em matrimônio com minha pupila.

lady bracknell (*levantando-se e empertigando-se*) O senhor deve saber perfeitamente que tal proposta está fora de cogitação.

Jack Então nada mais resta a nós quatro senão viver daqui para a frente em apaixonado celibato.

lady bracknell Esse não é o futuro que planejo para Gwendolen. Algernon, obviamente, pode decidir por si próprio. (*saca um relógio da bolsa*) Venha, minha querida (*Gwendolen se levanta*), nós já perdemos cinco, se não seis trens. Perder mais algum pode nos transformar em alvo de comentários na plataforma.

Entra o dr. Chasuble.

Chasuble Está tudo pronto para os batizados.

lady bracknell Batizados, senhor? Isso não é um tanto prematuro?

Chasuble (*fazendo uma expressão aturdida e apontando para Jack e Algernon*) Esses dois cavalheiros expressaram o desejo de serem batizados imediatamente.

lady bracknell Na idade deles? A ideia é grotesca e antirreligiosa! Algernon, eu o proíbo de ser batizado. Não quero nem ouvir falar em tais excessos. Lorde Bracknell ficaria muito desgostoso se soubesse que você andou gastando seu tempo e seu dinheiro dessa forma.

Chasuble Devo entender, então, que não vai haver batizado algum esta tarde?

Jack Acho que, do jeito como as coisas estão, um batizado não teria muito valor prático para nenhum de nós dois, doutor Chasuble.

Chasuble Causa-me tristeza ouvir o senhor expressar tal opinião, senhor Worthing. Ela faz lembrar as visões heréticas dos anabatistas,¹³ visões estas que refutei por completo em quatro de meus sermões não publicados. No entanto, como a atual disposição de ânimo parece apresentar uma curiosa inclinação secular, vou voltar para a igreja imediatamente. Na verdade, acabo de ser informado pelo sacristão de que já faz uma hora e meia que a senhorita Prism está à minha espera na sacristia.

lady bracknell (*sobressaltando-se*) Senhorita Prism! Ouvi bem? O senhor mencionou uma senhorita Prism?

Chasuble Mencionei, sim, lady Bracknell. Eu estou indo ter com ela.

lady bracknell Permita-me, por favor, deter o senhor por mais alguns instantes. É possível que essa questão se revele de extrema

importância para lorde Bracknell e para mim. Por acaso essa senhorita Prism é uma mulher de aspecto repelente, remotamente ligada à educação?

chasuble (*um tanto indignado*) Ela é a mais cultivada das senhoras e o próprio retrato da respeitabilidade.

lady bracknell Trata-se obviamente da mesma pessoa. Poderia saber que posição ela ocupa na sua casa?

chasuble (*com ar severo*) Sou celibatário, senhora.

jack (*interpondo-se*) A senhorita Prism, lady Bracknell, vem sendo ao longo dos últimos três anos a estimada preceptora e valiosa dama de companhia da senhorita Cardew.

lady bracknell Apesar do que ouço a respeito dela, preciso vê-la agora mesmo. Peço que a mandem chamar.

chasuble (*olhando para um ponto distante*) Ela já vem vindo ali; ela está chegando.

Entra a srta. Prism, às pressas.

srta. prism Disseram-me que me aguardava na sacristia, caro cônego, mas passei uma hora e quarenta e cinco minutos esperando o senhor aparecer lá.

Avista lady Bracknell, que fixou nela um olhar pétreo. A srta. Prism fica lívida e estremece. Olha ao redor, nervosa, como se desejasse fugir.

lady bracknell (*num tom severo e repreensivo*) Prism! (*a srta. Prism abaixa a cabeça, envergonhada*) Venha aqui, Prism! (*a srta. Prism se aproxima de um jeito humilde*) Prism! Onde está aquele bebê? (*consternação geral. O cônego dá um passo para trás, horrorizado. Algernon e Jack fingem estar aflitos para impedir que Cecily e Gwendolen ouçam os detalhes de um terrível escândalo*) Vinte e oito anos atrás, Prism, você saiu da casa de lorde Bracknell, na Grosvenor Square, número 104, tendo sob sua responsabilidade um carrinho dentro do qual havia um bebê do sexo masculino. E nunca mais voltou. Algumas semanas depois, graças às cuidadosas investigações da polícia metropolitana, o carrinho foi encontrado, à meia-noite, abandonado num canto remoto de Bayswater. Dentro dele havia o manuscrito de um romance em três volumes de um sentimentalismo mais repugnante que o normal. (*a srta. Prism tem um sobressalto involuntário de indignação*) O bebê, porém, não estava lá. (*todos olham para a srta. Prism*) Prism! Onde está aquele bebê? (*uma pausa*)

srta. prism Lady Bracknell, admito com vergonha que não sei. A senhora não faz ideia de como gostaria de saber. A verdade dos

fatos é a seguinte: na manhã do dia que a senhora mencionou, um dia que ficará para sempre gravado na minha memória, eu preparei tudo, como sempre, para levar o bebê para dar uma volta de carrinho. Trazia comigo também uma maleta um pouco velha, mas bastante espaçosa, na qual pretendia botar o manuscrito de uma obra de ficção que eu havia escrito durante minhas poucas horas livres. Num momento de abstração mental, pelo qual jamais poderei me perdoar, depusitei o manuscrito no carrinho e guardei o bebê dentro da maleta.

jack *(que estivera ouvindo atentamente)* Mas onde a senhorita depositou a maleta?

srta. prism Não me pergunte, senhor Worthing.

jack Senhorita Prism, esse é um assunto de enorme importância para mim. Insisto em saber onde a senhorita depositou a maleta dentro da qual estava aquele bebê.

srta. prism Eu a deixei no guarda-volumes de uma das grandes estações ferroviárias de Londres.

jack Qual estação ferroviária?

srta. prism *(arrasada)* Victoria. Na linha Brighton. *(desaba numa cadeira)*

jack Preciso ir até o quarto um instante. Gwendolen, espere por mim aqui.

gwendolen Se não demorar demais, esperarei por você aqui minha vida inteira.

Sai Jack, em grande alvoroço.

chasuble O que a senhora acha que isso significa, lady Bracknell?

lady bracknell Não ouse suspeitar, doutor Chasuble. Não preciso dizer ao senhor que coincidências estranhas não são coisas que devam acontecer em famílias de posição elevada. Considera-se que não sejam de bom-tom.

Ouvem-se barulhos no andar de cima, como se alguém estivesse atirando malas no chão. Todos olham para cima.

cecily Tio Jack parece estranhamente agitado.

chasuble Seu tutor tem um temperamento muito emotivo.

lady bracknell Esse barulho é extremamente desagradável. Dá a impressão de que ele está tendo uma discussão. Não gosto de discussões de nenhum tipo. Elas sempre são vulgares, e muitas vezes convincentes.

chasuble *(olhando para cima)* Agora parou. *(o barulho volta redobrado)*

lady bracknell Gostaria que ele chegasse a alguma conclusão.

gwendolen Esse suspense é terrível. Espero que dure bastante.

Entra Jack com uma maleta de couro preto na mão.

jack (*andando às pressas em direção à srta. Prism*) É esta a maleta, senhorita Prism? Examine-a com cuidado antes de responder. A felicidade de mais de uma pessoa depende da sua resposta.

srta. prism (*com calma*) Parece ser a minha. É, sim, aqui está o estrago que ela sofreu na queda de um ônibus da Gower Street,¹⁴ em tempos mais jovens e felizes. Aqui a mancha no forro causada pela explosão de um refrigerante, um incidente que ocorreu em Leamington. E aqui, no fecho, estão minhas iniciais. Eu tinha esquecido que, num momento de extravagância, mandei gravá-las aqui. A maleta é minha, sem dúvida. É uma grande alegria recuperá-la dessa forma tão inesperada. Foi muito inconveniente ficar sem ela esses anos todos.

jack (*com voz comovida*) Senhorita Prism, não é só essa maleta que a senhorita está recuperando. Sou o bebê que a senhorita pôs dentro dela.

srta. prism (*pasma*) O senhor?

jack (*abraçando-a*) Sim... mamãe!

srta. prism (*afastando-se dele com indignado espanto*) Senhor Worthing, sou solteira!

jack Solteira! Não nego que seja um sério golpe. Mas, enfim, quem tem o direito de atirar pedras contra alguém que sofreu?¹⁵ Será possível que o arrependimento não possa apagar um ato de desvario? Por que deveria haver uma lei para os homens e outra para as mulheres? Mãe, eu a perdoo.

Tenta abraçá-la de novo.

srta. prism (*mais indignada ainda*) Senhor Worthing, está havendo um equívoco. (*apontando para lady Bracknell*) É essa senhora que pode lhe dizer quem o senhor realmente é.

jack (*depois de uma pausa*) Lady Bracknell, detesto parecer curioso, mas a senhora poderia ter a gentileza de me informar quem sou?

lady bracknell Receio que a notícia que tenho a lhe dar não vá agradá-lo de todo. O senhor é filho da minha pobre irmã, a senhora Moncrieff, e portanto irmão mais velho de Algernon.

jack Irmão mais velho de Algy! Então tenho um irmão, afinal. Sabia que tinha um irmão! Sempre disse que tinha um irmão! Cecily, como você pode ter duvidado de que eu tinha um irmão? (*segura Algernon*) Doutor Chasuble, meu lastimável irmão. Senhorita Prism, meu lastimável irmão. Gwendolen, meu lastimável irmão. Algy, seu

bandido, você vai ter de me tratar com mais respeito daqui para a frente. Nunca agiu como um irmão comigo em toda a sua vida.

algernon Bem, admito que até hoje realmente não tinha agido. Mas esta tarde procurei ser o melhor irmão que pude, apesar de não ter prática.

Trocam um aperto de mão.

gwendolen (*para Jack*) Meu querido! Mas meu querido o quê? Qual é o seu nome de batismo, agora que você virou outra pessoa?

jack Santo Deus!... Eu tinha me esquecido completamente disso. Sua decisão no que diz respeito ao nome é irrevogável, suponho?

gwendolen Eu nunca mudo, a não ser nas minhas afeições.

cecily Que natureza nobre você tem, Gwendolen!

jack Então é melhor esclarecer essa questão de uma vez. Tia Augusta, um momento. No dia em que a senhorita Prism me pôs na maleta, eu já havia sido batizado?

lady bracknell Todo o luxo que o dinheiro pode comprar, incluindo o batismo, lhe foi dado em profusão pelos seus amorosos e dedicados pais.

jack Então eu fui batizado! Isso está resolvido. Agora, que nome recebi? Não me poupe do pior.

lady bracknell Sendo o filho mais velho, você naturalmente recebeu o nome do seu pai.

jack (*impaciente*) Sim, mas qual era o nome de batismo do meu pai?

lady bracknell (*pensativa*) Não estou conseguindo no momento me recordar qual era o nome de batismo do general, mas não tenho dúvida de que ele tinha um. Ele era excêntrico, admito, mas só ficou assim depois de velho. E isso foi consequência do clima da Índia. E do casamento. E de problemas de indigestão e outras coisas desse tipo.

jack Algy! Você não lembra qual era o nome de batismo do nosso pai?

algernon Meu caro, nem nos falávamos. Ele morreu antes que eu completasse um ano de idade.

jack O nome dele deve constar nas listas de oficiais do Exército da época, não, tia Augusta?

lady bracknell O general era essencialmente um homem de paz, salvo na vida doméstica. Mas não tenho dúvida de que o nome dele deve constar em qualquer catálogo militar.

jack Tenho aqui as listas de oficiais do Exército dos últimos quarenta anos. Esses deliciosos registros deveriam ter sido meu objeto de estudo constante. (*corre até a estante e arranca os livros da prateleira*) Generais com M... Mallam, Maxbohm, Magley — que nomes medonhos eles têm —, Markby, Migsby, Mobbs, Moncrieff! Tenente

em 1840, capitão, tenente-coronel, coronel, general em 1869.
Nomes de batismo: Prudente John. (*pousa o livro com muita delicadeza e fala com bastante calma*) Eu sempre lhe disse, Gwendolen, que meu nome era Prudente, não disse? Bem, é mesmo Prudente, afinal. Quer dizer, é claro que é Prudente.

lady bracknell Isso mesmo, agora me lembrei, o general se chamava Prudente. Sabia que havia alguma razão específica para eu não gostar do nome.

gwendolen Prudente! Meu querido Prudente! Senti desde o início que você não poderia ter nenhum outro nome!

jack Gwendolen, é uma coisa terrível para um homem descobrir de repente que, no decorrer de toda a sua vida, ele não disse nada mais que a verdade. Você pode me perdoar?

gwendolen Posso. Pois sinto que você com certeza irá mudar.

jack Minha querida!

chasuble (*para a srta. Prism*) Laetitia! (*abraça-a*)

srta. prism (*entusiasmadamente*) Frederick! Finalmente!

algeron Cecily! (*abraça-a*) Finalmente!

jack Gwendolen! (*abraça-a*) Finalmente!

lady bracknell Sobrinho, você parece estar exibindo sinais de leviandade.

jack Pelo contrário, tia Augusta. Acabo de me dar conta pela primeira vez na vida da vital importância de ser prudente.¹⁶

Quadro vivo.

cortina.

Apêndice

a cena extraída, envolvendo gribbsby,
de a importância de ser prudente

Entra Merriman. ¹

merriman Coloquei os pertences do senhor Prudente no quarto ao lado do seu, senhor. Imagino que esteja bem assim!

jack O quê?

merriman A bagagem do senhor Prudente, senhor. Desfiz as malas e guardei os pertences dele no quarto ao lado do seu.

algy Infelizmente, desta vez só poderei ficar aqui uma semana, Jack.

merriman (*para Algy*) Peço desculpas, mas está aqui um cavalheiro idoso que deseja falar com o senhor! Acabou de chegar num fiacre, vindo da estação. (*entrega o cartão numa bandeja*)

algy Falar comigo?

merriman Sim, senhor!

algy (*lê o cartão*) Parker e Gribbsby, advogados, Chancery Lane. Não conheço esses senhores. Quem são eles?

jack (*pega o cartão*) Parker e Gribbsby. Quem serão? ² (*para Merriman*) Diga ao cavalheiro que entre imediatamente.

merriman Sim, senhor.

Sai.

algy O que você acha que isso significa, Jack?

jack Imagino, Prudente, que tenham vindo tratar de algum assunto relacionado a seu amigo Bunbury. Talvez ele queira fazer seu testamento e deseje que você seja o executor. Pelo que sei de Bunbury, acho extremamente provável que seja isso.

Entra Merriman.

merriman Senhor Gribbsby.

Entra Gribbsby.

gribsby (*para o dr. Chasuble*) Senhor Prudente Worthing?

srta. prism Este é o senhor Prudente Worthing.

gribsby Senhor Prudente Worthing?

algy Sim, sou o senhor Prudente Worthing.

gribsby Do edifício The Albany, apartamento e4?3

algy Sim, esse é o meu endereço. Ótimos quartos, aliás.

gribsby Sinto muito, mas nós temos uma ordem de arresto de vinte dias emitida contra o senhor na ação movida pela Savoy Hotel Companhia Limitada, no valor de setecentas e sessenta e duas libras, catorze xelins e dois pence.

algy Contra mim?

gribsby Sim, senhor.

algy Isso é um completo absurdo! Nunca como no Savoy às minhas próprias custas. Sempre como no Willi's, que é muito mais caro. Não devo um único penny ao Savoy!

gribsby Segundo a anotação feita na ordem de arresto, a intimação foi [entregue] ao senhor pessoalmente no Albany, no dia 27 de maio. O senhor foi condenado à revelia no dia 5 de junho e, desde então, já escrevemos para o senhor nada menos que treze vezes, sem receber qualquer resposta. No interesse dos nossos clientes, não tivemos outra opção senão obter um mandado de prisão da sua pessoa.4

algy Prisão? O que o senhor quer dizer com prisão? Não tenho a menor intenção de sair daqui. Vou ficar por uma semana. Estou fazendo uma visita ao meu irmão. Se o senhor imagina que vou voltar para a cidade tendo acabado de chegar ao campo, está redondamente enganado.

gribsby Eu próprio sou apenas um advogado. Não emprego nenhum tipo de violência pessoal. O funcionário do tribunal cuja função é capturar a pessoa do devedor está esperando no fiacre lá fora. Ele tem uma experiência considerável nessas questões.5 Mas por certo o senhor preferirá pagar a conta, não?

algy Pagar a conta? E como vou fazer isso? O senhor não imagina que eu tenha dinheiro, imagina? Que tolice. Um cavalheiro jamais tem dinheiro.

gribsby Minha experiência é que geralmente é um parente que paga!

algy Jack, você realmente precisa quitar essa conta.

jack Permita-me, por favor, examinar os itens, senhor Gribsby. (*folheia o enorme maço de papéis*) Setecentas e sessenta e duas libras, catorze xelins e dois pence desde outubro passado! Devo dizer que nunca vi tamanho esbanjamento em toda a minha vida. (*entrega o maço ao dr. Chasuble*)

srta. prism Setecentas e sessenta e duas libras para comer! Não pode haver nada de muito bom num rapaz que come tanto e com tanta

frequência.

dr. chasuble Estamos muito distantes da vida simples e do pensamento elevado de Wordsworth.⁶

jack Pois bem, doutor Chasuble, o senhor acha que tenho alguma obrigação de pagar essa conta monstruosa para meu irmão?

dr. chasuble Sou forçado a dizer que acho que não! Seria encorajar a prodigalidade dele!

srta. prism O que o homem semear, isso colherá. O encarceramento proposto pode ser extremamente salutar. É de lamentar que seja apenas por vinte dias!

jack Também sou da mesma opinião!

algy Meu caro, isso é absolutamente ridículo! Você sabe muito bem que essa conta na verdade é sua!

jack Minha?

algy Sim, sua!

dr. chasuble Senhor Worthing, se isso é alguma galhofa, está fora de hora!

srta. prism É um desaforo grosseiro! Exatamente o que esperava dele!

cecily É ingratidão. Não esperava por isso!

jack Não liguem para o que ele diz. É assim mesmo que sempre se comporta. Você agora vai dizer que não é o senhor Prudente Worthing, morador do apartamento e4 do edifício Albany. Por que não aproveita e nega logo que é meu irmão também?

algy Ah! Não vou fazer isso, meu caro. Seria absurdo. Claro que sou seu irmão. E é por isso que deve pagar essa conta para mim.⁷

jack É melhor eu lhe dizer com toda a franqueza que não tenho a menor intenção de fazer semelhante coisa. O doutor Chasuble, que é o ilustre reitor desta paróquia, e a senhorita Prism, em cuja admirável e sólida capacidade de julgamento deposito grande confiança, são ambos da opinião de que o encarceramento lhe faria um bem enorme, e eu também penso assim!

gribsby (*puxa um relógio do bolso*) Lamento ser forçado a interromper essa interessante discussão familiar, mas o tempo urge. Temos de estar em Holloway o mais tardar às quatro horas, caso contrário a admissão será difícil. As regras são muito rígidas!

algy Holloway?

gribsby Sim, senhor, é em Holloway que detenções dessa natureza sempre são efetuadas!

algy Ora, certamente não vou ser encarcerado no subúrbio por ter almoçado no West End. É absolutamente ridículo! Que leis estapafúrdias existem na Inglaterra!

gribsby A conta é referente a jantares, não a almoços.

algy Estou pouco me importando a que ela é referente! Só estou dizendo que não vou ser encarcerado no subúrbio! Por nada!

gribsby As cercanias de Holloway, admito, são de classe média; eu mesmo resido na vizinhança; mas a prisão é muito elegante e bem ventilada. E há várias oportunidades para se fazer exercício em determinadas horas do dia.⁸

algy Exercício! Santo Deus! Um cavalheiro jamais faz exercício. O senhor parece não entender o que é um cavalheiro!

gribsby Já conheci tantos, senhor, que temo realmente não entender! Existem as mais curiosas variedades deles. É resultado do cultivo, sem dúvida. O senhor poderia por gentileza vir agora comigo, senhor, se não for muito inconveniente?

algy (*implorando*) Jack! Você realmente não pode permitir que eu seja preso.

srta. prism Seja firme, senhor Worthing.

dr. chasuble Esta é uma ocasião em que qualquer fraqueza seria incabível! Seria uma forma de se iludir!

jack Estou muito firme e não sei o que é fraqueza ou ilusão de qualquer tipo!

cecily Tio Jack! Acho que o senhor tem sob sua guarda um dinheirinho meu, não tem? Permita então que eu pague essa conta. Não conseguiria suportar a ideia de que seu próprio irmão está na cadeia.

jack Não posso permitir que *você* pague essa conta, Cecily! Seria absurdo!

cecily Então o senhor vai pagar para ele, não vai? Acho que ficaria arrependido amanhã ao pensar que seu próprio irmão está preso. Claro que estou muito decepcionada com Prudente. Ele é exatamente o que eu esperava.⁹

jack Você nunca mais vai falar com ele, vai, Cecily?

cecily Certamente que não! A menos, claro, que ele fale comigo primeiro. Seria grosseiro não responder!

jack Bem, vou tomar muito cuidado para não deixar que ele fale com você primeiro. Vou tomar muito cuidado para não deixar que ele fale com ninguém nesta casa. Ele deve ser cortado das nossas relações! Senhor Gribsby...

gribsby Pois não, senhor?

jack Vou pagar a conta pelo meu irmão. Mas é a última conta que pago por ele na vida, lembre-se disso. Quanto é essa maldita conta?

gribsby Setecentas e sessenta e duas libras, catorze xelins e dois pence.

Ah! E tem também o valor do aluguel do fiacre, contratado para a conveniência do cliente. São mais cinco xelins e nove pence, senhor.

jack Está bem.

srta. prism Devo dizer que acho essa generosidade um equívoco.

dr. chasuble (*abanando a mão*) Assim como a cabeça, o coração também tem sua sabedoria, senhorita Prism.

jack Nominal a Gribsby e Parker, suponho?

gribsby Sim, senhor. Cheque não cruzado, por favor. Obrigado!¹⁰
(*para o dr. Chasuble*) Passar bem! (*o dr. Chasuble cumprimenta-o friamente, inclinando a cabeça*) Passar bem. (*a srta. Prism também o cumprimenta da mesma maneira fria*) Espero ter o prazer de revê-lo.
(*para Algy*)

algy Espero sinceramente que não! Que ideia o senhor faz do tipo de gente com a qual um cavalheiro pode querer se misturar! Nenhum cavalheiro gosta muito de conhecer um advogado que quer encarcerá-lo no subúrbio.

gribsby É verdade! É verdade!

algy A propósito, Gribsby... Gribsby! O senhor não poderá voltar para a estação naquele fiacre. Ele é meu. Foi alugado para a minha conveniência. Terá de ir a pé. O que, aliás, vai lhe fazer muito bem. Advogados costumam andar muito pouco. Não conheço nenhum advogado que se exercite o suficiente. Em geral, eles passam o dia inteiro sentados num escritório abafado, descuidando de seus afazeres.

jack Pode levar o fiacre, senhor Gribsby.

gribsby Obrigado, senhor.

Sai.

Notas

uma mulher sem importância

A peça, que Wilde começou a escrever no verão de 1892, foi levada ao palco por sir Herbert Beerbohm Tree, estreando em 19 de abril de 1893 no Haymarket Theatre, onde foi encenada 113 vezes. Encomendada por Tree na qualidade de ator e produtor, a peça foi claramente planejada como um veículo para ele, que, no papel de lorde Illingworth, resgatou muitos traços do duque de Guisebury, o aristocrata cruel mas refinado e cortês que Tree encarnara na peça *The dancing girl*, de Henry Arthur Jones, com a qual alcançara notável sucesso pessoal em 1891. Como o St. James's Theatre, o Haymarket era um teatro definitivamente “fino”, onde Wilde podia contar com um público culto e conhecedor das tradições teatrais, que saberia apreciar sua sutil manipulação das convenções dramáticas. O elenco incluía também Fred Terry como Gerald e sua esposa Julia Neilson como Hester, Rose Leclercq (que mais tarde viria a ser a primeira lady Bracknell) como lady Hunstanton, Maud Tree como a sra. Allonby e a sra. Bernard Beere (ilustre atriz trágica que havia assumido vários dos papéis criados inicialmente para Sarah Bernhardt) como a sra. Arbuthnot. A peça foi montada duas vezes por Philip Prowse, a primeira delas para o Glasgow Citizens' Theatre (1984) e a segunda para a Royal Shakespeare Company (1991).

Seis rascunhos da peça, tanto manuscritos como datilografados, sobreviveram até os nossos dias, incluindo a cópia entregue ao censor. Eles mostram que Wilde teve alguma dificuldade para encontrar nomes adequados para os personagens, mas que o plano geral da peça sofreu poucas alterações. Os últimos rascunhos mostram Wilde ampliando certas falas cômicas para enfatizar os lapsos de memória de lady Hunstanton, o uso insistente da palavra “muito” em toda e qualquer ocasião possível por parte de lady Stutfield e a esnobe incapacidade de lady Caroline de se lembrar do nome correto de Kelvil. Wilde começou deixando lorde Illingworth dominar os diálogos longamente com seus comentários espirituosos e irreverentes, mas foi modificando isso cada vez mais, de modo que Illingworth passasse a dividir suas tiradas com a sra. Allonby, enriquecendo assim a intimidade existente entre os dois com nuances particularmente sugestivas: nas últimas versões do texto eles parecem acariciar um ao outro com palavras. O texto foi, de maneira geral, podado de seus empréstimos a *O retrato de Dorian Gray*, a fim de que a conversa não atrasasse o desenrolar da ação dramática, uma vez estabelecidos o tom e a atmosfera relaxados daquela reunião social. Numa revisão significativa realizada nas últimas etapas do processo de composição, foi alterada a sequência de movimentos que conclui o terceiro ato, a qual, no seu novo formato, renunciou ao melodrama em prol de uma exploração psicológica mais detalhada das consequências do fato de a sra. Arbuthnot ter informado Gerald de que Illingworth é pai dele. O texto da primeira edição, publicada por John Lane em 1894, difere substancialmente do texto submetido ao lorde Chamberlain para a obtenção da licença, mostrando que Wilde reincorporou trechos do diálogo que haviam, sem dúvida, sido cortados durante os ensaios, mas que sobreviveram em seus rascunhos (procedimento que viria a adotar novamente em relação a *Um marido ideal*).

dedicatória

1880, quando ela era esposa do quarto conde de Lonsdale. Depois da morte do conde, em 1882, Gladys se casou com o lorde de Grey (posteriormente marquês de Ripon). O escritor costumava se referir a ela como uma de suas “duas belas” (a outra era Lily Langtry).

primeiro ato

- 1 Em rascunhos anteriores, essa fala de lady Caroline incluía também um comentário sobre lady Stutfield, que era descrita como “irrepreensível [...] mas [...] um pouco romântica demais para uma mulher que já foi casada”. Lady Caroline acrescentava ainda que lady Stutfield havia dado plena mostra de sua dedicação ao falecido marido idoso quando, depois que ele morreu, “o cabelo dela ficou todo louro sofrimento” — um comentário que viria a ser usado por Wilde de novo em outros contextos, notadamente no relato que lady Bracknell faz de lady Harbury.
- 2 Wilde sustenta essa linha satírica de ataque através do modo como lady Caroline constantemente permite que a preocupação com o “bom-tom” justifique todo tipo de esnobismo e preconceito. A personagem prenuncia lady Bracknell, na qual esse traço é trabalhado de forma mais profunda.
- 3 Originalmente, Wilde havia incluído “*upright*” [que pode significar tanto “íntegro” quanto inflexível] nas qualidades que Hester admira em Gerald Arbuthnot. Tal palavra se presta a uma interpretação crítica que prejudicaria o personagem, e o escritor acabou deixando que o público descobrisse por conta própria esse atributo menos atraente.
- 4 Esse era um dos postos diplomáticos de maior prestígio na época, quando a cidade era não só a capital do vasto Império Austro-húngaro, mas também o ponto de encontro, político e geográfico, da Europa com o Oriente Médio. Para Wilde, a cidade parece ter carregado conotações de subterfúgio, duplicidade e fraude; ver *Um marido ideal*.
- 5 Talvez seja uma referência velada ao então ministro das Relações Exteriores do governo Gladstone, lorde Rosebery (1847-1929), que era viúvo (sua esposa faleceu em 1890). O secretário de Rosebery era o irmão mais velho de lorde Alfred Douglas, Drumlarig. Suspeitando da existência de um relacionamento homossexual entre Drumlarig e lorde Rosebery, lorde Queensberry primeiramente escreveu algumas cartas ofensivas sobre o ministro para a rainha, para Gladstone e para o próprio Rosebery; depois, no início do verão de 1893, seguiu Rosebery até Homburg, onde ameaçou chicoteá-lo em público; só se evitou um escândalo graças à intervenção do príncipe de Gales. (Ver *De Profundis*.) Como pouco antes desse incidente de 1893 Drumlarig havia recebido o título de barão Kelhead, a referência feita em seguida a uma lady *Kelso* não parece ser mera coincidência. Douglas gostava de provocar o pai, a quem odiava, e é possível que tenha incentivado Wilde a introduzir aqui uma piada particular, que apenas um punhado de figuras importantes do establishment e a família de Douglas teriam condições de interpretar corretamente.
- 6 Há grande potencial nos lapsos de memória de lady Hunstanton para que uma atriz com talento cômico os transforme numa piada recorrente, que vai se tornando cada vez mais hilária ao longo da peça. Na montagem de Prowse para a Royal Shakespeare Company, Barbara Leigh-Hunt desenvolveu esse detalhe de modo a transformá-lo num traço definidor da personagem, fazendo dele a base de um *tour de force* de timing cômico, à medida que sua lady Hunstanton lutava para manter sua mente errada sob algum arremedo de controle. O que, por sua vez, tornava as declarações bombásticas do personagem ainda mais engraçadas, já que os fatos narrados por ela eram muito duvidosos.
- 7 Essa rubrica implica que, ao entrar junto com o sr. Kelvil, sir John se sentou perto de lady Stutfield e da sra. Allonby, suscitando assim essa manifestação de posse por parte de sua esposa. Um ator tem uma gama de possibilidades para escolher como motivação para esse e outros momentos semelhantes na ação. Seria sir John um sofredor, desesperado para escapar das atenções da esposa? Estaria ele, com perverso prazer, provocando propositalmente inquietações na esposa? Ou seria ele aquele tipo de velho metido a conquistador que fica deslumbrado com mulheres mais jovens?
- 8 Em rascunhos anteriores, essa fala era mais elaborada: “E pode-se fazer um grande bem por meio de uma lanterna mágica que quase foi devorada por selvagens ou de um missionário com imagens... O senhor entende o que eu quero dizer?”. Esse é um exemplo notável de como uma piada um tanto prolixa foi desbastada de modo a dar maior clareza e

incisividade à sátira aos membros da alta sociedade efetuada por Wilde.

- 9 Ele não diz praticamente nada, mas é constantemente incluído nas reuniões sociais do primeiro e segundo ato como uma presença silenciosa que, como um rapaz bem relacionado mas sem dinheiro, começa a se colar de maneira persistente e significativa à viúva endinheirada lady Stutfield. Eles são apresentados como dois desmiolados e parecem combinar. Há muito potencial para diretor e ator construírem uma caracterização memorável de lord Alfred, apesar de o personagem quase não ter falas.
- 10 Esse episódio é um dos muitos em que lady Caroline parece ser um esboço de lady Bracknell: seu tom e ritmo inevitavelmente fazem lembrar a “entrevista” a que lady Bracknell submete Worthing e que rapidamente se transforma numa espécie de interrogatório.
- 11 É importante que a letra da sra. Arbuthnot seja singular para que possa ser reconhecida por lord Illingworth; além disso, é preciso tomar cuidado com a maneira como a carta é deixada em cima da mesa, de modo que o público perceba que foi deixada ali, muito embora seja um gesto casual da parte de lady Hunstanton. É um sinal de respeito à sra. Arbuthnot que ela, embora sendo socialmente inferior, seja convidada para jantar e não apenas para ir à noite, coisa que na alta sociedade sugeria favor e apadrinhamento. O fato de a sra. Arbuthnot optar, no entanto, por se reunir ao grupo só mais tarde pode ser interpretado como indício de um apurado senso de decoro social (ela sabe seu lugar); fomos informados no diálogo de abertura de que lady Hunstanton é “às vezes um pouco permissiva na seleção das pessoas” a quem faz convites.
- 12 Essa frase era originalmente a conclusão da fala anterior de lord Illingworth, mas durante os estágios de composição Wilde dividiu várias das falas mais longas e as redistribuiu entre os personagens. Isso não só aumenta o dinamismo do diálogo, evitando que Illingworth pareça ter as melhores falas e dar sempre a última palavra sobre qualquer que seja o assunto, como também passa a ideia de que há uma enorme conexão intelectual entre ele e a sra. Allonby. Eles parecem ler os pensamentos e os humores um do outro com rara precisão, entender as mais sutis insinuações um do outro e perseguir juntos níveis de duplo sentido que nenhuma das demais pessoas presentes consegue. Os dois lembram o par Valmont e mme. De Merteuil em *As relações perigosas* (1782), de Pierre Laclos, especialmente ao fazerem sua sinistra aposta.
- 13 O olhar masculino aqui não é meramente sexual (embora a troca de provocações entre os dois indique que esse elemento esteja presente); ele mostra a admiração que Illingworth sente pela inteligência, mordacidade, postura social e ousadia da sra. Allonby. O olhar a convida a ler os pensamentos dele e a incentiva a pensar no que esse seu comentário aparentemente direto sobre admirar Hester imensamente de fato *significa*. É desse olhar que brota o desafio que ela lhe faz, sobre o qual se estrutura a trama no restante da peça.
- 14 Essas criaturas mitológicas, metade humanas, metade felinas, eram tidas como inescrutáveis, enigmáticas, misteriosas e muitas vezes letais em suas relações com os homens. “A esfinge sem segredo”, um conto de Wilde, fala de uma mulher que mente e se vale de subterfúgios para criar uma aura de mistério que, de outra forma, sua vida não teria; ela representa para si própria um papel imaginário de heroína romântica.
- 15 Embora fosse bastante comum no século XIX as peças terminarem com um dos personagens enunciando o título, era extremamente incomum que isso acontecesse no fim do primeiro ato. Wilde está pondo em ação uma estratégia por meio da qual a fala final de sua peça consiga atrair imediata atenção por sua *diferença* em relação à prática teatral típica. Como o título inevitavelmente causaria forte impacto na plateia, o fato de ele ser enunciado com tão pouco caso aqui realçaria a indiferença e o esnobismo cruel de lord Illingworth.

segundo ato

- 1É importante que o público repare na presença silenciosa e atenta de Hester Worsley bem antes do momento em que o diálogo subitamente chama a atenção dos personagens que estão no palco para a presença dela. Formamos uma visão dessas mulheres de classe alta (de seus estilos de feminilidade, do tom da conversa entre elas quando estão sem a companhia dos homens e, portanto, mais relaxadas) antes que Hester comece a disparar suas críticas. Somos, então, levados a confrontar a visão dela com nossas próprias observações e percepções.
- 2Uma visão desafiadora que desdenha com mordacidade de uma questão que vinha sendo muito debatida no Parlamento em função de mudanças na legislação relativa à

- propriedade de mulheres casadas. Dois atos legislativos já haviam abordado a questão e um terceiro viria a ser aprovado no decorrer do ano de 1893.
- 3 Documento assinado contendo promessa por escrito de que se irá pagar determinada quantia à pessoa especificada numa data especificada ou quando o credor requisitar; esse processo de endividamento pode ser renovado ou renegociado. A piada, de uma ironia amarga, tem como alvo a ideia de que seria permitido a um marido exigir que seus direitos maritais (geralmente sexuais) fossem satisfeitos.
- 4 Um quarto de hora ruim (francês).
- 5 Essa passagem foi consideravelmente modificada na revisão e é outro exemplo de como cortes drásticos deram maior clareza e incisividade à sátira. Nos rascunhos, a sra. Allonby dava como razão para não ter investigado o passado do marido o fato de estar ocupada com a escolha de um novo guarda-roupa, o que desviava a atenção da questão psicológica: o fundamental aqui é que a sra. Allonby ousa admitir que prefere um homem que tenha um *passado*, ou seja, um homem sexualmente experiente. A justificativa que ela dá em seguida e seus preceitos sobre o “homem ideal” fazem lembrar Millamant, personagem da peça *The way of the world* (1700), de William Congreve, principalmente na cena em que formula seu contrato de casamento com Mirabell.
- 6 Wilde cortou boa parte do texto que havia criado originalmente para essa fala, que em rascunhos anteriores continha críticas implícitas tanto à sociedade inglesa quanto à americana por darem valor demais ao dinheiro e ao acaso do nascimento. Depois da revisão, o ataque foi direcionado aos ingleses. O uso reiterado do adjetivo “bom” (“boas mulheres”, “bons homens”) estabelece por sutil implicação o senso de superioridade moral de Hester em relação às mulheres a sua volta.
- 7 Essa era uma referência muito atual para as primeiras plateias da peça: a Feira Mundial seria realizada no Jackson Park, em Chicago, a partir de maio de 1893 (*Uma mulher sem importância* estreou em 19 de abril). A edificação de “nome curioso” era o Machinery Hall, que lembrava um pouco o Crystal Palace construído em Londres e também várias estações ferroviárias da época, por ser um feito espetacular de engenharia cujos materiais predominantes eram o ferro e o vidro. Há indícios que sugerem que Wilde tinha esperança de que sua peça fosse encenada lá; se isso tivesse acontecido, essa referência feita por uma aristocrata inglesa levemente senil ao próprio edifício no interior do qual a plateia americana estava instalada teria provocado uma boa gargalhada à custa do esnobismo cultural inglês e da arrogância colonialista de lady Hunstanton.
- 8 Mais uma vez, Wilde cortou drasticamente sua primeira versão para essa fala, na qual Hester listava todos os lugares (o teatro lírico, a Rotten Row do Hyde Park) onde ser visto na companhia de Weston era considerado um sinal de prestígio. Hester fazia também uma acusação moral mais precisa ao caráter dele: “Um homem que, segundo me disseram, levou muitas mulheres à desgraça e à vergonha. Um homem que arruinou vidas inocentes e envenenou vidas que eram puras”. A sucinta e incisiva descrição de Weston como “um homem com um sorriso sórdido e um passado sórdido” evoca a imagem de um libertino já mais velho de forma tão magnífica e com tanta precisão que dá a sensação de estar embasada na experiência. A repugnância implícita, mas profundamente sentida, prepara o terreno com habilidade para a reação de Hester ao beijo sedutor de lorde Illingworth, que ela encara com razão como uma violação física. Ao restringir os sinais da aceitabilidade social de Weston à sua presença em jantares festivos, Wilde também dá a entender com mais clareza que Hester o conheceu pessoalmente. Esse exemplo único carrega particular força moral, o que reforça em muito o contraste com as mulheres socialmente inaceitáveis que sofreram nas mãos de Weston.
- 9 A imagem aqui evocada é a do sinal que Deus põe em Caim depois que este mata Abel (Gênesis, 4,15). Essa e as outras referências feitas por Hester às colunas de fogo e de nuvem (mencionadas em Êxodo, 13,21, quando Deus envia tais sinais para guiar Moisés e os hebreus em sua fuga do Egito pelo deserto, rumo à Terra Prometida) sugerem uma espécie de fervor evangélico, que ela irá transcender com o desenrolar da ação. As colunas, que na Bíblia são apresentadas como símbolos compassivos da promessa de Deus de conceder ao povo total segurança, são reduzidas por Hester a emblemas de categorias morais rígidas, opostos binários que sugerem sistemas de julgamento punitivo.
- 10 Em sua edição da peça (de 1893), Ian Small observa com base no seu estudo dos manuscritos que esse pedido de lady Caroline, uma maneira brilhante de minar a pregação moral de Hester, foi na verdade um acréscimo posterior de Wilde, uma emenda manuscrita

- feita no rascunho mais completo que chegou até nós. Esse momento cômico, que costuma ser um dos que fazem a plateia rir com mais vontade nas apresentações, é habilmente introduzido aqui como um alerta ao público, para que não endosse integralmente o ponto de vista de Hester.
- 11 Essa era exatamente a situação de lorde Alfred Douglas. Ele também era um rapaz bem relacionado mas sem dinheiro, sustentado pela mãe, Sybil, marquesa de Queensberry, que havia se divorciado do marido, John Sholto Douglas, em 1887, quando seu terceiro filho (lorde Alfred) tinha dezessete anos.
- 12 Wilde havia feito uma lucrativa turnê de palestras (ou preleções) pelos Estados Unidos em 1882, na qual falou principalmente sobre a renascença inglesa e a decoração de residências.
- 13 Gerald usa o verbo “conhecer” no sentido de “ser apresentado”, mas a palavra também se aplica de modo terrível à situação no sentido bíblico de “ter relações sexuais com”.
- 14 Nos rascunhos, originalmente esse comentário espirituoso era inteiro da sra. Allonby. Dividido entre ela e lorde Illingworth, o efeito é, mais uma vez, evocar uma intensa conexão íntima entre os dois, o que é outra maneira de se *conhecer* alguém.
- 15 Essas duas universidades eram a rota tradicional para uma carreira diplomática, garantindo que ascender aos mais altos escalões do serviço público fosse equivalente a ser aceito como membro de um clube exclusivo.
- 16 Wilde reviu a imagem patentemente maltrapilha que ele havia considerado inicialmente que a sra. Arbuthnot deveria apresentar; consequentemente, embora na primeira montagem da peça a sra. Bernard Beere tenha se vestido inteiramente de preto ao representar o papel, seus dois vestidos eram definitivamente elegantes. A sra. Arbuthnot é bordadeira e deu a Gerald uma educação esmerada o bastante para que fosse admitido na sociedade elegante provinciana que ela também frequenta; assim, como seria apropriado, os vestidos usados pela sra. Beere eram bem cortados e elegantemente ajustados ao corpo. Isso começa a dar a entender, logo a partir de sua chegada, que há mais coisas nessa personagem do que sugerem as circunstâncias e as aparências. A sra. Arbuthnot pode optar por usar preto para que seu traje esteja de acordo com seu estado de espírito penitente; mas ela é originária da classe alta e esse fato se refletia na escolha dos tecidos e do talhe de suas roupas. Ela deve representar um enigma. O figurino da sra. Beere imediatamente a distinguia das outras mulheres presentes no palco, que se vestiam de forma suntuosa em cores mais claras, adornadas com joias ou tule bordado com lantejoulas.
- 17 Como em *O leque de lady Windermere*, Wilde arquiteta uma forma de se manter fiel aos princípios do realismo (a reunião social numa casa de campo, com seu recital noturno realizado por um ou mais dos convidados, era uma clássica convenção vitoriana), ao mesmo tempo que oferece um acompanhamento musical para o que se transforma numa cena de crescente tensão passional e angústia. Enquanto a maioria dos convidados busca fruir de um entretenimento elegante, a sra. Arbuthnot se vê cada vez mais encurralada psicologicamente por lorde Illingworth e torturada pela necessidade de desapontar o filho que ela adora.
- 18 Até aqui, prenomes vinham sendo empregados apenas como uma marca de intimidade e de posse por lady Caroline ao se dirigir ao marido e por lady Hunstanton ao dar instruções a seus empregados. Para o público original da peça, a quebra de etiqueta praticada por lorde Illingworth ao se dirigir à sra. Arbuthnot pelo primeiro nome seria algo surpreendente, se não chocante, e, junto com a identificação de Gerald como “nosso filho” e com a complexa significação da aparência da sra. Arbuthnot (mencionada na nota 16), apresenta imediatamente à plateia toda a história ocorrida no passado. No contexto da prática teatral vitoriana, isso era uma ousada inovação. Wilde revela os fatos de uma forma totalmente casual, fazendo o interesse do público se concentrar na competição psicológica que agora irá se iniciar pela posse de Gerald e pelo controle do seu futuro. É totalmente coerente com a caracterização que Wilde faz de lorde Illingworth que seja ele quem calma e decisivamente desafie as convenções, estabelecendo uma nova perspectiva para o tema já batido da mulher que tem um passado. Lorde Illingworth foi absolutamente inescrupuloso nas suas relações anteriores com a sra. Arbuthnot; e irá usar toda a energia do seu notável intelecto para pressioná-la a concordar com os planos que ele tem para Gerald.
- 19 Uma observação irônica, considerando o comentário que lorde Illingworth dirige à sra. Allonby no primeiro ato: “O Livro da Vida começa com um homem e uma mulher num jardim”. A ideia do jardim começa a figurar com crescente destaque no decorrer da peça,

dentro das estruturas de simbolismo de Wilde.

20 Uma pensão extremamente generosa na época.

21 Wilde capta não só as diferentes qualidades morais do pai e da mãe, como também os códigos morais opostos que se revelam na maneira distinta como a sra. Arbuthnot e lorde Illingworth se lembram deles e da influência que cada um teve. Essa é uma exposição exemplar, em que um conjunto de detalhes ilumina tanto a situação passada quanto a atual.

22 As referências bíblicas aqui se desestabilizam e se anulam: inicialmente, a passagem lembra a história do rei Acab, que apesar de rico e poderoso cobiçava a vinha de Nabot (1 Reis 21), o que constitui um paralelo pertinente; no entanto, com a imagem de Gerald como o “cordeirinho”, o emocionalismo da sra. Arbuthnot perde todo e qualquer simulacro de autocontrole. É uma concepção absurdamente sentimental. Ao longo de toda a peça, Wilde tende a empregar referências bíblicas e imitações de seus ritmos retóricos mais encantatórios como um juízo contra os personagens em cujas bocas ele as põe: a referência feita por Illingworth ao jardim do Éden (ver nota 19) expõe seu cinismo; a equivocada aplicação de imagens bíblicas feita por Hester mais no início do ato revela sua falta de compaixão; e aqui a retórica e as imagens bíblicas expõem o temor e a excessiva autopiedade da sra. Arbuthnot, que claramente não conseguem *atingir* um homem como lorde Illingworth. Na verdade, a tática da sra. Arbuthnot se reverte imediatamente a favor dele, como demonstra a ríspida e lacônica resposta de Illingworth: ele questiona a própria base da autoridade materna dela sobre Gerald caracterizando com desdém o vínculo emocional que ela tem com o filho como *desnecessário*.

23 Essa pergunta é uma astuta armadilha, que convida a sra. Arbuthnot a se arriscar a perder a estima do filho admitindo seu passado comprometedor e a ilegitimidade de Gerald. Lorde Illingworth arquiteta esse ardil por ter consciência do profundo sentimento de culpa e de vergonha de que ela padece. A energia mental que subjaz à crueldade de Illingworth e (na interpretação que Beerbohm Tree deu ao papel) o genuíno orgulho que ele sente de sua recém-descoberta paternidade fazem dele uma criação muito mais complexa do que os estereótipos aristocratas libertinos e cruéis de melodramas anteriores.

terceiro ato

1 A imagem no palco transmite muita coisa por meio da linguagem corporal dos dois personagens: lorde Illingworth recostado e relaxado; Gerald inseguro de sua posição, ereto e teso, hesitante e ansioso. O pai é o epítome do cavalheiro que ele próprio irá definir em seguida, enquanto o filho pouco ou nada tem que o recomende socialmente além da juventude, e possui plena consciência do fato.

2 O abismo que existe entre os dois homens em termos de experiência e de mentalidade é captado nesse diálogo. Gerald não consegue perceber que existe uma ideologia consciente por trás do cuidado do pai em cultivar uma pose de dândi, ideologia essa que faz com que ser um janota seja mais do que uma simples questão de usar “coisas bonitas”. Lorde Illingworth, interessado em construir um entendimento com o filho, em vez de debochar dele com um de seus comentários mordazes, procura fazer Gerald compreender que há uma filosofia subjacente à sua postura, da qual o estilo de um nó de gravata é apenas um detalhe externo.

3 Nessa época, teatros de brinquedo feitos de papelão — réplicas de peças populares vendidas em kits que incluíam palco, cenário, personagens e figurinos — eram impressos em duas versões: na versão sem cor, para serem coloridos pelas crianças, eles custavam um *penny*; na versão em cores, eles custavam dois *pence*. A metáfora expressa um desdém sexista pelas mulheres, que seriam tediosas ou emotivas demais.

4 Havia duas listas publicadas de membros da nobreza disponíveis na década de 1890: a de Burke e a de Cokayne.

5 Em Atos 9,36-40, Pedro ressuscita uma costureira viúva chamada Tabita (ou, em grego, Dorcas), que fazia roupas para a seita durante as reuniões. Na Inglaterra do século xix, “Dorcas” passou a designar associações de senhoras dispostas a praticar a caridade, que se reuniam para fazer roupas para os pobres. Um bastidor consiste em duas argolas de madeira fina que se encaixam uma dentro da outra para manter preso e esticado o tecido estendido entre as duas argolas enquanto este está sendo bordado.

- 6 Sociedade caritativa fundada em 1774 que concede prêmios por atos de bravura praticados para salvar vidas humanas, como o resgate de pessoas que sofrem afogamento.
- 7 Sistema monetário que envolve o uso de ouro e prata como moeda corrente ou meio de pagamento legal de qualquer quantia a uma razão fixada entre duas pessoas.
- 8 Sociedades dedicadas ao amparo, à regeneração, à reabilitação e, muitas vezes, à emigração assistida de mulheres “desgraçadas” existiam em profusão nessa época; muitas delas mantinham casas de amparo nas grandes cidades, casas essas que funcionavam como refúgios, mas com uma forte tendência evangelizadora.
- 9 Mais uma vez, em seu fervor irrefletido, Hester faz uma citação equivocada da Bíblia e de *The book of common prayer*, o breviário da Igreja anglicana. Suas palavras se baseiam no segundo mandamento do Velho Testamento, no qual, para reforçar a proibição ao culto de ídolos e falsos deuses, há uma ameaça de punição não só aos perpetradores de idolatria, mas também a seus descendentes “porque eu, o senhor teu Deus, sou um Deus ciumento, e puno os pecados dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração”. O fato de a sra. Arbuthnot considerar essa lei *terrível* enfatiza seu desespero ao pensar que seu amado Gerald possa sofrer. Em rascunhos anteriores, a fala de Hester se estendia um pouco mais, mencionando a confiança que ela sentira instintivamente, quando as duas se conheceram, de que ela e a sra. Arbuthnot compartilhavam os mesmos princípios morais, o que as distinguiria das outras mulheres hospedadas na casa de lady Hunstanton. A sra. Arbuthnot, então, tentava mudar o foco da conversa, comentando que as outras mulheres ao menos eram felizes, ao que Hester retrucava dizendo acreditar que nenhuma das duas desejaria experimentar tal tipo de felicidade. Na versão revisada, as ironias são mais incisivas e menos patentes: a sra. Arbuthnot reconhece que a postura moral de Hester é de fato semelhante à sua, mas a vivência que a levou a abraçar esses princípios a distancia tragicamente da jovem que está empenhada em fazer amizade com ela. Wilde é muito ousado ao utilizar a Bíblia dessa forma, para apontar em seus personagens uma falta de compreensão e de compaixão, qualidades que eles ainda precisam desenvolver.
- 10 Há algo de levemente sinistro na tentativa da sra. Arbuthnot de recriar a atmosfera emocional do tempo em que o filho era criança. O fato de conseguir ao mesmo tempo suscitar compaixão e críticas à sra. Arbuthnot, enquanto ela se esforça para influenciar a decisão de Gerald, sem ter porém a honestidade e a confiança necessárias para lhe contar a verdade, é um dos pontos altos do talento dramático de Wilde. Ela expressa um amor profundo e imenso, mas esse sentimento está sendo manipulado para atingir um objetivo preciso e, portanto, carece de integridade.
- 11 Espécie que é a matéria-prima do ópio.
- 12 Em rascunhos anteriores, Gerald conjecturava que muito provavelmente “a moça em questão não era flor que se cheirasse”. Ao cortar essa frase, Wilde jogou toda a força da fala de Gerald na palavra *boa* (seu epíteto favorito), o que insinua com grande eficiência o que a primeira versão declarava de forma grosseira. As revisões mostram que Wilde estava ganhando confiança na capacidade de uma plateia inteligente de captar insinuações e de perceber e compreender implicações nas entrelinhas.
- 13 Wilde reformulou inteiramente essa sequência final de ação pantomímica durante a composição e, ao fazê-lo, mudou por completo seu significado. Na versão mais antiga, essa rubrica dizia:

A sra. Arbuthnot desaba de joelhos no chão e abaixa a cabeça. Com uma expressão aflita, Hester se retira furtivamente da sala. Lorde Illingworth morde o lábio, hesita por um momento e depois sai. Gerald força a mãe a se levantar e, com uma expressão de horror e espanto, olha nos olhos dela.

Aqui, o quadro vivo final formado por Gerald e a mãe endossa a opinião de lorde Illingworth de que a sra. Arbuthnot criou o filho de modo a transformá-lo no seu pior juiz, de que ela sabe disso e de que isso influencia continuamente suas ações e decisões. A crise, quando vem, prova que ele tem razão, ou assim sugere a linguagem corporal dos personagens. A moral subjacente a essa sequência é convencional e o tom resultante, sensacionalista. A versão revisada começa com a reação inicial de Gerald à impulsiva revelação da mãe, mas, significativamente, sua expressão ao olhar nos olhos dela não é definida, ficando a cargo do ator decidir de acordo com a maneira como a ação se desenrola. A mãe interpreta a expressão no rosto do filho como um sinal avassalador de condenação e desaba no chão, envergonhada. Hester sai da sala silenciosamente (de novo a motivação é deixada em aberto). Lorde Illingworth continua

a morder o lábio durante o episódio, como nos rascunhos anteriores, mas agora faz esse gesto de cenho franzido. Teria ele interpretado a expressão de Gerald de forma diferente, principalmente considerando que Gerald continua a dar apoio à mãe e não a abandona para ir para perto do pai nem para ir embora dali sozinho? Mas isso tudo é visto, em última instância, como uma moldura para o que é uma decisão importantíssima por parte de Gerald quanto a qual deve ser a sua própria conduta. Esse deve ser o foco da cena na apresentação. O que Gerald decide ser seu dever fica implícito em seu gesto de erguer a mãe do chão, envolvê-la com seu braço e levá-la para fora da sala. Enquanto o ato anterior terminava com a sra. Arbuthnot aparentemente abandonada e numa posição de extrema vulnerabilidade, agora é lorde Illingworth quem está sozinho e derrotado.

quarto ato

- 1Nota-se que a rubrica não oferece nenhuma orientação quanto à aparência da sala de estar da sra. Arbuthnot, mas especifica grandes portas de vidro dando vista para o jardim, o que sugere uma resolução. No decorrer dos três atos anteriores, fomos transportados de um cenário ao ar livre, situado no gramado em frente à varanda de uma imponente casa com jardins paisagísticos, para dois ambientes fechados e artificialmente iluminados. Agora, somos levados a outro ambiente fechado, mas do qual se tem pelo menos a vista de um jardim ensolarado. Wilde usava cenários como algo mais que panos de fundo pictóricos para a ação dramática, e aqui o espaço cenográfico criado vai progressivamente assumir precisas conotações simbólicas.
- 2Em rascunhos anteriores, essa fala continuava: “Seria uma experiência tão nova para ele”. Wilde fez bem em cortar essa frase, pois ela tiraria do comentário inicial boa parte de sua ironia: pela primeira vez, a sra. Allonby não está inteiramente a par da situação nem do papel que lorde Illingworth tem nela, e isso dá à observação ramificações das quais a sra. Allonby não tem a menor consciência. A piada é, em parte, à custa dela. O que a sra. Allonby não sabe é que Illingworth já havia, no passado, se recusado a partilhar um espaço como aquele com a sra. Arbuthnot, e tornara a se recusar na noite anterior; agora, no entanto, ele pondera até que ponto conseguiria se adequar às convenções sociais para encontrar uma forma de partilhar com ela um território comum. Há ainda a ironia adicional de que, ao chamar atenção dessa forma para a atmosfera e o estilo da sala, o comentário da sra. Allonby mostra como é impossível conceber qualquer tipo de união entre lorde Illingworth, que se sente tão em casa nos espaços grandiosos da mansão de lady Hunstanton, e a sra. Arbuthnot, cuja postura moral está refletida em cada detalhe daquela sala que ela criou como seu espaço privado.
- 3Considerado um sinal gracioso de que uma moça tinha um temperamento recatado e virginal e que, portanto, se chocava com facilidade. Mas é também um dos primeiros sinais da excitação sexual. O diálogo brinca com as duas conotações.
- 4Wilde usa “final” aqui claramente para alertar a plateia sobre as diferentes maneiras como ele poderia solucionar a trama da peça, para que o público possa apreciar melhor a originalidade da solução pela qual ele opta. “Costumeiro” aqui sugere o final estereotípico, o requerido final fechado em que, do ponto de vista da sra. Arbuthnot, uma felicidade conquistada a duras penas com a realização do casamento rapidamente azeda.
- 5Esse é um aspecto central do tema de Wilde: as convenções morais vigentes exigiam que as mulheres policiassem a conduta umas das outras e excluíssem de seu convívio todas aquelas que transgredissem os padrões de comportamento permitidos. Mas as explorações de Wilde nesta peça vão muito mais fundo, investigando como esse policiamento pode ser internalizado por mulheres de natureza sensível e escrupulosa como a sra. Arbuthnot. A culpa permeia cada aspecto do seu ser e influencia todas as suas ações, já que ela continuamente se condena (tão arraigada em sua psique está a moral convencional). Casar-se com lorde Illingworth não a libertaria dessa prisão interna de desespero, cuja chave só ela tem.
- 6A trama engendrada por Wilde exige uma vez mais que Hester seja uma presença oculta, da qual só a plateia (mas não os outros personagens) tem consciência. Em melodramas, a figura que ouve conversas alheias sem ser notada, como acontece com Hester, normalmente o faz de forma sorrateira e com más intenções. Repetindo aqui a mesma

estratégia, Wilde faz a plateia se lembrar das cenas do segundo ato para melhor avaliar como Hester amadureceu com o que presenciou, tornando-se mais compassiva e moralmente compreensiva.

- 7 Cf. Mateus 13,45-6, em que Jesus compara o reino dos céus a uma pérola de grande valor que faz com que um negociante venda tudo o que possui para comprá-la.
- 8 Mais uma vez a sra. Arbuthnot faz alusão a palavras do Evangelho de Mateus (25,35-6): “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me”.
- 9 A mãe do profeta bíblico Samuel (1 Samuel 1-2), que se tornou um símbolo de devoção a Deus e de dedicação materna.
- 10 Com esse abraço começa o movimento da trama de Wilde rumo a seu desfecho audaciosamente nada convencional. O papel de Hester ao longo de toda a peça exige da atriz uma habilidade para a pantomima sutil, pois em duas ocasiões notáveis a motivação para sua súbita entrada no diálogo tem de ser indicada para o público por alterações em sua linguagem corporal, já que tal entrada está relacionada ao fato de ela estar ouvindo com extrema atenção a conversa dos outros personagens presentes no palco, que não estão cientes de sua presença. O diretor precisa encontrar formas de fazer com que o público atente para a figura de Hester, sem, no entanto, deixar de prestar atenção aos personagens que naquele momento estão travando o diálogo.
- 11 Mais uma quebra de etiqueta por parte de lorde Illingworth. Dado que o palco foi definido como o domínio da sra. Arbuthnot, essa entrada constitui uma invasão caracteristicamente brutal da privacidade dela, indicativa do crescente chauvinismo de lorde Illingworth.
- 12 Em rascunhos anteriores, lorde Illingworth reagia à rejeição por parte da sra. Arbuthnot a qualquer proposta que ele pudesse ter a fazer acusando-a de ser “uma péssima mãe” e insistindo para que ela o ouvisse com o argumento de que o que tinha a dizer poderia interessá-la. Cortar esse preâmbulo tornou mais incisiva a caracterização de Illingworth, que agora simplesmente atropela com prepotência a tentativa da sra. Arbuthnot de interromper a investida dele e encerrar a conversa. Uma propriedade “vinculada” é aquela cuja posse só pode ser transmitida a indivíduos específicos (em geral o primogênito de um primogênito ou o possuidor de um determinado título), de modo que ela não pode ser legada livremente a quem quer que o atual dono escolha.
- 13 Por uma soberba ironia criativa de Wilde, o que lorde Illingworth vê pela porta de vidro é a concretização de uma imagem com a qual ele havia brincado casualmente no primeiro ato. Lá, a imagem definia seu cinismo elegante; mais adiante (ver segundo ato, nota 19), a imagem é repetida pela sra. Arbuthnot, ao relatar que sua paixão por George Harford começara no jardim da casa de seu pai, para definir a trágica percepção que ela tem do papel que a ilusão e a traição tiveram em sua vida; agora, em sua representação física, a imagem simboliza a promessa de um futuro e a possibilidade de mudança e crescimento (mas um futuro e uma mudança dos quais lorde Illingworth está definitivamente excluído).
- 14 Lorde Illingworth finalmente admite sua derrota e sem dúvida se sente humilhado por ter de implorar pela ajuda da sra. Arbuthnot. Esse momento de pátos, que suscita certa compaixão pelo personagem, é planejado de forma inteligente por Wilde de modo a preceder uma demonstração final e execrável da crueldade de Illingworth e do sadismo psicológico sutil de que um esnobe como ele é capaz ao ser frustrado no que deseja e entende como seu absoluto direito.
- 15 Wilde não dá nenhuma indicação acerca do tom em que essas palavras devem ser ditas. Elas podem ser tratadas (e isso já aconteceu em cena) como um momento de triunfo vingativo da sra. Arbuthnot, mas fazer isso é arriscar-se a cair num histrionismo melodramático que não parece condizer com a personagem, por mais que ela fale de seu ódio por lorde Illingworth. Dar a essas palavras uma entonação mais discreta e controlada permite que toda a ironia da repetição delas reverbere como uma condenação a Illingworth pela insensibilidade que ele demonstrou ao dizê-las.
- 16 Literalmente, essa expressão significa “fim de século” ou “fim de uma era”, mas no início dos anos 1890 ela começou a ser aplicada sistematicamente a artistas de vanguarda e suas obras, contexto em que tendia a conotar antinomianismo, decadência ou anticonformismo moral (ou seja, tudo aquilo que, em termos de comportamento social ou expressão artística, desafiava as normas, as convenções, os gostos e as práticas sociais ou sexuais vigentes).
- 17 Em cena é extremamente difícil acertar o timing desse episódio. A agressão com a luva tem

de parecer ser uma reação impulsiva da sra. Arbuthnot ao insulto final de lorde Illingworth; no entanto, há apenas uma fração de segundo entre a percepção de qual exatamente é a palavra que iria concluir a frase dele e a execução do golpe contra seu orgulho masculino. Ser agredido fisicamente por uma mulher já seria humilhante o bastante para um homem como Illingworth, mas a natureza da agressão e o meio com o qual ela é efetuada são uma paródia das leis tradicionais que regiam os duelos entre cavaleiros medievais, segundo as quais o desafio para lutar em defesa da honra ofendida tinha de ser feito atirando-se uma luva ao chão ou golpeando com ela o rosto do oponente. O gesto da sra. Arbuthnot, portanto, condena lorde Illingworth tanto como homem quanto como cavaleiro. Se o episódio for encenado de maneira apressada, o público não terá tempo para se dar conta de todas as implicações do gesto que ela faz instintivamente. Por outro lado, se encenado de forma muito lenta, o episódio ficará parecendo forçado e artificial, e o público não irá refletir com a devida seriedade sobre sua intenção simbólica.

18Ver primeiro ato, nota 15. Ao fazer uma variação sobre o título alterando o gênero do indivíduo que é alvo do pouco caso expresso na frase, Wilde convida o público a olhar além da mera trama e de sua resolução e a considerar a natureza da viagem social e ética pela qual ele o guiou. A troca de palavras enfatiza o modo como a abordagem do tema feita por ele se concentrou em investigações sobre questões de gênero e, em particular, sobre chauvinismo masculino. Lorde Illingworth pode parecer ser o charmoso representante da sociedade elegante; mas a mulher que ele tenta continuamente marginalizar como “o outro” acaba por revelá-lo uma pessoa desprezível e por tomar o seu lugar tanto no palco quanto como foco do interesse do público, que ele havia dominado sistematicamente ao longo dos três atos anteriores.

um marido ideal

Contratado pelo ator e produtor John Hare, Wilde começou a escrever essa peça no outono de 1893; no início da primavera, Hare a recusou, alegando que achava o desfecho insatisfatório. (Hare, notoriamente quixotesco, recusou *The second Mrs. Tanqueray*, que ele havia encomendado a Arthur Wing Pinero, porque achou grande parte da ação ousada demais.) Felizmente, o jovem Lewis Waller, que tentava firmar seu nome como ator de papéis românticos e viris (sendo dono de uma beleza estonteante), passara a manifestar seu interesse em produzir montagens de *O leque de lady Windermere* e de *Uma mulher sem importância* com o objetivo de sair em turnê pelo interior e se lançar como ator e produtor. Waller também havia solicitado a Wilde uma peça de um único ato para acrescentar a um programa misto que ele pretendia montar a fim de oferecer uma mostra do escopo de seus talentos e de sua técnica. Nesse meio-tempo, porém, o Haymarket Theatre foi oferecido a Waller por uma temporada, enquanto a companhia de Beerbohm Tree estava viajando em turnê, e então, quando Wilde propôs a ele que encenasse *Um marido ideal* como sua primeira produção, Waller aceitou. Ensaiada na época do Natal, a peça estreou em 3 de janeiro de 1895, com Waller no papel de Chiltern. Charles Hawtrey, que tinha um fino talento para a comédia leve, encarnou lorde Goring; Julia Neilson, que havia sido uma distinta Hester Worsley para Tree em 1893, interpretou lady Chiltern; Maud Millet, como Mabel Chiltern, e Florence West, como a sra. Cheveley, completavam o elenco. É possível extrair algumas impressões da montagem de Waller a partir das detalhadas rubricas, às quais Wilde fez extensos acréscimos ao publicar o texto. Sir Robert era um veículo perfeito para Waller, já que a comédia não costumava ser seu ponto forte; em nenhum momento o cômico chega a seu personagem, ao qual não faltam detalhes que exigem sinceridade, angústia e autoengano, coisas que Waller claramente conseguia transmitir, ao mesmo tempo que mantinha o envolvimento da plateia por conta de seu carisma como ator e ídolo de matinê. A mais notável das remontagens recentes foi a de sir Peter Hall, em 1992, que passou por várias trocas de elenco, excursionou pela Inglaterra e pelos Estados Unidos e voltou a Londres para uma nova temporada prolongada. Sua popularidade refletia o desconforto nacional diante da pregação pública feita pelo governo tóric (conservador) em prol de uma retomada de valores vitorianos (ou “de família”), quando a toda hora membros do próprio governo eram alvo das mais variadas denúncias comprometedoras acerca de suas vidas privadas por parte da imprensa. As hipocrisias do mundo político de hoje (como observaram alguns críticos) encontravam um paralelo perfeito

nas concessões morais e nas astutas operações de encobrimento negociadas pelos animais políticos de Wilde.

Sete ou oito rascunhos manuscritos ou datilografados de cada ato de *Um marido ideal* sobreviveram; eles mostram como Wilde demorou a encontrar o tom certo para os diálogos entre Mabel Chiltern e lorde Goring. O tom íntimo, afetuoso e provocador das conversas dos dois, fortemente inspirado nas cenas de Beatrice e Benedick, de *Muito barulho por nada*, de Shakespeare, é primorosamente calculado de modo a contrastar com a austeridade desapassionada do casamento dos Chiltern. As revisões revelam que Wilde teve certa dificuldade para bolar uma maneira convincente de impedir que a sra. Cheveley levasse a cabo seu plano; a ideia da pulseira só foi surgir num estágio avançado do processo de composição. Wilde fez uma extensa revisão na peça em 1898-9 para que fosse publicada por Leonard Smithers, em 1899; as modificações e os acréscimos acentuaram bastante as complexidades de Goring.

dedicatória

- 1 Amigo de longa data de Wilde, Harris (1856-1931) continuou leal a ele na fase mais difícil de sua vida. Irlandês como Wilde, tinha uma atitude aberta e arrojada em relação à verdade, sendo autor de uma autobiografia que foi proibida pela forma explícita como tratava de sexo. Foi como editor sucessivamente de *Saturday Review*, *Fortnightly Review*, *Vanity Fair* e *Evening News* que construiu sua reputação, tendo nesta última publicação popularizado a manchete provocativa ou sensacionalista. Em 1920, publicou uma biografia de Wilde. A dedicatória da peça foi, em parte, uma expressão de gratidão a Harris por sua generosidade ao saldar as dívidas de Wilde em Paris e bancar a maioria das despesas de um inverno que os dois passaram juntos em Napoule, perto de Cannes, na Riviera francesa (1898-9). Reservadamente, Wilde confessou que achava Harris cansativo, pois ele esperava que Wilde estivesse constantemente sob alta pressão intelectual.

primeiro ato

- 1 Uma casa no centro de Belgravia sinalizava que o dono dispunha de considerável fortuna e muito provavelmente tinha um alto cargo diplomático. O fato de Wilde partir do princípio de que o público reconheceria *O triunfo de Vênus*, de François Boucher (já que essa obra estabelece tantas ressonâncias irônicas), indica o quanto os trabalhos desse artista (e as pinturas de Antoine Watteau) estavam na moda entre os frequentadores mais abastados do Haymarket Theatre. Discussões acerca dessa escola de arte francesa do século xviii, particularmente sobre seu refinado erotismo, andavam muito em voga em círculos artísticos, como se percebe pelo romance *Evelyn Innes*, de George Moore, que seria publicado em 1898. A heroína do romance é levada para ver a extensa coleção de obras desses artistas abrigada na Dulwich Art Gallery por um homem que usa sutilmente uma discussão dessa natureza na tentativa de seduzir a moça. Móveis Luís xvi eram particularmente opulentos em estilo e acabamento e, já nessa época, eram peças de enorme valor, consideradas itens de colecionador. Todo o cenário é uma ostentosa exibição do gosto caro e da posição influente do proprietário da casa na sociedade.
- 2 Sir Thomas Lawrence (1769-1830), o mais admirado retratista de seu tempo, teve uma imensa clientela europeia. Pintou Jorge iii e, a partir de 1820, foi presidente da Royal Academy.
- 3 Claramente o tipo de beleza preferido de Wilde para mulheres jovens, já que Sybil Vane, em *Dorian Gray*, e Sybil Merton, em *O crime de lorde Arthur Savile*, também são associadas a essas pequenas e muito apreciadas estátuas de terracota encontradas em Tânagra, na Grécia, em túmulos que datam dos séculos iv e iii a.C.
- 4 A Rotten Row, no Hyde Park, era um dos lugares preferidos da classe alta para se exercitar.
- 5 A insígnia da Ordem da Jarreteira. O comentário chama atenção para a posição política de lorde Caversham, o que prepara caminho para seu papel como emissário do primeiro-ministro no último ato.
- 6 Literalmente, “à moda da marquesa”, em referência a um penteado muito usado na época de Luís xv e que se tornou moda, nessa época, entre mulheres maduras de certa posição. Mais uma vez, isso reflete uma preocupação com o gosto francês.

- 7Na primeira montagem, Florence West não usou essa tonalidade clara de roxo, mas um vestido “de cetim de um tom escuro de verde-esmeralda”, decorado com festões de rosas e (o que gerou muitos comentários adversos) andorinhas empalhadas na gola, na cintura e na extensa cauda do vestido. Ela certamente exibia cabelos muito vermelhos, pois William Archer a descreve como “ruiva” em sua resenha. Ao que parece, foi ao revisar o texto para publicação que Wilde acrescentou essas rubricas elaboradas e literárias, aparentemente dirigidas a leitores, pois nessa época Wilde não tinha nenhuma perspectiva de que um texto seu pudesse voltar a ser encenado. As rubricas são mais ao estilo de Shaw.
- 8Ver *Uma mulher sem importância*, primeiro ato, nota 4.
- 9O retratista Antoon van Dyck (1599-1641) nasceu na Antuérpia e foi pupilo de Rubens. Numa visita à Inglaterra em 1620, estabeleceu seu nome com um retrato de lady Arundel e, numa visita subsequente, em 1632, foi nomeado cavaleiro por Carlos I. Seu trabalho é famoso principalmente pelo primoroso detalhamento psicológico com que ele representava seus modelos.
- 10“Azuís”, presume-se, para distingui-los dos óculos cor-de-rosa associados com a visão dos otimistas e idealistas. A piada faz referência às correntes predominantes na filosofia da época e à rivalidade entre o idealismo “transcendental” de Kant e Schelling e o pessimismo sombrio e meditativo associado a Schopenhauer e Nietzsche.
- 11Camille Corot (1796-1875) pintava principalmente paisagens, centrado em Barbizon, perto de Fontainebleau; Wilde e George Moore elogiaram em seus textos os delicados efeitos crepusculares obtidos por Corot e escreveram sobre o princípio seguido por ele de sacrificar o detalhamento preciso em benefício da unidade de impressão.
- 12Ulisses, que foi obrigado pelos deuses a vagar pelo mar Mediterrâneo depois do saque de Troia, enquanto sua mulher, Penélope, esperava pacientemente por sua volta, apesar das atenções de inúmeros pretendentes. Ao louvar a vida de solteiro, a sra. Cheveley pode estar veladamente abrindo seu ataque contra Gertrude Chiltern. A maneira leviana como ela trata o tema do casamento a caracterizaria como “libertina”.
- 13Fundado em 1763, é um dos mais antigos clubes londrinos, embora originalmente fosse conhecido como Savoir Faire. Edward Gibbon, autor de *Declínio e queda do Império Romano* (1776-88), foi um de seus primeiros membros. A elegante fachada da St. James’s Street foi construída em 1765.
- 14Cf. as críticas e preocupações de lady Bracknell em relação à nacionalidade da música, expressas quando elabora um programa musical para uma festa. Ela considera canções francesas impróprias e, portanto, não admite que sejam tocadas na ocasião; mas o alemão, diz, “parece ser uma língua inteiramente respeitável”.
- 15De maneira geral, o termo era usado no sentido de “insalubre, doentio, decadente”; ou, de forma menos rigorosa, “contrário à norma estabelecida”. Ao que parece, lord Goring usa o termo neste último sentido, mas a sra. Marchmont entende que ele esteja querendo dizer “decadente”, sentido que estava mais na moda.
- 16Em festas noturnas elegantes, a prática educada era que os homens oferecessem, ao final de uma dança, algum tipo de comida ou bebida a suas parceiras, as quais em seguida conduziam de volta a seus acompanhantes, quando começava a tocar a abertura da dança seguinte.
- 17Em 1875, Disraeli tornara a Grã-Bretanha coproprietária do canal de Suez. Viajar para a Índia se tornou menos perigoso pelo canal, e o Reino Unido conquistou uma influência decisiva na política do Oriente Médio.
- 18Projetado para ligar os oceanos Atlântico e Pacífico, foi em grande parte iniciado pelo visconde Ferdinand de Lesseps, um dos principais responsáveis pelo empreendimento de Suez. Contudo, o projeto malograra em 1889, em virtude de corrupção generalizada, tanto por parte dos financiadores quanto dos funcionários franceses. O canal acabou sendo concluído em 1914, mas como um empreendimento norte-americano.
- 19Referência intertextual tenuemente velada a *Troilo e Crésida*, de Shakespeare: “Um toque da natureza torna todo o mundo parente” (iii.iii.169). Nesta fala, Ulisses explica a Aquiles por que Ajax é o herói do momento, e não o próprio Aquiles, que, não tendo demonstrado seu heroísmo recentemente, foi totalmente esquecido. O “toque” se refere a uma tendência comum, na opinião de Ulisses, a supervalorizar o que quer que seja novo apenas em função da moda. É significativo que Wilde chame atenção para uma peça que mede a integridade pessoal pondo na mesma balança uma relação amorosa e a necessidade pública, que questiona o valor da reputação e a base sobre a qual ela é construída, e que

investiga a divisão que separa valores professados de motivações.

20 Em rascunhos anteriores, Wilde havia incluído detalhes a respeito das relações da sra. Cheveley com o barão Arnheim: explicava que ela tinha herdado uma vila húngara que pertencia ao barão, que ela encontrara a carta comprometedoras numa escrivaninha marchetada que estava nessa vila, que Arnheim havia escrito na carta a soma que dera a Chiltern e com a qual ele havia construído sua fortuna e sua reputação. Tais explicações retardariam a ação em cena e, principalmente, desviariam a atenção da plateia do impacto sofrido por sir Robert ao saber que a carta ainda existia e poderia vir a público.

21 No decorrer de todo o episódio, a posição da sra. Cheveley reflete as relações de poder entre ela e sir Robert: ela se levanta quando precisa afirmar a força superior da sua vontade e se senta apenas quando está segura de seu sucesso.

22 Situada, na Câmara dos Comuns, imediatamente acima da tribuna da imprensa.

23 A prática tradicional na Câmara ainda é que um membro do mesmo partido do parlamentar lhe faça uma pergunta, criando um contexto que exige que o parlamentar faça um pronunciamento. É esse procedimento que permite que assuntos que não estão programados na pauta sejam levados a debate.

24 Hyde Park.

25 Elegante hotel situado na Brook Street, em Mayfair.

26 Literalmente, “conforme a regra”, em que “regra” se refere à etiqueta.

27 O modo como essa forma de solucionar a trama da peça é introduzida é exemplar. Em vez de enfatizar sua importância, Wilde faz com que a descoberta do broche/pulseira seja um meio de provocar uma confissão casual e despreocupada por parte de Mabel Chiltern sobre como aquela joia lhe causa coibição. A conversa com lord Goring chama atenção para a joia apenas como um objeto belo, e não como algo significativo. O fato de lord Goring já ter visto a joia antes e conhecer as complexidades do seu funcionamento é apresentado de maneira discreta e sem comentários ou explicações. Qualquer indício de melodrama é ofuscado pela maneira cômica como a expectativa de Mabel Chiltern de ser pedida em casamento por lord Goring é frustrada e por sua irritada retirada da sala quando ele declara que teria dado aquela joia a outra pessoa, o que sugere a possibilidade de um noivado anterior.

28 Com que rapidez o conselho da sra. Cheveley sobre recorrer a lugares-comuns é seguido por Chiltern! Nós já havíamos tido uma amostra suficiente da sua maneira de se portar, do seu estilo retórico e do seu registro verbal quando ele se sentia inteiramente seguro de sua posição para perceber o chocante declínio que houve agora, enquanto recorre a evasivas e generalizações frágeis e constrangidas a respeito da conduta na vida política. Essas últimas declarações são as piores, já que ele antes tinha orgulho de ser um homem diferente dos outros, e sua esposa admirava e endossava esse orgulho.

29 Em *Uma mulher sem importância*, Wilde faz a sra. Arbuthnot recorrer, em momentos de estresse emocional, a um estilo bíblico de retórica que beira a paródia. Esse é um estado mental que a personagem acabará por transcender, e a sugestão de maneirismo faz com que reajamos com distanciamento a esse emocionalismo, que nos parece excessivo, autopiedoso e, de alguma forma ainda não definida e não analisada, moralmente questionável. De maneira semelhante, as palavras de lady Chiltern aqui, por parecerem de segunda mão, não transmitem nem uma impressão de integridade nem a sensação de refletir genuinamente complexidades de sentimento.

30 Outra audaciosa referência intertextual, desta vez a *Idylls of the king* (1842-85), de Tennyson, mais especificamente às palavras da rainha Guinevere quando, ao admitir ter cometido adultério com Lancelot, percebe que caiu em desgraça (o rei Arthur é “o mais elevado”). Mais uma vez, como na citação a *Troilo e Crésida*, a preocupação é com valor e respeito, o que o cria e como ele pode ser destruído. Mas lady Chiltern está citando as palavras de uma mulher que só descobriu o verdadeiro valor do homem que um dia amou no momento em que o perde para sempre. As palavras expressam um sentido, mas o contexto cria níveis muito mais profundos de significação. Será que lady Chiltern também sente que perdeu o marido e, a partir dessa perda, está começando a perceber que ele tinha um sentido na vida dela que não advinha apenas do seu senso de dever como homem público? Seria isso de fato o triunfo do amor sobre o dever, como sugere a imagem final da silhueta de sir Robert recortada sobre o fundo iluminado da tapeçaria?

31 Outra referência intertextual, lembrando as palavras de Otelo ao entrar no quarto de Desdêmona com a intenção de matá-la: “Apague a luz e, depois, apague a luz” (Otelo,

v.ii.7). Mais uma vez, Wilde enfoca as consequências de uma reputação perdida; pairando por trás das palavras que sir Robert pronuncia está a súbita compreensão de Otelo de que, ao assassinar a esposa, havia perdido uma pérola “mais rica que toda a sua tribo”. É possível interpretar tanto essa fala quanto a de Tennyson de modo a dar a entender à plateia que o choque e a autopiedade estão fazendo sir Robert e lady Chiltern agirem de formas que contrariam o que há de melhor na natureza de ambos e também seus melhores interesses, embora sejam reações condizentes com o estado emocional em que se encontram.

segundo ato

- 1 Lorde Goring é o epitome da fleuma aristocrática: magnificamente bem vestido, ele ostenta sua indumentária com soberbo pouco caso. Apesar de sua linguagem corporal relaxada, tem uma mente extraordinariamente alerta e um aguçado senso de escrúpulo moral. A qualidade que Wilde está representando aqui é uma versão do fim do século xix daquilo que na Renascença era a *sprezzatura* cultivada pelos homens da nobreza: a manutenção de uma postura de total tranquilidade e desembaraço ao realizar o que quer que se propusessem a realizar. Há um patente contraste aqui entre lorde Goring e o aflito sir Robert, andando de um lado para o outro.
- 2 Uma forma particularmente cruel de castigo e humilhação pública em que um infrator era preso de pé a uma estrutura de madeira que tinha buracos para a cabeça e as mãos e ali era deixado para ser alvo de ridículo, de agressões, às vezes de mutilações, ou até mesmo ser morto.
- 3 A montagem de 1992 de sir Peter Hall enfatizava essa ideia fazendo com que o público se deparasse, ao chegar e nos intervalos, com uma cortina de boca que exibía uma imagem ampliada de uma moeda de ouro vitoriana chamada *sovereign* (soberano), que trazia em relevo a efígie da rainha. O trocadilho visual com “*sovereign*” como moeda e como monarca oferecia um contexto social preciso.
- 4 O absoluto controle que lorde Goring tem de si mesmo e da situação fica muito claro na maneira como consegue sustentar sua amizade com sir Robert ao mesmo tempo que se distancia da filosofia e do código ético do amigo de forma veemente.
- 5 Livros que têm uma influência profunda na vida de um indivíduo são recorrentes na obra de Wilde, em especial em *Dorian Gray*. Wilde contou a Yeats que *Studies in the History of the Renaissance* (1873), de Walter Pater, foi um desses livros para ele.
- 6 Em *Oscar Wilde and the theatre of the 1890s* (1990), Kerry Powell escreveu em detalhes sobre o extenso conhecimento que Wilde tinha das peças de Henrik Ibsen. Essa passagem antecipa uma situação e a imagística recorrente de *John Gabriel Borkman* de Ibsen, que só seria concluída em 1896. Borkman está obcecado com a ideia de obter uma riqueza sem paralelo a partir do minério que ele acredita que possa ser extraído da cadeia de montanhas local; como diretor de um banco, ele tem a possibilidade de usar e dilapidar as economias de inúmeras pessoas em busca de sua quimera; ele é preso, libertado da cadeia para uma espécie de exílio em sua própria casa, mas morre quando foge durante uma nevasca, ainda perseguindo sua fantasia, e sente uma mão de gelo se fechar em torno de seu coração. Quando estava prestes a ser solto da prisão de Reading, Wilde pediu a Robert Ross que levasse para ele dois livros que poderiam lhe oferecer conforto mental e segurança para enfrentar o mundo: um deles era *John Gabriel Borkman*.
- 7 Todas essas questões correspondem, na verdade, a propostas que o Partido Liberal estava defendendo depois de ter voltado ao poder, com William Gladstone, na eleição de 1892.
- 8 Durante a temporada, os pais de moças casadouras davam festas e bailes privados, mas também existiam alguns eventos mais oficiais, como o Baile dos Solteiros, oferecido depois que as debutantes já haviam sido apresentadas à corte.
- 9 O súbito tom urgente dessa fala, que surpreende lady Chiltern, mostra como lorde Goring conhece bem a personalidade de seus amigos e com que sagacidade previu a maneira como cada um provavelmente reagiria diante da presente crise.
- 10 O vestido usado na primeira montagem foi descrito por “Florence”, no *Sketch* de 9 de janeiro de 1895, como de “cetim verde-água, estampado com bolinhas minúsculas e folhas convencionais igualmente diminutas”. Havia ornatos envolvendo laços de veludo laranja, penas pretas de avestruz, uma faixa de cetim preto na cintura, uma gola de veludo laranja, “dragonas de cetim preto coberto de renda” e um chapéu de aba larga de veludo preto enfeitado com mais penas de avestruz.
- 11 O principal jornal de Londres no que se tratava de relatar com minúcia as atividades da

- sociedade do West End. Membros da classe alta frequentemente pagavam para publicar parágrafos listando as pessoas que compareciam a suas festas privadas.
- 12 Um biquinho enigmático e espirituoso, que fica a meio caminho entre fazer menção de jogar um beijo e expressar amuo.
- 13 Ver *Uma mulher sem importância*, terceiro ato, nota 7.
- 14 Uma maneira popular de arrecadar dinheiro para caridade nessa época era um grupo de mulheres jovens e bonitas, vestidas com trajes elaborados, representarem pinturas famosas, cenas da história ou da mitologia. Esses quadros eram ensaiados e depois apresentados em festas da sociedade como parte dos entretenimentos da noite. As moças mantinham, imóveis, suas poses, ao som de um acompanhamento musical adequado.
- 15 Instituições de caridade vitorianas se esforçavam para estabelecer uma maneira de distinguir os pobres merecedores daqueles tidos como não merecedores de ajuda. Charles Booth havia pesquisado o assunto e escrito o que se tornou o texto-chave na tentativa de estabelecer tal distinção em *Labour and life of the people* (1889). Wilde vivia fazendo piada sobre como os membros da alta sociedade estavam necessitados de assistência; ver, por exemplo, em *A importância de ser prudente*, a menção do cônego Chasuble a uma “Sociedade pela Prevenção da Insatisfação entre as Classes Dominantes”.
- 16 As debutantes eram formalmente apresentadas à rainha e sua corte como um sinal de sua entrada na sociedade num salão oficialmente conhecido como “Drawing Room” (sala de visitas).
- 17 Tratava-se de um projeto radical para reabilitar a população criminoso ou para dar o que era tido como um “empurrão” na vida a pessoas saudáveis mas pobres. Era também uma maneira de aumentar a presença inglesa em territórios coloniais para supervisionar a mão de obra nativa e assim, imaginava-se, aumentar a produção agrícola ou industrial. A filosofia de Império produziu algumas iniciativas questionáveis, que, sob o disfarce de filantropia, atendiam na verdade a interesses materiais.
- 18 É mais provável que essa estância de águas termais fosse visitada na época não por razões de saúde, mas por oferecer opções de entretenimento social.
- 19 Embora algumas faculdades femininas já tivessem sido fundadas nas universidades de Oxford, Cambridge e Londres, esse assunto ainda era objeto de muito debate e continuaria sendo até as mulheres conquistarem o direito de voto.
- 20 Gladstone havia proposto desoficializar a Igreja anglicana em Gales, o que provocou muita controvérsia. Os liberais também tinham cogitado instituir medidas para abolir a Câmara dos Lordes em lugares onde o projeto de lei que propunha a emancipação política da Irlanda (Home Rule Bill) e algumas outras tentativas de alterar radicalmente a legislação haviam sido bloqueadas. Considerando essa última questão, os comentários irrefletidos de lady Markby sobre a sensatez da Câmara dos Lordes como instituição são de uma falta de sensibilidade cômica.
- 21 Os “livros azuis” eram relatórios de comitês parlamentares, áridos e repletos de estatísticas; as “capas amarelas” eram os romances modernos franceses. *The Yellow Book*, um periódico trimestral encadernado e ilustrado que continha trabalhos literários e artísticos de escritores e designers ingleses contemporâneos, estava em circulação desde abril de 1894 e era considerado por muitos o epítome da decadência de inspiração francesa.
- 22 O convento viria a ser o destino de Evelyn Innes, a heroína de George Moore, que nos primeiros dois romances se dedica a uma carreira artística como soprano wagneriana, mas depois sofre uma crise religiosa e, no romance seguinte, *Sister Teresa* (1901), veste o hábito. A arte do bordado decorativo era uma atividade fomentada por William Morris, com o incentivo de Wilde, e deu origem a um bem-sucedido negócio para a irmã de W. B. Yeats, Lily, que havia sido aprendiz da filha de Morris, May, em seu ateliê de bordado em Kelmscott.
- 23 Descobrir gênios para exibir em suas reuniões sociais era um verdadeiro hobby para damas da alta sociedade que acalentavam a ambição de estabelecer um salão à moda continental. Wilde descreveu de forma arrasadora a tentativa do emigrado russo Andre Raffalovich de criar um desses salões como algo que mal conseguia ser melhor do que um “saloon” (taberna).
- 24 Essa é uma saída de cena perigosamente melodramática. Anna Carteret, que interpretou a sra. Cheveley na montagem de Hall, atenuou a intensidade do momento enunciando a palavra “origem” de maneira rônica, como se estivesse citando a si mesma no ato anterior, a fim de lembrar sir Robert do que o barão Arnheim havia escrito como uma

glosa na carta incriminadora.

- 25A imagem não explicitada é a do estereótipo da prostituta, com seu rosto excessivamente pintado.
- 26Wilde inteligentemente inverteu o estereótipo sexual que sustenta boa parte dos melodramas convencionais: aqui nós temos um homem com um passado comprometedor sendo recriminado por uma mulher porque ela não pode mais mantê-lo no pedestal elevado onde imagina que ele e os homens de maneira geral ficariam mais bem situados como objetos de adoração.
- 27A violência evocada pelas imagens retóricas de sir Robert é profundamente perturbadora (faz lembrar a cena em que Dorian Gray mata Basil Hallward, pintor do retrato que é um registro de sua culpa, e a selvageria com que ele ataca o próprio quadro) pelo que sugere acerca da sua obsessão em preservar sua reputação a qualquer custo. Imediatamente depois disso, ele deixa de lado a autopiedade e a culpa e passa a responsabilizar por sua ruína a esposa que o acusa. É um final chocante para o ato, por conta das qualidades sinistras e ameaçadoras que a raiva traz à tona no caráter de Chiltern quando os ditames das “boas maneiras” deixam de exercer controle sobre ele. Fora de si, ele se torna perigoso, e sua esposa fica absolutamente sem fala diante de sua invectiva. A figura desconsolada de lady Chiltern, abandonada e vulnerável, é lembrada no ato seguinte e dá ao público a exata compreensão dos motivos que a levaram a escrever aquela carta tão passional para lorde Goring. Com seu domínio da estrutura do enredo, Wilde é muito habilidoso ao se valer de efeitos visuais com a mesma frequência com que se vale de recursos verbais para fazer avançar o desenvolvimento da ação.

terceiro ato

- 1Embora a menção ao arquiteto e decorador Robert Adam (1728-92) indique que o cômodo deva ser decorado em estilo neoclássico para produzir um efeito geral indiscutivelmente grandioso, o que mais chama atenção na rubrica (dado o destaque que recebe) é a orientação de que o cenário tenha três portas, todas essenciais à ação que se segue. Inspirado por isso, Hall tratou esse ato como se fosse uma farsa: lorde Goring a toda hora é surpreendido pela chegada do personagem que ele menos deseja ver naquele momento, o que é de fato uma premissa clássica da boa farsa. Quatro pessoas importantes tentavam atuar numa importante tragédia pessoal cujas pretensões a uma elevada seriedade eram continuamente minadas pelas bizarras coincidências da situação à medida que ela evoluía. Isso bastava para admitir a natureza melodramática da ação, ao mesmo tempo que se mantinham os potenciais excessos firmemente sob controle: o tom complexo incentivava o público a permanecer extraordinariamente distanciado — preocupado, mas ao mesmo tempo achando graça de, e ficando pasmo com, todos aqueles aristocratas brincando de maneira tão intensa com a reputação de um homem. O tom e o estilo de atuação transformavam os personagens em objetos ali postos para um escrutínio crítico e satírico: era como se Wilde, o ardoroso socialista, estivesse controlando a ação. Tudo enormemente auxiliado pela presença absolutamente impassível de Phipps cumprindo ordens meticulosamente, mas ele próprio também completamente distanciado da vida dos outros, que pareciam muitíssimo inferiores a sua pose magistral. Esse Phipps era de fato a inescrutável esfinge descrita na rubrica.
- 2Lorde Goring não tem como saber com certeza se o mordomo teve ou não a intenção de fazer um comentário espirituoso.
- 3No original, “*breezes*”. Gíria da época para rompantes de mau humor ou irritação, como os que lorde Caversham constantemente tem na presença de lorde Goring.
- 4Do poema de Keats, “*Lamia*” (1819), sobre uma mulher-serpente de “assombroso matiz”, colorida de vermelho, dourado, verde e azul, e coberta de escamas prateadas que lembram uma cota de malha. O vestido que Florence West usou na montagem original, no entanto, era de cetim amarelo com rubis e ornatos vermelhos, coberto por uma capa de cetim preto forrada de vermelho, “sendo o cabeção recortado em ameias sobre um generoso babado de renda” (*Sketch*, 9 de janeiro de 1895).
- 5Para o ouvinte arguto, isso é uma clara indicação do que a sra. Cheveley pretende propor a lorde Goring. A maneira como o comentário lhe escapa, sem censura, mostra a confiança que ela sente de que terá sucesso.
- 6A referência velada é à parábola em que Cristo compara dois homens que constroem casas: o que construiu sobre a rocha ficou a salvo de enchentes, mas o que construiu sobre a areia viu sua casa desabar quando veio a tempestade (ver Lucas 6,48-9).

- 7Lorde Byron tornou moda essa mistura de vinho branco alemao e água gasosa, que era tomada como um revigorante. Era uma das bebidas prediletas de Wilde.
- 8Uma escolha maliciosamente irônica de nome por parte de Wilde: Laura era o nome da mulher que inspirou no poeta Petrarca uma paixão que se tornou proverbial por sua constância e pureza, e a partir da qual ele criou um ciclo de poemas de amor altamente inovadores. A intimidade sugerida por esse convite para que eles passem a se dirigir um ao outro pelo nome de batismo só seria adequada entre noivos ou marido e mulher.
- 9Lorde Goring está sugerindo que, embora tenha sido a sra. Cheveley quem o traiu, sendo portanto a responsável pelo fim do noivado, ele cavalheirescamente resolveu a questão de modo que parecesse que ele havia sido o responsável, permitindo que ela o processasse por quebrar a promessa de casamento.
- 10Wilde tem o cuidado de não representar seu dândi nem como hipócrita nem como amoral.
- 11Por trás dessa resposta espirituosa há uma farpa mais cortante. Esse livro do Antigo Testamento não só lista as linhagens de descendentes por casamentos honrados de todas as tribos sob a proteção de Moisés, como também se preocupa com as perambulações dos israelitas pelos desertos do Sinai e de Moab enquanto eles viajam ainda sem avistar qualquer sinal da Terra Prometida.
- 12Wilde, com característica atenção à necessidade de preparar o terreno para os desdobramentos, desenvolve a situação imediata ao mesmo tempo que esboça a base da posição que lorde Goring irá assumir no último ato ao tratar desse mesmo tema de forma mais extensa, quando convence lady Chiltern a não permitir que o marido renuncie.
- 13Literalmente, “eis tudo” ou “isso é tudo”. A indiferença é definida pela irreverência casual da expressão francesa.
- 14A peça analisa as formas pelas quais as pessoas sucumbem a uma obsessão pelo poder como um meio de controlar os outros. Essa era a ambição maior de sir Robert, e a força motivadora por trás de sua carreira política, e ele não dá sinais de ter muito mais dentro de si que possa sustentar outra identidade. Lady Chiltern usa a idealização que faz do marido como uma maneira de subjugar-lo emocionalmente, já que ele vive em pânico de não conseguir corresponder às expectativas dela. A sra. Cheveley, tal como representada neste ato, é o exemplo mais assustador de uma pessoa totalmente possuída pela necessidade de poder, o que é desenvolvido por meio de uma série de alarmantes metáforas visuais: ao chegar, ela deve parecer uma lãmia, representando o papel de predadora sexual; frustrada na sua intenção, parece murchar, transformando-se numa “figura pavorosa de se ver” quando sua máscara cai (da mesma forma como a lãmia, quando é por fim desafiada a revelar sua real identidade por um olhar masculino que se recusa a aceitar as ilusões por ela criadas, vai degenerando até que “tudo era ruína”); o fato de conseguir recuperar o comando da situação ao roubar a carta parece lhe dar nova vida — ela se alimenta de poder como um vampiro se alimenta de sangue.
- quarto ato
- 1George Canning (1770-1827) foi um notável estadista que entrou para o Parlamento em 1794 e se tornou subsecretário de Estado aos 26 anos de idade. Sua eloquência era famosa, particularmente quando voltava sua oratória contra a escravidão ou a favor da emancipação católica e da revogação das Leis do Milho.
- 2Os desempregados eram uma dor de cabeça para os whigs (liberais) e os tóris (conservadores): os dois partidos temiam o crescimento desse grupo na época e seu potencial para realizar manifestações políticas em conjunto, como as revoltas de Trafalgar Square em 1886.
- 3Essa resposta atrevida, que pode ser dita de modo a arrancar boas gargalhadas em cena, sugere que há uma franqueza e uma intimidade na relação entre Mabel Chiltern e lorde Goring que estão marcadamente ausentes, por contraste, no casamento de sir Robert e lady Chiltern.
- 4Mais um exemplo de corte judicioso realizado por Wilde. Em versões anteriores, Mabel acrescentava: “Certamente não quero me casar com um homem genial. Seria muito infeliz com ele. Gosto de você. Não tem passado nem futuro. É um perfeito encanto. Exatamente o tipo de homem com o qual toda moça deveria se casar”. A elaboração tira a força da piada inicial e atrasa — diminuindo portanto, de certa forma — o impacto do comentário cômico a respeito de “tentações” que vem logo em seguida.
- 5Há um pequeno dilema textual aqui. A “segunda palmeira” é a instrução que Mabel Chiltern dá a lorde Goring num trecho anterior do ato, mas no texto publicado lê-se “terceira

palmeira” nesse ponto da fala de lorde Goring. Não se sabe se isso foi um lapsos de Wilde ou se haveria a intenção de fazer disso uma piada (a de que lorde Goring não consegue se lembrar de instruções específicas). É possível que um ator consiga tirar algum proveito cômico disso, mas não condiz com a maneira como Wilde caracterizou o personagem em outros momentos da peça. Em geral, os editores emendam essa fala para ajustá-la à instrução de Mabel, e esse precedente foi seguido aqui.

6Em rascunhos anteriores, essa fala prosseguia com lorde Goring conjecturando sobre seu futuro casamento e dizendo que esperava encontrar “compaixão, brandura, generosidade, perdão” em sua esposa, caso ele fizesse “alguma coisa tola ou errada”. Isso levava lady Chiltern a perguntar se ele a considerava uma pessoa “severa e pouco feminina”, ao que ele respondia: “Eu acho a senhora severa, mas não pouco feminina”. Isso deixava explícito o que na versão final do texto é o objetivo não declarado desse discurso que lorde Goring faz para lady Chiltern; ela agora percebe as implicações do que ele lhe diz sem pedir esclarecimentos; e Wilde confia que o público vá perceber também. Alguns estudiosos de Wilde consideram essa fala inteira bastante problemática, uma vez que lorde Goring, cujas palavras até aqui tinham o brilho da originalidade de raciocínio e de expressão, parece estar defendendo uma visão indiscutivelmente convencional do papel da mulher no casamento (uma visão que, até na sua forma de expressão, é fortemente inspirada nos escritos de John Ruskin). No entanto, em outros momentos da peça, lorde Goring demonstrou ter uma aguçada capacidade de avaliar o caráter das pessoas, e um bom ator pode transmitir a impressão aqui de que Goring conhece tão bem sua ouvinte como uma mulher de opiniões políticas avançadas, mas limitada compreensão emocional, que moldou suas palavras com perfeição para conseguir convencê-la se não a ser, pelo menos a *representar* o anjo compassivo na família Chiltern. Lady Chiltern acredita fervorosamente que as pessoas tenham de cumprir seu dever social; sendo assim, ao pedir que seja uma esposa cumpridora de seus deveres, lorde Goring nada mais está fazendo do que convidá-la a ser leal a seus próprios princípios pelo bem maior da sociedade.

7Tanto estudiosos feministas quanto socialistas fizeram críticas a essa fala, que mostra lady Chiltern como uma espécie de marionete programada por lorde Goring. Mas criticá-la por essa razão é não entender a cuidadosa estruturação da mudança pela qual a personagem de lady Chiltern passa no decorrer desse ato: ela está entrando num estágio de conscientização que é novo, estranho e assustador para ela, exatamente porque é um ponto de vista que lhe foi construído por lorde Goring. As sutis repetições no diálogo mostram o quanto ela está distante emocionalmente do que está se forçando a dizer. O momento é chocante, porque representa a experiência de uma mulher de perder completamente o senso de identidade, a sensação de ter uma identidade segura. Lady Chiltern só deixa de *representar* um papel e passa a habitar totalmente sua nova identidade quando tem a coragem de admitir para o marido que era ela a mulher que lorde Goring estava esperando. Ela acredita estar pondo sua relação com Chiltern em risco, mas é impelida a dizer a verdade para salvar lorde Goring de uma situação aparentemente comprometedor. O que ela descobre, porém, é que o amor e a confiança que o marido lhe tem são constantes, e sua coragem é recompensada por uma sensação nova de alegria com seu casamento.

a importância de ser prudente

A maneira como uma das grandes comédias da língua inglesa veio a ser encenada é um intrincado episódio da história do teatro: no verão de 1894, Wilde assinou contrato com George Alexander para escrever a peça em troca de um adiantamento no valor 150 libras, depois de apresentar um detalhado resumo da trama em quatro atos. Um rascunho da peça completa foi enviado a Alexander no final do outono; mas, na carta que o acompanhava, Wilde declarava com franqueza que na opinião dele aquela comédia farsesca, tal como agora estava realizada, não combinava com o estilo romântico de Alexander, e admitia que “as pessoas que requer são atores como Wyndham e Hawtrey” (*Letters*, p. 126). Presume-se que Alexander tenha concordado, uma vez que recusou a peça, ao passo que Charles Wyndham imediatamente agarrou a chance de encenar *A importância de ser prudente*, a ser montada no seu Criterion Theatre (outra casa muito elegante assiduamente frequentada pelas classes alta e média). Nesse meio-tempo, Alexander sofreu um revés quando sua montagem de *Guy Domville*, de Henry James, foi muito mal recebida pela crítica, não lhe deixando outra escolha senão tirá-la de cartaz. (Na mesma época, *Um marido ideal* vinha lotando plateias, para o profundo desgosto de James.) Quando Alexander se viu de repente sem um texto para montar,

Opynham generosamente lhe cedeu *A importância de ser prudente*, com a condição de que a opção da próxima peça de Wilde fosse sua.

A comédia começou imediatamente a ser ensaiada no St. James's Theatre, tendo ficado pronta para a estreia em 14 de fevereiro (dia de São Valentim); mas, àquela altura, já fora enxugada e transformada numa ágil peça em três atos, como na versão submetida ao lorde Chamberlain para a obtenção da licença. Alexander fez o papel de Jack Worthing, Allen Aynesworth, o de Algenon, Rose Leclercq, a primeira lady Hunstanton em *Uma mulher sem importância*, encarnava lady Bracknell, enquanto o papel de Gwendolen foi confiado a uma atriz relativamente novata, Irene Vanbrugh, que logo viria a firmar seu nome com interpretações delicadas e inovadoras em comédias de Pinero e de sir James Barrie. Foi um sucesso triunfal, e a peça parecia ter uma longa temporada pela frente, mas então vieram os julgamentos, a condenação e a falência de Wilde. Embora tenha tentado manter a peça em cartaz retirando o nome de Wilde dos pôsteres e letreiros do teatro, Alexander logo foi forçado pela pressão da opinião pública a encerrar a temporada, depois de apenas 83 apresentações. Foi Alexander quem comprou os direitos exclusivos de montagem de *O leque de lady Windermere* e de *A importância de ser prudente* na venda compulsória dos bens de Wilde (mas deixou-os como herança para o filho de Wilde).

Alexander remontou *A importância* depois da morte de Wilde e optou por celebrar seus vinte anos na direção do St. James's Theatre, em 1º de fevereiro de 1910, reencenando a peça e lançando uma edição comemorativa do texto, publicada pela Methuen. Desde então, tem havido uma profusão de remontagens, embora no decorrer do século xx a atenção da crítica e o entusiasmo do público tenham se concentrado cada vez mais no desempenho da atriz que faz o papel de lady Bracknell, como se tal desempenho constituísse o parâmetro com base no qual toda montagem, seu estilo e seu tom, deva ser julgada (Edith Evans, Judi Dench e Maggie Smith apresentaram, cada qual, leituras notáveis e radicalmente diferentes do papel). A peça se tornou de tal forma parte da cultura contemporânea inglesa que alguns dramaturgos vêm explorando recentemente a familiaridade do público com cada detalhe dela para criar subversões espirituosas de seus jogos de palavras e convenções cômicas a fim de interrogar seu status icônico como “clássico” e os gostos culturais que determinaram aquela situação: *The sea* (1973), de Edward Bond, *Travesties* (1974), de Tom Stoppard, e *Handbag* (1988), de Mark Ravenhill, a usam como fonte de inspiração, assim como Wilde, ao escrever *A importância de ser prudente*, se inspirou muitíssimo na obra de seus contemporâneos, como W. S. Gilbert, particularmente em sua “impiedosa” comédia de humor negro *Engaged* (1877), e numa peça esquecida de William Lestocq e E. M. Robson intitulada *The foundling* (1894).

Rascunhos de versões da peça ainda sobrevivem, tanto no formato em três atos quanto em quatro. O texto que Wilde revisou para publicação era um roteiro datilografado que pertencia a Alexander e que também sobreviveu até os nossos dias; Wilde fez vários acréscimos e burilou certas falas para aguçar a incisividade satírica. *A importância de ser prudente* foi publicada pela primeira vez por Leonard Smithers, em fevereiro de 1899; mas Robert Ross lançou uma versão revisada em 1908-9 como parte de sua coletânea das obras de Wilde, versão esta que afirmava conter as últimas soluções de Wilde para certas falas. A maior parte das edições subsequentes usa o texto de Smithers como base, cotejando-o com trechos extraídos da versão de Ross. (Ver comentários e notas ao apêndice para mais detalhes sobre composição e publicação da versão em quatro atos.)

dedicatória

1 Robert Baldwin Ross (1869-1918), executor literário, amigo e defensor de Wilde, era canadense de nascimento, embora tenha passado grande parte de sua vida na Inglaterra. Jornalista literário e historiador da arte, apoiou Wilde emocionalmente durante todo o período em que ele esteve na prisão e também financeiramente, depois que ele foi solto. Ross trabalhou muito para saldar a falência do espólio de Wilde, o que lhe permitiu editar e lançar uma coletânea das obras do amigo. Ao publicar *De Profundis* (1905), passou a ser difamado e perseguido por lorde Alfred Douglas. Na cópia de Ross de *A importância de ser prudente*, Wilde o descreve como “um retrato da perfeita amizade”.

primeiro ato

1Endereço extremamente elegante em Mayfair, perto da Piccadilly Street.

2Ao mesmo tempo que sustenta o tom cômico, Wilde inicia a peça tangendo uma nota um tanto soturna: três pares de personagens estão desesperados para se casar, apesar dos comentários funestos sobre o assunto feitos por Lane e lady Bracknell, cuja relação com o marido parece ser tudo menos ideal e gratificante, a julgar pelo que dizem dela Gwendolen

e a própria lady Bracknell.

- 3Em rasquinhos anteriores do texto, Lane anunciava ao sair que havia dois credores esperando para falar com Algernon, e isso dava início ao que, no decorrer da ação, configurava uma série de cenas cômicas desenvolvidas em cima das dívidas dele e dos problemas que causava ao tentar fugir de toda e qualquer responsabilidade por elas. Boa parte desse material foi cortada por Wilde, principalmente depois da decisão de reduzir a peça de quatro para três atos, embora ainda restem menções suficientes para que a descrição que lady Bracknell faz do sobrinho como um “bom partido”, mesmo não tendo “nada com que contar a não ser suas dívidas”, possa provocar risos. Ver também Apêndice.
- 4A medida que o jantar passou a ser servido cada vez mais tarde, tornou-se de bom-tom oferecer um lanche às visitas no final da tarde: chá, sanduíches elegantes, rolinhos de pão de forma com manteiga, torradas e muffins criavam a impressão de uma refeição substancial, embora a educação mandasse comer com parcimônia o que era oferecido.
- 5Com um comentário aparentemente frívolo e inconsequente, Wilde introduz um tema fundamental: o esforço dos casais apaixonados para conseguir contrabalançar instinto passional, ideais elevados e compatibilidade de interesses com considerações mais mercenárias relativas a renda, status social e segurança futura, de modo que esses fatores atinjam um estado aceitável de equilíbrio.
- 6A polícia metropolitana passou a operar nesse endereço em 1891.
- 7Várias formas sutis de policiamento e censura eram praticadas na sociedade do final da era vitoriana: a biblioteca Mudie's e as bancas de W. H. Smith, que vendiam livros nas estações ferroviárias, controlavam os hábitos de leitura ao simplesmente recusarem aceitar obras que consideravam indecentes; a censura às peças de teatro ainda era exercida por meio das intervenções do escritório do lorde Chamberlain (embora, como no caso das primeiras peças de George Bernard Shaw, boa parte do que era vetado para encenação pudesse depois ser lido na forma de publicações, sobre as quais o lorde Chamberlain não tinha autoridade). Peças e livros de ficção franceses eram considerados leituras extremamente impróprias, mas por serem acessíveis somente a pessoas cultas, não havia nenhuma forma ativa de censura contra eles, a não ser a exercida pela opinião pública.
- 8Cidade aristocrática e consequentemente cara do condado de Kent; antes uma estação de águas, costumava atrair muitos aposentados de classe média.
- 9Situado perto da Burlington House, na Piccadilly Street, esse prédio ilustre ainda aluga apartamentos ou quartos para cavalheiros solteiros; tais acomodações ficam agrupadas ao redor de um pátio central, ao estilo dos prédios que abrigam as faculdades de Oxford e de Cambridge e dos Inns of Court, prédios que abrigam as associações de advogados de Inglaterra e País de Gales.
- 10A peça utiliza em abundância uma técnica de comédia verbal que brinca com clichês para expor o conceito original como ingênuo, falso ou absurdo, enquanto a frase reformulada expressa de maneira confiante um insight mais acurado. É um estilo de escrita e diálogo cômico que escritores irlandeses posteriores, especialmente Samuel Beckett e Flann O'Brien, desenvolveriam com considerável engenhosidade.
- 11Esse restaurante (cujo nome completo era Willis's Rooms) na King's Street, na região de St. James's, era um dos pontos de encontro favoritos de Wilde e Bosie, sendo o mais celebrado restaurante londrino da década de 1890. Ficava a uma pequena caminhada de distância do teatro de Alexander.
- 12Quando os convidados se dirigiam da sala de visitas para a sala de jantar, cada homem tinha a incumbência de acompanhar determinada dama e lhe dar atenção durante a refeição. Era dever da anfitriã designar os pares; quando uma reunião era particularmente grande, um mapa da distribuição dos lugares revelava aos homens a qual das mulheres eles deveriam se apresentar.
- 13A comédia é repleta de exemplos em que um comentário ou gracejo casual mais tarde se transforma subitamente num embaraço para a pessoa que o fez ao se concretizar inesperadamente, deixando o personagem atarantado. No segundo ato, Jack irá de fato tentar matar o irmão, mas em circunstâncias que rapidamente escapam ao seu controle. Todos os personagens imaginam que podem moldar a trama de modo a satisfazer seus interesses pessoais, mas são continuamente frustrados pelo acaso; para que o acaso acabasse por fim satisfazendo aos desejos de todos foi preciso que Wilde fizesse um *tour de force* de estruturação muito inteligente.
- 14Peças de Eugène Scribe (1791-1861), Alexandre Dumas Filho (1824-95) ou Guillaume

- Augier (1820-89) em geral tinham de sofrer expurgos consideráveis a fim de se tornarem suficientemente aceitáveis para receber a licença do lorde Chamberlain.
- 15 Era comum se fazer piada em cima de Richard Wagner (1813-83) dando a entender que suas óperas eram excessivamente barulhentas. Numa carta, Wilde descreve o filho Cyril quando bebê dizendo que o menino tem “uma voz soberba”, que “exercita livremente” num estilo “essencialmente wagneriano” (*Letters*, p. 63).
- 16 Em rascunhos anteriores, lady Bracknell cumprimentava Jack com um formal “Boa tarde, senhor Worthing”; substituir essa fala por algo que equivale a um gesto de desdém deixa imediatamente clara a natureza gélida das relações entre os dois, o que avança a trama com admirável concisão e ironia cômica.
- 17 Na montagem de Alexander, Lane voltava ao palco nesse momento trazendo um bule de chá, com o qual servia uma xícara para lady Bracknell, xícara essa que ele, sendo um empregado eficiente que sabia prever todas as necessidades dos patrões, entregava exatamente no instante em que ela a pedia. Estando Lane assim ocupado, Algernon, como um anfitrião atento, teria então de atender o outro pedido de lady Bracknell e lhe oferecer os sanduíches de pepino.
- 18 Era considerado muito deselegante ter um número ímpar de convidados para se sentar juntos à mesa no jantar; o bom-tom mandava que houvesse um número igual de homens e mulheres.
- 19 Um exemplo de tirada cômica que na verdade prenuncia o desfecho deste episódio e dá o ensejo para o próximo.
- 20 Wilde observa meticulosamente o protocolo em relação a quando era permitido ou não se dirigir a alguém pelo primeiro nome. Em qualquer que seja a cena, pode-se medir o quanto os personagens supõem estar próximos de se casar e o quanto se sentem distanciados um do outro pela forma de tratamento que utilizam. Quando Gwendolen admite que o ama, Jack deduz que seu pedido de casamento será aceito e então prontamente a chama pelo primeiro nome, como era normalmente considerado aceitável depois que um casal ficava noivo. Quando mais tarde Jack diz que os dois têm de se casar, sem ter ainda feito de fato o pedido, Gwendolen rapidamente volta a chamá-lo de sr. Worthing para impeli-lo a tomar a providência necessária.
- 21 Alexander (que representava Jack) instruiu Irene Vanbrugh a pôr as mãos nos ombros dele e empurrá-lo para baixo, obrigando-o a permanecer de joelhos, uma ação que ela repetia ao dizer “o senhor Worthing ainda não *terminou*”. Quando a rubrica de Wilde mais tarde instrui os dois a se levantarem juntos enquanto Gwendolen anuncia à mãe que eles estão noivos, Alexander mais uma vez deixava claro que era Gwendolen quem estava no comando fazendo com que ela colocasse as mãos sob os cotovelos dele e o ajudasse a ficar de pé.
- 22 São as simpatias de Wilde pelas ideias socialistas que dão forma a essa piada à custa de lady Bracknell. Por trás do argumento dela há um mal disfarçado temor de que, ao educar as massas, a aristocracia poderia estar correndo o risco de perder seus privilégios; e, por trás desse temor, há a convicção de que, como a educação poderia encorajar as classes baixas a questionar seu status na sociedade, uma população ignorante é a única forma de garantir a manutenção da estabilidade do *statu quo*. A referência à Grosvenor Square foi um acréscimo posterior, feito quando o texto da peça estava sendo revisado para publicação, mas é o que dá à piada, e à sátira social que a fundamenta, sua precisão cortante.
- 23 Na época, isso era uma fortuna considerável.
- 24 Alguns membros liberais do Parlamento votaram contra seu próprio partido na época da votação do projeto de lei de William Gladstone que propunha a autonomia política da Irlanda (1886); eles preferiam que a união existente entre Irlanda e Inglaterra fosse mantida. Wilde está dando a entender que Jack não tem interesse político algum ao se aliar a tal minoria.
- 25 Essa fala, uma das mais engraçadas da peça, existe em duas versões e é a única dúvida séria que persiste em relação ao texto. A fala tal como dada aqui parece ter sido a que foi proferida na primeira apresentação e corresponde também à emenda feita pelo próprio Wilde no texto datilografado preparado para a edição de Smithers (em rascunhos anteriores, a fala aparece como “Ambos? Isso parece descuido”). Ross, no entanto, insistia em afirmar que a reconstrução que fez correspondia à solução final que Wilde teria dado para a frase “Perder um progenitor, senhor Worthing, pode ser considerado um infortúnio;

perder ambos parece descuido”. Essa tende a ser a versão impressa e foi também a preferida por algumas atrizes que interpretaram lady Bracknell. (Para complicar as coisas, em 1º de fevereiro de 1910, Alexander publicou a peça como um souvenir para comemorar seus vinte anos na direção do St. James’s Theatre; esse texto traz a versão de Ross.)

26 Os diretores são aqui forçados a fazer uma escolha, já que Wilde não especifica se está se referindo à marcha do *Lohengrin* de Wagner ou à marcha da música incidental para *Sonho de uma noite de verão*, de Mendelssohn. As duas eram igualmente famosas. Tradicionalmente, a música de Wagner acompanha a caminhada do cortejo da noiva até o altar e a marcha de Mendelssohn é tocada quando os noivos já casados e seu cortejo atravessam a nave para sair da igreja. Qualquer uma das duas serviria aqui. A de Mendelssohn se tornou uma firme favorita na sociedade vitoriana depois que foi tocada no casamento da princesa real, em Windsor, em 1848.

27 Monstro mitológico na forma de uma mulher com cabelo de cobras que transformava em pedra todos aqueles a quem encarava.

28 Essa era a idade em que as mulheres “debutavam” na sociedade e passavam a ser consideradas casadouras.

29 Esse é exatamente o padrão do encontro das duas mulheres na conclusão do segundo ato.

30 Casa de espetáculos na Leicester Square, o Empire Theatre of Varieties era administrado nessa época por George Edwardes. O teatro era famoso por seus balés e mal-afamado por sua calçada, densamente povoada de prostitutas.

31 Traje informal, em geral bastante ornado, às vezes abotoado com alamares e com gola e punhos acolchoados, usado pelos homens em casa, à noite, quando não estavam para ninguém a não ser para os amigos mais íntimos.

32 Essa é a versão final de Wilde para o quadro vivo à frente do qual a cortina deveria fechar. Originalmente, depois que Jack saía, Algernon concluía: “E, além do mais, *adoro* bobagens”. Max Beerbohm lembra que Allen Aynesworth levantava sua taça de xerez ao dizer essa fala. Sua cópia datilografada registra que, além de olhar para o punho da camisa, Algernon repetia o endereço em voz alta. A versão publicada parece ser de longe a mais sutil, já que avança de maneira inteligente a ação ao sinalizar para espectadores atentos futuros desdobramentos da trama, ao mesmo tempo que os deixa com a imagem do inabalável autocontrole de Algernon e de seu insaciável apetite por diversão.

segundo ato

1 Esse é um exemplo da maneira como as piadas florescem e se multiplicam nessa peça: falas cômicas criam um contexto que permite ampliação e enriquecimento quando são feitas mais tarde variações em cima delas. Lembrar dos comentários de lady Bracknell a respeito da “respeitabilidade” da língua alemã dota a reiteração da ideia aqui de nuances sutis. Quando está de partida para a cidade para brincar de ser Prudente, Jack se encontra mais vulnerável do que nunca, uma vez que está prestes a entregar-se a um comportamento que é tudo menos respeitável. O fato de ele tentar disfarçar seus próprios pecadinhos adotando uma postura moral severa com sua pupila expõe sua hipocrisia com rara precisão cômica. Essa é uma comédia que é tanto psicológica quanto social; é uma comédia adulta no sentido de que exige que a plateia use a imaginação para perceber as implicações dos acontecimentos, levando experiências de uma parte da peça para outra. O fato de as falas cômicas exporem os personagens que as dizem a críticas garante que elas resistam a qualquer insinuação de xenofobia.

2 Gálatas 6,7.

3 Biblioteca circulante fundada pelo bibliófilo Charles Edward Mudie (1816-90) em 1842, que atendia basicamente às classes altas e funcionava em âmbito nacional, emprestando principalmente livros de ficção, que costumavam ser encadernados num formato especial em três volumes. Os assinantes podiam pedir para receber mensalmente em suas residências uma caixa cheia de publicações recentes.

4 Egéria foi a ninfa que instruiu Numa Pompílio, rei de Roma, nas artes da responsabilidade judicial, do bem governar e da autodisciplina; seus ensinamentos formaram mais tarde a base das leis da cidade. Laetitia, outro nome latino, significa “alegria” e “encanto”.

5 Em rascunhos anteriores, havia aqui uma discussão sobre capital, trabalho e socialismo, e sobre o que seria um código de vestimenta racional para a nova mulher. Isso tudo foi cortado porque atrasava a chegada de Algernon, que é mais central para a trama. A rupia vinha caindo extraordinariamente desde 1873; até a década de 1890, sua cotação em

libras esterlinas já havia se reduzido à metade do que costumava ser antes.

- 6Franklin Dyall, que fazia originalmente o papel de Merriman na produção de *Alexander*, costumava arrancar uma enorme gargalhada e uma salva de palmas do público com essa fala, o que deixava Wilde contentíssimo: “Isso mostra que eles [o público] tinham acompanhado a trama” (Hesketh Pearson, *The life of Oscar Wilde*, Harmondsworth: Penguin, 1985, p. 257).
- 7Essa é a primeira das entradas triunfais deste ato que são prontamente subvertidas pelo riso. Algernon claramente pretende causar impacto, tanto com sua aparência quanto com seu jeito; ele fala sem parar de si mesmo como uma pessoa única e se veste de acordo; mas sua chegada exuberante é minada pela decepção de Cecily ao constatar que ele é igual a todo mundo. Acertar o timing não é fácil: um Algernon excessivamente espalhafatoso já provocaria o riso, quando é essencial que o riso seja adiado até ser provocado pelo comentário de Cecily; mas não pode ser adiado por tempo demais, sob o risco de que o público não consiga relacionar o comentário ao que Cecily estava ruminando imediatamente antes da entrada de Algernon, o que faria com que o comentário não surtisse efeito.
- 8Forma comum, na época, de tentar regenerar filhos transviados: mandá-los para as colônias para trabalhar a fim de que adquirissem um senso de dever e de responsabilidade.
- 9Rosa amarela, popular entre jardineiros vitorianos desde os idos de 1860.
- 10A segunda entrada triunfal. As anotações que Alexander fez em sua cópia do texto deixam claro que ele prolongava o riso o máximo possível instruindo os atores que representavam Chasuble e Prism a se separarem, indo cada qual para um lado em direção à boca de cena à procura de Cecily, e só depois se virarem na frente do palco para ver e cumprimentar Jack. Isso garantia que o diálogo não iria interromper as risadas da plateia antes que elas tivessem tido tempo de cessar por conta própria. Considerando o grau de devoção religiosa da época, foi uma atitude ousada de Wilde oferecer a imagem de um homem de luto fechado e convidar a plateia a vê-lo como objeto de ridículo.
- 11Nesse momento, Alexander sacava do bolso um imenso lenço de bordas pretas e em seguida enxugava os olhos com ele.
- 12Quando, depois de fugir do Egito, os israelitas começam a passar fome no deserto, Deus atende a seus apelos por alimento mandando essa substância semelhante ao pão, para que a colhessem todas as manhãs depois que o orvalho secasse (Êxodo 16).
- 13Essa é a terceira entrada triunfal, desta vez cuidadosamente encenada por Cecily.
- 14Galhofa de Wilde em cima do culto vitoriano à virilidade. Como mostraram os críticos Alan Sinfield e Joseph Bristow, homens fortes, vigorosos e “viris” temiam homens sensíveis e intelectualizados (aos quais optavam por rotular de efeminados) nessa época por causa da maior atração que estes pareciam exercer sobre as mulheres, cujas rodas frequentavam com prazer. Shaw, por exemplo, explorou esse contraste em *Cândida*, por meio de Marchbanks, com sua sensibilidade poética, e do reverendo Morell, da Igreja Militar.
- 15Não era inaudito um homem mais velho apresentar sua amante em público como sua pupila; e não era incomum pupilas genuínas acabarem mais tarde se casando com seus tutores. Ambos os temas aparecem em peças, óperas e obras ficcionais do século XIX. A imaginação de Gwendolen começa a alertá-la para possibilidades não muito agradáveis.
- 16Ver *Um marido ideal*, segundo ato, nota 11.
- 17Nas últimas décadas do século XIX, produtos agrícolas relativamente baratos importados das colônias provocaram uma queda nos preços que os agricultores ingleses tinham dificuldade de acompanhar, dado o aprofundamento da política de *laissez-faire* praticada pelos governos na economia de mercado. Uma das consequências disso foi o êxodo em larga escala de trabalhadores do campo para as cidades, onde as perspectivas de trabalho em geral eram melhores.
- 18Mais uma vez, essa é uma sequência que faz um maravilhoso jogo cômico em cima da entrada principal: primeiro Jack e depois Algernon entram enérgica e confiantemente, só para perderem a pose logo depois, quando suas travessuras com identidades duplas são expostas. Na primeira montagem, Alexander, no papel de Worthing, atravessava o palco às pressas nessa hora para tentar evitar que Cecily fizesse essa declaração; fracassando nessa tentativa, ele então voltava igualmente às pressas para perto de Gwendolen para tentar se explicar. Isso esvaziava o centro do palco para a entrada de Algernon, interpretado por Allen Aynesworth, que adentrava a cena com o charme sedutor condizente com o personagem, atirando casualmente seu chapéu numa cadeira, enquanto se dirigia à frente

do palco para se juntar a Cecily. Lá, ele era prontamente desmontado pela declaração de Gwendolen, revelando sua verdadeira identidade. Isso agrupava os casais cada um de um lado do palco e, a partir daí, Alexander marcava os movimentos dos quatro casais de forma perfeitamente simétrica para enfatizar a crescente artificialidade da situação.

19A profecia que Jack faz no primeiro ato se cumpre, mas só depois de já se ter cumprido também a previsão mais cínica de Algernon, de que, antes de chamarem uma à outra de irmã, as mulheres chamam uma à outra de “várias outras coisas”.

20Os primeiros rascunhos de Wilde e a cópia de Alexander indicam que ambos consideravam que a saída das mulheres deveria ser acompanhada de uma reação um tanto quanto violenta por parte dos homens. Alexander instrua as atrizes a bufarem ao sair; depois que elas iam, Jack, soltando um bufo exatamente igual ao delas, dava uma cotovelada no peito de Algernon.

21Prevedo que essa conclusão arrancaria uma boa gargalhada e muitos aplausos da plateia se fosse executada com bom timing, Alexander planejou que a cortina se abrisse de novo e inventou outras confusões para prolongar a diversão do público. Jack deveria pegar o prato de torradas, que Algernon em seguida arrancava da mão dele; quando Jack tentava então cortar uma fatia de bolo, Algernon se apoderava do bolo também. A cortina deveria fechar pela segunda vez quando Jack estivesse se aproximando sorrateiramente do lugar em que Algernon estava sentado para tentar “surrupiar” alguma comida.

terceiro ato

1No original, *morning-room*, em geral uma sala ampla e arejada usada pela família em momentos informais e relaxados, na qual normalmente não se admitiam pessoas de fora. As visitas eram recebidas formalmente na sala de visitas. O fato de lady Bracknell mais tarde ser admitida nessa sala aumenta sua sensação de desconforto: não era um procedimento de bom-tom.

2Uma anotação feita na cópia que pertenceu ao produtor teatral norte-americano Charles Frohman revela que essa ária era “Home, Sweet Home”, da ópera *Clari or The maid of Milan* (1823), de Henry Bishop.

3Os rascunhos de Wilde mostram que originalmente ele havia imaginado os dois homens se comportando como um par de gêmeos siameses nesse momento, reproduzindo com exatidão os movimentos um do outro enquanto se sentavam com muito estilo, ajeitavam as calças, depois se recostavam lado a lado num sofá.

4Wilde poderia estar se referindo à filosofia alemã da época ou, mais provavelmente, a trabalhos na área da exegese bíblica que haviam começado a questionar elementos do miraculoso, num espírito de investigação científica.

5Um programa de palestras e aulas para o público em geral havia sido implantado recentemente na Universidade de Londres, que foi pioneira no ensino extramuros.

6Em rascunhos anteriores, Wilde fazia lady Bracknell expressar surpresa por Bunbury ser uma figura eminente a ponto de ser vítima de um assassinato político. Atentados do tipo aqui sugerido já haviam ocorrido na vida política: atividades da irb (Irish Republican Brotherhood) desde a década de 1870 incluíram o uso de bombas em Manchester e Clerkenwell, na Inglaterra; em 1882, lorde Frederick Cavendish e Thomas Henry Burke foram assassinados a facadas no Phoenix Park, em Dublin; e os anarquistas de Walsall, presos sob a acusação de fabricar explosivos, receberam ampla atenção pública durante seu julgamento, em 1892.

7Ou seja, na Escócia.

8Wilde cortou vários trechos de seus rascunhos iniciais para esse diálogo à medida que o ato avançava rumo ao desfecho, principalmente nas falas de lady Bracknell, que a princípio tendia a discorrer sobre todo e qualquer assunto.

9A vasta fortuna de Cecily inclui uma renda segura advinda de ações do governo. O nome completo das ações era “*Consolidated Funds*” (fundos consolidados), mas era comum se referir a elas de maneira abreviada como “*the Funds*” ou “*consols*”.

10Para garantir que o público não deixasse de notar o viés social, Wilde inicialmente fazia lady Bracknell descrever o marido como “um dos mais ricos *plebeus* da Inglaterra”. Em outras palavras, tanto ela como ele são *parvenus*, embora claramente tenha sido ela quem depois se encarregou de fazer a escalada social pelos dois.

11Ou seja, estudou na Universidade de Oxford. Essa fala parece ter sido acrescentada durante os ensaios, já que surge como uma inserção à mão na cópia de Alexander e só foi incluída por Wilde quando ele estava fazendo a revisão da prova do texto que seria publicado.

- 12Atores que tomem o cuidado de chamar atenção para as minúcias sociais podem tirar um inteligente proveito cômico das oscilações entre as formas de tratamento formal e informal nessa cena, assim como acontecia no diálogo entre Jack e Gwendolen no primeiro ato.
- 13Essa fervorosa seita religiosa foi alvo de pilhéria de muitas comédias da Renascença, como *O alquimista* (1610), de Ben Jonson. Embora o termo agora fosse histórico e antiquado, ele havia sido ressuscitado por clérigos tóris vitorianos como uma alcunha desdenhosa para a ala mais evangélica dos batistas.
- 14Nessa época, transportes públicos de tração animal tinham os nomes de seus locais de destino pintados na lateral.
- 15Referência à defesa feita por Cristo de uma mulher flagrada em adultério, a quem salva de um apedrejamento público perguntando se há alguém entre os que a acusam que seja tão isento de culpa a ponto de poder agir com impunidade divina (João 8). A dedução de Jack é uma subversão brilhante e muito engraçada do tropo da mulher que tem um passado, com o qual Wilde vinha trabalhando desde *O leque de lady Windermere*.
- 16Wilde encerra a peça com o título, à maneira tradicional vitoriana. A marcação de Alexander no quadro vivo final, com os casais reunidos simetricamente em torno da figura imponente de lady Bracknell, enfatizava esse firme senso de desfecho. O título, no entanto, também traz à cabeça o mote que Wilde escolheu para a peça: boa parte das situações cômicas nasce do fato de as pessoas agirem com uma determinação* tão obsessiva que acabam perdendo todo o senso de proporção. Esse é o pecado recorrente de lady Bracknell, que, ao insistir em se apresentar como o pináculo da tradição, do bom-tom e da normalidade, e em afirmar que os outros devem, portanto, se comportar de acordo com os seus ditames, instila esse comportamento absurdo nos outros. Se a peça acaba por atingir seu porto seguro de felicidade, é apenas depois de perseguir esse desfecho por meio de extremos de artifício. A determinação dos personagens em alcançar a promessa do casamento a qualquer custo constantemente os reduz ao nível do ridículo; e a maneira quase coreográfica como Alexander marcou a movimentação dos atores em sua montagem (fazendo-os parecer por vezes quase autômatos dançarinos) claramente enfatizava isso.

apêndice

Wilde concebeu originalmente *A importância de ser prudente* como uma peça em quatro atos, mas depois condensou a ação com a colaboração de George Alexander. Um tema em particular foi cortado quase por completo: o que dizia respeito aos esforços de Algernon para evitar dar qualquer tipo de atenção a seu crescente acúmulo de dívidas. O maior corte foi o de um episódio do segundo ato; ver pp. 347-53. O trecho aqui apresentado foi retirado do que se acredita ser o último rascunho feito por Wilde da versão em quatro atos, intitulada “Lady Lancing”, que sua agente americana, Elisabeth Marbury, entregou a Charles Frohman em novembro de 1894 com a ideia de que ele produzisse uma montagem da peça em Nova York. (Quando a montagem de Frohman finalmente estreou, em abril de 1895, foi a versão em três atos.) A cópia do roteiro da versão em quatro atos que pertencia a Frohman acabou sendo adquirida pela New York Public Library, em 1953; ela foi descoberta por Ruth Berggren e publicada pela Vanguard Press em 1987. Duas outras edições da versão em quatro atos foram publicadas: uma, editada por Sarah Augusta Dickson em 1956, tem como base rascunhos manuscritos mais antigos que haviam, por diferentes caminhos, chegado ao poder da New York Public Library; a outra, publicada em 1957, é uma reconstrução feita por Vyvyan Holland, filho de Wilde, com base numa tradução alemã publicada em Leipzig em 1903. As notas abaixo registram diferenças significativas entre a edição baseada em rascunhos antigos feita por Dickson e o texto que pertenceu a Frohman, impresso aqui a partir da edição de Berggren. O texto foi padronizado de modo a se ajustar aos princípios editoriais e ao layout do resto do volume.

Pareceu-me apropriado incluir aqui essa cena, uma vez que Wilde pelejou com Alexander para mantê-la na peça. Alexander queria eliminá-la com o argumento de que ela era supérflua para a ação principal, muito embora Wilde a considerasse uma das cenas mais engraçadas da peça. Pode-se notar, no entanto, que de modo geral os cortes feitos por Alexander no texto reduziam substancialmente o papel de Algernon, de uma forma que garantia que Jack Worthing (interpretado pelo próprio Alexander) ficasse sendo claramente o papel principal; como o episódio Gribbsby tem Algernon definitivamente no foco central, fazendo Jack ocupar por algum tempo a posição de coadjuvante, não surpreende que Alexander tenha decidido cortá-lo.

- 1Jack, Algernon, srta. Prism, Cecily e cônego Chasuble já estão no palco.

- 2Na transcrição de Dickson, lê-se o seguinte diálogo
- jack Parker e Gribbsby. Quem serão eles? Imagino, Prudente, que tenham vindo tratar de algum assunto relacionado a seu amigo Bunbury. Talvez ele queira fazer seu testamento e deseje que você seja o executor. (*para Merriman*) Diga aos senhores Parker e Gribbsby que entrem imediatamente.
- merriman Só há um cavalheiro no hall, senhor.
- jack Diga ao senhor Parker ou ao senhor Gribbsby que entre.
- merriman Sim, senhor. (*sai*)
- jack Espero, Prudente, poder confiar na promessa que você me fez semana passada, quando finalmente saldei todas as contas para você. Espero que não tenha nenhum tipo de dívida pendente.
- algy Não tenho dívida nenhuma, meu caro Jack. Graças à sua generosidade, não devo nada a ninguém, a não ser algumas gravatas, creio.
- jack Fico sinceramente grato em saber.
- Presumivelmente, as referências ao pagamento de dívidas foram retiradas por anteciparem demais o teor da cena seguinte com Gribbsby e, portanto, tirarem dela o elemento surpresa. A referência a Bunbury foi então deslocada para depois que Merriman sai, para cobrir o tempo que se esperaria que o mordomo levasse para trazê-lo até o jardim.
- 3Este endereço foi alterado para b4 quando alguém avisou que existia um apartamento com esse número e que ele estava ocupado.
- 4Na transcrição de Dickson, essa fala se prolonga: “Mas sem dúvida, senhor Worthing, o senhor terá meios de saldar a dívida sem precisar enfrentar mais aborrecimentos. Sete xelins e seis pence devem ser acrescentados ao total da conta para pagar a despesa do fiacre que foi alugado para a sua conveniência, caso houvesse alguma necessidade de remoção, mas isso, tenho certeza, é uma contingência que não é provável que ocorra”. A fala seguinte de Algy começava com uma repetição indignada de “Remoção!”, fala essa que era interrompida depois da menção ao irmão dele por um educado “Prazer em conhecê-lo, senhor” de Gribbsby para Jack.
- 5Mais uma vez, na transcrição de Dickson essa fala se prolonga: “De fato, no desempenho das suas funções ele já prendeu quase todos os filhos caçulas da aristocracia, bem como vários primogênitos, além, é claro, de muitos membros da Câmara dos Lordes. O estilo e os modos dele são considerados extremamente bons. Na verdade, ele parece mais um apostador do que um funcionário do tribunal. É por isso que sempre o empregamos”.
- 6Na transcrição de Dickson, essa frase é precedida pelo comentário de que as dívidas de Algy são “uma dolorosa prova do deplorável luxo dos tempos atuais”. A referência a Wordsworth diz respeito ao soneto “O Friend! I know not which way I must look” (1802).
- 7Na edição de Dickson, essa fala continua: “De que serve ter um irmão, se ele não paga nossas contas?”. Em resposta, a fala seguinte de Jack começava com o seguinte comentário: “Se quer minha opinião, não vejo serventia *nenhuma* em ter um irmão”.
- 8Na edição de Dickson, essa fala é concluída assim: “Apresentando um atestado médico, que é sempre fácil de se obter, as horas podem ser ampliadas”.
- 9Quando a peça foi reduzida para três atos, o comentário de Cecily foi transferido para imediatamente depois da primeira entrada de Algy neste ato, onde aniquila por completo a animação dele.
- 10A edição de Dickson continua, antes da saída de Gribbsby
- jack O senhor é o Gribbsby, não é? Como é o Parker?
- gribbsby Sou ambos, senhor. Sou Gribbsby quando estou tratando de assuntos desagradáveis e Parker em ocasiões de natureza menos grave.
- jack Na próxima vez que o encontrar, espero que o senhor seja Parker.
- gribbsby Espero que sim, senhor.

* Em inglês, “*earnestness*”. (n. t.)

Outras leituras

Existe atualmente uma imensa fortuna crítica sobre Oscar Wilde e sua obra. Seguem aqui volumes que abordam prioritariamente o dramaturgo e que foram de especial valia para a edição, a introdução e as notas deste livro. Muitos dos títulos abaixo contêm extensas bibliografias, que levarão o leitor interessado a outras obras.

bartlett, Neil. *Who was that man? A present for Mr. Oscar Wilde*. Londres: Serpent's Tail, 1988.

beerbohm, Max. *Last theatres*. Londres: Rupert Hart-Davis, 1970.

cave, Richard Allen. *Charles Rickett's stage designs*. Cambridge: Chadwyck-Healey Ltd., 1987.

_____. "Staging the irishman". In: bratton, J. S. et al. *Acts of supremacy: The British Empire and the stage, 1790-1930*. Manchester/Nova York: Manchester University Press, 1991, p. 62-128.

_____. *Terence Gray and the Cambridge Festival Theatre*. Cambridge: Chadwyck-Healey Ltd., 1980.

donohue, Joseph; berggren, Ruth (orgs.). *Oscar Wilde's "The importance of being earnest": The first production*. Gerrards Cross: Colin Smythe, 1995.

ellmann, Richard. *Oscar Wilde*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

hart-davis, Rupert (ed.). *The letters of Oscar Wilde*. Londres/Nova York: Rupert Hart-Davis Ltd. e Harcourt Brace & World Inc., 1962.

kaplan, Joel (org.). *Modern Drama: Oscar Wilde — Special Issue*, n. 37: 1, primavera de 1994.

_____; stowell, Sheila. *Theatre and fashion: Oscar Wilde to the suffragettes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

mcguinness, Frank. "The spirit of play in Oscar Wilde's *De Profundis*". In: morash, Chris (ed.). *Creativity and its contexts*. Dublin: Lilliput Press, 1995, p. 49-59.

powell, Kerry. *Oscar Wilde and the theatre of the 1890s*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

raby, Peter (org.). *The Cambridge Companion to Oscar Wilde*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ricketts, Charles. *Pages on art*. Londres: Constable, 1913.

sandulescu, C. George (ed.). *Rediscovering Oscar Wilde*. Gerrards Cross: Colin Smythe, 1994.

sinfield, Alan. *The Wilde Century*. Londres/Nova York: Cassell, 1994.

small, Ian. *Oscar Wilde revalued: An essay on new materials and methods of research*. Greensboro, nc: elt Press, 1993.

worth, Katharine J. *The Irish drama of Europe from Yeats to Beckett*. Londres: Athlone Press, 1978.

_____. *Oscar Wilde*. Londres/Basingstoke: Macmillan, 1983.

Copyright da introdução, dos comentários e das notas

© 2000 by Richard Allen Cave

Cena com Gribbsby no segundo ato da versão em quatro
atos de *A importância de ser prudente*

© Merlin Holland (publicado pela Vanguard Press, 1987)

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or

Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (usa) Inc.

título original

The importance of being earnest and other plays

capa e projeto gráfico penguin-companhia

Raul Loureiro, Claudia Warrak

preparação

Carlos Alberto Bárbaro

revisão

Jane Pessoa

Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-8086-415-1

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br